



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro

**Futebol, Identidade Nacional e Construções Midiáticas:  
O futebol-arte na imprensa nacional quando vence e quando perde**

Rio de Janeiro

2014

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro

**Futebol, Identidade Nacional e Construções Midiáticas:  
O futebol-arte na imprensa nacional quando vence e quando perde**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom/Uerj). Área de concentração: Cultura de Massa, Cidade e Representação Social.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo George Helal

Rio de Janeiro

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M915 Mostaro, Filipe Fernandes Ribeiro.  
Futebol, Identidade Nacional e Construções Midiáticas: O futebol-arte na imprensa nacional quando vence e quando perde/ Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro. – 2015.  
185 f.

Orientador: Ronaldo George Helal.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Comunicação Social.

1. Comunicação Social – Teses. 2. Imprensa – Teses. 3. Identidade cultural – Teses. 4. Representações sociais – Teses. 5. Futebol – Teses. 6. Copas do mundo (Futebol) – Teses. I. Helal, Ronaldo George. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.

es

CDU 070::796.332

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro

**Futebol, Identidade Nacional e Construções Midiáticas: o futebol-arte na imprensa nacional quando vence e quando perde.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de pesquisa: Cultura de massa, Cidade e Representação.

Aprovado em 06 de dezembro de 2014

Banca Examinadora:

---

Ronaldo George Helal (Orientador)  
Faculdade de Comunicação Social - UERJ

---

Ricardo Ferreira Freitas  
Faculdade de Comunicação Social - UERJ

---

Márcio de Oliveira Guerra  
Faculdade de Comunicação - FACOM - UFJF

Rio de Janeiro

2014

## DEDICATÓRIA

Ao meu amor, Milene, ao meu lado desde o dia que a ideia desta dissertação surgiu até a revisão e impressão final. Com você sou mais forte, mais feliz, mais capaz e mais completo. Obrigado por tudo! Te amo!

## AGRADECIMENTOS

“Sonho que se sonha junto se torna realidade”. A frase é um clichê, mas representa bem o meu atual contexto de vida. Não bastou sonhar sozinho com este momento importante e que se tornou um divisor de águas em minha vida: o Mestrado na Uerj. Mudança. A palavra que produz vários sentidos e que consegui absorver muitos que ela proporciona. Minha vida mudou para melhor, tenho certeza, portas que antes insistiam em permanecer trancadas, agora estão abertas. Mas tanto as mudanças como as portas, não ocorreram, nem foram abertas sozinhas.

Começo pela família que entendeu minha mudança literal para o Rio de Janeiro, mesmo com as incertezas e preocupações. Obrigado mãe pelo apoio em todas as horas, pelas conversas após telefonemas angustiantes, pelas tortuosas horas de revisão e acertos nos trabalhos e nesta dissertação. Contar com sua confiança, apoio e amor é sempre um incentivo decisivo para mim. Ao tio Ricardo, que em nenhum momento deixou de acreditar que eu poderia chegar a este momento e alçar voos maiores. Obrigado pela confiança e carinho de pai. Saiba que o amor é recíproco. Ao meu irmão, sempre presente, amigo e companheiro nas horas difíceis. Aos tios, tias, primos e primas e avó que, mesmo à distância, torciam e mandavam energia positiva para abrir estas portas.

Obrigado aos professores que me inspiram e me fazem ter certeza de que o magistério é a profissão mais tocante, apaixonante e mágica que alguém pode exercer. Em especial os amigos Ronaldo Helal e Márcio Guerra. A todos os professores do PPGCom da Uerj, especialmente Ricardo Freitas, sempre de braços abertos para distribuir seu conhecimento e sabedoria; e Muniz Sodré, pelas horas de conhecimento impagáveis e que alimentam minha alma. As contribuições de todos vocês abriram várias portas.

Aos amigos, que me ajudaram a enfrentar as mudanças e a manter o foco no meu caminho. Ao Chico Brinati, pelo apoio incondicional desde o processo seletivo até a defesa. Obrigado irmão! Ao Fausto pelo conhecimento compartilhado durante esses dois anos, que contribuí demais para a minha formação acadêmica. Aos demais colegas do PPGCom e Leme que contribuíram enormemente em cada questionamento, sugestão e troca de experiências nas salas de aula, em congressos e corredores da Uerj. Aos funcionários do Programa sempre solícitos e atenciosos.

Aos alunos que me fazem ter a certeza de que escolhi a profissão correta. Cada pergunta, cada aula e cada troca de conhecimento me ajudou a enfrentar as mudanças e

perceber que o cadeado para abrir algumas portas às vezes é mais simples do que imaginamos. Obrigado a cada um de vocês!

À Milene, meu amor, por ter sonhado junto comigo todos esses anos para que trilhássemos o caminho que a vida nos apresenta neste momento. Você é tudo: mulher, companheira, amiga, tudo que uma pessoa pode querer para ser completa em todos os sentidos. Obrigado por me ajudar a vencer mais uma batalha, por entender que as horas de pesquisas, gravações, artigos, etc. tinham um propósito maior.

Aos amigos da Caixa que compreenderam qual é o meu caminho e nunca deixaram de contribuir para que as mudanças em minha vida não me tirassem do objetivo principal: ser professor. Com certeza vocês abriram mais portas do que imaginam!

A Deus por manter minha fé inabalável que os dias melhores chegariam e chegaram da maneira mais intensa e maior do que eu sempre sonhei.

Ao meu pai, que segue enviando vibrações e energias positivas para que eu continue abrindo as portas certas, entendendo as mudanças de forma positiva e que nunca deixe de buscar meus objetivos.

## RESUMO

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. *Futebol, Identidade Nacional e Construções Midiáticas: o futebol-arte na imprensa nacional quando vence e quando perde*. 2014. 185 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2014.

O trabalho faz uma pesquisa das narrativas jornalísticas durante as Copas de 1970, 1982, 1990 e 1994 procurando definir como a seleção brasileira foi tratada pelos meios de comunicação na vitória e na derrota. Nossa questão principal é investigar como a ideia de futebol-arte é abordada pelos jornais em momentos distintos. Partimos da hipótese que ao praticar o futebol-arte exerceríamos nossa brasilidade e a narrativa midiática tenderia a exaltar a equipe no caso de vitória e “entender” no caso de derrota. Já quando não praticamos o “nosso real estilo”, a narrativa seria mais crítica quando a seleção é derrotada e contestaria a vitória, tratando-a como ilegítima, exatamente por fugir de nossas supostas raízes. Nosso referencial teórico tem como base as ideias de Gilberto Freyre (1938) sobre o que seria o futebol-arte e sua importância na edificação do que viria a ser “o nacional”, iniciada nos anos 1930. Também seguiremos as pesquisas de Lovisolo e Soares (2003) sobre estilos de jogo, os trabalhos de Helal (2001) ao indicar o papel do futebol na construção de uma identidade nacional e como estas representações emergem de maneira latente durante a realização das Copas do Mundo.

Palavras-chave: Imprensa. Identidade. Representação. Futebol-arte. Copas do Mundo.

## ABSTRACT

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. *Football, National Identity and media Constructions: football-art in the national media when wins and when he loses*. 2014. 185 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2014.

The thesis makes a survey of newspaper accounts during the World Cup 1970, 1982, 1990 and 1994 seeking to define how the Brazilian team was treated by the media in victory and defeat. Our main issue is to investigate how the idea of football art is addressed by the newspapers at different times. We hypothesized that the football art would exercise our Brazilianness and the media narrative tends to exalt the team in case of victory and "understand" it in case of defeat. But when we do not practice "our real style" the narrative would be more critical when the team is defeated and would contest the victory, treating it as illegitimate, precisely because it would escape our supposed roots. Our theoretical framework is based on the ideas of Gilberto Freyre (1938) on what would be football-art and its importance in the construction of what would be "national", started in the 1930s. We would also follow the research of Soares and Lovisolo (2003) about playing styles, the work of Helal (2001) to indicate the role of football in building a national identity and how these representations emerge from in a latent manner during the course of World Cups.

Keywords: Press. Identity. Representation. Football-Art. World Cups.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 IDENTIDADES NACIONAIS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CONSTRUÇÕES MIDIÁTICAS</b> .....	11
<b>2 O FUTEBOL-ARTE</b> .....	34
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	51
<b>4 A CONSOLIDAÇÃO DO FUTEBOL-ARTE</b> .....	57
<b>5 O RESGATE DO “ESTILO NACIONAL”</b> .....	88
<b>6 A MUDANÇA DE ESTILO</b> .....	120
<b>7 QUANDO A VITÓRIA É CONTESTADA</b> .....	143
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	173
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	178

## INTRODUÇÃO

A questão que norteia nossa pesquisa é: o futebol-arte é tratado como algo tipicamente nacional pela imprensa e ao praticá-lo exerceríamos nossa brasilidade. Dessa forma, procuramos analisar como foi o tratamento dado pela imprensa ao “nosso” time quando, reconhecidamente pelos próprios meios de comunicação, a seleção brasileira jogou de acordo com o “nosso” estilo e perdeu, como em 1982, e quando ganhou, como em 1970. Também se enquadram na pesquisa os momentos em que não se pratica o “nosso” futebol e “fomos” derrotados (1990) e vencedores (1994). Teria a imprensa nacional uma “aceitação” maior quando a seleção perde jogando um futebol de acordo com nossas supostas características, ou a intensidade no discurso após uma derrota ou conquista é sempre o mesmo?

Entender e analisar o discurso midiático em torno de uma identidade e representação do que viria a ser “o nacional” é um dos pontos de partida deste trabalho. Para isso, no capítulo 2, apontaremos como o futebol se tornou um elemento crucial na edificação de uma identidade nacional nos anos 1930. A base teórica será fundamentada nas ideias de Gilberto Freyre (1933) sobre a miscigenação como algo positivo, na teoria das representações sociais de Serge Moscovici (2009) e do esporte como elemento de construção de identidades nacionais de Helal (2001). Ainda apontaremos a Copa do Mundo de 1938 como embrião do chamado futebol-arte, principalmente com as reportagens dos jornais franceses que definiram os jogadores brasileiros como “malabaristas” e praticantes de um futebol parecido com arte. Este fato serve de base para a definição de nossa identidade a partir da visão do outro. No entendimento do papel dos meios de comunicação em solidificar e difundir ideologias nos basearemos no pensamento de Muniz Sodré (2009) e Patrick Charaudeau (2010).

No capítulo 3 falaremos da formação de estilos de jogo como identidades nacionais, seguindo as pesquisas de Lovisolo e Soares (2003). Apresentaremos um breve histórico de seleções que praticaram um futebol enaltecido pela imprensa como de qualidade e que não receberam a alcunha de futebol-arte pelos meios de comunicação, como a Hungria de 1954, por exemplo. Tal fato nos sugere que apenas a seleção nacional teria o “direito” de receber tal definição. Aqui apontaremos a influência da imprensa nessas construções, principalmente os jornais impressos com os colunistas, que atuam como “guardiões da memória coletiva”, marcando o imaginário do torcedor e servindo de base para a “invenção das tradições”.

No capítulo 4, indicaremos a proposta metodológica da pesquisa. Para testar a hipótese recorreremos à análise dos jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil*. Os periódicos foram escolhidos pela sua relevância e circulação nacional durante a realização das Copas que serão pesquisadas. Outro motivo da escolha foi a presença de grandes cronistas esportivos nestes jornais, já que as análises de suas colunas representam um momento importante da investigação.

Nos outros capítulos partiremos para o estudo das narrativas sobre futebol-arte presentes nas Copas do Mundo de 1970, 1982, 1990 e 1994. Investigaremos como a ideia de “ser brasileiro”, apontada através do futebol-arte, é tratada no momento em que ele é vitorioso e no momento em que ele sai derrotado.

Dessa forma, tendo essas perguntas como “pontapé inicial” da pesquisa, acreditamos que seja possível contribuir com novas informações acerca da formação da identidade nacional dos anos 1930 através do futebol e como a mídia reconstrói esse discurso, principalmente durante as Copas do Mundo.

Dentro da linha de pesquisa Cultura de Massa, Cidade e Representação Social do PPGCom da UERJ, acreditamos que o presente trabalho contribua para as investigações já desenvolvidas no grupo de Pesquisa Esporte e Cultura e do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte, ambos da UERJ. Além disso, a pesquisa se enquadra na proposta do PPGCom de pesquisar e refletir o fenômeno comunicacional a partir da construção e difusão das narrativas midiáticas que, através da comunicação massiva, produz representações sócio-culturais. Mais especificamente, dentro da linha de pesquisa citada acima, o trabalho se inclui na proposta de estudar as representações sociais contemporâneas em sua interface com os meios de comunicação como produtores de sentido, significados e valores socialmente partilhados, como a ideia de futebol-arte que aqui será investigada.

## 1 IDENTIDADES NACIONAIS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CONSTRUÇÕES MUDIÁTICAS

“Somos o país do futebol”. Esta afirmação é constantemente reproduzida pelos meios de comunicação e se tornou, ao longo dos anos, uma marca indelével de nossa cultura. Neste capítulo, apresentaremos a fundamentação teórica de nossa pesquisa, indicando como o futebol se tornou um dos pilares da construção de uma identidade nacional nos anos 1930 e um elemento de representação social agudo do que significa “ser brasileiro”. Também apontaremos como as narrativas midiáticas ajudaram nesta elaboração do futebol como algo tipicamente nacional e procuram manter uma identidade do brasileiro como único representante de um futebol distinto, ofensivo, baseado no drible e improvisado, que recebe a alcunha de “futebol-arte”.

Nosso suposto estilo de jogo foi construído em densas narrativas e cercado de disputas ideológicas de diferentes correntes sociais nos anos 1920 e 1930 que travavam um debate para definir uma nova ideologia e o que viria a ser a identidade nacional. Vamos entrelaçar algumas teorias que dialogam com a questão que norteia este trabalho: o futebol-arte é tratado como algo tipicamente nacional pela imprensa e ao praticá-lo exerceríamos nossa brasilidade. Dentre elas, estão as ideias de Gilberto Freyre acerca do que vem a ser a identidade nacional. No conceito de representação social, utilizaremos como ponto de partida o pensamento de Serge Moscovici e, mais adiante, nos basearemos nas teorias de Muniz Sodré no entendimento de um fato jornalístico e em Patrick Charaudeau na construção de uma narrativa midiática para afirmação de uma identidade e ideologias. Apresentaremos também a importância dos jornais (principalmente do papel do jornalista Mario Filho) na consolidação do que viria a ser a identidade nacional e o do suposto estilo nacional.

A fim de ilustrar nossas argumentações, apontaremos alguns momentos em que se pensou um novo Brasil. Segundo Octavio Ianni (1990, p.19) foram três: durante a nossa Independência em 1822; na proclamação da República, em 1889 (e os eventos que a precederam, como a abolição da escravatura); e nos anos 1930 com a chegada de Getúlio Vargas ao poder<sup>1</sup>.

A Semana de Arte Moderna, o Movimento Tenentista, a Exposição Universal, a chegada do rádio, a criação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e do Partido

---

<sup>1</sup> Apesar do autor não mencionar a Semana de Arte Moderna de 1922 como um momento em que se pensou um novo Brasil, indico este evento como importante embrião do pensamento que acabou florescendo durante o Estado Novo, nos anos 1930.

Comunista Brasileiro, todos em 1922, indicavam um novo arranjo político, social e cultural que começava a ganhar força no Brasil. No campo econômico, a industrialização crescente mudava o cenário das cidades, ao passo que a produção de café, ainda nosso principal produto de exportação, perderia, dentro de alguns anos, seu poder hegemônico. Mesmo assim, a chamada “modernidade” não atingia a todos. O sistema político dominante ainda privilegiava os donos de terras de São Paulo e Minas Gerais, que se revezavam no poder do governo federal. O momento era de uma iminente ruptura com antigas ideologias e correntes políticas. Mesmo que tardiamente o Brasil começava a promover uma industrialização e o crescimento da população das cidades instigavam novas acomodações sociais.

É possível comparar, com algumas ressalvas, este contexto histórico e cultural vivido no Brasil nos anos 1920 e 1930 com a transição das sociedades feudais pré-modernas da Europa para as sociedades modernas. Conforme nos aponta Serge Moscovici (2012), a Igreja e o Estado que antes legitimavam e regulavam normas e padrões através do seu poder e das crenças, entraram em declínio com o surgimento das cidades e da burguesia industrial. Na Modernidade ocorre um aumento do número de pessoas alfabetizadas e com acesso à leitura de jornais e livros, promovendo novos processos de circulação de ideias que, conseqüentemente, levou novos grupos sociais a se posicionarem e difundirem suas ideologias. Com este novo panorama mais heterogêneo da sociedade, eram necessárias novas formas de se legitimar o poder e difundir discursos formadores dessas novas classes sociais. É neste ponto que, segundo Moscovici (cf.2012), as representações sociais ganham força. Elas surgem para suprir esta necessidade de legitimar novas ideologias, deixando de lado, por exemplo, a interferência “divina” do rei, e dando espaço a uma dinâmica social mais complexa. O pesquisador nos sugere que as representações sociais foram criadas com intuito de tornar familiar o que não é familiar. Assim, ao acontecer uma forte ruptura com uma antiga ideologia, é necessário que o novo pensamento se torne familiar à sociedade e que se torne um “senso comum<sup>2</sup>”.

Para matizar o debate é importante trazer as observações pontuais do teórico da Comunicação Social brasileira, Muniz Sodré. Em *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento* (2009), Sodré afirma que na “modernidade, a ilusão mística dá lugar à ilusão metafísica, que Karl Marx viria chamar de *ideologia*” (p.9, grifos do autor), desse

---

2 A ideia de senso comum será entendida neste trabalho de acordo com a seguinte definição de Sodré (2009,p.45): “senso comum é um nome para o conhecimento daquilo que os gregos chamavam de *doxa*, isto é uma experiência da realidade limitada à sensibilidade, às notas acidentais contingentes e variáveis, às representações sociais que reduzem a complexidade factual a imagens de fácil trânsito comunicacional – traduzidas em opinião.” Além disso, o senso comum atua como “estabilizador da consciência e mobilizador do pertencimento à comunidade.” (SODRÉ, 2009,p.45)

modo a ideologia vai significar, neste contexto, a luta discursiva para definir quem domina. (cf. SODRÉ, 2009)

É importante salientar que ao se pensar uma nação, trava-se uma disputa ideológica entre diversas correntes sociais, cada uma com sua ideologia. No Brasil não foi diferente. As oligarquias perderiam seu poder com a Revolução de 1930, liderada por Getúlio Dornelles Vargas que chegou ao governo em 3 de outubro do referido ano. Com o apoio de vários setores da sociedade que pretendiam estabelecer uma nova visão do país, o governo Vargas encontrou uma conjuntura política e social, onde se fazia necessário construir um novo pensamento do que vinha a ser brasileiro e, além disso, acomodar diferentes grupos sociais neste novo panorama.

Era preciso edificar uma identidade nacional que abarcasse diferentes pensamentos em um único, formando uma identidade legítima do que viria a ser o nacional. Seguindo o pensamento de Moscovici: era necessário tornarem-se familiares todas essas transformações que eclodiam no país. Entretanto, a tarefa não era simples. Um dos pontos de maior antagonismo de ideias era a questão racial. As reminiscências do escravismo proporcionavam distinções agudas entre as classes sociais e raças no Brasil. Neste último quesito, se observava, após anos de insensibilidade ao ignorar a contribuição dos escravos em nossa cultura, a presença das três raças: branco, índio e negro, como formadoras da sociedade brasileira. Tal questão dividia opiniões entre a mestiçagem, onde Nina Rodrigues, Silvio Romero e Euclides da Cunha acreditavam que o “embranquecimento” de nossa população seria nossa salvação para o “atraso” (ORTIZ, 2012), enquanto Gilberto Freyre acreditava na mestiçagem como nossa qualidade diferencial entre os outros povos. Sobre este embate entre diferentes ideologias, destacamos a argumentação de Ortiz:

Na verdade, a luta pela definição do que seria uma identidade autêntica é uma forma de se delimitar as fronteiras de uma política que procura se impor como legítima. Colocar a problemática dessa forma é, portanto, dizer que existe uma história da identidade e da cultura brasileira que corresponde aos interesses dos diferentes grupos sociais na sua relação com o Estado. (ORTIZ, 2012, p. 9)

Ao lado de toda esta querela da construção de uma identidade nacional, uma manifestação social importante crescia de forma intensa no país. O futebol rapidamente se tornou popular, desbancando o remo como esporte preferido da população. Ao mesmo tempo em que as fábricas se espalhavam nas cidades, o esporte trazido pelos britânicos, ganhava mais praticantes. No livro *A Construção da nação canarinho* (2013), Carlos Eduardo Barbosa Sarmiento indica a maneira com que o futebol começou a ser tratado em meados dos

anos 1910 como algo importante para o país, principalmente no sentido de promover a evolução da raça. Este trecho é de um relatório da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) de 1918 e aponta a unificação do controle do esporte no Brasil como um auxiliar da diplomacia nacional: “A construção deste monumento grandioso (unificação do controle do esporte) (...) representará, sem dúvida, um passo a mais para o progresso da pátria, para regeneração de sua raça e para os laços de amizade com as nações que lhe são vizinhas” (SARMENTO, 2013, p.18).

Todavia, não podemos afirmar que esta unificação do controle do esporte nacional com a criação da CBD foi tranquila. Assim como no âmbito político, social e econômico o país vivia um momento de disputas ideológicas, no futebol não foi diferente. Antes de seu reconhecimento pela FIFA, em 28 de dezembro de 1916, e até mesmo após esta data, a entidade permanecia com um embate entre paulistas e cariocas que tentavam estabelecer uma hegemonia dentro da organização. Em *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*, Leonardo Affonso de Miranda Pereira destaca que os repetidos jogos entre as seleções paulistas e cariocas durante este período ocasionaram um aumento na já acirrada disputa entre os dois estados. No âmbito econômico e político, a imagem de São Paulo como a locomotiva que carregava o país, despertava nas disputas ideológicas o desejo de simbolizar a modernidade que o país estava prestes a adentrar com o Estado Paulistano, em contraponto a uma imagem, também construída no âmbito dos embates entre ideologias, de que a Capital Federal, o Rio de Janeiro, repleto de belezas naturais não motivava o trabalho. Era a velocidade paulistana contra uma suposta morosidade carioca. Além dessas disputas, outras questões dividiam os paulistas e cariocas na disputa do poder nacional, entre elas a hegemonia política nacional, o que resultou na Revolução Constitucionalista de 1932, onde os paulistas tentaram tomar o poder e destituir o governo de Vargas, mas sem sucesso. Assim, os paulistas pleiteavam de forma aguda o controle do esporte nacional e também da política nacional<sup>3</sup>.

Em 1919, com a realização do Torneio Sul-Americano de Futebol no Brasil, o esporte afirma seu caráter popular e, conforme afirma Sarmiento (2013, p.32), serviu para reafirmar a condição do futebol como “meio de expressão das construções imaginárias acerca da identidade nacional”. Após o sucesso da competição, tanto no âmbito esportivo (o Brasil

---

<sup>3</sup> A ambição paulista de permanecer no governo vai ocorrer de forma clara em 1929, quando o candidato Júlio Prestes foi indicado pelo presidente Washington Luís como candidato oficial do governo, rompendo o acordo com Minas Gerais, que esperava ocupar a presidência da república. O embate resultou no apoio mineiro à candidatura do gaúcho Getúlio Vargas, que mesmo derrotado nas eleições, assumiu o poder após a Revolução de 1930.

sagrou-se campeão), quanto no organizacional, artistas, políticos e intelectuais como o escritor Coelho Neto demonstraram-se favoráveis à propagação da prática esportiva como elemento de ascensão social e de uma construção da identidade nacional. (cf. Sarmento, 2013). Fábio Franzini (2003) em *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)* também destaca o fervor causado na sociedade brasileira com a competição de 1919 e o decreto de ponto facultativo pelo presidente Delfim Moreira, possibilitando um intenso deslocamento para o novo estádio das Laranjeiras, que recebeu um público espantoso para a época<sup>4</sup>. O autor ainda destaca o valor dado ao esporte na afirmação de valores da raça nacional e disciplina, exaltados pela Liga de Defesa Nacional, fundada em 1926, pelo poeta Olavo Bilac. Em uma carta endereçada ao presidente da CBD, Arnaldo Guinle, a liga afirma dentre outras coisas que: “É na prática de exercícios físicos que se formam as raças fortes, capazes de vencer a concorrência formidável que existe entre os povos, e em todos os ramos pacíficos da atividade.” (apud FRANZINI, 2003, p.35) Tal pensamento introduz a ideia do esporte como modelador da raça nacional. O autor do gol do título, Friedenreich, se tornou o primeiro grande ídolo do esporte nacional. Filho de um imigrante alemão e mãe brasileira negra, ele foi visto como exemplo da mestiçagem e do “embranquecimento” da nação. Todavia, sugere-se também que sua ascensão no meio futebolístico se deu, além de seu talento, à posição social de destaque de seu pai. Aqui, é meritório citar o artigo “*Eu já fui preto e sei o que é isso*” de Cesar Gordon (1996), onde o autor indica que à medida que o negro foi ganhando espaço na sociedade por conta do futebol e de condições financeiras favoráveis, ele ia “embranquecendo” socialmente.

Voltando ao Sul-Americano de 1919, o historiador Nicolau Sevcenko (1994) aponta esta competição como a “descoberta de uma vocação” do gosto popular por este esporte. Assim, o torneio serviu para a fomentação de um momento em que um esporte originário e difundido pelas elites nacionais, se tornava popular, com grande apelo frente ao público e demonstrava que tal processo era irreversível.

Mesmo com a popularização do esporte, outros embates ainda permaneciam no meio futebolístico. A questão racial e a adoção ou não do profissionalismo seriam os alvos das futuras disputas que se estenderiam nas décadas de 1920 e 1930.

Com a popularidade, a prática do futebol saiu das elites e se espalhou pelos subúrbios e pelas classes sociais menos favorecidas no país. Ganhando cada vez mais destaque nos jornais, as equipes de futebol passaram a incorporar jogadores que não pertenciam às elites

---

<sup>4</sup> A partida foi tão marcante que a primeira música dedicada ao futebol foi criada por Pixinguinha e o placar do jogo foi o título do famoso chorinho: 1 x 0.

em seus plantéis. O primeiro clube a aceitar negros em sua equipe foi o Bangu em 1906, entretanto o Vasco da Gama foi um dos pioneiros a conquistar vitórias expressivas com jogadores negros. O mesmo Vasco foi também acusado de promover o “amadorismo marrom”, prática em que os bons jogadores eram empregados por sócios ou torcedores do clube em seus estabelecimentos comerciais e eram “liberados” para treinarem a qualquer momento. O Vasco venceu o campeonato carioca em 1923, seu ano de estreia na primeira divisão, com jogadores que se preparavam e treinavam para as partidas, o que causou revolta dos torcedores e dirigentes de outros clubes, que entendiam o gesto como inaceitável para os padrões do esporte amador<sup>5</sup>. O debate ocasionou o rompimento de alguns clubes com a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, em 1924. Os dissidentes, entre eles Flamengo, Fluminense, Botafogo e América, fundaram uma nova liga, a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), da qual o Vasco foi excluído pelo motivo de não ter um estádio de futebol adequado. (cf. FRANZINI, 2003).

Por outro lado, a questão do profissionalismo surge imediatamente como uma chance de ascensão social para os jogadores. As fotos dos atletas nos jornais nacionais despertavam a ambição de jovens oriundos das classes menos favorecidas a adquirirem um status social que sem o futebol nunca sonhariam. No início da década de 1930, dois jovens jogadores simbolizaram todo este processo: Leônidas da Silva e Domingos da Guia.

Os dois principais jogadores da época ganharam fama nacional e demonstraram, através do futebol, que o negro adquiria uma importância nunca antes vista no país. Mesmo assim, os debates em torno da questão racial e do profissionalismo no futebol não se aproximavam de uma unificação do discurso<sup>6</sup>. A maior prova disto foi a participação da Seleção Brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1934, onde apenas jogadores amadores foram convocados. É interessante observar que cinco jogadores, entre eles Leônidas, receberam para defender o Brasil na competição e se desligaram de seus clubes onde eram profissionais para se tornarem “amadores”. Domingos da Guia, por exemplo, não disputou a competição por ter se transferido para o Uruguai, país que já adotava o profissionalismo e frequentemente contratava nossos jogadores que não recebiam para praticar o futebol. O Nacional do Uruguai, clube que Domingos defendia, pediu 45 contos de réis à CBD para

---

<sup>5</sup> Para maior aprofundamento do estudo sobre a questão do Campeonato Carioca de 1923 e a existência de racismos nos jornais da época por conta da presença de jogadores negros na equipe do Vasco, ler: TEIXEIRA (2011). *1923: investigação sobre a existência de racismo no noticiário esportivo carioca*. (Dissertação de Mestrado)

<sup>6</sup> Em 1933 ocorre a profissionalização do futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo, contudo alguns clubes permaneceram no amadorismo. A fusão entre os clubes amadores e profissionais só acontece em 1937.

liberar o jogador para a disputa da Copa de 1934. Por se tratar de uma quantia alta, a CBD ficou sem o zagueiro para a competição. O autor de *Pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1990)*, Waldenyr Caldas, afirma que os primeiros jogadores a deixarem o Brasil para se profissionalizarem foram os irmãos Fantoni, do Atlético Mineiro. Entre 1930 e 1932, o Brasil perdeu grande parte de seus principais jogadores para a Itália, Espanha, Uruguai e Argentina. Muitos deles excursionavam por estes países com os clubes e não voltavam mais, fazendo com que a seleção brasileira também perdesse esses craques, já que eles não eram obrigados a defender a seleção, que pregava o amadorismo. Do fracasso da participação brasileira (derrotada e eliminada no primeiro jogo por 3 a 1 para a Espanha) emergiu a definição sobre o profissionalismo em nosso esporte.

Em meio a esta disputa no futebol, Vargas tentava agregar o discurso e definir esta colcha de retalhos em que estava sendo construída a identidade nacional. Após indicar o avanço nas leis trabalhistas, agradando aos sindicatos; investir como nunca se havia investido na indústria no país, agradando aos grandes empresários e empossar um número considerável de militares em suas pastas ministeriais, agradando aos representantes dessa corrente, Getúlio caminhava para a unificação de um discurso do que seria a identidade nacional. Era necessário romper com a “cópia” da metrópole, assim, elementos que atuariam como diferenciadores de nossa cultura e estabeleceriam uma distinção frente a outros povos passaram a ganhar força. O futebol, como elemento popular e de profunda mobilização social, aparece com um dos pilares desta construção. Sua principal contribuição será para a questão racial no país, como elucidaremos a seguir.

A questão das diferentes etnias presentes no Brasil se torna o grande desafio dos pensadores que pretendiam unificar a nação. Como, para alguns, era possível agrupar em uma mesma identidade negros e brancos? Encontrar um ponto de equilíbrio se torna imprescindível. Foi necessário, como aponta Ortiz (2012): “sublinhar o elemento mestiço” (p.20). Assim, na busca dos intelectuais da época para compreenderem e apresentarem a condição comum a todos os brasileiros, a mestiçagem se torna determinante.

Segundo Ianni, foram durante esses anos que se formularam as principais interpretações do Brasil Moderno. Livros fundamentais para o pensamento social brasileiro foram publicados na década de 1930. Dentre tais livros destacamos *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, lançado em 1933, que se coaduna com os pensamentos de que a mestiçagem era o exemplo do “antagonismo em equilíbrio” presente no Brasil, surgindo a ideia de

“democracia racial”<sup>7</sup>. O livro vem para confrontar as ideias de que a causa da inviabilidade do desenvolvimento nacional era a questão racial. Acreditamos que as ideias de Freyre sofreram influência de Franz Boas<sup>8</sup>. Em 1922, Gilberto Freyre foi estudar nos EUA, onde foi seu aluno na Universidade de Columbia. A visão de Boas ao diferenciar raça de cultura contribuiu para as argumentações de Freyre. Além disso, a valorização da formação híbrida da sociedade brasileira se apresenta de forma pertinente no contexto da época e ilustra o rompimento com as teorias designadas como racistas.

O livro vai redefinir a mestiçagem no Brasil e se tornar um ingrediente decisivo que faltava na busca pela definição da identidade nacional. No artigo *Chuvas de Verão “Antagonismos em equilíbrio” em Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre*, Ricardo Benzaquen de Araújo (2009) indica que Freyre define os próprios portugueses como mestiços, por conta da formação étnica ao longo dos anos no país, afinal, Portugal era uma rota comercial mundial importante, tendo a presença de árabes, judeus e romanos em seu território. Para Freyre, a sociedade brasileira vai ser formada por um “antagonismo em equilíbrio”, destacando-se o “erotismo patriarcal” que vai influenciar no convívio harmônico entre as diferenças. (cf. ARAÚJO, 2009)

Já para Ortiz, a obra “possui uma qualidade fundamental: ele (Freyre) une a todos, casa grande e senzala, sobrados e mucambos. Por isso, ele é saudado por todas as correntes políticas, da direita à esquerda. O livro possibilita a afirmação inequívoca de um povo que se debatia ainda com as ambiguidades de sua própria definição” (2012, p.42) O processo de desenvolvimento social e econômico no país não sustentava mais a exclusão de raças do processo identitário do que viria a ser brasileiro. Uma das “provas” eram os jogadores negros que “defendiam” a nação em campos estrangeiros. Expressões culturais oriundas da população negra, como o samba, por exemplo, passam a ser definidas como nacionais. As rupturas com o pensamento anterior ao governo de Vargas se tornam cada vez mais intensas. Como definiu Ortiz (2012, p.43): “a construção de uma identidade nacional mestiça deixa ainda mais difícil o discernimento entre as fronteiras de cor”. Souza (2008) aponta a importância da obra de Freyre no contexto histórico e político da época:

---

<sup>7</sup> Outra importante obra é *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, lançado em 1936, onde o autor expõe as tensões presentes no processo de modernização no Brasil, principalmente ao sugerir a ideia de “homem cordial”.

<sup>8</sup> O Antropólogo Franz Boas atuou na contramão do pensamento evolucionista. Conhecido com o pai da Antropologia contemporânea, Boas foi pioneiro nas ideias de igualdade racial.

Os trabalhos de Gilberto Freyre possibilitaram uma visão original dos fundamentos do povo brasileiro. Neles, o negro, o índio e o colonizador português sempre tiveram fundamental importância numa sociedade ajustada às condições do meio tropical e da economia latifundiária. A sua mensagem, de um Brasil anti-racista e democrático, representou um divisor de águas no processo cultural brasileiro, influenciando a ideologia oficial do Estado Novo ao compor a figura da democracia racial (SOUZA, 2008, p.187).

Neste ponto, é importante retomar o pensamento de Moscovici, principalmente ao indicar que o caráter das representações sociais é geralmente revelado em tempos de crise ou insurreição, quando um grupo e suas imagens estão passando por mudanças. (Cf. Moscovici, 2003). As representações sociais constroem um mundo, são meios de re-criar uma realidade. Elas nascem dentro de disputas ideológicas onde o vencedor buscará tornar a sua ideologia um senso comum entre esta sociedade e também a quem não pertence a ela, como forma de identificar e reconhecer o outro e legitimar seu discurso. Os indivíduos são levados a tentar entender um mundo não familiar que começa a surgir. A sociedade brasileira passava exatamente por esta ruptura na década de 1930.

Tais argumentações nos remetem ao termo “tradições inventadas” de Eric Hobsbawm (2012, p.9). Para Hobsbawm, supostas tradições teriam sido inventadas no contexto da Revolução Industrial com o objetivo de manter a identidade social de grupos que encontravam uma ruptura severa com antigos costumes que antes costuravam as identidades sociais. A introdução de novas práticas ritualísticas, inspirada, algumas vezes, em um passado histórico e em mitos de fundação do grupo em questão, foram institucionalizadas para a ressignificação das antigas identidades.

Assim partiremos da ideia de que é possível encontrar um diálogo entre as definições de “tradições inventadas” e “representações sociais”, ambas atuando como costuras da construção de uma ideologia dominante no país naquela época, estabelecendo-se, assim, uma identidade nacional.

Após intensas disputas, a ideologia do governo, focada na presença positiva das três raças como formadoras de nossa sociedade, foi construída de forma destacada e com iminente triunfo sobre as demais teorias. Entretanto faltava cristalizar essa imagem abstrata da mestiçagem, neste sentido, o futebol surge como concretizador e exemplo deste pensamento.

Getúlio já havia percebido o poder mobilizador do futebol já em 1932, quando após a conquista da Copa Rio Branco em 1932, os jogadores que venceram o Uruguai por 2 a 1, em Montevideo, foram recebidos como heróis na Capital Federal, sendo saudados pelo presidente no balcão do Palácio do Catete. Outro exemplo foi antes do embarque para a disputa da Copa de 1934. Vargas recebeu os atletas no Palácio Guanabara e no discurso, afirmou que a missão

deles não era somente de caráter esportivo e sim de um desempenho cívico em prol da representação nacional. (cf. Folha da Manhã apud FRANZINI, 2003, p.67). Assim, a construção da ideologia do trabalho promovida pelo governo Vargas logo ia atuar no esporte mais popular do Brasil. O momento político e cultural do Brasil instigava o trabalhador assalariado: “As leis trabalhistas são de harmonia social” – como afirmava o próprio Getúlio. Tanto que, em 1º de maio de 1938, o presidente anunciou a lei do salário mínimo (no estádio de São Januário), trazendo o povo cada vez mais para seu lado. “O trabalho é o maior fator de elevação da dignidade humana. Ninguém pode viver sem trabalhar e o operário não pode viver ganhando apenas o indispensável para não morrer de fome! (Muito bem! Aplausos prolongados)” (A NOITE SPORTIVA, 1938, p.5). As leis trabalhistas vêm para legitimar esse pensamento que claramente, como indica Ortiz, substitui as “qualidades” de preguiça e indolência, referenciadas à raça mestiça. Portanto, numa atitude que visava controlar, disciplinar e sindicalizar os jogadores para o que já se enxergava como grande manifestação popular da época passou-se a ter jogadores profissionais, culminando com a criação em 1941 do Conselho Nacional do Desporto. O trabalho *Brasil: futebol e identidade nacional* de Luiz Carlos Ribeiro (2003) indica a influência da mestiçagem na consolidação do profissionalismo no futebol:

Apesar da resistência de alguns segmentos mais conservadores, o crescimento da ideologia da construção de uma identidade de povo e de nação, fundada no imaginário do mulato, colabora para a profissionalização. A influência negra e indígena, que no início do século era considerada a negação na identidade Brasil, é agora vista como o fundamento de uma ideologia nacional, a brasilidade. Aliás, uma cultura política que não ficou restrita ao período Vargas (1930 a 1945), mas que perpetrou também a fase nacional-populista subsequente. (RIBEIRO, 2003, s/p)

A solidificação do discurso governista atinge seu ápice com a implantação do Estado Novo em 1937. Através do futebol, Getúlio vai tentar unificar o país e a disputa da Copa do Mundo de 1938 surge como uma oportunidade apropriada para tal. Conforme Sarmiento (2013) bem definiu, a força com que o esporte se tornou uma expressão importante das massas urbanas, mobilizando-as de forma considerável, foi “encampado” como um elemento decisivo e eficaz na propaganda do discurso do governo. Assim a legitimidade de uma identidade nacional teve no futebol um valioso estímulo de ligação do que viria a ser o nacional. O governo assumiu o controle da CBD com a presença de Luís Aranha, irmão do ministro Oswaldo Aranha. Assim, Vargas reduziu as disputas políticas internas na administração da seleção e foi a primeira vez que se formou uma seleção do país com os melhores atletas, reforçando a ideia de que finalmente o Brasil seria representado, sem

restrições sobre amadores e profissionais, como foi em 1934, ou paulistas e cariocas como em 1930. “Não há dúvida porém, que só agora, o Brasil mandou ao certame mundial a seleção que reflete a verdadeira expressão do seu football.” (A NOITE SPORTIVA, 10/06/1938, p.7). Vargas indicou sua filha Alzira Vargas como madrinha da seleção e acreditava que “quando perde a seleção, perde o país.” Tal frase<sup>9</sup> nos remete, mais uma vez, ao inglês Hobsbawn (1990) ao afirmar que o esporte é um meio privilegiado de difusão e reforço de sentimentos nacionalistas, uma vez que permite a identificação fácil, rápida e imediata entre os atletas representantes da nação e seus torcedores.

O êxito nas primeiras partidas recheava os jornais brasileiros de patriotismo e pela primeira vez o país parava para acompanhar a Copa do Mundo.

Uma vez o futebol sendo popular, ia ao encontro das pretensões governamentais do presidente Getúlio Vargas em transformá-lo em um elemento de identificação nacional. O objetivo por parte do governo caminhava no sentido de associar elementos típicos do que se entendia ser uma cultura popular ao que supostamente haveria de mais peculiar no brasileiro, bem como instigar neste um sentimento de orgulho patriótico. O futebol já podia ser entendido como popular e mobilizador antes da década de 30; o que aconteceu a partir do governo de Vargas foi a utilização deste esporte de intenso apelo junto ao povo pelo Estado como meio para que se atingisse “as massas”, com a nítida posição do governo em encampá-lo e institucionalizá-lo (FRANZINI, 2007, s/p).

Getúlio acreditava que o time sairia campeão dessa Copa e que isso seria fundamental para concretizar sua política de nacionalização. Vargas apostava em craques como Domingos da Guia e Leônidas da Silva para voltar da França com a taça.

Da madrinha da seleção Alzira Vargas, passando pelo embaixador brasileiro na França, por todas autoridades públicas que doaram dinheiro para a delegação, além dos empresários, das atividades econômicas privadas, nacionais ou estrangeiras, chegando ao mais simples torcedor. A nação, unida, mostrava-se de prontidão, atenta para enfrentar os inimigos que viessem pela frente; a unidade nacional construída a partir do futebol, revelava a força do Brasil, que manifestava-se apontando a total falta de temor diante de inimigos tão fortes. (NEGREIROS, 1998, s/p)

No dia 17 de junho de 1938, Gilberto Freyre publica em sua coluna no jornal *Diários Associados* de Pernambuco, um texto que se torna emblemático na construção da mestiçagem ao nosso futebol e, conseqüentemente à nossa brasilidade. Intitulado *Football Mulato*, Freyre diz que o sucesso de nossa equipe está justamente na mistura étnica presente nos jogadores

---

<sup>9</sup> Indicamos a frase como um embrião da expressão definida pelo dramaturgo e jornalista Nelson Rodrigues: Pátria de Chuteiras.

convocados. Além disso, Freyre estabelece uma distinção do nosso estilo de jogo com os dos europeus.

...uma das condições de nosso triunfo, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas grande número, pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros. [...] O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de Nilo Peçanha que foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para psicólogos e sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil (FREYRE, 1938, s/p).

Se faltava um exemplo que atingisse a população de maneira simples e direta para definir a mestiçagem como algo nacional, o sucesso da equipe na Copa de 1938, a intensidade com que os brasileiros acompanharam a competição e o texto de Freyre amalgamaram este pensamento de forma decisiva.

Seguindo o pensamento de Moscovici, apontamos que neste momento o futebol surge como uma representação do povo brasileiro. Para Moscovici (cf.2013), a representação social é um sistema de valores, práticas e ideias com uma dupla função. A primeira é instaurar:

uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social.” (MOSCOVICI apud DUVENN, 2013, p.21)

Assim, a nação não seria apenas uma entidade política, mas algo que produziria sentidos, um sistema de representação cultural. As pessoas participam da ideia de nação de forma que a cultura nacional se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade.

Marcos Guterman, em seu livro *O futebol explica o Brasil (2009)*, também indica que a Copa do Mundo de 1938 é um marco para o futebol como identidade nacional, uma espécie de mito de origem do “nosso” suposto estilo:

O ano de 1938 é assim o marco histórico, se precisamos de um, da descoberta do Brasil como o “país do futebol”, unido de modo nacional à noção de brasilidade emanada de sua seleção em campos estrangeiros, jogando com características próprias e que, com o tempo, se tornariam indissociáveis da própria definição que o brasileiro faria de si mesmo. (GUTERMAN, 2009, p.84)

O Brasil terminou na terceira colocação e Leônidas, artilheiro da competição com oito gols, foi exaltado pelos jornais europeus como o “diamante negro” e o “homem borracha”. Pereira e Lovisolo (2014, p.44) afirmam no artigo *1938: o nascimento mítico do futebol-arte brasileiro* que Leônidas “ganhou notoriedade mundial durante a Copa da França por causa de seu poder de improvisação, que passaria a caracterizar o futebol brasileiro”. Os jornais franceses abordaram da seguinte forma o estilo de jogo de nossos atletas: “os brasileiros são perfeitos artistas com a bola nos pés. Dribles não são segredos para eles. Seus movimentos são ágeis e sua sutileza é notável. Um time formidável” (Almanaque das Copas: de 1930 a 2006. Lance Publicações, 2010, p.33).

Ao seguir as definições de Stuart Hall sobre a construção de identidades na Modernidade, partiremos da ideia que a identidade também se forma na visão dos outros. Tal argumentação indica que através da opinião não só dos jornais franceses, mas dos europeus, forma-se um estereótipo do nosso estilo de jogo agregado ao que seria definido e classificado como tipicamente nacional. Ainda com base no pensamento de Hall, é importante ressaltar que estabelecer a fronteira entre “nós” e “eles” foi fundamental na formação dos estados nacionais latino-americanos<sup>10</sup>. Dessa forma, o futebol seria um terreno fértil para a produção de significados, símbolos e representações do que é “ser brasileiro”.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. (HALL, 2011, p.51)

No artigo *A Imprensa e a memória do futebol brasileiro* (2007), os autores Soares, Bartholo e Salvador, indicam que ao se produzir sentidos sobre o brasileiro, o futebol teve um papel chave ao construir estereótipos relacionados ao jogo que ultrapassavam a esfera esportiva e marcavam a sociedade brasileira. Os autores ainda sugerem o artigo *Football Mulato* de Freyre como o “embrião” do futebol-arte, principalmente ao apresentar as características que vão defini-lo como tipicamente nacional.

---

<sup>10</sup> Helal e Cabo (2014), também nos apontam que nossos países vizinhos trilham um caminho recheado de semelhanças e congruências com a nossa edificação de uma identidade nacional através do futebol. Percebe-se que a construção do futebol como identidade nacional, principalmente para designar uma diferenciação ao modelo europeu é visto tanto no Brasil, como em nossos países vizinhos Argentina e Uruguai. Dessa forma, o estilo de jogo sul-americano confrontaria o estilo europeu de jogo.

No futebol brasileiro, a idealização do estilo de jogo do futebol-arte, representação que permanece muito forte até os dias atuais quando se refere à seleção brasileira, tem seu embrião em um artigo do intelectual Gilberto Freyre, escrito para o *Jornal o Diário Associados de Pernambuco* durante a Copa do Mundo de 1938 na França. “Foot-ball mulato” atribui características dionisiacas ao estilo de jogo brasileiro que estariam diretamente relacionadas aos elementos culturais de um povo miscigenado. Criatividade, espontaneidade, malemolência seriam atributos do futebol brasileiro, oriundos da mistura das raças que formariam a Nação. (SOARES,;BARTHOLO; SALVADOR, 2007, p.5)

Segundo Gordon (1995:75) a presença do negro neste esporte fez com que se acreditasse que as qualidades do futebol brasileiro fossem oriundas de “predisposições raciais”, tais como malícia, ginga e musicalidade. Para Soares e Lovisolo (2003) a imagem do que se determinou chamar de “estilo brasileiro de futebol” são da alegria, do improvisado, dos dribles, das firulas e serviu para construção dos sentimentos de pertencimento a uma nação miscigenada. Dessa forma, a miscigenação se tornaria elemento principal de nossa singularidade e o futebol passaria a ser visto como sintetizador de nossa cultura. “O futebol leva a marca profunda da cultura, música, da dança e da luta, dos que dela se apropriaram em cada contexto nacional ou regional.” (LOVISOLO, 2001, p. 96)

Através da miscigenação, o estilo brasileiro (beautiful game) é narrado como um modo singular de uso do corpo, uma técnica corporal, interpretada ora como socializada culturalmente (MAUSS, 1974), ora como um produto da miscigenação racial, na versão da fábula das três raças. Segundo a qual o cultural se confunde com a expressão biológica. (BARTHOLO; SOARES, 2011, p.53)

Ao falar sobre o estilo de jogo brasileiro na Copa de 1938 e a visão de Freyre, Bernardo Buarque de Hollanda indica que “ao moldar o esporte bretão ao jeito típico de jogar do mulato, o brasileiro privilegiou a qualidade individual em detrimento da organização coletiva. “A diferença baseada na habilidade e na surpresa seria a chave decifradora do sucesso brasileiro em partidas internacionais.” (2004, p.62) Holanda ainda nos aponta que nas notas do livro *Sociologia* (1943), Freyre contrapõe o futebol-arte brasileiro ao futebol científico europeu. Já Lovisolo e Soares (2003, p.130) argumentam que a repetição dessas narrativas vão refletir o desejo histórico de afirmação de uma identidade nacional marcadas por tensões entre os ideais civilizatórios e da afirmação da autenticidade cultural.

O futebol-arte vai ser defendido como algo tipicamente nacional, em contraste ao modelo europeu, denominado futebol força. Fatores como samba, ginga e jogo de cintura<sup>11</sup>, serão incorporados ao estilo de jogo, tornando-se cada vez mais, uma tradição nacional. Não

---

<sup>11</sup> O termo ginga e jogo de cintura são de difícil definição, este fato torna tais adjetivos subjetivos, podendo ser anexado a uma gama maior de atividades, movimentos e exemplos.

jogar o futebol-arte, seria negar a nossa brasilidade. O antropólogo Roberto DaMatta, traz importantes contribuições para a questão:

Futebol-força exprime um estilo onde a ênfase no treino conseqüentemente na racionalidade é maior e mais intensa. Já a ideia do futebol-arte fala de carisma, de sorte, de malandragem, de jogo-de-cintura, de beleza e de sedução carnalizante. De um lado há a ideia Ocidental do exercício como base de tudo; doutro, a ideia reprimida pelo Ocidente capitalista, liberal e burguês, de um mundo encantado, onde os deuses existem e falam com os homens. (DAMATTA, 1995, p. 7)

Ao lançar em 1978 o livro *Carnavais, Malandros e heróis*, DaMatta traz para a academia, assuntos até então abordados como menos importantes e, para alguns, alienantes das massas. O antropólogo foi um dos pioneiros nos estudos culturais brasileiros e o primeiro a tratar o futebol não como “ópio do povo” e sim como importante elemento do que vem a ser uma identidade nacional. Para DaMatta (1989) a construção da identidade brasileira se deu a partir de instituições secundárias, como carnaval, samba, religiosidade e futebol, já que a estrutura política e social não permitia a expressão e a mobilidade do indivíduo. Diferentemente dos países europeus e dos Estados Unidos que tiveram como fontes de identidade nacional, por exemplo, os sistemas universitários e congresso nacional, e não as esferas do lazer e esporte. Já em 1982, ao lançar uma coletânea de artigos com a temática futebolística, intitulado *Universo do Futebol*, DaMatta instaura um marco no campo de estudos acadêmicos sobre esporte no Brasil.

A visão de DaMatta sobre pesquisas em torno do esporte e da importância do futebol também nortearão nossa investigação, buscando mais o seu entendimento como elemento importante na cultura nacional do que uma crítica inspirada nas ideais marxistas como “o futebol como ópio do povo”.

Após delinear e apresentar observações de autores sobre o estilo de jogo nacional durante a Copa de 1938, partiremos do pressuposto de que o código para nomear e classificar, sem ambiguidades, o que se tornaria a representação do futebol brasileiro começa a se arraigar durante esta competição. A ideia do *football mulato* de Freyre, vai também receber a alcunha de futebol-arte, que ficou amplamente ligado à maneira de jogar do brasileiro. Ao classificarmos e darmos nomes temos como objetivo “facilitar as interpretações de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas, na realidade, formar opiniões.” (MOSCOVICI, 2003, p.70). Dessa forma, a classificação pressupõe uma posição definitiva, baseada no consenso de que aquele nome vai definir tal objeto. Mais do que isso, ao darmos nome a algo, o tornamos familiar. Ao seguir esta linha de

pensamento, se torna compreensível a definição e a classificação do estilo de futebol nacional baseado em características raciais, principalmente na mestiçagem, afinal “ao nomear algo, nós o libertamos de um anonimato perturbador, para dotá-lo de uma genealogia e para incluí-lo em um complexo de palavras específicas, para localizá-lo, de fato, na matriz de identidade de nossa cultura” (MOSCOVICI, 2003, p. 66). No nosso caso, o estilo de jogo terá uma classificação que se tornou comum na sociedade até se transformar em um consenso, por, principalmente, englobar os aspectos pertinentes ao contexto histórico da época, conforme apresentamos.

Outro ponto definido por Moscovici (2003) e importante nesta pesquisa, é que ao se estabelecer um senso comum, ou seja, generalizar algum fato, diminui-se claras distâncias entre os opostos. Ao definirmos o futebol brasileiro como arte, encurta-se a enorme distância entre os grandes jogadores para os medianos e até os medíocres. Ao se homogeneizar, estendemos uma característica a todos pertencentes ao grupo. A seleção brasileira será sempre exemplo do futebol-arte? Sabemos que não, porém, tal senso comum se torna tão enraizado, que encontramos nas narrativas um dever quase cívico de exercemos nosso suposto estilo diferenciado de praticar o futebol.

Entretanto, é peremptório entender que tal produção do senso comum é algo habitual na sociedade. Conforme argumenta Moscovici (2003, p.48): “existe uma necessidade continua de se re-construir o “senso comum” ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar.”. Assim, os paradigmas e consensos sociais se tornam pontos em que a sociedade se sente “em casa”, reconhece o discurso como algo familiar e já classificado, portanto entendido, salvo de qualquer risco ou conflito. Indo mais além: “tudo que é dito ou feito ali, apenas confirma as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora, mais do que contradiz, a tradição. Espera-se que sempre aconteçam, sempre de novo, as mesmas situações, gestos, ideias” (MOSCOVICI, 2003, p.54-55) Sugerimos, baseado nesses argumentos, o desejo intenso da seleção nacional sempre praticar o estilo de jogo na qual ela foi classificada, tonificando a “tradição” e nossa identidade. Depois que o senso comum é definido, jogar um futebol diferente do arte, causa uma anormalidade, sendo incomum e não familiar.

Tais paradigmas ou núcleos figurativos foram aceitos tanto na sociedade quanto no meio acadêmico. No primeiro por ser uma concretização do pensamento de que a miscigenação era nosso diferencial positivo e não negativo. Já no meio acadêmico, seu consentimento é influenciado pela importância de Freyre neste setor. Assim, a congruência do elemento científico e ideológico vai definir a legitimidade de um pensamento.

A partir desse momento, conforme elucida Moscovici (2003), se torna:

fácil falar sobre tudo o que se relacione com esse paradigma e devido a essa facilidade as palavras que se referem ao paradigma são usadas mais frequentemente. Surgem, então, fórmulas e clichês que o sintetizam e imagens, que eram antes distintas, aglomeram-se ao seu redor. Não somente se fala dele, mas ele passa a ser usado, em várias situações sociais, como um meio de compreender outros e a si mesmo, de escolher e decidir. (MOSCOVICI, 2003, p.73)

Por conseguinte, a partir da classificação se constroem modelos daquela representação. Neste caso, Leônidas<sup>12</sup> surge como exemplo do futebol-arte, malabarista e dionisíaco e será o fio condutor de tais representações. Assim, no momento em que surgirem jogadores com estilo semelhante ao dele, será imbricada a tal jogador a mesma importância de Leônidas. Contudo, é importante ressaltar que tais construções identitárias e representações são articuladas e remontadas ao longo do tempo, redefinindo modelos que simbolizariam a definição do futebol brasileiro e alimentando o clichê de sermos o único praticante deste estilo de jogo. Acreditamos que tais afirmativas ganharam força na sociedade por, além das características descritas anteriormente, o Brasil possuir jogadores excepcionais. A imagem construída, por exemplo, por Pelé e Garrincha ao longo de suas carreiras, principalmente com o bicampeonato conquistado pela seleção brasileira em 1958 e 1962, contribuiu para a consolidação dessa narrativa. Os dois funcionaram como propagadores (oradores) deste discurso, segundo o qual apenas o brasileiro praticaria o chamado “jogo bonito”<sup>13</sup>. Consequentemente, com o passar do tempo, outros jogadores brasileiros foram adquirindo esta alcunha de “representante autêntico do verdadeiro futebol nacional”, carregando o *éthos*<sup>14</sup> e sendo aceitos como representantes “de uma classe em que o primeiro é definido através de aproximação, ou da coincidência com o último.” (MOSCOVICI, 2003, P.64).

<sup>12</sup> Tais identidades e representações são sempre construções coletivas. Souza (2008) pondera que pelos ideais difundidos pelo Estado Novo de Getúlio: disciplina, dedicação e trabalho, o grande nome de nosso futebol deveria ser Domingos da Guia. Domingos era um zagueiro técnico, comportado fora dos campos, mais próximo de um modelo apolíneo de ídolo, enquanto Leônidas se aproximava muito mais do modelo dionisíaco, com suas conturbadas relações e atitudes polêmicas fora dos gramados. Os dois foram importantes, mas Leônidas solidificou-se como “o exemplo” de nosso futebol-arte e ídolo nacional, mostrando que as identidades não são impostas e sim construídas.

<sup>13</sup> Para detalhar este argumento, trago a seguinte afirmação de Fiorin (2013): “Essa imagem do orador, do enunciador, será chamada *éthos* por Aristóteles. *Éthos* é o caráter do orador, não o caráter real, mais uma imagem de seu caráter, de suas qualidades caracteriológicas, criadas no discurso” (FIORIN, 2013, p.69)

<sup>14</sup> *Ethos* será entendido na concepção de Aristóteles: “é o *Éthos* (caráter) que leva a persuasão, quando o discurso é organizado de tal maneira que o orador inspira confiança. (...) é preciso que essa confiança seja resultado da força do discurso e não de uma prevenção favorável a respeito do orador” (ARISTÓTELES apud FIORIN, 2013, p.68). Portanto, ao longo dos anos, jogadores (oradores) acima da média o discurso se torna favorável, confiável e forte.

Partiremos do princípio que os clichês: “somos o país do futebol” e “só o brasileiro joga assim” serão frequentemente abordados ao se tentar estabelecer diferenças frente a outras nações e em momentos onde o reforço de nossa identidade nacional se faz presente. Assim, a miscigenação, antes exótica e negativa, se torna familiar com o exemplo do futebol, já que o motivo de nosso suposto talento ao praticar este esporte é creditado à mestiçagem. De todo modo, será necessário algum dispositivo para recuperar e amparar este paradigma bem delineado após a Copa de 1938.

Neste momento, destacamos a presença dos meios de comunicação de massa para cumprir tal função. Os clichês, representações, “tradições inventadas” e identidades necessitam de uma memória para se perpetuarem e se ressignificarem. Concordamos com Moscovici ao definir que: “a solidez da memória impede de sofrer modificações súbitas, de um lado e de outro, fornece-lhes certa dose de independência dos acontecimentos atuais – exatamente como uma riqueza acumulada nos protege de uma situação de penúria.” (MOSCOVICI, 2003, p.78) Ainda sobre memória é pertinente trazeremos as contribuições do historiador Jacques Le Goff (1984) ao dizer que ela possui uma relação direta com a identidade e será objeto de disputa entre atores sociais para assumirem o papel de “senhores da memória”, podendo assim, ressaltarem ou esquecerem o que lhes for conveniente:

tornar-se senhor da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1984,p.13)

Segundo Helal e Cabo (2014, p.14), os meios de comunicação têm um papel decisivo neste “embate dialético travado para a construção de uma memória coletiva. Partindo deste argumento destacaremos, nesta pesquisa, os jornais impressos como arautos do estilo nacional de futebol como nossa identidade e ativadores desta memória. Ao falarmos de jornais esportivos, obrigatoriamente nos remetemos a Mario Filho, grande entusiasta do esporte e definido como “criador das multidões”. Ao narrar as disputas esportivas de forma épica e repleta de dramaticidade, Mario Filho vai contribuir de forma decisiva para tornar o jornalismo esportivo um dos grandes impulsionadores na venda de jornais na Capital Federal<sup>15</sup>. Marcelino Rodrigues da Silva em *Mil e uma noites de futebol: o Brasil Moderno de Mario Filho* (2006) destaca e analisa a atuação do jornalista e de suas narrativas na concretização do futebol como um exemplo da mestiçagem, e conseqüentemente, de nossa

<sup>15</sup> Destacamos também a importante contribuição do jornalista Thomaz Mazzoni na evolução do jornalismo esportivo, sobretudo na capital paulista.

identidade. Porém, neste capítulo, nos interessa mais sua obra *O Negro no futebol brasileiro* (1947), com forte influência freyriana, inclusive com o prefácio escrito pelo pernambucano. Este livro vai marcar profundamente o imaginário esportivo nacional, sendo notória sua importância no meio acadêmico, cujos debates sobre a invenção de tradições em torno dessa obra sugerem uma ampla discussão sobre os estudos do futebol no Brasil<sup>16</sup>. Mario Filho vai iniciar o processo de buscar no passado e na maneira de relatar os acontecimentos, uma das pontes para perpetuar o papel do futebol na construção de uma identidade nacional. Além do livro, suas colunas vão demonstrar a importância dos meios de comunicação no processo de representação social, transmutando-as de senso comum à ideologia dominante. (MOSCOVICI, 2003, p.97) O que nos remete ao pensamento de Duveen (cf.2003) ao afirmar que “as representações sustentadas pelos meios de comunicação servem para estabilizar as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros, refletindo nitidamente na construção de identidades.”

Partiremos da ideia de que são através dos intercâmbios comunicacionais que as representações sociais são estruturadas e transformadas. Através do discurso comunicacional é possível tornar uma ideia comum, criar um certo sentido, para que as coisas sejam vistas a partir de sua ideologia e não outra. Através da comunicação somos capazes de nos ligar (tornar comum) a outros ou nos distanciar deles (identidades), definindo o outro.

Mais uma vez é importante trazermos para a discussão os argumentos de Sodré. No sentido de produzir “uma racionalidade universal para o ato da fala, em que a legitimidade do enunciado proviesse da própria razão discursiva e não do lugar privilegiado do falante” (SODRÉ, 2009, p.11), a imprensa assume o status de porta-voz de ideologias, principalmente do discurso do Estado de Direito, símbolo da modernidade, substituindo o de Estado de Direito Absoluto que antecedeu as Revoluções Burguesas e a Revolução Industrial. Nasce assim a liberdade de expressão, porém, como afirma Muniz: “sem abandonar por inteiro a garantia de velhos recursos mitológicos, a exemplo da construção de uma narrativa sobre si mesma (imprensa) como entidade mítica que administra a verdade dos fatos sociais” (SODRÉ, 2009, p.12)

Ainda seguindo o pensamento de Sodré, entenderemos neste trabalho a construção de uma notícia e sua narrativa não como manipulações deliberadas, nem mentiras, mas como “interpretações que podem muitas vezes lançar mão de recursos típicos da ficção literária,

---

<sup>16</sup> Para melhor entendimento das discussões acadêmicas em torno do livro *O Negro no Futebol Brasileiro* (RODRIGUES FILHO), consultar *A Invenção do País do Futebol* (2001), de HELAL, SOARES E LOVISOLO.

com vistas à criação de uma atmosfera semântica mais compreensiva” (SODRÉ, 2009, p.15) Este argumento nos remete ao estilo de reportagem de Mario Filho. Apesar do argumento midiático ser o do esclarecimento neutro, as notícias reportadas por Mario Filho não recusavam o apelo à carga emocional contidas nos estereótipos que ele mesmo ajudou a edificar como forma de uma maior familiaridade e, por consequência, compreensão do público. Embora o gênero jornalístico se distinga de um texto literário, é encontrado o germe de uma narrativa, com elementos característicos e cruciais para um enredo. Elucidando ainda mais tal pensamento: “o discurso oral ou escrito assume a relação do acontecimento ou de uma série de acontecimentos” (BLANCHOT Apud SODRÉ, 2009, p.27). Assim, conforme afirma Muniz (2009) esta percepção coteja-se ao caso do jornal, já que o veículo relata um acontecimento preexistente, que vai ser representado pelo texto. “A notícia seria propriamente um enunciado ou uma sequência de enunciados narrativos” (SODRÉ, 2009, p.27).

Nesta pesquisa entenderemos que tais enunciados são postos como verdades, por conta da elaboração argumentativa e ideológica da “objetividade jornalística”. Tal definição presume que o jornalismo deve funcionar como espécie de espelho do mundo real, em um pensamento positivista. (cf. SODRÉ, 2009) A notícia vai ser uma construção ou produção do real, permeada pelas representações da vicissitude da vida social, tragada tanto pela fragmentação às vezes paradoxal das ocorrências, quanto pelos embates em torno da hegemonia das representações. É o que Muniz enxerga como mimese (mimesis) de Aristóteles, ou seja, não se trata de uma “imitação” da realidade, mas empregar aspectos da realidade para produzir um discurso análogo dentro de uma referência sócio-histórica da vida cultural (Cf. SODRÉ, 2009).

Outro referencial teórico importante nesta dissertação será o pensamento de Charaudeau explicitado no livro *O discurso das mídias* (2010). Concordamos com a afirmação de que: “o discurso de informação é uma atividade de linguagem que permite que se estabeleça nas sociedades o vínculo social sem o qual não haveria reconhecimento identitário” (CHARAUDEAU, 2010, p.12). Assim partiremos da ideia de que a narrativa midiática atua nas trocas sociais que constroem as representações e as identidades, difundindo seus sentidos como verdades absolutas e tonando-as “senso comum”. Conforme nos aponta Charaudeau, informar é um processo de escolhas, principalmente ao se dar ênfase aos argumentos que se pretende exaltar e esquecer os que não são favoráveis às narrativas apresentadas como hegemônicas.

Assim, ao difundir ideologias apoiadas na suposta reprodução do real, os jornais serão importantes instrumentos na construção e ressignificações de representações sociais e

identidades. No capítulo onde indicaremos a proposta metodológica deste trabalho vamos retomar este pensamento, inclusive indicando os colunistas esportivos como “guardiões da memória” do estilo de jogo nacional como elemento indelével de nossa brasilidade, sendo, ao longo das Copas pesquisadas, frequentemente abordado e reforçado pela mídia como forma de retorno às “raízes nacionais”, reconstruindo um discurso de identidade nacional.

Desse modo, postulamos que os jornais impressos serão decisivos na condução do processo de perpetuação do nosso estilo de jogo como identidade nacional. Entretanto, nota-se que a “obrigação” da exibição do chamado futebol-arte recai de forma mais intensa sob a seleção brasileira e não nos clubes do país. Se a competição for a Copa do Mundo, tal exigência beira a obstinação nas narrativas midiáticas. Conforme afirma Helal, durante este período a dicotomia entre futebol-arte e futebol-força é mais exaltada, exigindo-se a presença desse suposto estilo quando se fala de seleção.

Ocorre que a seleção brasileira tem o poder de se transformar em metáfora da nação, na “pátria de chuteiras”, como muito bem alcunhou o dramaturgo e escritor Nelson Rodrigues décadas atrás. Aqui, principalmente em Copas do Mundo, tendemos a valorizar o lado mais estético, alegre, criativo, e “artístico” do futebol, como sendo características típicas da sociedade brasileira. (HELAL, 2003, P. 29)

Dessa forma, apresentaremos agora alguns pensamentos que serão meritórios durante esta pesquisa e justificam a escolha das Copas do Mundo como *corpus* a ser pesquisado neste trabalho.

Segundo Guedes (2009: 462), desde a Copa de 1938, a identidade nacional brasileira encontrou seu ritual de congregação máximo: as Copas do Mundo. E em poucas sociedades uma competição esportiva específica assumiu as dimensões que o torneio assumiu no nosso país. Concordamos que a “Copa do Mundo é um excelente momento para se refletir sobre o significado do futebol no Brasil, já que, nesta época, as manifestações deste esporte tornam-se muito mais intensas e dramáticas”. (HELAL, 2001,p.151). Este evento atua diretamente no espaço urbano, provocando representações dentro da sociedade, que são observadas na mídia durante os mundiais da FIFA e incorporam um conjunto de ideias, significados e valores socialmente compartilhados<sup>17</sup>. É notório que durante a Copa do Mundo FIFA, o nacionalismo em torno da seleção se torna mais exacerbado. “É nítido que os brasileiros ficam mais unidos em torno de um ideal a cada quatro anos. (...) as Copas do Mundo de futebol nos despertam de

---

<sup>17</sup> Suspeitamos que a atração exercida por um torneio como a Copa do Mundo está baseada justamente na crença de que onze jogadores representariam toda uma nação. Dessa forma, estaríamos diante de um “duelo” entre países, onde seus principais emblemas, cores e estereótipos seriam colocados em campo através das camisas e estilos de jogo, como por exemplo, a ginga brasileira e a rigidez e frieza europeia.

nossa catarse coletiva, numa espécie de nacionalismo cíclico.” (HELAL, CABO E SILVA, 2011, P.195).

Num ambiente esportivo-midiático, onde se negociam as identidades, a Copa do Mundo se torna um momento de reforço da narrativa da identidade nacional, mesmo num contexto pós moderno, onde as identidades estariam mais fragmentadas. Seu caráter coletivo, ajuda a estabelecer novas re-ligações entre os participantes de determinado grupo, realimentando as representações sociais de forma aguda. É comum observamos campanhas publicitárias que enaltecem nosso futebol como único, reafirmando seu papel na constituição da nação. Assim a seleção brasileira se torna a representante de toda esta coletividade, o que nos remete ao pensamento de Helal ao afirmar que:

...depositamos na seleção muito mais do que uma simples vontade de vencer uma partida de futebol: fazemos dela um símbolo dos nossos desejos e temores. Por isso, as construções das vitórias e das derrotas da nossa seleção sejam tão reveladoras de sentimentos mais profundos, que não se esgotam em análises técnicas de partidas de futebol. (HELAL, 2001, P.153)

Continuando na mesma linha de pensamento, ressaltamos as observações de Maranhão (2011) sobre as celebrações patrióticas, como a Copa do Mundo.

E é em épocas de Copa do Mundo que o discurso sempre retorna com mais força. Essa afirmativa deriva do fato de que o futebol é, efetivamente, um evento aglutinador de emoções, parte da construção do espírito nacional. É sempre durante os maiores eventos do futebol (copas do mundo, etc.) que as avaliações são mais plausíveis, quer para os atos de heroísmo, quer para os insucessos, fracassos e falhas no desempenho esperado. Por ser uma questão nacional, quando a seleção brasileira de futebol sofre um insucesso em competições importantes, tende-se a procurar culpados e muitas vezes o “estilo” apresentado e derrotado é questionado. Não raras vezes criticado por não ser “o verdadeiro estilo brasileiro”.(MARANHÃO, 2011, p.6)

Tal colocação de Maranhão, ao indicar o estilo de jogo como possível culpado pela derrota da seleção se encaixa perfeitamente com os objetivos desta pesquisa.

No presente capítulo indicamos a conjuntura histórica, política e social vivida no país no início do século XX e a necessidade da construção de uma nova identidade nacional. Demarcamos alguns pontos importantes que destacam como esta identidade foi criada e como foi repleta de embates ideológicos até se chegar a um “senso comum” do que viria a ser nacional. Relatamos como o futebol se tornou popular e emergiu de forma decisiva nesta edificação de uma identidade e das representações sociais, principalmente por apresentar a mestiçagem como algo positivo. Descrevemos como as teorias sobre identidades, representações sociais e tradições inventadas se entrelaçam e sustentam a costura dos

conceitos do que vem a ser uma nação. Mencionamos a Copa do Mundo de 1938 como um marco da associação da seleção brasileira como representante da nação e o surgimento da ideia de futebol-arte como uma classificação do que seria o nosso estilo único de jogar futebol. Ao nomear este estilo, ele se tornou familiar à sociedade. Assim, tal clichê se apresentou como fator de diferenciação do povo brasileiro frente a outras nações, formando uma identidade baseada na mestiçagem, o que foi aceito por intelectuais, jornalistas e se encaixou no contexto histórico vivido no país. Também citamos a importância dos meios de comunicação na solidificação de ideologias, apontando o jornal impresso como um dos alicerces da alcunha “país do futebol” através das reportagens e das crônicas. No final, expusemos a importância da seleção brasileira e da Copa do Mundo nas ressignificações e reconstruções das representações do futebol-arte. Dessa forma, seguiremos como base teórica desta pesquisa os autores, as teorias e pressupostos aqui apresentados.

## 2 O FUTEBOL-ARTE

A ideia de que além de sermos o país do futebol somos o maior exemplo da escola do futebol-arte “bailarino” e “dionisíaco” é frequentemente abordada pela mídia. Neste capítulo vamos traçar algumas considerações sobre estilo de jogo e logo após, demonstrar como a mídia alimentou este discurso ao longo dos anos. Destacaremos outras seleções que praticaram, segundo a própria imprensa, um futebol vistoso, de qualidade e que não receberam a alcunha de “futebol-arte” pelos meios de comunicação, como a Hungria de 1954, por exemplo. Tal fato nos sugere que apenas a seleção nacional teria o “direito” de receber tal definição, reforçando a ideia de característica intrínseca de nossa identidade.

Também vamos utilizar o pensamento de Gumbrecht (2007) acerca da intensidade no esporte para elucidar porque o futebol-arte causa um fascínio no torcedor e é, de forma frequente, apresentado com hipérboles jornalísticas. Ademais mostraremos como este pensamento do estilo nacional de praticar o futebol foi abordado até a Copa do Mundo de 1970, a primeira a ser analisada neste trabalho.

Segundo Helal e Cabo (2014, p.20) nos países do Rio Prata e no Brasil as representações de estilo de jogo adquiriram “conotações identitárias em conjunturas históricas específicas, perpetuando mitos e estereótipos que tem ressonância até os dias atuais.” Na Argentina, por exemplo, Eduardo Archetti (2003) relata a construção da imagem do futebol *criollo* baseado nas *gambetas* (seria o drible para os argentinos) e na técnica do improvisado dos filhos de imigrantes europeus, suprimidos intencionalmente pelos imigrantes ingleses nas práticas esportivas. Archetti indica que esta ideia foi difundida na década de 20, pela revista *El Gráfico* e pelos cronistas Borocotó e Chantecler. Assim, o mito que funda o estilo de jogo argentino será baseado na técnica e individualismo *criollo* em oposição ao estilo tático e coletivo dos britânicos. Archetti ainda estende esta representação aos uruguaios, que após o sucesso e conquista dos Jogos Olímpicos de 1924 (Paris) e 1928 (Amsterdã), também foram colocados como representantes do estilo *criollo*, em contraponto ao estilo europeu.

Porém, segundo Rafael Bayce (2003), uma distinção entre uruguaios e argentinos vai surgir nas décadas de 1920 e 1930 e se solidificar com a conquista da Copa do Mundo de 1950, no Brasil, com um papel decisivo da imprensa uruguaia nesta construção. Essa representação seria a garra “charrúa” e a mística do uniforme nacional, conhecido com “celeste”. Nota-se que a construção de um estilo de jogo nacional em nossos países vizinhos e

que rivalizam conosco foi bem próxima da nossa construção: delineado por um mito fundacional, distinção do modelo europeu e reforçado pelos meios de comunicação. Todavia, cada país encontrou uma particularidade para reforço de sua identidade: as *gambetas*, no caso argentino; a garra no caso uruguaio e a miscigenação no caso brasileiro. Passaremos agora para um breve histórico de como estas representações do futebol nacional foram apresentadas na imprensa nacional ao longo dos anos.

Franzini (2003,p.16) afirma que após o Campeonato Sul-americano de 1919, o jornal *O Estado de São Paulo* começou a delinear um estilo de jogo nacional: “os jogadores brasileiros evidenciaram possuir as melhores qualidades que se podem desejar em footballer [futebolistas], qualidades que somente eles, e nenhum outro povo, reúnem todas”. Ademais, Franzini (2003, p.16) indica que em novembro do mesmo ano, o jornalista Americo R Netto retomaria essa ideia para anunciar o surgimento de “certa escola brasileira de futebol, cuja originalidade basear-se-ia no talento individual de nossos atletas.” O jornalista Americo Netto ainda aponta que o brasileiro havia criado um estilo novo de praticar o futebol, diferente dos europeus, podendo, com este estilo, sermos campeões do mundo. No entanto, as tensões que marcavam a construção da identidade nacional, como demonstramos no capítulo anterior, também estavam presentes na elaboração de um estilo nacional. No artigo *Futebol: a construção de um estilo nacional* (2011), Hugo Lovisolo e Antônio Jorge Gonçalves Soares ilustram estes embates entre a busca de um estilo tipicamente nacional ou a cópia do estilo britânico. Para alguns setores, o modo brasileiro de atuar, individualista, sem disciplina, sem rigor tático, com excesso de dribles e até certo ponto exótico, simbolizava nossa ignorância e não entendimento do que seria o futebol, preconizado pelos ingleses. Era o embate jogador *versus* equipe, drible *versus* jogo de equipe. Era o que Oliveira Vianna (1987)<sup>18</sup> entendia: o brasileiro considerado incapaz de se organizar, sendo individualista, sem sentimentos coletivos e que aguardava um governante redentor para salvá-lo. Para Viana estas características eram oriundas da mestiçagem e se evidenciavam de forma clara no futebol. Elucidando tal pensamento: os jogadores brasileiros preferiam se destacar de forma individual, sem pensar na equipe e nos companheiros, e em uma jogada definiriam o jogo, sendo o herói, o salvador do time e idolatrado pela torcida.

Todavia, já mencionamos que este pensamento pessimista sucumbiu na construção da identidade nacional, focada nas ideias de Freyre, antagônicas às de Viana. Além disso, como o contexto histórico pregava uma ruptura com a metrópole, os setores que descreviam nosso

---

<sup>18</sup> A obra que mais apresenta tais argumentos de Viana é *Populações meridionais do Brasil*, lançado em 1920. A data indicada neste trabalho é da sétima edição do livro lançada em 1987.

estilo de jogo como nossa singularidade e um estilo exclusivo desenvolvido pelas características intrínsecas ao caráter nacional mestiço prevaleceram.

Por conseguinte, como foi salientado no capítulo anterior, o futebol surge como maior exemplo da mestiçagem como algo positivo, representado por diferentes raças e classes, aglutinando os sentidos do que viria a ser o nacional, principalmente na Copa de 1938. Franzini cita de forma apropriada o pensamento de Freyre na construção do mulato como fator diferencial de nosso esporte:

Nosso futebol mulato, com seus floreios artísticos cuja eficiência – menos na defesa que no ataque – ficou demonstrada brilhantemente nos encontros deste anos com os poloneses e os tcheco-eslovacos, é uma expressão de nossa formação social, democrática como nenhuma e rebelde a excessos de organização interna e externa; a excessos de uniformização, de geometrização, de estandardização; a totalitarismo que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal. (FREYRE apud FRANZINI, 2003, p.78)

Para Franzini (2003:78), Freyre vai definir nosso estilo a partir da contraposição do padrão de cultura apolíneo (formal, racional, ponderado), que seria o estilo europeu, ao passo que, o estilo dionisíaco (individualista, emocional, impulsivo), peculiaridade mestiça “demarcaria a singularidade brasileira”. Conforme Soares e Lovisoló (2011, p.45) definem, para Freyre, a “cultura brasileira está fundada na ideia de acomodação e equilíbrio de antagonismos que transforma a cultura pelo forte contato e intercomunicação entre mundos diferentes.”

Assim, as narrativas continuaram com o Estado Novo. O esporte e os meios de comunicação surgiram como uma forma de inserção do indivíduo na intensidade da modernidade. Também é importante ressaltar que esta associação: esporte e mídia, será peça chave para a construção de identidades nacionais no início do século XX. Contudo, entendemos que o momento em que as representações sobre estilo de jogo, reforços e ressignificações de identidades nacionais ganham maior intensidade é nas Copas do Mundo. Andrew Tudor, em *World Cup Worlds: media coverage of the Soccer World Cup 1974 to 2002*, apesar de analisar a partir de 1974, sugere esta construção de estereótipos esportivos combinados à identidade nacional de forma mais intensa durante estes eventos. O autor ainda observa que os times são conjecturados com traços derivados da construção histórica de seu caráter nacional. Evidenciando este pensamento, é comum observar os clichês do tipo: a seleção japonesa vai jogar baseada na aplicação e dedicação, como os samurais. Já os países nórdicos vão concentrar seu jogo na força física, enquanto os africanos vão demonstrar muita ginga e pouca organização. Tais premissas são constantemente observadas na mídia às

vésperas e durante essa competição, indicando um reforço, mesmo que seja impreciso e homogêneo, do que determinado país tem como identidade e, conseqüentemente, é associado ao seu estilo de jogo. Pablo Alabarces em *Futbol y pátria: El futbol y las narrativas de La nacion em La Argentina*, identifica como “esse esporte foi um forte operador de nacionalidade, construtor de narrativas eficazes para a ideia de identidade nacional específica que varia segundo a conjuntura histórica.” (ALABARCES apud HELAL; CABO, 2014, p.28) Tal pensamento será fundamental em nossa análise, por apontar como a representação e a identidade do futebol-arte foi construída e rememorada de forma distintas, dependendo do cenário histórico e de quais ideologias estão em disputa. A Copa de 1970 será um bom exemplo desta diferenciação de narrativas, devido ao contexto histórico brasileiro, como mostraremos no capítulo 5.

Após o surgimento do futebol-arte na Copa de 1938, as narrativas sobre o futebol entrelaçado à identidade nacional foram se solidificando. Entretanto, com o fim do Estado Novo em 1945 e a experiência democrática, foi necessário definir novas diretrizes nos campos políticos e sociais, o que não retirou do futebol sua relevância na construção do *ethos* nacional. Mais do que isso, com a escolha do país como sede da Copa do Mundo seguinte, o Brasil viu em tal evento uma chance de se mostrar ao mundo.

Com a Segunda Guerra Mundial, foi preciso esperar doze anos para que se disputasse outra Copa. Após o fim da Guerra e com a Europa devastada, o Congresso da FIFA realizado durante os Jogos Olímpicos de Londres em 1948 designou o Brasil como sede da Copa do Mundo de 1950. Tal honraria foi estabelecida nas narrativas tanto governamentais quanto jornalísticas como uma oportunidade histórica do país mostrar ao mundo que, enfim, havia se modernizado. Era uma chance de construir sua posição como nação em um mundo recentemente polarizado entre duas superpotências: EUA e URSS. Os números positivos da economia no período que antecedeu a Copa do Mundo, indicavam um crescimento significativo do Produto Interno Bruto (PIB), com média de 8% ao ano (GUTERMAN, 2009). Tal cenário tornou o evento ainda mais relevante para a sociedade que vislumbrava a edificação de um novo país, capaz de grandes obras e pronto para encontrar o futuro promissor que há tempos lhe era anunciado. Essa onda de otimismo culminaria com a realização da Copa.

O objetivo colocado pelos dirigentes esportivos brasileiros foi: erguer o maior estádio de futebol do mundo. A construção do principal estádio da Copa foi regada de intensos

debates. Ary Barroso<sup>19</sup> e Mário Filho comandaram a campanha para a construção do estádio na região do antigo Derby Club, próximo ao bairro de Vila Isabel e do Maracanã. A edificação em tal região facilitaria o acesso tanto dos moradores da Zona Norte, como os da Zona Sul carioca. Carlos Lacerda, então vereador, depois de relutar sobre a construção de um estádio, cedeu em sua posição, mas passou a querê-lo em Jacarepaguá e com uma capacidade menor, já que afirmava não haver público para encher o estádio, que receberia o nome de Maracanã. Segundo ele o Brasil não teria cimento suficiente para tal obra. Conforme bem colocou Hilário Franco Júnior:

As discussões sobre o local, sobre as características do projeto arquitetônico, sobre a jurisdição municipal ou federal e sobre a capacidade de público correspondiam ao clima acalorado da democracia populista, que debatia de forma maniqueísta. [...] Tempos de Guerra Fria e de oposições inconciliáveis (FRANCO, 2007, p.88).

Para Mario Filho e Ary Barroso apenas uma obra monumental como a do Maracanã conseguiria demonstrar a força do futebol em nossa sociedade. Destaca-se aqui, a ideia de grandeza e magnitude das obras de um grande evento como demonstração de vigor e poder de um país. Assim, o novo estádio encheria de orgulho a nação. Além disso, serviria como uma “publicidade gratuita” para o país no exterior.<sup>20</sup> Mario Filho passou a usar sua coluna no jornal para defender suas ideias e Ary Barroso fez o mesmo em seus programas de rádio. Notamos que a Copa do Mundo, já ocasionava reverberações pelos meios de comunicação de massa, mobilizando grande parte da opinião pública antes mesmo de sua realização (dois anos). Ao precisarmos a importância dos meios de comunicação na imagem de um evento, concordamos com Freitas, que afirma que os meios de comunicação:

[...] potencializam a magnitude de um megaevento. Ao mesmo tempo em que se retroalimentam das reverberações, eles causam o envolvimento coletivo para

---

<sup>19</sup> Ary Barroso era um dos principais trunfos da “cacique do ar” PRG-3, a Rádio Tupi. Era um mineiro da cidade de Ubá, irreverente e polêmico. Ary Barroso soube como ninguém despertar emoções nos ouvintes do rádio. Ao invés de gritar o gol como os outros companheiros *speakers*, tocava uma gaitinha. Esse instrumento se tornou sua marca, ao lado da paixão pelo Clube de Regatas do Flamengo e é entendido como a primeira vinheta do rádio esportivo brasileiro. Suas transmissões dos jogos da Seleção Brasileira também ajudaram a transformá-la em representante da pátria. Um momento importante que demonstra esta identificação do brasileiro com a seleção foi o Sul-Americano de 1936-37. O torneio foi a primeira competição internacional a ter transmissão do rádio para o Brasil. Ary atuou como repórter na partida final contra os argentinos, que decidia o título. Após um conflito entre os jogadores, Barroso descreveu uma batalha campal o que despertou uma onda de nacionalismo e ira contra os argentinos, colocando-os como o nosso “outro”. A suposta violência dos argentinos, até contra o locutor, acenderam de vez o ufanismo em torno da seleção.

<sup>20</sup> É importante lembrar que já na Copa do Mundo de 1934, na Itália, e nos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, ambos os eventos foram utilizados pelos governos para mostrar uma “Nova Itália” e uma “Nova Alemanha” para o Mundo, “renascidas” com o advento dos governos totalitários de Mussolini e Hitler.

continuar noticiando e anunciando. Daí considerarmos o megaevento como um fenômeno social midiático (FREITAS, 2011, p. 9).

Pode-se considerar que o evento foi um sucesso e as apresentações do time brasileiro, principalmente nos jogos do quadrangular final alimentavam a ideia de um estilo diferenciado e de que tínhamos o melhor futebol do mundo, mesmo sem explicitar o termo futebol-arte. Após as vitórias (ambas no quadrangular final) contra a Suécia 7 a 1, e Espanha, 6 a 1, é possível identificar elogios exacerbados ao nosso estilo de jogo e, principalmente, a voz dos outros sobre o nosso futebol, um dos fatores de consolidação e construção de uma identidade. (cf. HALL, 2011). O jornal *A Noite* estampou como manchete da capa a opinião dos italianos, na ocasião, atuais bicampeões do Mundo (1934-1938), sobre o nosso futebol: “Esplêndida! Irresistível! Ultrapoderosa – assim a imprensa italiana classifica a equipe brasileira”. (*A Noite*, 14/07/1950, p.1) E completam com outro comentário dos jornalistas italianos: “Jamais testemunhamos, em nossa carreira jornalística nos sports, fenômeno como o do Brasil”. Depois da vitória sobre a Suécia, o jornal *A Noite* publicou uma entrevista com o técnico do país nórdico, que declarou: “Perdemos para uma equipe que representa uma das forças máximas do football mundial. O “english team” nem nenhum outro quadro teria chance frente ao jogo praticado, hoje, pelos brasileiros. [...] O team brasileiro apresentou-se em campo fazendo lembrar uma orquestra bem regida” (*A Noite*, 10/07/1950, p.12)

Porém, na partida final contra o Uruguai, diante de um Maracanã com mais de 200 mil pessoas, e toda a euforia construída pelos resultados anteriores, o Uruguai venceu a partida. A construção de um país capaz, com a miscigenação racial, mostrando suas verdadeiras raízes, um gigante adormecido que ainda ia mostrar para o mundo seu valor, o orgulho inexplicável de ser brasileiro que seria coroado naquela tarde de domingo, veio abaixo causando uma ruptura no discurso de grande nação, já que, em um dos elementos mais emblemáticos de nossa identidade, o futebol, não triunfamos (GUTERMAN, 2009, p.99-100). A afirmação seguinte de Guterman expõe esta questão:

O silêncio do Maracanã entrou também para a História do Brasil. Daquele momento em diante, a identidade brasileira, tão vivamente construída durante as décadas de 1930 e 1940 a partir da noção de nossa singularidade residia na nossa diversidade racial, entrou em parafuso (GUTERMAN, 2009, p.99).

A partir desta partida começam análises e discussões para tentar entender por que perdemos. A derrota foi tão sentida que tentou ser explicada por vários aspectos que não o mais simples, o Uruguai jogou melhor e venceu, o que nos faz refletir sobre o impacto que o

megaevento Copa do Mundo causou em nossa sociedade, inclusive sendo tratado pelo discurso midiático como a “maior tragédia nacional”. Essa expressão é explicada por Roberto DaMatta (1982, p.31) da seguinte forma: “primeiro porque implicou uma coletividade e trouxe a visão solidária de uma oportunidade histórica. Segundo, porque ela ocorreu no início de uma década na qual o Brasil buscava marcar o seu lugar como nação que tinha um grande destino a cumprir.”

O impacto da derrota para o Uruguai e a narrativa encontrada nos jornais pesquisados deixa claro a centralidade que o futebol possuía em nossa sociedade:

Bandeiras enroladas, lágrimas nos olhos, comércio fechado, ruas desertas, mortes provocadas pela tristeza. Unidos em torno da dor, os brasileiros procuravam respostas para a “derrota de todas as derrotas”. No entanto o nacionalismo, em gestação havia décadas, sobrevivia, embora cabisbaixo. Nacionalismo entristecido, silencioso, doloroso, mas nem por isso menos expressivo. A derrota da seleção do Brasil assemelha-se à morte de um presidente da República. (FRANCO, 2007, p.91)

Perder o título em casa teria impactado as bases de nossa identidade nacional. As raízes sociais brasileiras difundidas durante os anos anteriores e que funcionavam como base da construção de nossa identidade, vieram à tona. Os culpados pela derrota, Juvenal, Bigode e Barbosa eram negros. O país que se orgulhava de ter a miscigenação como fator diferencial entre os outros povos agora a indicava como a causa de nossa “maior desgraça”. Sérgio Souto em *Imprensa e memória da Copa de 50: a glória e a tragédia de Barbosa* (2002) relata que “ao selecionar o que deve ser lembrado e ao esquecer, o que deve ficar em zonas de sombra e de silêncio, os jornais tornaram-se também senhores de memória” (SOUTO, 2002, p.34). Deste modo, a narrativa sobre a derrota brasileira no dia 16 de julho foi aos poucos selecionando Barbosa como o “culpado”. Segundo Souto, tal culpa:

era claramente minoritária, entre os que participaram do jogo. Apenas Bigode - mais timidamente - o zagueiro esquerdo Juvenal - este com fervor - a encamparam publicamente. Os demais, a começar pelo treinador Flávio Costa e vários dos atletas como Augusto, Friaça e Nilton Santos (este explicitando-a em depoimento sobre o cinquentenário da derrota) apontam Juvenal como o candidato a bode expiatório. (SOUTO, 2002, p.34)

O pesquisador ainda destaca como a escolha dos culpados em 1950 se prolonga nas narrativas jornalísticas:

Além disso, é fundamental destacar que, pouco mais de 50 anos depois e quatro copas conquistadas pelo Brasil, Barbosa já septuagenário continuou sendo representado na mídia, até o fim dos seus dias, como símbolo de fracasso e complexo de inferioridade nacional, condição renovada a cada véspera de jogo importante com o Uruguai. O

capítulo mais simbólico dessa representação se deu quando o então treinador do Brasil para a Copa de 1994, Carlos Alberto Parreira, e seu então auxiliar, Mário Jorge Lobo Zagallo, pediram ao ex-goleiro que se retirasse do campo de treinamento, para evitar o que Zagallo definiu como "mau agouro" (SOUTO, 2002, p.33)

Aqui é importante identificar como as identidades são, a todo tempo, reconstruídas e negociadas no decorrer dos acontecimentos para que façam sentido, num constante diálogo com a sociedade, o que nos remete a Berger e Luckmann (1978):

A identidade é evidentemente um elemento-chave da realidade subjetiva, e tal como toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada por relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. (BERGER e LUCKMANN, 1978, p. 228)

Para elucidar este argumento, citamos Mario Filho, que lança uma nova edição de seu clássico *O Negro No Futebol Brasileiro* em 1964 com uma nota que aponta que “a derrota do Brasil em 50, no campeonato mundial de futebol, provocou um recrudescimento do racismo. Culpou-se o preto pelo desastre de 16 de julho.” (RODRIGUES FILHO, 1964, p.9). Ele mesmo aponta que a primeira edição possa ter feito uma análise otimista da integração racial no Brasil. Mario Filho aceita que a escolha de Barbosa, Juvenal e Bigode como bodes expiatórios da derrota, ao passo que os brancos não foram acusados de nada, reflete o ar romântico de sua análise preliminar do futebol como elemento aglutinador das raças<sup>21</sup>. Na mesma nota Mario Filho vai apontar Pelé e Garrincha como dois ídolos nacionais após a conquista do Mundial na Suécia e afirmar que os dois capítulos *A Provação do preto* e *A vez do preto* enriqueceram sua obra e a completaram de forma definitiva.

Entretanto, por mais que a derrota de 1950 tenha abalado a questão da miscigenação racial, a representação do futebol-arte permaneceu a mesma construída em 1938. Este trecho no periódico *O Globo Sportivo* afirma, mesmo depois da derrota para o Uruguai, que o melhor time da competição foi o brasileiro: “A qualidade do jogo foi extraordinário e todos os peritos europeus concordaram nesta afirmação que nunca tinham visto um football de tão alto nível técnico e artístico como o selecionado brasileiro frente à Suécia e sobretudo à Espanha”. (*O Globo Sportivo*, 21/07/1950, p.13)

---

<sup>21</sup> Também é importante ressaltar a pesquisa que foi desenvolvida pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) no Brasil no início dos anos 1950, na qual se apontava um preconceito racial existente no Brasil. Provavelmente Mario Filho teve acesso a este trabalho. Para melhor entendimento da pesquisa e seus resultados ver: MAIO (1999) *O projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50*.

Quatro anos mais tarde, durante a Copa do Mundo de 1954, é interessante observar que a Hungria, time que praticava o futebol dito pela imprensa mundial como o mais bonito e envolvente, em nenhum momento recebeu a alcunha de futebol-arte pelos jornais brasileiros, como se esta designação fosse exclusiva e registrada como uma “propriedade nacional”. Após pesquisas desenvolvidas para esta dissertação, o máximo de elogio que a narrativa do *Jornal do Brasil* chegou foi a seguinte descrição da equipe húngara:

O onze da Hungria chegou quase a conseguir essa coisa difícil que se chama perfeição. Uma boa defesa e uma das linhas dianteiras mais rápidas do mundo tornaram quase invencíveis esses assombrosos jogadores do Danubio. Os magiães não foram derrotados nos últimos quatro anos, e muitos entendidos de foot-ball opinam que, dentro de quatro anos, não surgirá outra equipe capaz de derrotá-los. Na realidade, para serem vencidos, seus adversários teriam de marcar pelo menos quatro “goals”, porque eles raramente fazem menos. (Jornal do Brasil, 24/06/1954, p.12)

Já nas narrativas do jornal *O Globo*, encontramos poucos elogios aos húngaros e uma maior atenção à seleção nacional.

No artigo *Gilberto Freyre e o futebol-arte*, Barreto (2004) destaca alguns artigos de Gilberto Freyre publicados na revista *O Cruzeiro* e que reforçam as ideias sobre o futebol-arte. Na edição de 18 de junho de 1955, ele define: “o estilo brasileiro é diferente do europeu e resulta da presença dos negros em nosso futebol, o que, longe de representar uma fraqueza, como muitos apregoavam, é a nossa maior virtude” (FREYRE apud BARRETO, 2004, p.236). Freyre também associa o estilo brasileiro “às reminiscências africanas, que o estariam tornando antes dionisíaco, isto é, expansivo, alegre, improvisador, ‘baiano’, [...] que apolíneo”, bem como “à capoeiragem, que sendo jogo é também dança” (FREYRE apud BARRETO, 2004, p.236). Freyre defende o estilo nacional apesar das derrotas de 1950 e 1954: “que importam, [...] tais fracassos, se estamos criando um bailado em que a mestiçagem brasileira de raças e de culturas encontra expressão sociológica ou satisfação estética?” (FREYRE apud BARRETO, 2004, p.236). Já na edição de 25 de junho de 1955, o sociólogo reforça a ideia de que o futebol brasileiro é baseado no individualismo, como descreve Barros:

o que, no entanto, não deve nos envergonhar, pois nisso estamos próximos ao padrão esportivo dos “gregos atenienses”, por exemplo. E vai mais além: “que significa ser um jogo predominantemente individualista no seu estilo? Pura anarquia? O inteiro sacrifício do grupo aos caprichos dos indivíduos?”. Decerto que não. Significa constante interação entre o esforço coletivo do grupo e as façanhas, as iniciativas, os próprios improvisos de indivíduos que, assim agindo, destacam-se como heróis, exibem-se como bailarinos-mestres, acrescentam-se à rotina do jogo, não só em benefício próprio mas em benefício do grupo”. O que precisamos, sugere, é “conciliar esse individualismo com a disciplina [...]” (BARRETO, 2004, p.237)

Destacamos que a “sugestão” de Freyre será seguida pelos treinadores e pela comissão técnica nas Copas de 1958 e 1962, com o destaque para a figura do denominado Marechal da Vitória, Paulo Machado de Carvalho e nas demais Copas pesquisadas, como veremos nos próximos capítulos.

Em 1958, com o primeiro título nacional e a presença decisiva de Garrincha e Pelé, já encontramos a definição de um estilo de jogo nacional, muito influenciado pelo talento desses dois jogadores. O *Jornal do Brasil*, em sua edição do dia 1º de julho dedica uma página inteira ao olhar estrangeiro sobre o nosso futebol. Os argentinos, por exemplo, assim definiram nosso estilo: “triunfou o futebol nativo, contra o sistema europeu, porque o Brasil representa esse futebol. É mentira que seus homens tenham assimilado as características europeias. Muito pelo contrário, os seus retumbantes triunfos alicerçaram-se na incomparável habilidade dos seus jogadores no domínio da bola”. (JORNAL DO BRASIL, 1/07/1958, p.21) Já o britânico *Daily Press* afirmou: “Creio que essa final da Copa do Mundo viu no futebol do Brasil o mais próximo da perfeição que onze homens podem alcançar.” O *Daily Mirror* estampou: “O brilhante e mágico futebol dos mestres do Brasil hipnotizou os suecos.” E o austríaco *Express* fez uma distinção aguda entre o estilo de jogo: “Vitória da técnica. O futebol força foi a K.O.” Nota-se o intenso embate entre estilo europeu *versus* sul-americano e força *versus* arte/talento. Já no *O Globo*, encontramos uma reportagem sobre o olhar dos franceses sobre o nosso futebol: “Em artigo intitulado “nada a fazer contra o Brasil”, escreve “L’Aurore”[...]demonstrou as qualidades que lhe haviam sido observadas contra a União Soviética, qualidades naturais, atléticas, acrobáticas, de destreza”(O GLOBO, 26/06/2014, p.19). Na mesma página outra notícia do *L’Equipe* sobre como os franceses viam nosso futebol: “Como o ponteiro Garrincha, indolente, felino, inspirado, os jogadores brasileiros pareciam ter vindo de outro planeta com suas leis próprias, insensíveis aos pobre mortais do futebol(...)”(O GLOBO, 26/06/2014, p.19). Alguns dias antes, após a vitória sobre a URSS por 2 a 0 na primeira fase, o jornal já teve a seguinte manchete na página 16: “Isto é arte executada com os pés”.

Como relatamos, Mario Filho apresentou nos dois capítulos acrescentados a sua obra *O Negro No Futebol Brasileiro* uma redefinição do nosso estilo, com Pelé e Garrincha como símbolos. Filho mostra a presença dos dois jogadores, um negro e outro descendente de índios como a redenção da miscigenação como fator diferencial de nosso estilo de jogo e identidade nacional. Uma representação que estava abalada com a derrota de 1950 se ressignifica com o título em 1958. Ao demonstrar a provação que o preto teve que passar sendo acusado da derrota em 1950 e a sua atuação decisiva em 1958, o jornalista se esforça para manter a

mestiçagem como algo positivo em nossa sociedade e o diferencial de nosso sucesso na competição, como em 1938. Filho ainda vai ressaltar que ao contrário do caso de Robson, jogador do Fluminense, que foi “embranquecendo”, Pelé se assume como negro. Entendemos tal argumentação como uma tentativa de solidificar o discurso da mestiçagem que ele mesmo ajudou a construir nos anos 1930, principalmente ao decretar esta versão de seu livro como definitiva sobre o assunto.

Nota-se também que nos anos que se sucederam à conquista da Suécia o futebol nacional reforçou sua importância em nossa identidade, reafirmando-se como um símbolo nacional. Os dribles de Garrincha e os lances de Pelé, principalmente o gol da final em que dá um lençol, ou chapéu, no zagueiro e faz o gol, redefinem os estereótipos do que viria a ser o estilo nacional. Entretanto alguns elementos ainda permanecem latentes: dom natural, dribles, floreios, lances de efeito e ofensividade. Era a “certeza” de que “com brasileiro ninguém podia<sup>22</sup>”.

Em 1962, o Brasil consolida sua fama de estilo de jogo baseado na técnica de seus jogadores. Com a lesão de Pelé no músculo adutor direito, Garrincha assumiu o posto de principal nome da equipe. Mais do que isso, ele se tornaria símbolo do futebol-arte, sendo a síntese do futebol nacional. Bartholo e Soares (2011) descrevem em *Garrincha como síntese do futebol brasileiro*, como a biografia do jogador, escrita por Ruy Castro vai revalidar a história do atleta encarnando significados coletivos sobre o futebol nacional e sobre o “ser brasileiro”. “Garrincha seria a tradução e a encarnação do jogo bonito (*beautiful game*)” (BARTHOLO; SOARES, 2011, p. 55). A imagem de Mané se consolida após esta Copa do Mundo e ajuda muito na edificação do discurso de sermos realmente o país do futebol. Outros elementos de Garrincha ajudam na construção do jeito brasileiro de jogar futebol. “A estética do estilo de jogo de Garrincha pode ser lida como um alento a toda a nação brasileira. Nelson Rodrigues exalta a mestiçagem e o futebol-arte como elementos centrais da brasilidade, metonimizadas em Garrincha.” (BARTHOLO; SOARES, 2011, p. 71) A imprensa internacional exalta o futebol-arte praticado por Garrincha, reafirmando o discurso:

O futebol brasileiro – conclui Manning (jornalista do Daily Mirror) – tem muitos reis para um só trono. Manning mostrou-se surpreso pois lhe disseram que Garrincha era meio burro e que agora ele não pode fazer uma ideia do que é ser inteligente pra os brasileiros. Todos os comentaristas ingleses presentes a Sausalito foram unânimes em

---

22 O termo se refere a música composta por Wagner Maugeri, Lauro Müller, Maugeri Sobrinho e Victor Dagô durante as comemorações da conquista da Copa do Mundo de 1958 pela seleção brasileira.

considerar o futebol de Garrincha “pura arte”. (JORNAL do BRASIL, 12/06/1962, p.12)

Barreto (2004) vai questionar qual seria o jogador que, segundo Freyre, melhor representa a síntese das características próprias do nosso estilo de jogar o futebol. Ele resgata uma entrevista do intelectual brasileiro concedida, em 1983, ao jornalista Lenivaldo Aragão, do Jornal do Commercio, de Pernambuco, que fez exatamente esta pergunta. Eis a resposta:

Quem eu creio que foi um grande acrobata, o que é até um paradoxo, já que ele era quase aleijado, foi Garrincha. Você vê que Garrincha tinha momentos em que dançava mais do que Pelé. E dançava com as pernas tortas. Ele tinha lances de bailarino, eu acho que ainda não houve uma justa avaliação de Garrincha. Acho que é preciso que haja uma grande história do futebol brasileiro, escrita por alguém que saiba escrever literariamente, que entenda o jogo e que se informe sobre fatos históricos, sobretudo, sobre essa transição. Um jogo que começou elitista. Os rapazes ricos que iam à Europa trouxeram a novidade e só sabiam jogar imitando os ingleses, estes elitistas. Daí, o jogo, numa transição magnífica que honra o Brasil, passa a ser um jogo quase contrário ao jogo originalmente inglês. Passa a ser um jogo de grande mobilidade. O jogo inglês é quase parado, paradoxalmente. Viva tantas combinações, que é um jogo de cooperação. Quase não admite a competição, enquanto o futebol brasileiro é competitivo e é aberto, permitindo improvisações. Com essa transformação, o vitorioso, o grande vencedor foi o Brasil, foi o povo brasileiro. É um jogo popular. Tudo está bem contido no caráter, no temperamento, nas vocações do brasileiro. (FREYRE apud BARRETO, 2004, p.237)

Freyre designa a Garrincha todas as qualidades que ele defendia como as intrínsecas ao futebol nacional.

Todavia, apesar das declarações de Freyre serem pontuais na edificação de Garrincha como símbolo do “nosso estilo”, é interessante notar que o discurso sobre o futebol-arte, se redesenha a partir do jogador que será o modelo da época. Em 1962, com Garrincha como herói, seus atributos como jogador serão mais valorizados, enquanto em 1958 ele dividiu com Pelé. Em 1938, por exemplo, Leônidas definiu as características por ser nosso principal jogador.

Este processo indica que as representações convencionam objetos, pessoas e acontecimentos. “Elas lhe dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por grupo de pessoas.” (MOSCOVICI, 2003, p.34) É exatamente assim que futebol-arte vai se consolidar e ser partilhado pela sociedade. Ao definir jogadores como Garrincha, Pelé e Leônidas como símbolos do nosso estilo, os sistemas de classificação, as imagens e descrições que constroem esta representação implicam um elo prévio, feito pela memória coletiva do que se entende como futebol-arte, estereotipado nestes atletas que

apresentamos. Esta memória coletiva, ou seja, os elos já presentes na sociedade desde 1938, são frequentemente ativados pelos meios de comunicação, com a busca de antigas seleções e craques que servem de exemplos para estabelecer e provocar reconhecimento das narrativas do futebol-arte. Assim, nota-se que constantemente quando se quer descrever o futebol-arte e pretende-se produzir um reconhecimento imediato na sociedade, recorre-se a estes atletas que já foram definidos como arquétipos destas representações. Na análise da seleção da Copa de 1970, vamos indicar que esta equipe também se tornará um elo quando se pretende definir o que seria o futebol-arte.

Abordar o futebol como arte é conceder aos atletas uma capacidade genial de realizar feitos compostos de uma plasticidade e beleza encontrada em grandes artistas. O livro intitulado *Futebol-arte* (1998), organizado por Souza, Leitão e Rito, apresenta vários argumentos e ideias de compositores, jornalistas, poetas e acadêmicos brasileiros acerca do futebol-arte. O capítulo homônimo do livro começa com a seguinte afirmação:

No improviso está a arte. Seja na pintura, na música ou no futebol. Em frações de segundo, o artista da bola, como o artista do pincel e o artista do sopro, das cordas ou da percussão, cria saídas não previstas pelos manuais e pelas academias. Como a bicicleta de Leônidas, a folha seca de Didi, o voleio de Bebeto, a sucessão de dribles de Garrincha, o calcanhar de Sócrates ou a dança de Ronaldinho diante de goleiros perplexos, jogadas que acabaram se tornando marcas registradas de seus autores. O futebol-arte ganha vida nas obras destes artistas. E designa o modo brasileiro de jogar, marcado exatamente pelo improviso. Não que outros países estejam imunes a ele. Mas foi no Brasil que o futebol-arte ganhou fama, conteúdo e uma inigualável galeria de criadores e improvisadores (SOUZA; LEITÃO; RITO, 1998,p.99).

Tal discurso sintetiza as teorias apontadas anteriormente, intensamente tragado pelos mitos fundacionais do nosso futebol, sobre os quais já falamos alhures.

Outro aspecto interessante é tratar o futebol-arte como algo belo. Nessa linha de pensamento nos debruçamos sobre as ideias de Gumbrecht, descritas de forma apropriada em *Elogio à Beleza Atlética* (2007), que não considera o desempenho atlético uma obra de arte, mas pondera sobre a experiência estética imbricada na performance atlética do jogador. Como o alemão descreve, a forma e o ritmo dos movimentos encontrados nos jogadores vão ajudar a definir algumas tipologias de jogo. Em algumas jogadas, por serem compostas de movimentos singulares, encontraremos um determinado estilo, no nosso caso, o tipicamente nacional de praticar futebol, conhecido como futebol-arte. Tais “tipos” vão trazer, de forma generalista, alguns movimentos como genuinamente de tais atletas ou de tais países, o que nos ajuda a entender a formação de identidades esportivas e a criação de estilos nacionais.

Além disso, é possível observar nas notícias esportivas que o futebol-arte é tratado constantemente nos jornais como a prática de um futebol intenso, elogiado e carregado de hipérboles jornalísticas. São vários pontos do pensamento de Gumbrecht que se coadunam com nossa pesquisa sobre o futebol-arte, e os indicaremos a seguir. Esta intensidade na prática do chamado futebol-arte será o primeiro.

A intensidade está presente não apenas no futebol-arte, mas em qualquer evento esportivo onde os atletas e o público se envolvem de maneira vigorosa. O jogador que não participa do jogo com esta energia, certamente será cobrado de forma mais incisiva pelo torcedor. Para Gumbrecht, o fã de esporte participa e assume o risco desta intensidade. Ele pode se decepcionar, até mesmo se deprimir, para obter um instante de êxtase ao comemorar a vitória de seu time. Conforme Gumbrecht (2007, p.146) afirma, é um investimento emocional “com pagamento na forma de intensidade”

O esporte proporciona instantes únicos. O fato de que a qualquer momento algo pode acontecer, exige que o torcedor presencie este instante para realizar a experiência estética de forma completa. Quanto maior a veemência na ação e na observação, maior será a intensidade do lance que o torcedor acompanhou. Os grandes jogadores prendem a atenção do público, pois é esperado deles algo surpreendente e repentino, que faça valer toda a intensidade depositada. E quando a jogada acontece o sentimento é de que se presenciou algo único.

Falamos anteriormente que o imprevisto, ou seja, fazer algo que não é previsto, aparece como característica do futebol-arte. Assim, insinuamos que o estilo de jogo apresentado como tipicamente nacional se entrelaça com a intensidade proposta por Gumbrecht. A maneira de jogar fundamentada em floreios, gestos rápidos e súbitos, baseados no imprevisto, provoca lances cujo desejo depositado pelo torcedor em algo inesperado é atendido. Dessa forma, o investimento emocional citado acima recebe a intensidade como principal pagamento. Ao pensar na intensidade proposta por Gumbrecht, encontramos alguns elementos bem próximos do argumento do excesso, que pode ser observado não só nos atletas, mas também nos torcedores. A derrota ou a vitória carregada de intensidade podem levar o atleta e/ou o torcedor a extremos.

Essa dualidade traz um ar épico às conquistas dos atletas: ou tudo ou nada. Dessa forma, esse pensamento faz do esporte um terreno fértil para a criação de mitos e heróis, conforme Ronaldo Helal (1998) já descreveu de forma pertinente. O jornalista esportivo Mario Filho percebeu esta força ainda nos anos 1920 e criou uma nova forma de descrever as partidas de futebol nos jornais da época, notando a intensidade com que o esporte pode ser vivido e como isso o carrega de drama. É o que Gumbrecht aponta como o papel da imprensa

nos eventos esportivos: “tornar o presente mais complexo e retomar o passado com uma aura que lhe confira mais glória e às vezes mais sobriedade – esses são os dois aspectos de uma transfiguração que só o esporte é capaz de produzir.” (GUMBRECHT, 2007, p.20)

Ao indicar o papel dos jornais como aqueles que buscam um passado mítico em suas narrativas, Gumbrecht aborda exatamente uma das justificativas para esta pesquisa: como a imprensa recupera e aborda essas identidades construídas através do esporte?

A aura gloriosa com que o passado esportivo é apresentado pelos meios de comunicação é outro ponto importante indicado por Gumbrecht: apesar da preparação intensa e a evolução dos esportes, “é provável que bem poucos torcedores de hoje em dia digam que o esporte com bola de que eles mais gostam está em seu auge.” (2007, p.131). Uma espécie de saudosismo indica, com frequência, gerações anteriores como praticantes de um futebol melhor do que o atual. Isso fica bem emblemático nas pesquisas após a Copa de 1970. Notamos uma tímida equivalência na narrativa sobre a geração de 1982, indicada frequentemente como a última praticante do futebol-arte. Nas outras Copas é peremptório a comparação com a equipe de 1970, que deve ser seguida como modelo de futebol ideal a ser jogado pela seleção brasileira.<sup>23</sup> Soares e Lovisolo (2011) destacam este sentimento do passado como algo melhor do que o presente, indicando uma perda do estilo nacional ao decorrer do tempo, provocando um sentimento de saudade. Os autores ainda indicam que este sentimento, importante na identidade de Portugal, “um país de navegadores que reflete afeição pelo lugar abandonado” (2011,p.34), foi incorporado pela cultura brasileira.

O próprio Gumbrecht indica este pensamento ao delimitar os anos 1950 e o início dos anos 1980 como a era de ouro do futebol, que coincide com o auge da carreira de grandes jogadores, dentre eles Pelé e Garrincha. Gumbrecht também elenca a formação de grandes times que marcaram a história do futebol, como a Hungria de 1954, o Brasil bicampeão de 58-62 e o Real Madrid multicampeão europeu. Interessante observar que dos exemplos citados apenas a seleção brasileira recebeu a alcunha de futebol-arte nos jornais nacionais.

Essa herança da chamada “era de ouro”, praticamente instituiu um marco onde os atletas que desempenham o futebol mais parecido com o dos jogadores considerados craques daquela geração, serão sempre mais lembrados e noticiados na imprensa e pelos torcedores, como praticantes do futebol em sua “essência”. Logo, como o Brasil foi um grande expoente

---

23 Um bom exemplo da intensa disputa travada por jornalistas esportivos que defendem a prática do futebol-arte e dos que desaprovam esta obrigação histórica, é a Copa de 2002. Com o passar dos anos da conquista do pentacampeonato, alguns cronistas, que em nossa pesquisa entendo como “guardiões” desta memória esportiva, apontam o time de Felipão como um bom equilíbrio entre o futebol bonito e o futebol de resultados, indicando que o processo de construção do futebol-arte está repleto de ressignificações.

neste período delimitado por Gumbrecht, vencendo três Copas do Mundo, podemos relacionar a grande procura por atletas brasileiros e sua “exportação” para o mundo, como a busca por ter um futebol vistoso, alegre, e de arte, embora na maioria das vezes o jogador não corresponda a esta expectativa depositada sobre eles, deixando claro que o simples fato de serem brasileiros não os credencia a serem jogadores excepcionais. Propomos que tal fato mostra a força das representações de nossos atletas (principalmente os que são convocados pela seleção brasileira) na mídia mundial, enraizada ao longo dos anos.

Continuando a descrever a importância do pensamento de Gumbrecht nas investigações abordaremos agora as jogadas de uma partida de futebol como elementos da intensidade vivida pelo apreciador do esporte.

Os lances inesperados marcam de maneira importante o fascínio dos torcedores. A intensidade da atenção de todos aumenta, por exemplo, em uma partida de futebol quando um goleiro, como o brasileiro Rogério Ceni sai de seu lugar comum e tenta marcar um gol de falta, ou então quando algum companheiro de posição de Ceni corre desesperadamente para a área adversária no último lance do jogo para tentar o gol. Sabemos que quando ele consegue, o momento fica marcado para os torcedores que vibraram e pelos que lamentaram o gol.

Segundo Gumbrecht, o torcedor gosta não só do jogo, mas também desses lances memoráveis e inusitados, praticados por esses atletas acima da média que frequentemente são designados como os detentores do futebol-arte de outrora. É a bela jogada, o drible, a bela troca de passes, o belo chute, a bela defesa que adornam a relação do torcedor com o esporte.

O fascínio por essas jogadas é interessante, pois independente do time que se torça, ver uma jogada bela é agradável e cativante. Além disso, para Gumbrecht, o esporte nos propicia momentos que guardamos na memória e de alguma forma achamos que jamais serão igualados. Seguimos este pensamento e insinuamos que por conta da Copa de 1970 ter sido a primeira de grande alcance mundial e a seleção brasileira ter vencido todas as partidas, apresentando um futebol definido como “dos sonhos” tornou-se a equipe de maior referência do futebol-arte. A conquista foi impactante para toda uma geração e isso se perpetuou na mídia, sempre buscando a seleção de 1970 quando o assunto é definir o que se convencionou a chamar de futebol-arte. Por conta de acharmos que aquele feito jamais seria igualado, principalmente pela intensidade que a seleção mostrou e a novidade da experiência estética através da televisão também proporcionou, credita-se àquela seleção o status de incomparável.

Arriscamo-nos a dizer que essas jogadas colocam o atleta que executa tal proeza em uma relação de maior intensidade com o torcedor, que segundo Gumbrecht, só pode retribuir

aquele momento elogiando-o. “Melhor modo de elogiar o que amamos é usar palavras e variações de determinadas descrições” (2007, p.34).

Aqui chegamos a um dos grandes pontos do pensamento de Gumbrecht: o desejo de elogio vem do simples sentimento de gratidão do público para com o atleta. Elogiar o ídolo e o esporte é expressar esta gratidão. Partimos da hipótese de que por conta disto, o dito futebol-arte recebe elogios dos torcedores e da imprensa. São jogadas não esperadas pelo público que intensificam a relação deles com o esporte, e conseqüentemente com os jogadores, transformando-os em ídolos. Também por conta disso, suspeitamos que encontre-se uma quantidade maior de hipérboles nas manchetes e elogios nos jornais e cadernos esportivos frente a outras editorias. Tendo em vista estes aspectos históricos, saudosistas e esportivos elucidados nas páginas anteriores, sugerimos um fascínio mundial sobre a seleção e os jogadores brasileiros.

Abordamos neste capítulo como os estilos de jogo são formados a partir das definições das identidades culturais dos países. Demonstramos como a imprensa nacional reverberou esta construção ao longo dos anos, principalmente durante as Copas do Mundo. Apresentamos o pressuposto de que a definição do futebol-arte será realizada por buscas em elos do passado, conjugando com aspectos determinantes no presente. Assim, da mesma forma que as identidades e as representações podem ser reajustadas, a definição do nosso estilo de jogo também passa por este processo. De acordo com a época, contexto histórico, político, ideológico e com o jogador que será apresentado como modelo do estilo, pode-se esquecer alguns atributos, ampliar alguns e até incorporar novos, mas mantendo o fio condutor do que veio a ser chamado de estilo nacional. Este fio pode ser definido como: improviso, intensidade, ofensividade, dribles, floreios com a bola e jogadas inesperadas. Ao longo das Copas analisadas nesta pesquisa vamos delimitar outros elementos que aparecem em alguns momentos e são esquecidos em outros.

Traçadas as argumentações que norteiam a pesquisa detalharemos no próximo capítulo a proposta metodológica deste trabalho.

### 3 METODOLOGIA

Na busca por uma proposta metodológica para testar nossa hipótese optamos por conjugar dois elementos, que se completam e constroem uma identidade. O primeiro refere-se ao entendimento e à leitura da cultura dentro de contextos históricos concretos dos momentos pesquisados (ditadura militar em 1970 e abertura política em 1982, por exemplo). O segundo elemento refere-se à análise das narrativas de jornais impressos durante a realização das Copas do Mundo de 1970, 1982, 1990 e 1994,

O primeiro elemento será fundamental para compreender o contexto histórico e cultural vivido no país durante a realização das Copas do Mundo pesquisadas. Através do entendimento do cenário político, cultural e econômico, pode-se captar de forma mais apropriada a intenção das narrativas que serão encontradas nos jornais investigados, principalmente ao observar quais embates ideológicos estão em jogo naquele momento. Segundo Barros e Junqueira (2009, p.34) o contexto social do período estudado, além de ser condição de produção da interpretação que será realizada, “fornece também as condições de possibilidade dos esquemas interpretativos por elas oferecidos”. Fonseca Júnior (2008, p.287), afirma que “não é possível ignorar que um determinado discurso ocorre em função de um contexto e que algumas condições do contexto influenciam na construção do discurso.” Assim, em todos os capítulos faremos um breve resumo do contexto histórico, político e esportivo pré-Copa.

O outro elemento opera diretamente na construção de ideologias que pretendem ser dominantes. Além disso, como afirma Márcia Benetti em *Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos* (2007):

O jornalismo é um modo de conhecimento: ele tanto produz um conhecimento particular sobre os fatos do mundo, quanto produz os conhecimentos gerados por outros atores. Mas o conhecimento não pode ser apenas transmitido, ele é recriado (MEDITSCH, 1997). Nesse processo, o jornalismo lança mão de mapas culturais de significado (HALL et al., 1993) que existem na sociedade e ajuda a reforçá-los ou apagá-los, contribuindo para o estabelecimento de “consensos” a respeito de valores e atitudes. (BENETTI, 2007, p.110)

Ao definirmos que o jornalismo constrói sentidos sobre a realidade, entendemos que o seu estudo é meritório para compreendermos como o futebol-arte aparece nas narrativas jornalísticas. Assim, entendemos que “as fábulas contadas e recontadas pelas notícias diárias

revelam os mitos mais profundos que habitam metanarrativas culturais mais ou menos integrais do noticiário” (MOTTA, 2009, p.166)

Dessa forma, encontramos na Análise de Narrativas uma metodologia que se coaduna de forma apropriada com as questões que pretendemos solucionar neste trabalho. Conforme Motta (2007) aponta em *Análise pragmática da narrativa jornalística*, através das análises de narrativas, podemos estabelecer sequências de continuidade integrando passado, presente e futuro e construir uma certa “organização” das narrativas, transformando-as em uma única história<sup>24</sup>. Como indica Gilberto Velho (1994, p.103), a memória é fragmentada, ou seja, “o sentido da identidade depende em grande parte da organização desses pedaços, fragmentos de fatos e episódios separados.” No nosso caso, este recurso será fundamental, já que, como ressaltamos, a narrativa sobre futebol-arte supostamente emerge com maior força durante as Copas do Mundo. Dessa forma ao unir tais narrativas, estabeleceremos um maior entendimento de sua continuidade e possibilitaremos percepções de possíveis descontinuidades. A narratologia, segundo Motta, é um campo e um método de análise das práticas culturais, e “dedica-se ao estudo das relações humanas que produzem sentido através de expressões narrativas” (MOTTA, 2009,p.144), inclusive através da mídia. Motta também ressalta que nenhuma narrativa é ingênua, ela cumpre um determinado propósito, com ações estratégicas na constituição de significações em contextos, no nosso caso o de manter uma identidade e construir representações. Como afirma Benetti (2007):

É preciso visualizar a estrutura do texto, compreendendo que esta estrutura vem “de fora”: o texto é decorrência de um movimento de forças que lhe é exterior e anterior. O texto é a parte visível ou material de um processo altamente complexo que inicia *em outro lugar*: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário. (BENETTI, 2007, p.111)

Outro fator determinante desta metodologia e que contribui com nossa pesquisa é a identificação de conflitos presentes na narrativa que pretendem ser hegemônicos, conforme apresentamos no capítulo 2. Além disso, os momentos da narrativa onde são utilizados os denominados flashbacks influenciarão de maneira decisiva nossa análise. Para Motta (2009, p.151) esse resgate:

são reforços para a memória cultural do receptor, conexões que faltam e precisam ser trazidas para a compreensão das relações. Há também o depoimento de autoridades,

---

<sup>24</sup> Tal pensamento se caracteriza por entender que o jornalismo aborda alguns temas de modo espaçado, com notícias diárias fragmentadas e dispersas, sem construir um significado mais amplo e concreto. Seria preciso, então, conectar estas partes para que um encadeamento narrativo cronológico possibilitasse uma melhor compreensão do assunto. (MOTTA,2009)

técnicos, etc, que recuperam fragmentos anteriores de significação necessários à reconstrução semântica do enredo. [...] recuperar a memória de eventos ou episódios anteriores ao presente da ação tem uma funcionalidade orgânica na história. Por isso, merecem atenção especial do analista. (MOTTA, 2009, p.151)

Desse modo, recorreremos à Análise das Narrativas nos jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil*. Os periódicos foram escolhidos pela sua relevância e circulação nacional durante a realização das Copas que serão pesquisadas. Optamos pela análise de dois diários por compreender que apesar da chamada “objetividade” e busca pela “verdade”, é possível identificar distinções em narrativas de acordo com o a linha editorial do jornal pesquisado. Esta identificação corrobora nosso argumento de que os jornais constroem ideologias. (Charaudeau,2010) Concordamos com Gastaldo (2003) ao afirmar que: “o discurso jornalístico tem características que fazem dele uma das maiores fontes de definição de realidade em nossa sociedade.” Também concordamos com Becker (2011) ao indicar que:

o papel da mídia e do jornalismo é cada vez mais relevante na significação e compreensão do mundo, modeladas por palavras e imagens que constituem em suas combinações relações complexas na produção de sentidos sobre o cotidiano social, independentemente dos suportes e das linguagens utilizadas. (BECKER, 2011, p.22)

Entendemos também que é importante refletir sobre o papel da imprensa esportiva como formadora de cultura para que possamos observar como os jornais ratificam e constroem mitologias, representações e discursos identitários no caso específico de nossa pesquisa, a ideia do futebol-arte como tipicamente nacional. Ademais compreendemos que ao analisar as narrativas midiáticas acerca da identidade nacional presentes no *corpus* e trabalharmos com a construção de sentidos, a dialética lembrar e esquecer (ORLANDI, 2005) será fundamental na pesquisa.

Os jornais têm sido um dos mais relevantes veículos de manutenção e “construção” da memória. Rememorar qualquer evento que ligue o presente ao passado tornou-se um dos motes do fazer jornalismo. No caso do futebol, as narrativas jornalísticas apresentam sua memória resgatando fatos, imagens, ídolos, êxitos e fracassos anteriores, no sentido de construir uma tradição, como um elo entre as gerações dos aficionados pelo esporte. (SOARES; HELAL; SANTORO, 2004, P.63)

Estudar o passado das construções midiáticas em torno do futebol-arte é importante por entendermos que “o passado é a referência comum que mantém a coesão interna dos grupos, permitindo formação de quadros de representação simbólica que lhes permitem significar o presente, a atualidade” (RIBEIRO, 2003, p.94). Nessa reconstrução de discursos e resgate de memória coletiva, os eventos esportivos possuem uma dimensão histórica para

Boyles e Raynes (2000): “One of the particular appeals of sport, for both media and supporters, is the extent to which the narratives or stories which surround sport act as a bridge between the present and the past. Sporting events need to have a longevity to feel important”.<sup>25</sup> Hobsbawn, também vai afirmar que um dos aspectos da invenção de tradições resulta em “uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado”.

Outro motivo da escolha dos periódicos supracitados foi a presença dos principais colunistas esportivos nestes jornais, já que as análises de suas colunas representam um momento importante da investigação. Em 1970, por exemplo, Armando Nogueira no *Jornal do Brasil* e Nelson Rodrigues no *O Globo*, atuam, no entendimento desta pesquisa, como guardiões da memória do que seria o nosso estilo de futebol, religando aspectos do passado e propagando-os conforme o contexto das competições pesquisadas. É o que aponta Souto:

Ao se analisar o papel dos colunistas, também se trabalha com a concepção de que eles exercem o papel de “guardiões da tradição”, atuando como construtores da memória de uma determinada época, num processo de permanente reelaboração. É importante registrar que a trajetória da seleção brasileira ao longo dos anos, bem como a representação identitária, é em grande medida, forjada pela imprensa. É que esse processo se dá, ora pelo lado do silêncio, ora pela lembrança de determinados fatos e acontecimentos, que vão sendo construídos, em sintonia com uma visão de mundo num processo não-estático e dialético. Tanto o esquecimento, quanto a lembrança são construções que ajudam a referendar o poder simbólico e real da imprensa na sociedade, e neste caso, dos colunistas em particular. (SOUTO, 2007, p.304)

Deste modo, o *corpus* de pesquisa está assim delimitado: o dia da estreia de nossa seleção na competição e as duas edições posteriores a esta partida; e a edição do dia do último jogo da seleção até as duas edições subsequentes a esta data. Elencamos tais períodos por entendermos que a partir das narrativas iniciais sobre a seleção na Copa do Mundo, podemos delimitar a tendência de enfoque dos jornais sobre o futebol-arte. Já nas edições anteriores e posteriores ao nosso último jogo, será possível identificar se a narrativa inicial foi mantida e se, por conta da derrota ou vitória da seleção, ela foi alterada, respondendo a questão principal deste trabalho: como a imprensa nacional trata o futebol-arte na vitória e na derrota? Após uma leitura das edições indicadas acima, classificaremos as narrativas das reportagens encontradas no *corpus* de pesquisa de seguinte forma: futebol-arte e futebol-força. Os elementos usados para a distinção entre as categorias serão as definições de futebol-arte apresentadas ao longo deste trabalho, enquanto o futebol-força englobará as definições

---

<sup>25</sup> “Um dos apelos particulares do esporte, tanto para mídia e apoiadores, é a extensão em que as narrativas ou histórias que cercam o esporte atuam como uma ponte entre o presente e o passado. Os Eventos esportivos precisam ter uma longevidade para se sentirem importantes”. Tradução livre

opositoras aos elementos que delineamos como característicos do futebol-arte. Também usaremos reportagens que, apesar de não citar o futebol-arte ou futebol-força, julgamos importantes para definir o contexto da seleção na competição.

Já apresentamos, em capítulos anteriores, a Copa do Mundo como o momento em que as identidades nacionais ficam mais afloradas e, em algumas oportunidades, são reconstruídas, mas mantendo um fio condutor para que não se perca a familiaridade com a representação construída anteriormente.

Dessa maneira, a proposta desta pesquisa é identificar as narrativas midiáticas em torno do futebol-arte ao longo das Copas, principalmente entendendo tal estilo como algo inerente ao brasileiro, onde ao praticá-lo exercemos e reforçamos nossa identidade. Assim, o objetivo principal da pesquisa é analisar como foi o tratamento dado pela imprensa ao nosso time quando, reconhecidamente pelos próprios meios de comunicação, jogou de acordo com o nosso estilo e perdeu como em 1982, e quando venceu, como em 1970. Também se enquadra na nossa pesquisa os momentos em que não praticamos o nosso futebol e fomos derrotados (1990) e vencedores (1994). Teria a imprensa nacional uma “aceitação” maior quando a seleção perde jogando um futebol de acordo com nossas supostas características, ou a intensidade no discurso após uma derrota ou conquista é sempre o mesmo?

Como vimos, densas narrativas construíram, ao longo do tempo, este “estilo nacional” de praticar o futebol. Partiremos do pressuposto que a partir da conquista da Copa do Mundo de 1970 e com a posse definitiva da Taça Jules Rimet<sup>26</sup>, tal discurso se consolidou e se tornou uma referência para definir o que era o “futebol-arte”. Salvador e Soares (2009) apontam para este mesmo pensamento “A seleção brasileira de 1970 tornou-se a referência para julgar a qualidade do futebol jogado pelas seleções que se formaram posteriormente.” (SALVADOR E SOARES, 2009, p.2) Interessante notar que não apenas no Brasil esse epíteto aparece, mas também em países que rivalizam conosco no campo esportivo, como na Argentina, conforme as pesquisas de Helal (2007) revelam. A Copa de 1970 é colocada como um marco não só do “futebol-arte” apresentado pela seleção brasileira, mas também como a consolidação do futebol como elemento indelével de nossa cultura, conforme aponta Helal et Al. (2011): “...a vitória no Mundial de 1970 consolidou o futebol como elemento de identificação cultural, fortalecendo o sentido de pertencimento à nação durante as Copas do Mundo.” (HELAL, CABO E SILVA, 2011, p.203-204)

---

26 Nome dado à primeira Taça criada pela FIFA que era entregue aos países campeões da Copa do Mundo. Em 1970, por conquistar pela terceira vez o torneio, o Brasil ficou com sua posse em definitivo. O nome é uma homenagem ao presidente da entidade que criou a competição, disputada pela primeira vez em 1930.

Outra seleção, reconhecida também pelos meios de comunicação, como praticante do “real estilo de jogo nacional” é a de 1982. Esta pesquisa buscará identificar como a narrativa midiática se comportou após a derrota da equipe. Houve uma quebra no discurso de que quando jogamos o futebol-arte somos imbatíveis? Quais elementos foram utilizados pelos jornais ao “justificar” a derrota?

Porém, entendemos que ao se analisar apenas estas duas seleções, a pesquisa não estaria completa. Afinal, teríamos um panorama de como foi dado o tratamento ao futebol-arte na vitória e na derrota, mas e quando não identificamos o futebol-arte e vencemos? O tratamento dado à vitória pelas narrativas é o mesmo? Seria legítimo ganhar sem ser através do nosso estilo? Para tentar elucidar estas questões vamos analisar a Copa do Mundo de 1994, onde o Brasil conquistou o tetra campeonato e sofreu críticas pelo seu estilo de jogo pragmático, que fugia de nossa suposta característica. Do mesmo modo, vamos analisar a Copa de 1990, uma competição onde, segundo os meios de comunicação, a seleção desenvolveu um estilo de jogo diferenciado, mais próximo ao europeu e foi eliminada nas oitavas de final.

Acreditamos que analisando estas Copas do Mundo, conseguiremos traçar um panorama de como as qualidades intrínsecas ao brasileiro de praticar o futebol, originada nos anos 1930, permanecem ativas e reatualizadas nos discursos midiáticos.

#### 4 A CONSOLIDAÇÃO DO FUTEBOL-ARTE

A derrota definida como vexatória pela imprensa na Copa de 1966, onde o Brasil foi eliminado na primeira fase, causou um hiato no discurso de melhor futebol do mundo praticado pela seleção nacional. Depois do bicampeonato, a expectativa desenvolvida pela imprensa foi grande. A “pátria de chuteiras”, consolidada na narrativa midiática em 1962<sup>27</sup>, não conquistou o esperado tricampeonato na Inglaterra. O título simbolizaria a hegemonia de nosso futebol frente ao mundo, além da posse definitiva da taça Jules Rimet. A eliminação foi creditada à falta de organização e de modernização da CBD, abrindo um discurso de que a seleção só perde quando encontra problemas nos bastidores, já que dentro de campo somos “insuperáveis”.

Com a missão de retomar a disciplina e a organização da seleção, uma comissão técnica recheada de militares iria comandar o Brasil na Copa de 1970. Mais uma vez o futebol e o contexto histórico e político do país se entrelaçam. A intervenção militar já havia ocorrido no país em 31 de março de 1964, com objetivos semelhantes: organizar e “disciplinar”.

Após perder os poderes políticos em 1962, João Goulart os recuperou em janeiro de 1963 através de um plebiscito que pôs fim ao Parlamentarismo. A plataforma política de Jango era focada nas “Reformas de Base” e visavam, principalmente, o direito de voto aos analfabetos, reforma agrária e regulamentação dos direitos trabalhistas. A falta de apoio de uma grande parcela da sociedade foi um dos fatores de seu insucesso. Além disso, a inflação permaneceu alta, o PIB caía e vários setores da sociedade começaram a pleitear a resolução das dificuldades econômicas, polarizando a disputa pelo poder entre direita e esquerda de maneira profunda. A ideia de que só uma revolução salvaria nossa frágil democracia era fortíssima. Jango queria realizar as “Reformas de Base” através de decreto e passou a realizar grandes comícios para as massas entenderem o que ele queria. Como resposta veio “A marcha da família com Deus pela liberdade” no dia 19 de março de 1964. As divergências eram tantas que cada polo desta disputa se dividia internamente em vários outros, cada um com o objetivo claro de tomar o poder.

Assim, no dia 31 de março, o general Olímpio Mourão Filho, com o apoio do governador de Minas Gerais Magalhães Pinto, saiu da cidade de Juiz de Fora com suas tropas com destino ao Rio de Janeiro e a missão de assumir o governo de forma provisória. Acuada,

---

<sup>27</sup> Para melhor entendimento desta consolidação, ver GUERRA e MOSTARO (2014) *1962: a consolidação da pátria de chuteiras*

Jango fugiu para Porto Alegre e pouco depois se exilou no Uruguai. O cargo de presidente da República foi declarado vago pelo presidente do Senado.

No dia 9 de abril os comandantes da Marinha, Exército e Aeronáutica baixaram o Ato Institucional no qual o Executivo se sobrepunha aos demais poderes. Era possível cassar mandatos e suspender os direitos políticos de quem fosse contrário à nova ordem. Neste contexto, 18 deputados do PTB foram cassados e nenhum da UDN. A polícia podia investigar e abrir inquérito contra quem praticasse crimes contra o Estado ou fosse considerado revolucionário. A possibilidade do *habeas corpus* foi mantida e os jornais ainda permaneciam relativamente livres. Segundo os militares a intervenção seria breve e serviria para “arrumar a casa”. Entretanto, no dia 15 de abril foi eleito de forma indireta o general Humberto de Alencar Castelo Branco. Ele ficaria no cargo até 31 de janeiro de 1966.

Com o governo de Castelo Branco, o Brasil aderiu claramente ao lado americano na polarização mundial frente a URSS. Em 1965, depois das eleições para governadores, a insatisfação de alguns setores que apoiavam as ações dos militares veio à tona. A linha dura do regime influenciou Castelo Branco e o Ato Institucional número 2 foi instituído, aumentando o poder do presidente e extinguindo os partidos políticos. Foram permitidos apenas dois: ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e MDB (Movimento Democrático Nacional). O Congresso se tornava cada vez mais fragilizado. Para evitar que governadores de oposição vencessem, o AI-3 foi decretado no início de 1966.

Com essas medidas, alguns setores que foram favoráveis à intervenção militar e não se sentiram contemplados pelo governo ficaram descontentes, fazendo com que a oposição se rearticulasse. Todavia, o governo militar permanecia ampliando os poderes do Executivo com a nova Constituição de janeiro de 1967. Castelo Branco não conseguiu fazer seu sucessor e no dia 15 de março de 1967, Costa e Silva assumiu poder. Ele incentivou a organização de sindicatos e a formação de lideranças confiáveis.

Em 1968, as mobilizações cresceram, mesmo com congelamento de preços, realizado pelo governo. No dia 28 de março, durante protesto de estudantes exigindo mais verba para a educação e melhores condições de ensino, o jovem Edson Luís de Lima Souto morreu depois de levar um tiro. O enterro do garoto virou um evento contra a ditadura, sendo acompanhado por milhares de pessoas. Logo depois veio a passeata dos 100 mil, que teve a participação não só de estudantes, mas também da classe média e membros da Igreja.

O governo passou a reprimir de forma mais incisiva os protestos. Uma greve em Osasco teve uma repressão aguda do Ministério do Trabalho, que interveio no Sindicato dos metalúrgicos. O PCB (Partido Comunista Brasileiro) ia originando vários outros partidos e

grupos que queriam lutar contra a ditadura. Alguns pensavam em pegar armas e fazer valer sua opinião à força. A sombra de uma revolução cubana permeava a sociedade brasileira. A linha dura não via outra opção: eliminar os “subversivos”. Até que o discurso do deputado Márcio Alves Moreira que propôs aos pais não levarem os filhos ao desfile de 7 de setembro e pedia às namoradas dos militares que os boicotassem, serviu como estopim para a linha dura concretizar seu desejo.

No dia 13 de dezembro, Costa e Silva decretou o AI-5. A partir daí, tudo que ainda se tentava manter e renascer de democracia no Brasil se desfez. O presidente poderia fechar o Congresso, cassar mandatos e suspender direitos políticos, além de demitir e aposentar servidores públicos. Muita gente foi cassada e perdeu o emprego. Os meios de comunicação passaram a receber uma censura forte. Alguns deles, que tinham apoiado os militares, agora se viam obrigados a empregar pessoas indicadas pelo regime para “observar” o andamento da empresa e das notícias. Uma parte da imprensa e muitos artistas da época começaram a lutar contra os militares e a tortura virou um método comum nas investigações contra os adversários políticos do governo. (FAUSTO, 2010)

Em agosto de 1969, Costa e Silva sofreu um derrame. Pedro Aleixo deveria assumir a presidência, mas uma articulação militar não permitiu. Em outubro de 1969, o alto comando da força militar escolheu Emilio Garrastazu Médici para ser o novo presidente do Brasil. Este período marca também o início do milagre econômico. O ministro Delfim Neto expandiu o crédito e a economia no Brasil atingiu crescimentos expressivos, com o PIB de dois dígitos. A criação do BNH (Banco Nacional de Habitação) e o aumento das indústrias automobilísticas instigaram o discurso do governo de um instante mágico vivido pelo país.

Neste contexto, amplamente polarizado, a seleção se preparava para a Copa do Mundo de 1970. O governo entendia que o título viria coroar o “momento mágico” vivido pela nação, enquanto o meio intelectual, artístico e acadêmico aguardava, desconfiado, nossa participação no México.

A preparação da seleção foi conturbada, assim com o clima político da época. Mesmo depois do “vexame” de 1966, Havelange foi reeleito, em 1967, para seu quarto mandato na CBD. Paulo Machado de Carvalho, que comandou a delegação brasileira nas Copas de 1958 e 1962, reassumiu o cargo em 1968. O “marechal da vitória”, epíteto de Paulo Machado de Carvalho após a conquista da Copa do Mundo na Suécia em 1958, colocou Aymoré Moreira como técnico da seleção. Em meio a maus resultados e críticas da imprensa de que nosso futebol teria perdido a sua “magia”, Havelange resolveu criar uma comissão para definir os assuntos da seleção. Era a Cosena. Paulo foi nomeado o presidente com Antônio Passo

(dirigente carioca que não se dava muito bem com Paulo), Evaristo de Macedo e Zagallo completando a comissão. A seleção fazia amistosos pelo país e as críticas eram constantes. Paulo rompeu de vez com a os jornalistas e proibiu a sua entrada nos treinos. Até a imprensa paulista, seu pilar de sustentação, passou a atacá-lo.

No dia 13 de janeiro de 1969, Paulo saiu do comando da seleção. A primeira decisão de Havelange foi acalmar a imprensa. Para isso, escolheu João Saldanha como treinador. Saldanha era um comentarista esportivo de renome, e àquela altura, um crítico da seleção nacional. Com as eliminatórias pela frente, Saldanha divulgou os convocados de forma rápida. Venceu todos os seis jogos disputados, com a seleção marcando 23 gols e sofrendo dois. Mesmo assim, foi criticado pelos antigos colegas de imprensa.

Saldanha, que tinha seu temperamento forte como uma marca, não aguentou a pressão e partiu para o extremismo. O técnico do Flamengo, Yustrich (que chegou a ser cotado para assumir a seleção), alertou na imprensa que as atitudes de Saldanha poderiam ocasionar uma intervenção militar na seleção, além de não concordar com suas opções na equipe. Até o Ministro da Educação, Jarbas Passarinho disse que o clima na seleção era prejudicial à ordem no país. Entretanto, a atitude mais bombástica de Saldanha foi ir a um treino do Flamengo, com um revólver, tirar satisfações com Yustrich sobre suas declarações. Precedida de um bate boca forte com Aimoré Moreira e a quase briga com um jornalista do Rio Grande do Sul a Cosenza foi dissolvida e Saldanha perdeu o cargo.

Dino Sani, jogador campeão em 1958 e Otto Glória, técnico de Portugal na Copa de 1966, eram os favoritos para assumir o cargo. Enquanto a CBD não se decidia, Saldanha foi à imprensa e disse que não era sorvete para ser dissolvido. Em suas declarações, escolheu a situação de um possível pedido de Médici para a convocação de Dario, o “Dadá maravilha”, atacante irreverente e artilheiro do Atlético-MG, como principal motivo de sua saída. Logo, sua demissão virou caso político. Médici teria imposto a ele a escalação de Dadá. Saldanha, simpatizante declarado do PCB, não faria o jogo da ditadura. A célebre frase de João: “Você escala seu ministério que eu escalo a seleção” ganhou contornos históricos.

Neste contexto, Zagallo foi escolhido como o treinador da seleção. O bicampeão do mundo em 1958 e 1962 treinava o Botafogo e assumiu uma equipe cheia de incertezas e desconfiança, tanto da população, quanto da imprensa.

Até mesmo Pelé, era vaiado e acusado pelos jornais de não ser mais o mesmo. Isso por que meses antes, no dia 19 de novembro de 1969, marcou o milésimo gol de sua carreira no Maracanã contra o Vasco. Saldanha, em sua passagem pela seleção, chegou a barrá-lo do time e disse que sua miopia atrapalhava seu rendimento em campo.

Enquanto Zagallo era criticado em demasia, a comissão técnica planejava uma preparação física diferenciada para a competição. Sabendo que a altitude seria um problema para todos os países na Copa do Mundo, foi elaborado o Planejamento México<sup>28</sup>. Esta preparação e organização minuciosa realizada pelos preparadores físicos Admildo Chirol, Carlos Alberto Parreira e o capitão do exército Claudio Coutinho, contou com o apoio do professor Lamartine Pereira da Costa, capitão da Marinha e professor do Centro de Esportes da Marinha. Em *A memória da Copa de 1970 – esquecimentos e lembranças do futebol na construção de uma identidade nacional* os autores Marco Antônio Salvador e Antônio Jorge Gonçalves Soares relatam de forma detalhada esta preparação e afirmam que apesar de ser exaltada pela imprensa nacional, como mostrarei a seguir, ela ocasionou uma quebra no discurso de que o futebol-arte nacional era baseado no improviso e no dom natural. É notório que um dos grandes fatores para a vitória brasileira em 1970 foi o conagraçamento do talento dos jogadores com a preparação física, todavia, mesmo com a exaltação do Planejamento México na narrativa midiática em 1970, Salvador e Soares afirmam que a memória construída sobre esta competição vai esquecer tal preparação exatamente por ir contra a construção identitária nacional dos anos 1930.

Podemos apontar que o processo de treinamento físico e a elaboração de uma estratégia de adaptação à altitude (baseada nos conhecimentos científicos da época) foram tão importantes para a obtenção da vitória em 1970 quanto a qualidade dos jogadores que compuseram aquela equipe. Entretanto, tais estratégias, vinculadas às imagens de racionalização de meios, ao uso de tecnologias, à disciplina do treinamento, são abafadas ou secundarizadas por não se ajustarem às imagens da “arte”, “genialidade” e “malícia” do jogador brasileiro (SALVADOR; SOARES, 2009, p.20).

Assim, pode-se entender que ao negar uma cientificidade por ser algo não familiar ao nosso estilo de jogo, estamos reestabelecendo o vínculo e a memória com a ideia central do que vem a ser o futebol-arte nacional, demonstrando que as identidades são negociadas e repletas de embates entre o que será esquecido e lembrado pelos agentes da memória. Desse modo, o nosso estilo nacional é algo que acontece “naturalmente”, sendo desnecessária a preparação e organização, como as narrativas sobre o jogador Garrincha demonstraram<sup>29</sup>.

No entanto, a exaltação nos jornais do preparo físico exemplar de nossos jogadores durante a competição, pode ser entendida como uma forma de demonstrar que o time era tão

<sup>28</sup> O Planejamento México foi coordenado pelo professor Lamartine e baseava-se no resultado de um estudo feito a partir do treinamento dos atletas do pentatlo militar e da pesquisa esportiva em grandes altitudes nas Olimpíadas da cidade do México em 1968.

<sup>29</sup> Para um melhor entendimento dessas narrativas, ler: BARTHOLO e SOARES, *Mané Garrincha como síntese da identidade do futebol brasileiro* (2014)

espetacular, que até no único quesito que os europeus supostamente nos venciam, nós os superamos, aumentando a aura mítica da equipe de 1970. Reportagens do dia 10 de junho do *Jornal do Brasil* sugerem esta interpretação. Na matéria: *Time é analisado e ganha elogios de Ernesto Santos*, o professor Ernesto Santos, que foi observador da seleção brasileira em 58 e em 62 é entrevistado e deixa as suas impressões da equipe:

- Esta é uma das seleções mais organizadas que o Brasil já teve em sua história e posso dizer que ela é superior até mesmo à duas campeãs. - Os maiores elogios do professor são para o trabalho realizado pelos preparadores físicos, que conseguiram dar aos jogadores uma condição jamais alcançada por qualquer equipe brasileira: - Hoje não existe mais diferença tão falada entre futebol brasileiro e o europeu, nesta Copa, e isso nós devemos a Chirol, Parreira e Coutinho. Podemos até não ser campeões do mundo, mas já somos da condição física. (JORNAL DO BRASIL, 10/061970, p.21)

Além disso, Ernesto faz uma comparação entre o time de 1970 e a equipe bicampeã do mundo, afirmando que o Brasil possui um espírito de equipe forte e o entendimento dos jogadores na parte tática, principalmente se dedicando à marcação. Na página 22, a matéria intitulada *Chirol diz que a saúde atual se deve a Guanajuato*, traz uma entrevista com o preparador físico da seleção, que enfatiza os 21 dias de treino de adaptação à altitude como diferencial da equipe<sup>30</sup>. Lembrou que a ideia partiu do professor Lamartine Pereira, ressaltando o trabalho científico: “Tudo o que realizamos foi estudado previamente. Um trabalho científico, nada empírico.” (JORNAL DO BRASIL, 10/06/1970, p.22). Chirol ainda elogia a força de vontade dos jogadores que acreditaram no projeto e se sacrificaram na preparação:

Por esse motivo, não concordo com os que afirmam que os jogadores brasileiros não gostam de fazer ginástica. É uma mentira. Tanto gostam que fizeram na Seleção. O importante é saber comandá-los, dirigi-los, mostrando a eles o que está certo e o que está errado, quais os benefícios e os inconvenientes. (JORNAL DO BRASIL, 10/06/1970, p.22)

Este trecho da reportagem *Yes, nós temos saúde*, do dia 11 de junho do Caderno B do *Jornal do Brasil* demonstra como o vigor físico da seleção era abordado nas narrativas: “Isso (vigor físico) está surpreendendo todo mundo, inclusive os próprios brasileiros, pois se dizia que, por questões de biotipo e dos hábitos nacionais de alimentação, nossos jogadores nunca poderiam sequer se aproximar dos europeus em matéria de estado atlético.” (JORNAL DO

<sup>30</sup> Após desembarcar no México no dia 2 de maio (quase um mês antes da estreia: 3 de junho), no dia 8 de maio a delegação foi para Guanajuato, cidade a 2.300 metros de altitude, terminar a preparação física para a Copa do Mundo.

BRASIL, 11/06/1970, p.24) A reportagem é completada com depoimentos de jogadores enfatizando como é bom jogar bem preparado.

Aqui é meritório indicar que as identidades são reconstruídas e moldadas ao contexto da época. Assim, como nossos jogadores, entre eles Pelé, tido como principal pelos meios de comunicação, demonstravam um vigor físico excepcional, é necessário redefinir a narrativa para que ela não fuja dos fatos visíveis e concretos ao receptor. A reportagem do dia 9 de junho *Gérson diz que o Brasil é o melhor de todos*, logo após a vitória brasileira sobre os ingleses por 1 a 0, entrevista Gerson, meio campo do Brasil, que não jogou por conta de uma lesão muscular. O “canhotinha de ouro”, alcunha dada pela narrativa midiática, afirma:

Disse que o futebol brasileiro continua sendo o melhor do mundo e que nenhuma seleção possui jogadores do gabarito de Jairzinho, Tostão ou Rivelino, sem contar com Pelé que está melhor do que nunca. – Falaram tanto n preparação física dos europeus – lembrou Gérson – que até agora não vi nada. Os times que mais correm neste campeonato são os sul-americanos e, principalmente, o nosso, que é o mais bem preparado deste Mundial.” (JORNAL DO BRASIL, 09/06/1970, p.25)

É importante indicar que a identidade não será redefinida completamente e sim reajustada de acordo com o novo modelo de atleta praticante do futebol-arte que é Pelé. Passado o contexto da época, a narrativa da ativação da memória daquele evento pode trazer esquecimentos e lembrar outros fatos, excluindo a característica física como um dos fatores do sucesso daquela seleção e enaltecendo novamente apenas a magia, a criatividade, o improviso e talento do jogador brasileiro. A coluna de Armando Nogueira, reverberando a entrevista do técnico Zagallo que enalteceu a ciência da comissão técnica, um dia após a conquista do Brasil prevê este acontecimento:

Arte e ciência. Essas declarações de Zagallo, leitor, são da maior importância pelo seguinte: o futebol brasileiro, que é o melhor do mundo, costuma equivocar-se no instante da glória. Daqui a pouco, haverá no Brasil uma corrente de opinião, creditando o sucesso do Mundial de 70 ao talento puro do jogador. E ninguém mais se preocupar com o preparo tático e muito menos com o preparo físico, achando que arte do craque vencerá sozinha a Copa do Mundo, em 74. Nada disso, nada disso. O título de 70 deve ser exaltado como a associação de valores artísticos e científicos. A técnica incomparável de Pelé e de Gérson só levou o futebol brasileiro a final do Asteca, domingo, porque um comando competente soube executar um programa de preparação física e de habilitação tática, a meu ver, tão precioso quanto o espírito de sacrifício dos jogadores. (JORNAL DO BRASIL, 23/06/1970, p.35)

A Copa do Mundo do México trouxe mudanças importantes. Foi a primeira a introduzir os cartões, como forma de coibir o jogo violento, tido como predominante na Copa de 1966. O presidente da comissão de arbitragem da FIFA e ex-árbitro, Ken Aston se inspirou

nos sinais de trânsito para criar os cartões. Vermelho seria expulsão imediata e o amarelo uma advertência. Importante destacar que neste sentido a FIFA queria reduzir o número de faltas, fazendo com que jogadores habilidosos não tivessem seu estilo de jogo ceifado por zagueiros truculentos. Tal pensamento nos indica que o futebol visto como ideal pela organização máxima do esporte era o sem violência, deixando o talento “triumfar”, próximo ao suposto estilo nacional.

Outra mudança foi permitir as substituições durante os jogos: duas. Era possível deixar cinco jogadores como possíveis substitutos. Os países africanos passaram a ter uma vaga certa, sem ter que disputar jogos contra equipes de outros continentes. Marrocos foi o melhor nas eliminatórias e integrou o grupo 4 com os alemães, búlgaros e peruanos. O Brasil ficou no grupo 3 com Tchecoslováquia, Inglaterra e Romênia. Os outros países que poderiam ficar em definitivo com a Jules Rimet: Itália e Uruguai ficaram no mesmo grupo 2 com Israel e Suécia. Como atuais campeões da Eurocopa, os italianos eram colocados na imprensa como favoritos. O Grupo 1 teve os donos da casa, URSS, Bélgica e El Salvador.

Contudo, a grande novidade desta Copa foi a tecnológica. O magnata das comunicações Emilio Ascarraga Milmo (na época com 39 anos), dono da Televisa, aproveitou os equipamentos adquiridos para a cobertura das Olimpíadas de 1968, também no México, e conseguiu fazer a primeira transmissão via satélite para todos os continentes de uma Copa do Mundo. Dois satélites enviavam o sinal: um transmitindo em preto e branco e outro a cores. 600 milhões de pessoas em mais de 50 países acompanharam a abertura da Copa entre URSS e México. Mais de 1200 jornalistas de mais de 100 países faziam a cobertura da Copa mais midiática até então. O interesse comercial fez com que as partidas fossem realizadas ao meio dia ou às quatro da tarde no horário local.

No Brasil a cobertura também ficaria marcada pela união de grandes vozes do rádio. Com apenas cinco linhas de transmissão disponíveis para o país foi preciso fazer um pool entre as emissoras que iam trazer as emoções da Copa. O Grupo 1 ficou com Rádio Tupi, Rádio Clube de Pernambuco e Guarani de Belo Horizonte. O grupo 2 com a Continental, JB e Guaíba do Rio Grande do Sul. No grupo 3, a Rádio Globo, Nacional e Gaúcha revezaram seus locutores e comentaristas. No quarto grupo, as paulistas: Rádio Nacional, Band e Jovem Pan. No quinto grupo a Rádio Mauá e a Itatiaia de Belo Horizonte. Waldir Amaral e Jorge Curi dividiram a locução radiofônica onde cada um narrava um tempo. As transmissões no rádio iniciavam meia hora antes e perduravam até meia hora depois da competição, enquanto a televisão iniciava 10 minutos antes e terminava 10 minutos depois. Interessante observar que

a unificação das transmissões e sua abrangência nacional, produziram um discurso único na narrativa radiofônica e televisiva.

A televisão se preparava para a transmissão como nunca havia feito. Com a instalação da estação via satélite de Itaboraí em 1969, os patrocinadores Esso, Gillete e Souza Cruz enxergaram o potencial da Copa do Mundo e pagaram o valor de 1 milhão de dólares (as três juntas) para patrocinar a transmissão televisiva. O Ministério das Comunicações negociou diretamente com a empresa de Azcarraga e inicialmente o patrocinador seria único: a Caixa Econômica Federal. Entretanto, com o interesse das empresas citadas acima a Caixa repassou os direitos às três. Destaca-se aqui a transformação do evento Copa do Mundo em um grande negócio. O satélite Intel Sat II recebia as imagens do México e distribuía para o Brasil. Belém, Manaus e Vitória foram as únicas capitais que não receberam o sinal, por problemas técnicos. O responsável pela narração foi Geraldo José de Almeida<sup>31</sup> e os comentários de João Saldanha.

Por todos estes fatores, sugerimos uma diferente percepção dos torcedores brasileiros a esta Copa do Mundo. Acompanhar pela primeira vez a competição ao vivo e a cores causou, inegavelmente, um impacto diferente dos outros torneios. No dia da estreia do Brasil, o *Jornal do Brasil* e *O Globo* destacam na sua capa a transmissão direta televisiva do jogo. Na página 17, do mesmo 3 de junho, o *Jornal do Brasil* traz a seguinte notícia:

durante a segunda quinzena de maio e, principalmente esta semana, aumentou muito no Rio a venda de aparelhos de televisão – em algumas lojas especializadas, a procura chegou a 50% acima da média normal do resto do ano – em vista das transmissão dos jogos da Copa do Mundo. (JORNAL DO BRASIL, 03/06/1970, p.17)

Sugerimos que a sincronia deste novo elemento tecnológico com a vitória indiscutível da seleção contribuiu para a mitificação desta seleção como a mais completa da história e definidora do que seria o “verdadeiro futebol nacional”.

Na questão identidade nacional, um dos pontos mais emblemáticos desta competição foi a música composta por Miguel Gustavo, vencedora de um concurso promovido pelas três patrocinadoras citadas acima. A canção foi interpretada, por alguns setores da sociedade, como um hino governista, e culparam o compositor de associação aos militares. Porém, era uma canção como outra qualquer feita para um time ou uma seleção: repleta de otimismo e palavras de ordem. Os versos se fundem com a paixão do brasileiro pelo futebol e serve, até hoje, como “prova” do uso seleção e do título pelo governo militar. “*Noventa milhões em*

---

<sup>31</sup> Credita-se a Geraldo José de Almeida o apelido de seleção canarinho. O nome veio logo após a mudança do uniforme da seleção de branco (usado na derrota em 1950) para o amarelo conhecido de hoje.

*ação/ Pra frente Brasil, do meu coração!/ Todos juntos vamos/ Pra frente Brasil, salve a seleção! / De repente é aquela corrente pra frente / Parece que todo o Brasil deu a mão/ Todos ligados na mesma emoção, /Tudo é um só coração /Todos juntos vamos, /Pra frente Brasil! Brasil! /Salve a seleção!”*

Tal associação foi muito impactada pelos pensamentos do futebol como ópio do povo e aparelho ideológico do Estado, sugerindo o esporte como um objeto de manipulação e alienação do governo e do sistema dominante. Por mais que estudos acadêmicos venham demonstrando um pensamento antagônico a este, é perfeitamente compreensível esta visão apocalíptica no contexto histórico e cultural da época. Porém, como já indicamos, o presente trabalho não acredita nesta hipótese. O que é possível afirmar é que após esta competição, a ideia do governo “usar” a seleção como propaganda também se consolida, principalmente nos discursos de cunho mais esquerdistas. Mesmo com o embate entre correntes sociais na busca para fazer prevalecer seu pensamento e desqualificar o de seu adversário, a canção se tornou um elemento de identificação com aquela seleção e até hoje é lembrada em campanhas publicitárias como forma de resgatar a memória da equipe que mais simboliza as características nacionais de praticar o futebol.

Feita uma breve apresentação do teor das narrativas encontradas nos jornais pesquisados, descreveremos agora a participação brasileira na Copa do Mundo, apresentando as narrativas encontradas nos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil* sobre estilo de jogo da seleção, dentro do *corpus* delimitado. Optamos pela ordem cronológica dos acontecimentos para que o entendimento das notícias se torne mais linear, aproximando-se da própria narrativa jornalística.

O jornal *O Globo*, trouxe em sua manchete, do dia 1 de junho, a preocupação da comissão técnica em descansar os jogadores, depois da intensa preparação física. A desconfiança em relação à equipe era evidente, inclusive apontando as crises pelas quais o grupo passou antes de chegar à Copa. Na página 3 do caderno de Esportes do *O Globo*, o repórter Ricardo Serran faz críticas à preparação da seleção:

Como não estamos aqui para aproveitar glórias alheias ou fazer do futebol pretexto para afirmações de patriotismo, devemos aceitar que gostaríamos de que a situação, pelo menos como indicam as evidências, fosse bem outra. No acúmulo de enganos cometidos, de omissões, de falta de conhecimento, não vamos para a estreia com as condições ideais, embora não se queira afirmar, sequer insinuar, que não temos chances contra os tchecos, como a seguir contra ingleses e romenos. [...] Voltamos à improvisação, vamos com o cheio de si mesmo de Zagalo, que não quis ver os tchecos, romenos ou ingleses, por conhecê-los bem, sabe-se lá de que filme terá visto, pois desde muito não vai à Europa. Vamos com os tapumes do Caribe de criação de Antônio Passo ou com os preparadores físicos treinando com entusiasmo

os arremessos de arco, enquanto descansam os artilheiros Pelé, Jairzinho, Rivelino e Tostão. Vamos muito à brasileira com a cara e com a coragem, que felizmente nunca nos faltou como povo, para derrubar os colossos da organização esportiva de uma Tchecoslováquia, de uma Inglaterra e ate mesmo da aparentemente discreta Romênia. (ESPORTES In: O GLOBO, 01/06/1970, p.3)

No dia 2 de junho, a coluna *À sombra das chuteiras imortais* de Nelson Rodrigues, critica a imprensa nacional ao colocar o futebol europeu “nas nuvens” em detrimento ao futebol nacional: “a idealização que aqui se fez do futebol europeu, foi umas das mais sinistras posturas do século XX” (O GLOBO, 02/06/1970, p.20) Defensor do talento nacional frente aos europeus, Nelson termina a coluna enfatizando o dom natural dos jogadores: “basta que o futebol brasileiro não trema. Temos muitíssimo mais futebol. Depende apenas de nossas condições psicológicas. Só isso, nada mais. Se o Brasil jogar setenta por cento do que sabe e do que pode, o caneco já é nosso.” (O GLOBO, 02/06/1970, p.20) Todavia, nas demais reportagens do periódico, encontramos um tom mais desconfiado, descartando o favoritismo da seleção brasileira na competição, o que nos sugere que as disputas entre narrativas ocorrem até mesmo dentro do jornal.

A reportagem do *Jornal do Brasil* sobre a estreia do Brasil, destaca o período de preparação e as dificuldades enfrentadas: “Brasil e Tchecoslováquia começam a jogar a Copa do Mundo com muito pouco em comum na sua preparação. Os brasileiros, depois de conseguirem facilmente a classificação, se prepararam durante 111 dias, passando por muitas crises até encontrar e armar sua equipe.” (JORNAL DO BRASIL, 03/06/1970, p.22) Uma matéria sobre o técnico da seleção na mesma página enfatiza que a tranquilidade para Zagalo armar a equipe só veio após a chegada ao México. Após descrever sua trajetória dentro da seleção, é dado destaque às ideias do treinador, que vão contra a mística de que o futebol brasileiro é sempre ofensivo: “Se tentarmos jogar avançados, perderemos na certa. O Brasil só venceu as Copas de 1958 e 1962 porque jogava fechado. Eu sou a maior prova disso.” (JORNAL DO BRASIL, 03/06/1970, p.22) Ao afirmar que era a maior prova disso, Zagalo se remete à revolução tática que ele iniciou ao recuar para o meio campo quando a seleção não tinha a posse de bola, em 1958. A equipe de 1970 foi incorporando esta ideia de empenho na marcação e a fama de “retranqueiro” de Zagallo começava a surgir. A reportagem fala do excessivo treinamento do técnico, preocupado com o sistema defensivo e na marcação sobre os adversários. Na coluna de Armando Nogueira, o jornalista concorda com Zagalo, afirmando que se o Brasil jogar ofensivamente como nas eliminatórias será goleado, e exalta a preparação intensiva para a Copa.

Nesses 120 dias de trabalho, divididos em dois períodos distintos (o primeiro ao nível do mar, o segundo na altitude), a seleção do Brasil sofreu uma autentica lavagem cerebral para chegar à dominante de hoje no futebol de competição: jogar intensamente sem deixar jogar o adversário. (JORNAL DO BRASIL, 03/06/1970, p.23)

Tal discurso vai contra o que o futebol-arte prega, porém, o jornal não o critica de forma demasiada, como se aguardasse para fazer comentários em caso de uma possível derrota, ou esquecer este lado defensivo, caso o Brasil vencesse, enfatizando outras qualidades da equipe, mais ligadas à ideia de futebol-arte, como mostraremos a seguir.

Por outro lado, Nelson Rodrigues mantém seu otimismo e afirma que não será imparcial durante a Copa: “em vez de imparcialidade, o que o Brasil espera de nós é amor. [...] Estamos em causa, o escrete está jogando com o nome do Brasil, as cores do Brasil e, ainda, o coração do Brasil” (O GLOBO, 03/06/1970, p.18). Aqui fica explícita a narrativa baseada na expressão “pátria de chuteiras”, criada pelo próprio Nelson Rodrigues.

O Brasil começou perdendo, com um gol de Petrás, aos 12 minutos de jogo. Aos 24, Rivelino empatou cobrando falta. Aos 42 minutos um lance inesperado e com intensidade (cf. GUMBRECHT, 2007) começa a edificar a imagem mítica de Pelé durante esta Copa. Ao observar o goleiro Viktor adiantado, Pelé chutou do meio campo com uma precisão quase cirúrgica. A bola não entrou, mas marcou sua carreira como o “gol que Pelé não fez”, corroborando os argumentos de Gumbrecht sobre as jogadas marcantes que ajudam a intensificar o fascínio do torcedor com um atleta.

No segundo tempo, a tão falada preparação física brasileira foi evidente. Com o forte calor os tchecos não aguentaram o forte ritmo imposto pela equipe de Zagallo. Aos 15 minutos, Pelé marcou seu primeiro gol na Copa, desempatando a partida. Aos 19 minutos Gerson<sup>32</sup> lançou Jair que deu um lençol no goleiro e fez o gol. No quarto gol, Jair driblou três adversários e marcou mais uma vez.

As narrativas encontradas nos dois jornais pesquisados no dia seguinte à vitória indicam que o evento atua diretamente no espaço urbano. A página 22 do *Jornal do Brasil*, por exemplo, é inteiramente dedicada a mostrar a exaltação da vitória e como a cidade muda sua rotina em função de uma partida de Copa do Mundo:

Um carnaval sem fantasia, onde a orquestra foi substituída pelos gritos de gol, rádios de pilha e buzinas de carros, tomou conta da cidade logo depois da goleada do Brasil. No centro da cidade e em Copacabana, a alegria durou até a madrugada de hoje. [...] A cidade, ontem à tarde, já era uma festa. Nervosa, mas era. As vitrines mais sofisticadas

<sup>32</sup> Após este lance, Gerson recebeu cartão amarelo e foi substituído, sendo o primeiro atleta da seleção a receber um cartão em Copas do Mundo.

das lojas comerciais ficaram desprezadas. Todos corriam para casa, atrás do ônibus cheio, do taxi, de uma carona. Os mais prevenidos trouxeram o rádio de pilha. Não se pode nunca confiar no trânsito do Rio, que já estava engarrafado. (JORNAL DO BRASIL, 04/06/2014, p.22)

Esta descrição de festa na cidade com as vitórias brasileiras será recorrente nos dois jornais pesquisados, no dia posterior a cada partida, constantemente se referindo a “um carnaval nas ruas”<sup>33</sup>.

Na página 24 do *Jornal do Brasil*, observamos o olhar do outro sobre a nossa estreia: “Londres viu com assombro vitória do time brasileiro”. A reportagem mostra a opinião dos jornalistas ingleses, próximo adversário do Brasil na competição:

técnicos e torcedores ingleses, que viram o jogo pela televisão, ficaram ontem profundamente impressionados com a vitória do Brasil sobre a Tchecoslováquia. – Perguntamo-nos o que estará pensando Alf Ramsey (técnico inglês e futuro adversário do Brasil) depois dessa partida – acentuou o comentarista da TV Independente. É uma equipe soberba, em plena forma física e perfeitamente adaptada às condições climatológicas, além de ser compostas por craques de primeira grandeza. (JORNAL DO BRASIL, 04/06/1970)

Após a primeira partida identificamos que a importância à preparação física do Brasil aparece de forma concatenada ao talento de nossos jogadores. O técnico Zagalo, por exemplo, aparece nas notícias da seguinte forma na página 23: “Jornalistas de toda parte receberam Zagalo com uma salva de palmas na sala de imprensa do Estádio Jalisco, 10 minutos após o jogo.” Trechos de sua coletiva foram usados na capa do jornal *O Globo*, incluindo a opinião do presidente sobre o jogo: “Foi uma vitória do futebol-arte, disse Zagalo, e o Presidente Médici, representando o sentimento de 90 milhões de brasileiros.” Ao falar da atuação de Gerson o jornal elogia de forma intensa o meio campo do Brasil: “Seus dois passes para os “goals” mais bonitos – o de Pelé e o primeiro de Jairzinho – foram consideradas obras primas.” Notamos que no jornal *O Globo* a narrativa da capa indicava um tom mais próximo da exaltação do futebol-arte do que o *Jornal do Brasil*. O JB trouxe a seguinte frase em sua capa: “oitenta mil pessoas aplaudiram de pé, ontem no Estádio El Jalisco, a estreia na Copa do Mundo da Seleção Brasileira que goleou a Tchecoslováquia por 4 a 1 e exibiu um futebol primoroso e leal.”

A coluna de Armando Nogueira mostra o encantamento do mundo com nossa estreia, cita como um dos grandes fatores de nosso sucesso a preparação física e finaliza afirmando

---

<sup>33</sup> Percebe-se que este recurso é acionado pelos meios de comunicação a cada Copa do Mundo, tratando-a como uma festa da nação. Para um estudo mais detalhado ver: *A Imprensa e a Copa do Mundo como festa da nação (2013)*.

que o diferencial de nossos atletas continua sendo o “talento artístico”, em contraponto ao estilo europeu:

– Wonderful game – diz ao meu lado o cronista Bengt Lans, da Suécia, aplaudindo de pé o primeiro tempo de Brasil-Tchecoslovaquia, um a um. Um jogo escasso de gols, sem dúvida, mas riquíssimo de criações maravilhosas, tanto dos tchecos, do clássico Adamec, quanto dos brasileiros, do admirável Pelé, cuja série de belas jogadas reviveu intensamente o melhor futebol brasileiro em todos os tempos. E tudo isso, minha gente, sem perder a objetividade, sem jamais descuidar a defesa, como conjunto. [...] Felizmente, a televisão ao vivo já nos permite dialogar, leior, e assim, posso te propor por meia dúzia de invenções de Pelé que Jalisco jamais terá visto: [...] um chute de cobertura, um primor de antevisão porque ele, só ele, tinha percebido que o goleiro Viktor seguia o jogo na marca do penalti. [...] Mas, leitor, a exibição do Brasil não foi só arte pura como possa parecer pela intensidade com que luziram alguns jogadores. Tudo aconteceu no campo por obra de um planejamento tático dos mais realistas que o futebol moderno pode conceber. [...] Quem viu, na véspera, a seleção Inglesa, derrotar a equipe da Romênia, e viu, ontem o Brasil arrasar a Tchecoslováquia, pode estabelecer comparações táticas entre os dois vencedores. Nada mais procedente do que a versão de que Brasil e Inglaterra derrotaram seus rivais, aplicando a mesma organização de jogo e, mais que isso, a mesma concepção. Se a vitória brasileira foi mais expressiva e, mesmo mais luminosa, é justamente porque o nosso jogador é animado de um talento artístico fora do comum. O estilo inglês é mais sóbrio, o brasileiro, mais requintado. Aqui está a diferença.” (JORNAL DO BRASIL, 4/06/1970, p.25)

Armando termina exaltando a atuação de Pelé de forma efusiva:

...Everaldo, por mim, ganha nota 10, dividindo com Rivelino e com Jair os louvores que não sobram do show de técnica, de raça e de clarividência que ofereceu a 600 milhões de telespectadores esse extraordinário jogador cujo nome nem é preciso declinar, porque ele é, com a graça de Deus, a própria eternidade do futebol. (JORNAL DO BRASIL, 4/06/1970, p.25)

Os comentários sobre a atuação de Pelé também aparecem de forma intensa em outras reportagens do jornal, lamentando que o seu chute do meio campo não tenha entrado. Entretanto, na página 25 as reportagens do *Jornal do Brasil* inclinam para uma análise tática e física de nossos jogadores como o motivo principal da goleada. Aqui percebemos uma adaptação do discurso de acordo com o jogador símbolo, como já abordamos anteriormente. Como Pelé tem, além do talento, a parte física exemplar a seu favor, a narrativa se redesenha, mas sem perder seu fio condutor. É notável nas análises as tensões entre enaltecer a parte tática da equipe e recuperar a identidade do futebol-arte baseado no improvisado e no dom natural.

Já no jornal *O Globo*, Rodrigues corrobora seus argumentos e exalta as qualidades de nossos jogadores:

Amigos, nenhum outro “scratch” no mundo podia oferecer o futebol que nossos jogadores ofereceram ontem. Não se esqueçam que, aqui, vários cronistas fizeram verdadeiro terrorismo com o quadro da Tchecoslováquia. O nosso adversário era fabulosíssimo, ao passo que o nosso pobre jogo antigo, obsoleto, como a primeira sombrinha de Sarah Bernhardt. Promoveram os tchecos como se fossem os fantasmas da “Copa”. E o que vimos nós? Um desenho, uma pintura, um tapete bordado. Ganhamos de 4 x 1, e sem sorte nenhuma. [...] Amigos, vocês viram na TV, ouviram no rádio: o Brasil deu um banho de bola num dos mais formidáveis concorrentes da “Copa”. Não há nada melhor no futebol europeu do que o “scratch” que, ontem, dobrou os joelhos diante do gênio dos nossos craques. (O GLOBO, 04/06/1970, p.18)

A coluna de Nelson ainda crítica o pessimismo da própria imprensa:

Vejam como são as coisas. Os nossos jornais de ontem, em sua maioria, não demonstravam o menor otimismo; limitaram-se a vender depressão aos seus leitores. Apresentaram as fotografias de 58 ou de 62? Não. Estavam muito mais interessados em lembrar; pela imagem, 54 e 50. Vários estamparam a nossa entrada em campo, contra a Hungria, na Suíça. Tomados de horror, vimos o time nacional de cabeça baixa, o time nacional batido antes da luta. E a resposta foi maravilhosa exibição do “scratch”. [...] Um jogo prodigiosamente articulado, sim, harmonioso, plástico, belo. Era uma música, meu Deus. (O GLOBO, 04/06/1970, p.18)

O autor reconhece a preparação física do Brasil de forma peculiar: “Sempre disse que seus jogadores têm uma saúde de vaca premiada. Já começo a achar que até nisso levamos vantagem, que a saúde de vaca premiada temos nós.” Depois de exaltar as festas nas ruas, Nelson começa a emoldurar a imagem mítica daquela seleção: “No México, fizemos jogadas que foram, para o futebol mundial, momentos de eternidade. [...] E o “goal” de Pelé? Gérson enfiou aquela espantosa bola comprida. O sublime crioulo a matou no peito e fez uma obra-prima de “goal”.” Aqui notamos as hipérboles jornalísticas, constantemente usadas por Nelson Rodrigues, as quais acreditamos que contribuam na construção do status de “incomparável” creditado à seleção de 1970.

Nas outras páginas, o jornal trouxe uma reportagem com o técnico campeão em 1958, Vicente Feola, exaltando a parte tática da equipe. Já na coluna de João Saldanha, o ex-treinador da seleção indica erros defensivos na equipe, ainda assim elogia a atuação da equipe, porém de forma bem comedida. “Muito boa nossa atuação, mas diria também que foi muito consentida” (O GLOBO, 04/06/1970, p.21). Na página 24, o título da reportagem principal sobre a partida estampa: “Sensacional exibição do Brasil” (O GLOBO, 04/06/1970, p.24)

No dia 5 de junho, o *Jornal do Brasil* traz diferentes enfoques sobre a repercussão do jogo do estreia. Na página 22, uma entrevista com Jair, exalta o lado coletivo da equipe. Na mesma página, o olhar dos mexicanos sobre nossa estreia demonstra como a equipe se tornava um objeto de adoração dos anfitriões.

A imprensa mexicana continua a gastar adjetivos na exaltação da vitória brasileira. [...] Em particular, os jornais de Guadalajara – cidade-sede da Chave III – se mostram mais calorosos e ainda impressionados com todo o espetáculo que foi a estreia da Seleção Brasileira na IX Copa do Mundo. Jacinto Carrilo, cronista do El Diálogo, observa que depois do jogo Brasil x Tchecoslováquia a maioria de torcedores e jornalistas tinha esta opinião: “Foi o melhor que vi em minha vida. Ver o Brasil e Pelé, e depois morrer.” (JORNAL DO BRASIL, 05/06/1970, p.22)

Em outros depoimentos de jornalistas mexicanos a seleção era elogiada, porém alguns cronistas indicavam a fragilidade de nossa defesa. Já em outra reportagem, na mesma página, destacando os comentários ingleses sobre a seleção, permanece o elogio ao nosso ataque e a crítica à defesa. “o futebol de Pelé é feito de poesia – dizia John Greig (técnico do Rangers da Escócia) – mas Alf Ramsey vai sem dúvida tomar providências para reduzi-lo às rimas mais simples.” Já o repórter Reginald Drury, do *News of The World* afirma: “é muito simples esta história que Mullery vai marcar Pelé e que não vamos dar aos brasileiros espaço para jogar. Porém, quando entra em consideração um fator chamado talento, até onde uma marcação severa poderá detê-lo?”

Na página 24, em uma reportagem intitulada *Londres não poupa elogios ao Brasil*, o *Jornal do Brasil* descreve, mais uma vez, o entusiasmo que a estreia do Brasil causou em outros países. As reportagens do *Daily Express*, *Daily Mirror* e *Guardian* descrevem a vitória como espetacular e elogiam Pelé, porém o *Mirror* destaca que a partida não corresponde ao que é o futebol moderno. O *Times*, definiu a atuação de Pelé como “uma dimensão diferente do futebol...um tipo diferente de mágica.” Ao falar do time brasileiro, o *Times* descreve: “é habilidade pura. Mas, certamente para os brasileiros, a defesa não interessa. Isso para eles é um retrocesso.” Interessante observar que mesmo com Zagallo dando um enfoque maior à defesa, a visão dos outros sobre o nosso futebol é extremamente baseada em um estilo atacante e habilidoso, mesmo que não se queira atuar desta forma, como vimos nas declarações de Zagallo.

Na mesma reportagem uma afirmação que enriquece nossa pesquisa. Após ressaltar as falhas na defesa brasileira o *Sun* justifica a causa desta incapacidade: “O que ocorre é que todos os grandes atletas negros da defesa adoram também as proezas do malabarismo com a bola, mas com a grave particularidade de que o fazem na zona perigosa.” (JORNAL DO BRASIL, 05/06/1970, p.24) Nota-se uma clara recuperação do futebol de 1938, malabarista, realizada por negros e que ajudou a definir nosso estilo de jogo.

A mesma reportagem continua com as impressões dos espanhóis, italianos, franceses e austríacos sobre nossa seleção. Em todas elas elogios exacerbados sobre a atuação do time e de Pelé. Billy Wright, veterano jogador inglês, diz que “parece difícil acreditar, mas esta

equipe brasileira é tão boa quanto as de 58 e 62 e até talvez um pouco melhor”. Interessante notar que estávamos apenas no primeiro jogo e a afirmação de Wright vai acabar se concretizando após a competição. Na coluna de Armando Nogueira, o jornalista destaca que a imprensa mundial estava decepcionada com o nível dos jogos apresentados até aquele momento, inclusive durante a abertura entre México e URSS. Ele enaltece que Pelé “restabeleceu o prestígio mundial do futebol, levando a equipe do Brasil a realizar uma partida muito bonita” (JORNAL DO BRASIL, 05/06/1970, p.23) e aponta que os próximos adversários não vão deixar o Brasil jogar e atacar nossa equipe como fizeram os tchecos.

Didi, bicampeão em 1958 e 1962, que na Copa treinava a seleção do Peru, foi ouvido e afirmou que o Brasil venceria a Inglaterra:

Para Didi não há dúvida de que a Seleção Brasileira está bem preparada fisicamente e quando visitou a delegação há cerca de duas semanas ficou bem impressionado com a disposição dos jogadores que foram unânimes em lhe afirmar que o ponto alto do time era o preparo físico. (JORNAL DO BRASIL, 05/06/1970, p.21)

Para Didi o calor será o maior adversário dos europeus. Ao falar dos gols do Brasil contra a Tchecoslováquia, ele recupera mito: “Sem dúvida, com exceção do gol de falta do Rivelino, os outros levaram a marca inconfundível de jogador brasileiro, sempre muito habilidoso.” (JORNAL DO BRASIL, 05/06/1970, p.21). Outro trecho do jornal que busca nas representações do futebol-arte o motivo para nosso sucesso foi a reportagem de capa do *Caderno B* do *Jornal do Brasil*, intitulada: *Brasil, Futebol e arte numa grande vitória*:

Não adiantaram as preces do húngaro Petras ao marcar seu gol aos 11 minutos de jogo contra o Brasil: o talento, a magia, o virtuosismo e a garra de Pelé e seus companheiros parecem ser mais fortes do que as invocações místicas. Não adiantou a persignação do tcheco, mesmo porque – todos dizem – Deus é brasileiro. Ao aliar a sincronização de um ballet europeu à improvisação quase mágica de seus atacantes, a seleção Brasileira impôs um padrão de jogo que tonteou os europeus e deixou-os até agora sem justificativas lógicas para a goleada de 4 a 1. [...] Caso ainda jogue em outra Copa do Mundo, o tcheco Petras deverá estar pensando em nova fórmula de vencer os brasileiros. Rezar só não dá. (JORNAL DO BRASIL, 05/06/1970, caderno B, p.1)

O tom é que o talento brasileiro supera qualquer adversário. Ao longo da pesquisa foi claro o enfoque mais baseado nos mitos fundacionais de nosso futebol nas reportagens do *Caderno B* do *Jornal do Brasil*, em contraponto a reportagens mais diversificadas sobre o estilo de jogo no Caderno de Esportes, que foi marcado por alternâncias, às vezes na mesma página, sobre a tática e a preparação física *versus* o talento e a habilidade.

A capa do O Globo traz a manchete: “Vamos parar esses brasileiros geniais” (O GLOBO, 05/06/1970, p.1) a frase foi do técnico inglês Ramsey, futuro adversário do Brasil. Já na página 22, Zagalo indicava a preocupação com o clima de euforia, o que foi reproduzido no discurso dos jogadores, também ouvidos em reportagem na página 18. Na página 22, a notícia do Brasil ser a equipe melhor preparada fisicamente, segundo a Organização de Saúde, foi a única que exaltou a preparação física da seleção, ainda de forma tímida. A opinião dos cronistas internacionais foi destaque na página 18, em reportagem que trazia as principais manchetes no mundo esportivo sobre a estreia do Brasil. Todas exaltando a atuação brasileira, com foco maior em Pelé.

No dia 6, os jornais mundiais ainda comentavam a vitória brasileira, porém destacavam que nosso ponto fraco era defesa como na matéria *Peritos elogiam ataque mas criticam a defesa* da página 21. Na mesma página, em *Jornais europeus ainda falam na vitória do Brasil*, o Jornal do Brasil permanece enaltecendo as notícias sobre nossa seleção. “Os jornais europeus voltaram a destacar ontem a vitória dos brasileiros sobre os tchecos, dizendo que todos se devem preparar para uma série de dificuldades, porque os sul-americanos “recuperaram as qualidades que tinham perdido em Liverpool, em 1966.” A matéria exemplificando como os jornais elogiaram a atuação da seleção e de Pelé. Nota-se que até na visão dos outros, o “nosso estilo inconfundível” de atuar que havia sido perdido na Copa de 1966, volta em 1970. Aqui é importante lembrar do pensamento de que o futebol-arte é algo familiar ao brasileiro e é a visão que o mundo tem de nosso futebol, assim, ao não praticarmos, não somos reconhecidos. Destaque para as notícias vindas de Madrid, que reforçam as distinções de estilo entre europeus e sul-americanos:

os torcedores espanhóis mudaram de atitude em relação ao futebol. Após o jogo México e URSS, muitos críticos e torcedores julgavam que o futebol de competição caminhava para fórmulas defensivas rígidas e conservadoras. Diante da exibição dos brasileiros da habilidade e a garra dos peruanos, em Madri se diz que “a América supera a Europa (JORNAL DO BRASIL, 06/06/1970, p.21)

Na página 22, depois de tanto ser criticada, a defesa brasileira aparece como tema principal. A reportagem indica como Zagalo a preparava para enfrentar os ingleses. Nota-se ainda uma preocupação com o que, segundo a voz dos outros, era nosso ponto fraco. Na página 24, a divulgação de um estudo sobre a preparação dos atletas (o mesmo divulgado no *O Globo*) das 16 seleções para a competição, realizado pelo Instituto de Fisiologia Humana de Milão, indicou o Brasil como a equipe melhor preparada para a Copa e o que melhor se

adaptaram aos problemas de altitude. Tal narrativa em breve será incorporada aos jornais de forma mais clara.

O segundo jogo, contra os ingleses, colocava em disputa os dois últimos campeões do Mundo e foi abordada pela narrativa jornalística como uma final antecipada da competição. “O Mundo inteiro verá hoje no campo do Jalisco um duelo muito especial; uma luta em que contra a força física se oporá a habilidade e astúcia: é a guerra entre o ataque do Brasil e a defesa da Inglaterra.” (JORNAL DO BRASIL, 07/06/1970, p.40) A matéria destaca como os jogadores brasileiros elaboraram táticas para tentar superar a defesa inglesa, distanciando de nossa “vocaçãõ” para o imprevisto das jogadas.

Na página 44 mais enfoque no duelo entre duas escolas de futebol. A matéria: *Brasil tem de vencer para facilitar classificação*, ressalta “...no estádio Jalisco estarão frente a frente os maiores representantes de duas escolas de futebol: o Brasil, exemplo do futebol elegante, clássico e agora também positivo, e a Inglaterra, símbolo do futebol prático, vigoroso e agora também técnico”

Na coluna Armando Nogueira, o jornalista destaca a cautela ofensiva de Zagalo e o enfoque na defesa, afirmando que o duelo entre ataque e defesa é esperado por todos, mas não é o objetivo do treinador brasileiro. Cautela também de evitar o favoritismo após a atuação elogiada do primeiro jogo.

Na página 45, uma ação recorrente do jornalismo esportivo: buscar a memória do confronto entre as duas seleções. O título *Eles são nossos “fregueses” há 11 anos*, demonstra a intenção do jornal em reativar a memória de que o resultado mais provável é a vitória brasileira. Aqui existe um grande antagonismo, já que, como demonstramos nas argumentações de Gumbrecht, um dos grandes fascínios do esporte é o fator imprevisibilidade. Seria, assim, inútil sugerir por números de duelos anteriores que o Brasil seria favorito, entretanto até mesmo ao elencar uma equipe com maior chance de vitória, tem-se no imprevisto de acontecer uma “zebra”, o fascínio do torcedor em acompanhar o jogo com intensidade, pois pode observar um momento único, onde o favorito perde para um azarão. Não é o caso de Brasil e Inglaterra, todavia, a situação serve para exemplificarmos como esse resgate da memória através de números ativa a paixão e a empolgação do torcedor<sup>34</sup>.

No dia 7 de junho, estima-se que 1 bilhão de pessoas assistiram a partida Brasil e Inglaterra. Ao Meio dia, horário local, o jogo começou e no primeiro ataque da seleção brasileira, mais um lance que ajuda a construir a narrativa exacerbada sobre Pelé. Jair cruzou

---

<sup>34</sup> Ressaltamos que o uso de estatísticas, principalmente para confrontar atletas do passado e do presente, é uma prática comum na imprensa norte-americana.

e o camisa dez da seleção cabeceou para a defesa do goleiro inglês Gordon Banks. O lance foi considerado pela FIFA, a “maior defesa de todos os tempos”. As hipérboles jornalísticas que povoam este lance são sempre renovadas a cada vez que assistimos a sua reprise através das imagens. Os vários ângulos nos dão diferentes visões da defesa, que através do replay alimentam o status de genialidade do lance.

Após esta partida, o discurso da preparação física e organização tática ganha mais força. A matéria do dia 9 de junho de José Inácio Werneck, do *Jornal do Brasil*, indica este rumo na narrativa da Copa de 1970:

Uma organização tática perfeita e, mais do que isso, a absoluta seriedade com que foi cumprida, levaram o Brasil a uma merecida vitória sobre a Inglaterra. Dizer que esta foi a melhor partida do Mundial até agora é pouco. Foi um dos mais perfeitos jogos já disputados, um jogo cuja intensidade dramática reduziu ao silêncio atento uma multidão pouco antes inquieta e barulhenta. (JORNAL DO BRASIL, 09/06/1970, p.25)

O teor da reportagem nos remete à intensidade proposta por Gumbrecht. A matéria ainda relata que a grande virtude do Brasil foi a paciência e a aplicação tática dos jogadores ao esquema proposto por Zagalo, e traz a seguinte frase que serve para definir o início da exaltação da preparação e tática daquela seleção: “O Brasil trocou o improviso pela ciência”.

Armando Nogueira elogia a forma com que Zagalo armou a equipe, com equilíbrio e taticamente impecável, numa partida que foi um “jogo de xadrez”. Nogueira afirma que a perfeição tática só foi possível por conta da preparação física dos jogadores, e cita o jornalista italiano Ezio di Cesare, do *Corriere Dello Sport* para corroborar suas afirmações: “Esta é a seleção estruturalmente mais bem montada que o Brasil já apresentou, desde 1958, quando o vi conquistar o Mundial da Suécia.” (JORNAL DO BRASIL, 09/06/1970, p.27) Nota-se que comparar a equipe com a de 1958, soava como a maior prova de que o futebol apresentado era reconhecidamente de excelência. A aura mítica da seleção de 1958 ainda era maior do que a de 1970, sendo até uma “heresia” para alguns jornalistas fazer tal comparação.

De outro lado, os jornais mundiais destacavam a atuação de nossa defesa, tão criticada dias antes. Segundo o jornal inglês *Guardian*, os atacantes ingleses tiveram dificuldades por conta da atuação da defesa brasileira: “eles souberam impedir que os ingleses encontrassem o caminho do gol, contrariamente ao que se podia esperar, depois do jogo Brasil x Tchecoslováquia.” (JORNAL DO BRASIL, 09/06/1970, p.25)

O último jogo do Brasil na primeira fase, contra a Romênia, não supriu as expectativas causadas após as duas primeiras exhibições da seleção. A “culpa” foi destinada à violência dos

adversários e às falhas individuais de nossos atletas. Armando Nogueira descreve desta forma a atuação do Brasil:

A seleção do Brasil viveu, ontem, o seu primeiro grande teste de nervos, suportando 90 minutos de violência contra uma equipe despreparada para o jogo essencialmente técnico do Mundial de 70, que é a Romênia, com seus Mocanu e Dinu, jogadores que não aceitam a superioridade do rival sem atingi-lo brutalmente (JORNAL DO BRASIL, 11/06/1970, p. 22).

Nogueira considera o próximo adversário do Brasil na Copa, o Peru, “mais próximo do estilo brasileiro”. Dessa forma, ainda segundo Nogueira, à medida que o time peruano sai para o ataque, deixa espaços para o jogador brasileiro demonstrar seu talento. Já as outras reportagens do mesmo jornal, nas páginas 22 e 24, culpam de forma veemente o zagueiro Fontana pela atuação brasileira. Com o título *Mediocridade de Fontana deixou todo o time nervoso*, a reportagem destaca que: “Todo o time brasileiro sofreu ontem, no jogo com os romenos, muito mais com a presença de Fontana do que propriamente com a ausência de homens da qualidade de Gerson e Rivelino.” (JORNAL DO BRASIL, 11/06,1970, p.22). Na página 24, o jornal destaca os erros do Brasil e demonstra uma redução na confiança nos próximos jogos, principalmente pelos aspectos defensivos: “a vitória que pintava brilhante, mas que acabou insossa, por 3 a 2 [...] Ontem, elas tiveram contra si um novo e poderoso motivo: a atuação desastrosa, ridícula e enervante de Fontana.”. A matéria finaliza com uma negação do jogo individual:

A magia do início do primeiro tempo o Brasil nunca mais conseguiu repetir. O time perdeu a dosagem, perdeu o ritmo, a conta da bola, parece que a própria vontade de jogar de primeira. É sintomático, aliás, que quando uma equipe não está bem seus homens procuram as jogadas individuais, numa tentativa de resolver sozinhos o que coletivamente não está dando certo. A impressão que ficou foi que as tolices da defesa, principalmente por parte de Fontana, contagiaram toda a equipe. (JORNAL DO BRASIL, 11/06/1970, p.24)

Nota-se que, apesar da vitória, por não apresentar o mesmo futebol das duas partidas, culpou-se um jogador por toda a má atuação da equipe, além do juiz, por deixar os adversários supostamente abusarem da violência.

Classificado para a segunda fase a narrativa enaltece a preparação física como diferencial de nossa equipe. No dia 14 de junho, a matéria *Classificação foi prêmio de quem trabalhou com seriedade*, assinada por Dácio de Almeida, fala de características contrárias ao futebol-arte como a preparação e modernidade.

A classificação da Seleção Brasileira para disputar as quartas de final não causou surpresa, principalmente àqueles que acompanharam toda a fase de preparação em Guanajuato. O estado de espírito dos jogadores, o entusiasmo e a força de vontade, aliados ao excelente preparo físico do time, refletiram em campo desde o primeiro jogo contra a Tchecoslováquia (JORNAL DO BRASIL, 14/06/1970, p.39).

O Brasil venceu o Peru por 4 a 2. Nas semifinais, uma reedição do jogo que estremeceu a nossa construção da identidade baseada na miscigenação: Brasil e Uruguai. Vinte anos após, os jornais destacaram e recuperaram a final no Maracanã em suas narrativas sobre o jogo, além do tradicional retrospecto dos confrontos entre as equipes. Mais uma vez é importante identificar como os jornais buscam no passado, elementos para estabelecer o discurso no presente.

Em relação a estilos de jogo, o destaque foi para a garra e catimba uruguaia, que segundo os jornais seria nosso maior desafio. Este suposto estilo da seleção do Uruguai, que já abordamos anteriormente, é usado como um traço de sua identidade que pode, novamente, superar a identidade brasileira de se praticar o futebol. Armando Nogueira pensa desta forma:

A equipe do Uruguai não é técnica, nem tática, nem fisicamente de assustar ninguém, mas leva uma vantagem de ordem psicológica que os soviéticos não teriam contra o Brasil: eles, os uruguaiois, tem uma respeitável tradição de luta igual com os brasileiros e argentinos. No plano sul-americano, os uruguaiois orgulham-se de algumas vitórias contra os brasileiros. Além do mais, dominam como poucos as regras da catimba contra a qual nem sempre os times do Brasil estão vacinados (JORNAL DO BRASIL, 16/06/1970, p.26).

É importante ressaltar que em nenhum momento Nogueira cita o Maracanazzo. Sugerimos aqui, uma intenção do colunista de não se remeter a uma memória negativa ao brasileiro. Ao descrever a catimba uruguaia, ele tenta estabelecer que através desta identidade os nossos vizinhos poderiam vencer nosso talento. Para combater um clichê é usado outro clichê: somente a garra do Uruguai vencerá o talento brasileiro. Ou o seguinte pensamento: nossa equipe é tão boa, que apenas fatores extracampo, como catimba e a memória do Maracanazzo, podem nos derrotar. A declaração de Pedro Rocha, jogador do Uruguai, sobre as chances de vitória e um possível crescimento de produção da equipe em jogos decisivos, reforça as identidades uruguaiois construídas com base no futebol: “Acho que é a camisa que faz isso, pois há determinados jogadores que produzem pouco nos clubes, mas quando vestem a celeste se transformam e jogam muito” (JORNAL DO BRASIL, 17/06/1970, p.22).

Outro detalhe importante no contexto é que os jornais brasileiros falam constantemente de uma guerra de nervos dos uruguaiois para desestabilizar a seleção do Brasil. Entretanto, não fizeram críticas à mudança de local da partida, inicialmente marcada

para a Cidade do México. Em uma reunião da FIFA, ficou decidido que o Uruguai teria que ir até Guadalajara, local onde o Brasil já estava ambientado. A própria entidade reconheceu por nota que prejudicou o Uruguai: “mas agimos assim em benefício da maioria, pois os quatro semifinalistas teriam de se locomover. Para não se prejudicar quatro, prejudicou-se apenas um time.” (JORNAL DO BRASIL, 16/06/1970, p.1)

Na semifinal, a equipe brasileira venceu por 3 a 1 a seleção uruguaia e se classificou para a decisão. Enquanto a parte destinada às notícias esportivas exaltou nossa paciência em aguentar a violência uruguaia, o Caderno B destacou o confronto contra a Itália:

Eis aí, de novo, o confronto dos dois estilos de futebol: A América Latina com sua alegre liberdade, a Europa com a rigidez eficiente de seus esquemas. Por enquanto os dois estão empatados: nós, deste lado do mundo, ganhamos quatro Copas; eles, os frios calculadores, também ganharam quatro. Desta vez, quem vencerá? A progressão da História não dá margem para previsões. (JORNAL DO BRASIL, 18/06/1970, Caderno B, p.1)

No mesmo Caderno B, mais uma reportagem indicando a distinção de “escolas de futebol”. Em *Quatro décadas de uma Guerra eterna*, o jornal destaca a beleza do futebol sul-americano, mas já inclui outra característica demonstrada pela seleção de 1970:

Posto em comparação com os europeus, o estilo sul-americano é muito mais bonito de se ver. Suas características, essenciais são a liberdade de jogo, a franqueza ofensiva (com algumas exceções) e a grande classe individual dos jogadores. Atualmente não está havendo mais, em relação aos europeus, aquelas desvantagens de que tanto se falava antes desta Copa do Mundo: as de que não tínhamos solidariedade, não sabíamos atacar e defender em bloco e, principalmente, nosso preparo físico nunca poderia se igualar ao deles. (JORNAL DO BRASIL, 18/06/1970, Caderno B, p.1)

A narrativa da reportagem é que os europeus eram inferiores ao Brasil e conseguimos neutralizar o futebol-força. Destaque para a mudança de foco da narrativa. Como agora nossos adversários são os europeus, os uruguaios acabaram entrando no clichê sul-americano, sendo que dias antes eram considerados detentores de um futebol de catimba, diferente do nosso. O discurso se altera de acordo com as circunstâncias e contextos do momento. Ainda no Caderno B, a matéria *A rigidez eficiente* indica que apenas o futebol-força pode vencer o brasileiro:

Para Garrincha, todo beque tinha um apelido: João. Para o jogador brasileiro em geral, todo estrangeiro tem nome, tanto faz que seja uruguaio, haitiano ou inglês: *Gringo*. E *gringo*, na linguagem nunca muito crédula desses homens que raramente reconhecem a classe verdadeira em quem não seja brasileiro, quer dizer, invariavelmente, um sujeito pesadão, de cadeiras dura, que leva um drible, não consegue se virar, cai

sentado. Ultimamente (em especial após aquele desastre de 66, quando os *gringos* nos mostraram que afinal não tem as cadeiras tão duras assim) esses conceitos tem sofrido mudanças. Nossos jogadores não acreditam mais que os europeus sejam ruins; sabem que certos casos de aparente falta de habilidade representam apenas o modo diferente de jogar. O que hoje se chama de *escola europeia* é um futebol que funciona dentro de esquemas rígidos, procurando substituir a beleza pela eficiência. Depois das conquistas brasileiras em 58 e 62 os europeus chegaram a conclusão de que, jogador por jogador, nunca teriam condições para enfrentar-nos. Raciocinando na base de que levavam sobre nos a vantagem da saúde, inventaram então o futebol-força, baseado essencialmente no preparo físico, que permitiria uma esquematização de jogo que cobriria o campo inteiro com ataques e defesas maciços. (JORNAL DO BRASIL, 18/06/1970, Caderno B, p.1)

Dia 21 de junho, Brasil e Itália decidiram a posse definitiva da taça Jules Rimet, e como mostramos nas páginas anteriores, travavam um duelo sobre estilos de jogo. Na página 29 do Jornal do Brasil a reportagem: *Decisão, lembrança agradável dos campeões de 58 e 62*, recupera a memória das conquistas anteriores e enfatiza que a taça Jules Rimet, simbolizaria a consolidação de nosso futebol como hegemônico, reafirmando um discurso e uma representação.

No Rio de Janeiro, uma pesquisa que entrevistou 300 pessoas na véspera da decisão, coloca que 100% dos cariocas acreditavam na vitória do Brasil. (JORNAL DO BRASIL, 21/06/1970, p.30), Zagalo foi considerado ótimo por 62 por cento dos entrevistados. Aqui é importante notar que as narrativas enfatizando nossa preparação e a parte tática eficiente da equipe pode ter ajudado neste resultado. Na página 34, a reportagem *Brasil é o favorito dos jornalistas estrangeiros* mostra que o desejo dos jornalistas mundiais em ver o Brasil campeão, já indicava o status de mitológica que aquela seleção iria alcançar: “Como diz Brian Gianville, do *The Sunday Times*, “a vitória do Brasil será a melhor coisa que pode suceder ao futebol mundial, pois teremos pelo menos durante quatro anos a volta do estilo ofensivo e brilhante<sup>35</sup>.” (JORNAL DO BRASIL, 21/06/1970, p.34) Hugh Melivanney do *The Observer*, de Londres, afirma: “A vitória do Brasil é a melhor coisa que acontecerá nesta Copa.” Brian Gianville completa: “Sou insuspeito para falar, pois morei na Itália, gosto do país e sou até hoje correspondente dos jornais de lá. Creio, porém, que o futebol no mundo não merece uma derrota do Brasil. Ela terá que vir porque ele foi o melhor time da Copa e trará de volta o futebol-técnica. A Itália é perigosa e bem organizada, mas joga defensivamente demais, na minha opinião.” Já o técnico da seleção da FIFA, Dettmar Crammer considera a nossa seleção a melhor do Mundial:

---

<sup>35</sup> Interessante notar que os jornalistas constroem uma narrativa de que a seleção campeã do Mundo vai “ditar” o estilo que todas as equipes de futebol deverão buscar no período entre Copas, até que outra seleção vença reafirmando ou alterando a “tendência”.

Bem, é fácil de se ver que o Brasil estava mesmo determinado a ganhar, pois os países europeus não puderam fazer a mesma coisa (quatro meses de preparação), porque tiveram uma temporada muito longa, com um grande número de jogos adiados durante o inverno, sobrando pouco tempo para treinar. Não quero justificar a derrota dos europeus. Nenhum time se mostrou tão bem equipado para ganhar esta Copa quanto o Brasil. Eles tiveram os melhores jogadores, tiveram a melhor tática e, para surpresa geral, tiveram o melhor preparo físico.[...] Tudo daqui para diante dependerá mais da tática. Gostei da tática brasileira e espero que ela seja vitoriosa, para que as outras equipes obedeçam doravante a este padrão (JORNAL DO BRASIL, 21/06/1970, p.34).

A polaridade entre preparação física e organização versus talento e habilidade, começam a demonstrar que inevitavelmente teriam que andar juntas na narrativa da Copa de 1970. Na matéria de Dácio de Almeida, com o título: *A certeza do título está na seriedade do trabalho* destaca a preparação de nossa equipe, o trabalho científico dos preparadores físicos:

Sem medo de errar, nenhuma Seleção Brasileira teve tal condição física em toda sua história. [...] Nas partidas pela Copa, foi graças à condição física que vencemos pelo menos dois adversários: os ingleses e os uruguaios – ou mais difíceis. O Brasil entra em campo hoje certo de que cumpriu seu dever para chegar a esta posição: confiante e humilde, sério e aplicado, disciplinador e agressivo, impondo seu jogo e sua técnica. (JORNAL DO BRASIL, 21/06/1970, p.34)

Já Armando Nogueira se posiciona no meio termo entre as duas polaridades exaltando a união das duas características e rememorando as antigas finais:

Foi a mais brilhante exibição de um finalista do Mundial: Brasil 5 x 2 Suécia. O futebol de fantasia inscrevia seu nome no pedestal da taça de ouro; Brasil. [...] O futebol de todas as virtudes estava consagrado no derradeiro triunfo mundial de Nilton Santos, nome completo de um bicampeonato. [...] Cidade do México, 21 de junho de 1970: Meio-dia no Estádio Asteca. Aos pés de Pelé, a bola da final, cujo destino os deuses do futebol hão de tecer com os fios de todas as virtudes: a arte de Gérson, a humildade de Zagalo, a bravura de Jairzinho, a técnica de Rivelino e a determinação de vitória de Pelé, jogador-símbolo de uma equipe que realizou, no Mundial de 70, todo o ideal do futebol: arte, técnica, humildade, bravura e determinação de vitória.” (JORNAL DO BRASIL, 21/06/1970, p.35)

Ressaltamos que a ideia de recuperar a memória de eventos anteriores que tem importância na elaboração do discurso são decisivos na análise do que a narrativa pretende. É exatamente o que Nogueira faz. No dia da decisão *O Globo* não circulou, dessa forma, investigamos a edição do dia 20 de junho e logo na coluna de João Saldanha, na página 15, encontramos importantes elementos na distinção entre “escolas” de futebol. “Neste jogo está difícil fazer-se prognósticos. São duas escolas totalmente diferentes. O Brasil marca por “zona” e a Itália, homem a homem, e um “líbero”. O ex-treinador da seleção não aponta favorito: “É lógico que pelo lado do coração apontaria o Brasil como vencedor, mas ao se

fazer comentários o coração deve ser deixado de lado. Sinceramente não me sinto em condições de apontar um favorito nesse jogo decisivo da “Jules Rimet”. (O GLOBO, 20/06/1970, p.15)

Na mesma página a coluna de Nelson Rodrigues reforça sua narrativa construída ao longo da competição e exalta o talento dos jogadores:

Amigos, um turista que por aqui passasse, e olhasse a cidade, havia de anotar no seu caderninho: -“No Brasil, até as janelas são patriotas.” E, de fato, é um espetáculo maravilhoso. Das escadas, pendem as bandeiras do Brasil. Vi um edifício, com um gigantesco V da vitória, verde-amarelo, de alto a baixo. A Guanabara está sendo varrida, de alto a baixo, por uma inédita e selvagem procissão de bandeiras. È o “scratch”. Nunca o Brasil foi tão brasileiro. A partir da batalha com a Tchecoslováquia, nós acordamos brasileiros, tão profunda e apaixonadamente brasileiros. Ontem, cruzei com um colega no meio da rua. Ele veio para mim, de braços abertos: -“ como é bom ser brasileiro! Como é bom ser patriota!” E quando se despediu, épico como o grito do Ipiranga, achei que ele estava de esporas e penacho. [...] Deus sabe que merecemos trazer, e para sempre, o caneco de ouro. (O GLOBO, 20/06/1970, p.15)

Página 18, uma reportagem intitulada: “Zagalo, técnico da seleção permanente do Brasil”, fala da suposta necessidade de criar uma seleção permanente do Brasil. “O Brasil mostrou nesta taça de 1970 que sabe ser organizado; e aceita a disciplina e, sem dúvida uma das peças principais dessa transformação chama-se Mario Jorge Lobo Zagalo.” Diz também que o jogo será duro e apenas com paciência podemos vencer. A matéria ainda ressalta a preparação da seleção ao citar os 72 slides de Carlos Alberto Parreira sobre o jogo Alemanha e Itália, que serviram como base da preleção tática da equipe.

A capa do Globo no dia seguinte trouxe a seguinte manchete: “Vitória maravilhosa do maior futebol do mundo: 4x1”. Destaque para as hipérboles jornalísticas. A reportagem, assinada por Ricardo Serran, o mesmo que criticou a preparação da seleção antes da estreia, começa da seguinte forma:

Agora não haverá mais discussão, pois o Brasil é dono de fato e de direito da Taça Jules Rimet, [...] Podem delirar à vontade, comemorem com entusiasmo, pois o Brasil não é apenas um simples campeão do mundo de futebol, é o dono absoluto da supremacia, que ratificou com um espetacular 4 x 1 sobre a famosíssima “Squadra Azzura”, [...]. Valeu a pena o esforço todo de preparação, a vontade dos jogadores que fizeram um pacto de que esta eles não perdiam e realmente não perderam. [...] Podemos calcular como andam vocês por aí, vivendo por muito tempo todas as emoções de uma conquista que jamais será igualada. (O GLOBO, 22/06/1970, p.3)

Interessante observar que o jornalista já inicia a produção de sentidos de que aquela seleção será inigualável. Na página 4, a manchete retoma a ideia de futebol-arte com a página repleta de fotos de lances da partida: “Arte Brasileira no futebol voltou a ser consagrada com

tri e posse da taça.” (O GLOBO, 22/06/1970, p.3) A coluna de João Saldanha, é um grande indicativo da memória que os colunistas esportivos vão moldar sobre aquela seleção, a começar pelo título: *Vitória da arte*:

Antes de mais nada, quero dizer que a vitória extraordinária do Brasil, foi a vitória do futebol. Do futebol que o Brasil joga, sem copiar ninguém, fazendo da arte de seus jogadores a sua força maior e impondo ao mundo futebolístico o seu padrão, que não precisa seguir esquemas dos outros, pois tem sua personalidade, a sua filosofia e jamais deverá sair dela. Foi uma vitória do futebol. O futebol que nós gostamos de ver e aplaudir e que o mundo ontem teve que se curvar. [...] Esta equipe do Brasil, que marca 41 “goals” e sofre apenas 9 tentos na sua campanha no Mundial, contando os jogos das eliminatórias, é uma seleção. É um timaço de futebol, que adquiriu consistência em suas linhas, sem que lhe roubasse o seu estilo, a sua característica e aí uma das principais razões do sucesso. É justa a nossa vibração e a minha, em particular, é pela vitória da arte, que continua sendo, dentre as mais variadas concepções do futebol moderno, a verdadeira razão de se encherem os estádios e a identificação mais sólida e decisiva do futebol no Brasil. (O GLOBO, 22/06/1970, p.5)

É notório que a coluna exemplifica a ideia central de futebol-arte que apresentamos durante este trabalho. Sugerimos que, por conta de ser ex-treinador da seleção e a maneira com que ele saiu do cargo, Saldanha não menciona em nenhum momento a preparação da seleção, ao contrário, faz questão de exaltar apenas o talento de nossos jogadores como motivo maior da vitória. Ele ainda menciona o número de gols que a equipe marcou desde quando ele era o treinador.

Na mesma página, Nelson Rodrigues segue a mesma linha narrativa, exaltando o talento de nossos jogadores de sua maneira peculiar:

Amigos, foi a mais bela vitória do futebol mundial em todos os tempos. Desta vez, não há dúvida, não há sofisma. Desde o Paraíso, jamais houve um futebol como o nosso.[...] Sempre escrevi (graças a Deus, não entendo de futebol), mas escrevi que a finalíssima de 66 foi o antifutebol e, repito, uma pelada de pior espécie. Mas aí de nós, aí de nós. Mas o entendido, só de falar da Inglaterra e da Alemanha, babava na gravata. Queria acabar com o gênio, a magia, a beleza do nosso futebol. [...] os “goals” brasileiros foram obras de arte, irretocáveis, eternas. [...] Amigos, glória eterna aos tricampeões mundiais. Graças a esse escrete, o brasileiro não tem mais vergonha de ser patriota. Somos noventa milhões de brasileiros, de esporas e penacho, como os Dragões de Pedro Américo. (O GLOBO, 22/06/1970, p.5)

Nelson mantém a crítica à imprensa que não acreditava na seleção e enaltece, mais uma vez, o discurso da “pátria de chuteiras”. Nas outras páginas o jornal traz reportagens sobre as outras Copas do Mundo, enfatizando os outros títulos do Brasil, com destaque para Garrincha, modelo do futebol-arte nas duas primeiras conquistas.

No *Jornal do Brasil* a manchete “Brasil tri: A Copa é nossa!” traz a seguinte frase iniciando a matéria: “Quando Carlos Alberto ergueu aos céus a Taça Jules Rimet, hoje à tarde, 700 milhões de pessoas em 50 países comprovaram a supremacia definitiva do futebol-arte-técnica-poesia: o Brasil acabava de sagrar-se tricampeão do mundo”. O grande número de adjetivos empregados na definição do nosso futebol demonstra que a união de outros elementos redefiniria o futebol-arte. As outras reportagens exaltam a qualidade de nossos jogadores, aliada à seriedade e preparação. O futebol regado de talento, mas sem organização, individualista e às vezes a indolência dos jogadores era substituído pela aplicação ao lado de genialidade e coletividade. Zagalo exalta que a Copa veio com disciplina em reportagem na página 3. Aqui nota-se como a formação de identidade é uma intensa disputa de discursos que pretendem se tornar hegemônicos, Zagalo, obviamente vai ressaltar o seu lado, afinal o técnico não teria importância se apenas o dom natural vencesse a competição.

A declaração do técnico derrotado Valcareggi demonstra que a equipe de 1970 consolida a união entre técnica e preparação.

...o técnico Valcareggi, da Seleção Italiana, disse que ficou realmente convencido de que o Brasil joga o melhor futebol do mundo. Ele disse que tinha dúvidas quanto ao futebol brasileiro depois que este se modernizou e passou a ter necessidade de uma grande preparação física, mas explicou que o Brasil mostrou que tem o melhor futebol do mundo, tanto fisicamente, como tecnicamente e em conjunto. – Antes o Brasil só tinha técnica individual, seus jogadores eram só artistas. Agora não, aliamos seu brilhantismo individual a uma excelente forma física, um excelente futebol de conjunto e acredito que seja uma equipe praticamente invencível, pois enfrentou os adversários mais difíceis sem sequer um empate.”(JORNAL DO BRASIL, 21/06/1970, p.3)

Identificar o contexto com que as narrativas são produzidas é peremptório para elucidarmos de forma clara o que se pretendia com o discurso. A derrota de 1966 foi amplamente explicada pela falta de organização e modernização em nosso esporte. Assim, a exaltação da preparação da seleção foi incluída na narrativa, mesmo indo contra as características que seriam intrínsecas ao futebol nacional, construído em 1938. A unificação de um discurso baseado no talento nacional e na recente organização e disciplina exemplar da seleção pode ser entendida perfeitamente pelas declarações do presidente Médici logo após o jogo, deixando transparente a tentativa do governo de usar o futebol como fator de identificação e integração nacional:

identifico no sucesso de nossa seleção de futebol, a vitória da unidade e da convergência de esforços, a vitória da inteligência e da bravura, da confiança e da humildade, da constância e da serenidade da capacitação técnica, da preparação física e da consistência moral. Mas é preciso que se diga, sobretudo, que os nossos

jogadores venceram porque souberam ser uma harmoniosa equipe, em que, mais alto que a genialidade individual, afirmou-se a vontade coletiva. (JORNAL DO BRASIL, 21/06/1970, p. 3)

O editorial do *Jornal do Brasil* no dia 23 de junho de 1970 demonstra claramente essa grande união de elementos em comum na redefinição do futebol-arte e na consolidação do futebol como elemento indelével de nossa cultura. Apesar de citar a disciplina como um dos fatores de nossa vitória, elencamos aqui outros pontos importantes que resumem bem a narrativa do periódico ao longo desta competição:

Valeu a pena esperar. A magnífica vitória de domingo começou há muitos anos. Começou com os grandes craques do passado – um Friedenreich, um Leônidas, um Domingos da Guia e tantos outros. E começou também em todos os campos anônimos, por este Brasil afora, crivado de peladas e de partidas que exprimem também a unânime paixão nacional pelo futebol. A conquista definitiva da Taça Jules Rimet ocorreu na hora certa. Por mais que tenhamos de lamentar, se fosse o caso, a ausência de tantas vedetas inesquecíveis – e valha o exemplo símbolo de Garrincha, alegria do povo – temos igualmente de reconhecer que a taça estava providencialmente destinada a vir morar para sempre no Brasil por obra e graça da Seleção de Pelé. [...] A vitória, tão cobiçada, é fruto de um esforço bem conduzido que a história esportiva creditará a muita gente – até aos que colaboraram na sombra, nos bastidores, e agora não reclamam um lugar na primeira fila da imensa publicidade. Ninguém simboliza, porém, melhor esse esforço do que a figura exemplar de atleta que é Edson Arantes do Nascimento. Às razões de orgulho nacional, o povo, na sua instintiva sabedoria, acrescenta hoje mais esta: o Brasil é a pátria de Pelé. Um homem não faz sozinho uma pátria. Um grande homem, contudo, nunca se faz sozinho. Mais que os outros, solitário na sua culminância. Pelé dá notícia de um grande país em plena afirmação nacional. Não é por acaso que ostentamos hoje a honra singular de sermos concidadãos de Pelé. Vale a pena ser brasileiro. Podemos confiar no Brasil, pátria da Seleção, pátria do tricampeonato mundial de futebol. Pátria do tricampeão Pelé. [...] Como esporte nacional, mobilizador de paixões numa escala insuperável, em termos populares, o futebol revela o Brasil – revela-o aos brasileiros e ao mundo. O povo, convocado pelo milagre das comunicações, assim o entende e por isto junta à sua alegria uma legítima dimensão patriótica. Nunca talvez se agitaram tantas bandeiras verde-amarelas por todo este imenso país. Nunca talvez o povo se sentiu tão coeso. Nunca a fraternidade brasileira foi tão espontânea, tão profunda e tão comovente. Um povo que assim se mobiliza pelo esporte, dócil ao encanto mágico de sua Seleção, guarda em si reservas de força e energia inauditas. A Hora é de uma explosão de alegria. [...] A hora é apenas de genuína alegria, num triunfo longamente desejado e agora repartido com o povo pelos que de fato o construíram. Não há donos da vitória, nem pode haver pensionistas de uma glória que é de todos, que é do Brasil. Dos seus dirigentes, até o mais obscuro dos brasileiros, O Brasil é hoje um país coeso e feliz. É a pátria de Pelé. É a nossa pátria. (JORNAL DO BRASIL, 23/06/1970, p.2)

Neste extenso editorial, é possível identificar outra consolidação de narrativa: a de Pelé como principal jogador nacional. Sua atuação, sempre elogiada pela imprensa, aliada a uma preparação física exemplar para a competição, e o único jogador presente nas conquistas anteriores, contribuíram para a idolatria em torno de seu nome. Seus lances improváveis e que não resultaram em gol, que já citamos anteriormente, também foram incorporados a sua

galeria de feitos esportivos que serviram para aumentar a mística sobre o “camisa dez” brasileiro.

Na tentativa da seleção simbolizar o momento do país, outras significações sobre o estilo nacional são produzidas. O futebol-arte no contexto da Copa de 1970 é redefinido mantendo a técnica do jogador, nossa suposta arte, mas o individualismo dá lugar ao coletivo, do mesmo modo que o dom natural sucumbe à preparação.

Todavia, já deixamos claro que tais narrativas são repletas de disputas ideológicas e ao longo do tempo se modificam. Foi exatamente isto que ocorreu com o discurso da Copa de 1970. A presença de militares na comissão técnica fez com que nos anos seguintes a preparação e disciplina fossem entendidas por alguns pensadores, Joel Rufino dos Santos (1978), por exemplo, como a militarização do futebol. Supomos que por este motivo encontre-se na memória coletiva atual da Copa de 1970, conforme Salvador e Soares (2009) demonstraram, uma negação e esquecimento da preparação e do Planejamento México, aliada ao fato de estas características irem contra a construção histórica do estilo nacional. Além disso, tal esquecimento pode funcionar como uma forma de desvencilhar a anexação que o governo fez do título do tricampeonato. Seria uma forma romântica do pensamento esquerdista de “devolver a seleção para o povo”, soltando-a das amarras do militarismo e negando todo e qualquer elemento que sugira uma relação mais íntima com o governo militar, como a disciplina. Também sugerimos que os resultados obtidos nas Copas de 1974 e 1978, e as queixas da aplicação demasiada da tática, fez com que este elemento fosse esquecido ao longo do tempo como algo não importante da Copa de 1970.

Tal fato demonstra que as identidades são sempre negociadas, no entanto, uma quebra naquilo que é familiar ao futebol-arte, pode causar uma ruptura na representação e na identidade das narrativas midiáticas que fundaram o nosso estilo nacional. Por isso, as modificações podem ocorrer, mas não na sua estrutura central, sob pena de não mais serem reconhecidas como legítimas.

Desse modo, ao vencer a competição e reafirmar a condição de campeões do mundo, a seleção brasileira fica em definitivo com a Taça Jules Rimet, objeto que simboliza as três conquistas do Brasil. A euforia por este feito fez a narrativa buscar elementos importantes não só na conquista de 1970, mas também nas duas anteriores no intuito de consolidar o discurso que vinha sendo construído desde os anos 1930. Começa-se a comparar as seleções para identificar semelhanças e deslocar diferenças para unificar o discurso do “país tricampeão do Mundo”. Neste deslocamento, sugerimos que a preparação física, algo não familiar, foi retirado por não se encaixar na homogeneização do que seria o nosso futebol-arte, agora

remodelado por elementos em comum das três conquistas e tendo a seleção de 1970, mundialmente conhecida pela transmissão televisiva, seu maior ícone. Nesta reconstrução a preparação física, inegável pilar da conquista no México, ficou apenas na memória de quem viveu aquele momento e de estudiosos sobre o assunto.

Todavia, como foi o tratamento dado pela imprensa nacional na vitória do futebol-arte? Como apresentamos, a seleção da Copa de 1970 serviu para demarcar o que seria o futebol-arte. As narrativas foram repletas de nacionalismo e exacerbação do nosso talento, aliado à preparação física. Toda a construção de um suposto estilo se concretiza nesta Copa do Mundo. Alguns elementos foram reiterados, outros incorporados e anos mais tarde excluídos. A brasilidade exercida por meio do futebol instaura um marco a partir desta competição, ocasionando uma “obrigação” das futuras seleções de seguirem este estilo. A identidade nacional construída nos anos 1930 e a intenção do governo Vargas em usar o esporte para unificar o país, ganha um capítulo crucial em 1970. O tricampeonato mundial de nossa seleção reafirma que as representações instauradas quarenta anos antes ainda fazem sentido na sociedade, afinal “somos o maior campeão do mundo”, detentores do troféu e “nosso” talento é mundialmente reconhecido, tornando a construção romântica e mitológica de “nosso” estilo de jogo um importante elemento da identidade nacional. A hipótese foi confirmada ao constatar que ao praticarmos o futebol-arte, fomos brasileiros, e no caso de 1970, segundo os jornais, mais brasileiros do que nunca.

## 5 O RESGATE DO “ESTILO NACIONAL”

Os anos que sucederam a conquista do Brasil no México reforçaram a importância do futebol como integração nacional. Tanto que, em 1971 foi criado o campeonato Brasileiro de Futebol, com 20 clubes, que substituiu os torneios regionais por uma competição que agregasse times de todas as regiões brasileiras. A evolução do número de participantes ao longo da década de 1970 demonstrava que a máxima defendida pelos críticos do regime militar: “onde a ARENA vai mal, um time no Nacional”, se reforçava cada vez mais. Um dos argumentos mais contundentes era a presença do Almirante Heleno Nunes na presidência tanto da CBD, quanto no partido do governo: ARENA. Além disso, nesta mesma década, o governo militar inaugurou uma série de estádios de futebol com capacidades para mais de 100 mil pessoas por todo o país. Gilmar Mascarenhas em *Entradas e Bandeiras – a conquista do Brasil pelo futebol* (2014, p.159) aponta que existia um contexto favorável, com a ascensão das massas urbanas a bens e serviços: “gente também advinda do mundo rural que pretendia se territorializar, sentir-se pertencente ao “urbano”, compartilhar rituais coletivos identitários”. De 1971 a 1973, o Nordeste inaugurou três estádios em três das principais metrópoles: Fonte Nova, em Salvador, com capacidade ampliada para 110 mil pessoas; “Mundão” do Arruda, em Recife, também para 110 mil pessoas e o Castelão, em Fortaleza, para 118 mil pessoas. (MASCARENHAS, 2014)

Também neste período, o governo militar endureceu a luta aos contrários e críticos do regime. A tortura se tornou uma rotina nas investigações dos militares, aumentando o número de pessoas que passavam por aquela situação. Alguns setores da sociedade passaram a lutar abertamente contra tais procedimentos e dentro do próprio exército existiam correntes que desejavam neutralizar a “linha dura”, porém sem ceder espaço para a oposição. (FAUSTO, 2010)

Nesse contexto, o presidente Médici viu o general Ernesto Geisel vencer as eleições no recém-criado colégio eleitoral<sup>36</sup>, desbancando Ulysses Guimarães do MDB, candidato da oposição. O governo de Geisel começou com o discurso de abertura lenta, gradual e segura. Mesmo assim a tortura não acabou e o governo decidiu exterminar os grupos de extrema esquerda no Brasil. Em contraponto a esta questão, o governo alardeava o “milagre econômico” brasileiro. No ano de 1973, o PIB brasileiro cresceu 13 %. Neste ano, entrava três

---

<sup>36</sup> O Colégio eleitoral foi instituído pela emenda número 1 da Constituição de 1967. Ele modificou a escolha do presidente ao permitir que membros do Congresso e delegados das Assembleias legislativas dos Estados votassem nas duas chapas, uma apresentada pela ARENA e outra pelo MDB.

vezes mais dólares do que em 1970 e a indústria automobilística crescia 30 % ao ano. Entretanto, a dívida externa aumentou 90% entre 1971 e 1974. Era a política econômica do ministro da fazenda Delfim Netto. (FAUSTO, 2010)

No futebol, a seleção passou a fazer jogos por todo o país, entretanto os resultados e as exhibições não eram as mesmas da Copa de 1970. Zagalo, que se manteve como técnico da seleção, passou a ser alvo de críticas da imprensa como o responsável pela queda da qualidade do futebol de nossa seleção. Pelé se aposentou. Tostão, com problema grave de visão também e Gérson preferiu não ser mais convocado. Deste modo, a seleção chegou para a Copa do Mundo de 1974 com a desconfiança da imprensa.

Todavia, a grande vitória do Brasil aconteceu antes da Copa começar. No dia 11 de junho, dois dias antes da abertura da Copa, o brasileiro João Havelange foi eleito presidente da FIFA. Ele inaugurou uma nova era no esporte e transformaria a entidade, em poucos anos, em uma grande empresa.

A participação brasileira foi irregular na competição. Dois empates em 0 a 0 nos dois primeiros jogos, contra Iugoslávia e Escócia, e uma vitória de 3 a 0 contra o estreante em Copas do Mundo Zaire, classificaram o Brasil para a segunda fase. A preparação física (feita pela mesma comissão), a concentração fechada (comparada a um quartel) e a tática defensiva de Zagalo eram as principais críticas das narrativas do *Jornal do Brasil* e do *O Globo*. Na segunda fase a seleção brasileira enfrentou a Argentina pela primeira vez em uma Copa do Mundo e venceu por 2 a 1. Para chegar à final o Brasil precisaria vencer a Holanda, time considerado pela imprensa como “a sensação da Copa”. A imprensa foi ácida com Zagalo e com a equipe depois desse jogo: o Brasil teria abandonado seu estilo e apenas se defendido contra os holandeses. Depois de tomar dois gols e caminhar para uma eliminação, as entradas desleais dos brasileiros foram usadas nas narrativas jornalísticas para defender a ideia de que Zagalo tinha feito uma atrocidade: “não praticou o verdadeiro futebol nacional”.

A derrota na disputa pelo terceiro lugar contra a Polônia avolumou as críticas ao técnico e sua comissão, além de justificar a atuação abaixo do esperado de alguns atletas com a preocupação com contratos milionários e falta de amor à camisa amarela. Nota-se que à medida que o componente negócio se insere com mais força no contexto do futebol, ele passa a ser tratado como um argumento robusto dos mais saudosistas (que já citamos no capítulo 3), que defendem o futebol de outrora, aquele em que o jogador supostamente teria amor pelo clube e pela seleção e criticam o futebol-negócio, colocando o jogador como alguém que pensa apenas no dinheiro que recebe. Além disso, a presença de militares na comissão técnica, fez com que muitas pessoas associassem a seleção de 1974 de forma intensa com o governo.

Barreto (2004) destaca a visão de Gilberto Freyre sobre a participação brasileira nesta Copa em dois artigos publicados no *Diário de Pernambuco*. O primeiro, intitulado *Futebol Desbrasileirado*, publicado no dia 30 de junho de 1974:

explicita sua aversão ao estilo adotado pela seleção – e que seria mantido nas copas de 1978, 90 e 94, o que o leva a perguntar: “Será que o futebol brasileiro de agora – o que se apresentou na Europa [...] – já não é brasileiro mas um futebol sem características nacionais? Um futebol que não exprime o ânimo, o temperamento, a flama dionísíaca da gente do Brasil? Que é um arremedo do inglês mas do inglês de há vinte anos”. Então, referindo-se à “reanglicanização” do nosso futebol, conclui com outra indagação: “que acontece, caro Mestre Zagalo?” (BARRETO, 2004, p.236)

Já no segundo artigo, *A Propósito da Derrota do Time Brasileiro na Alemanha*, publicado no dia 7 de julho de 1974, Freyre fala da derrota brasileira para a Holanda, que, segundo Barreto, levou muitos dirigentes e técnicos brasileiros a acreditarem na superioridade racial e cultural dos europeus. Deste modo, Freyre retoma o debate em torno do individualismo do atleta nacional em contraposição ao futebol coletivo dos europeus, argumentando que apesar da coletividade, os holandeses também cultivaram um herói individualizado durante a Copa: Cruyff. “Fez-se na Holanda uma mística em torno desse herói. Jogo matematizado, admita-se que sim; mecanizado; coletivizado. Mas sem lhe faltar a singularidade, o personalismo, o culto de um herói” (FREYRE apud BARRETO, 2004, p.).

Nos quatro anos entre Copas, a abertura lenta ia se consolidando no país, ainda com intensas disputas entre os extremistas de esquerda (cada vez em números menores) e os de direita (cada vez mais revoltados com os atos moderados do governo). Um exemplo deste antagonismo nas decisões de Geisel foi, de acordo com Fausto (2010), a suspensão da censura aos jornais, ao mesmo tempo em que autorizou a forte repressão ao PCB (Partido Comunista Brasileiro).

Entretanto, um episódio marcante começou a por fim às repressões agudas da “linha dura”. Foi em outubro de 1975, quando o diretor de jornalismo da TV Cultura de São Paulo, Vladimir Herzog foi intimado a comparecer ao DOI-CODI. Suspeitavam de suas ligações com o PCB. Herzog não saiu vivo de lá e a simulação grosseira de um suicídio provocou grande repercussão na imprensa recém “liberada”. Fausto (2010) afirma que a extrema direita construía um poder paralelo em São Paulo e estava resolvendo assuntos à sua maneira. Geisel trocou o comandante do exército Eduardo d’Ávila, reconhecidamente linha dura, pelo general Dilermano Gomes Monteiro, que prometeu acabar com a tortura no DOI-CODI. O governo abriu o diálogo com a Associação Brasileira de Imprensa, com líderes do MDB e com a

Conferência Nacional de Bispos do Brasil. Entretanto a abertura sem riscos esbarrava no temor das eleições municipais, já que a possibilidade de derrota da ARENA era grande.

Para evitar esse problema o governo tomou duas medidas. Uma foi a Lei Falcão, barrando o acesso dos candidatos à rádio e à televisão, autorizando somente a foto, nome e número dos preponentes ao cargo público. Mesmo assim o MDB conquistou expressivos resultados. Para a eleição do Senado em 1977, o governo lançou a figura do senador biônico<sup>37</sup>, impedindo o MDB de conquistar a maioria no senado.

Na tentativa de conter o avanço da oposição, Heleno Nunes ampliava a participação de times nacionais no Campeonato Brasileiro, o que fez o torneio de 1978 ter 74 times. Futebol e política mantinham uma relação muito próxima no Brasil e a escolha do técnico Claudio Coutinho para dirigir a seleção brasileira teve esta influência. Um dos argumentos foi de que o futebol tinha se modernizado e um técnico deveria saber de táticas e não apenas motivar os jogadores. Claudio Coutinho tinha ideias novas sobre posicionamento dos atletas e táticas, se tornando o candidato perfeito, além de ser capitão do exército, mantendo a associação do governo militar com a seleção nacional.

A Copa foi disputada na Argentina, no auge da ditadura militar daquele país. O Brasil empatou na estreia contra a Suécia em 1 a 1. No segundo jogo, outro empate, agora contra a Espanha e as críticas ao estilo de jogo eram latentes. O tal futebol moderno, com táticas inovadoras não aparecia e, segundo os jornais pesquisados, o Brasil não jogava a sua “essência”. “Desacreditada pelas péssimas exibições, a Seleção Brasileira joga às 13h 45 min de hoje contra a Áustria – já classificada – sua última esperança de continuar na Copa.” (JORNAL DO BRASIL, 11/06/1978, p.1). Na página 41, o jornal é mais incisivo:

Um time sem pontas, individualista, não pode ganhar jogos importantes. O forte do Brasil sempre foi jogar pelas abertos, pelas extremas. Essa seleção, infelizmente, não tem nada disso. Não tem ataque nem conjunto. É a pior que já vi disputar um campeonato internacional e, tenho certeza, o povo brasileiro, neste momento, deve recordar com imensa saudade os bons tempos em que a seleção era um verdadeiro show de futebol-arte. (JORNAL DO BRASIL, 11/06/1978, p.41)

Apesar de criticar o individualismo, a reportagem procura estabelecer que a opinião do jornalista é um senso comum entre o “povo brasileiro”. Na terceira partida, contra a Áustria, o Brasil assegurou sua classificação com a vitória por 1 a 0.

---

<sup>37</sup> A expressão ficou popularmente conhecida para nomear os parlamentares eleitos indiretamente pelo colégio eleitoral. Esta medida estava dentro do denominado “Pacote Abril”, que também aumentou o mandato dos futuros presidentes para seis anos.

Na abertura da segunda fase, o Brasil venceu o Peru por 3 a 0. O segundo jogo foi contra os donos da casa. Segundo *Jornal do Brasil* e *O Globo*, as tradicionais “escolas de futebol” de Brasil e Argentina, baseadas na habilidade e técnica, não entraram em campo. Este trecho da coluna de José Inácio Werneck na página 3 do caderno de Esportes do *Jornal do Brasil* deixa claro esta narrativa:

Não posso esconder meu sentimento de frustração ao fim da partida de ontem, na qual o Brasil começou bem para aos poucos cair de produção e acabar se igualando à mediocridade argentina. Um jogo, no segundo tempo, indigno das tradições técnicas do futebol sul-americano. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 19/06/1978, p.3)

O jogo foi violento, 51 faltas no total, e terminou em 0 a 0. O empate manteve o Brasil como líder do grupo no saldo de gols. Na última rodada, o Brasil venceu a Polônia por 3 a 1 e apenas uma vitória por 4 gols de diferença da Argentina sobre o Peru, retirava a seleção brasileira da final da Copa.

A Argentina venceu por 6 a 0 os peruanos. O chamado “Milagre de Rosário” ganhou contornos históricos. A polêmica logo se instaurou por conta da fraca atuação do goleiro argentino naturalizado peruano, Quiroga, e da proximidade política do governo militar argentino do peruano. A delegação brasileira convocou a imprensa para denunciar uma possível combinação entre as seleções. O resultado surpreendente da partida aguçou os argumentos das oposições na América do Sul, que afirmavam que tudo era comprado pelas ditaduras.

A Argentina foi para a final, sagrando-se campeã vencendo a Holanda por 3 a 1, após a prorrogação. Já o Brasil disputou a decisão de terceiro e quarto contra a Itália, vencendo por 2 a 1. As narrativas nos jornais pesquisados foram pautadas por duas linhas, que se uniam em determinados momentos. A primeira entendia que se o tal futebol moderno de Coutinho desse lugar ao nosso “verdadeiro” estilo, venceríamos. O outro foi que só perdemos por conta de uma armação política da ditadura argentina.

Ainda em 1978, Geisel conseguiu eleger seu sucessor no colégio eleitoral. Na véspera da eleição, dia 13 de outubro, Geisel realizou um de seus últimos atos como presidente: revogou o AI-5. João Batista de Oliveira Figueiredo assumiu em março de 1979, prometendo continuar a abertura política. Em agosto de 1979 ele assinou a Lei da Anistia. Mais de quatro mil pessoas puderam voltar ao Brasil. Já em dezembro de 1979 a lei de organização partidária extinguiu o MDB e a ARENA, permitindo a criação de novos partidos com a implantação do pluripartidarismo. Os novos partidos políticos deveriam utilizar a palavra “partido” no início

de seu nome. O PDS (Partido Democrático Social) foi o nome escolhido pela Arena e o MDB apenas acrescentou partido, criando o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). A linha dura ainda tentava paralisar o momento de abertura política. Uma ação emblemática foi o atentado do Riocentro, em 1981<sup>38</sup>.

No campo econômico o país enfrentava uma crise intensa, que resultou em uma recessão. O “milagre econômico”, última base de sustentação do governo militar desmoronava de vez com a Revolução Iraniana em 1979, que causou uma nova crise mundial do petróleo. A especulação dos preços era um vilão imbatível naquele momento. (GUTERMAN, 2009) O PIB foi negativo em 3,1 %, fazendo os crescimentos de dois dígitos dos anos 1970 serem esquecidos tanto no meio econômico, quanto no meio político. A dívida externa chegou aos 61 bilhões. A ideia de que o governo militar estava com os dias contados era intensamente explorada. (Fausto, 2010)

Neste contexto de abertura política e redemocratização, a CBD foi desmembrada em várias federações. Cada uma seria responsável por organizar e promover um esporte específico. Assim, no dia 29 de setembro de 1979 foi criada a CBF (Confederação Brasileira de Futebol). Heleno Nunes entregou a presidência a Giulite Coutinho em 18 de janeiro de 1980. A ideia principal da nova direção era recuperar a hegemonia e o prestígio do futebol mundial praticando o “verdadeiro” estilo brasileiro. “Com afinco, vamos trabalhar para readquirir nosso prestígio no plano internacional, com contato permanente com os grandes centros esportivos do mundo, mantendo um técnico exclusivo e uma seleção permanente.” (JORNAL DO BRASIL, 19/01/1980, p.27) A declaração do presidente recém-empossado deixa um interessante campo de análise: a intenção brasileira de aprender algo com os outros países. O chamado “país do futebol” assume que buscará inspiração em outros centros esportivos, abalando a ideia de que nossos jogadores “nasceram prontos” para jogar futebol. Também salientamos que o contexto pós-derrota em Copas do Mundo, constantemente sugere esse aprendizado e reformulação do que está em vigor. Este intercâmbio será mais intenso no final dos anos 1980, com o maior êxodo dos atletas nacionais para países europeus.

Ademais, o técnico escolhido para essa missão foi o treinador Telê Santana. Como Giulite ressaltou, Telê foi o primeiro a assumir de forma permanente, sem conciliar o trabalho com um clube. Sua comissão técnica não tinha nenhum militar: o auxiliar técnico foi o bicampeão do mundo Vavá. Gilberto Tim (remanescente de 1970) e Moracy Santana foram os

---

<sup>38</sup> No dia 30 de abril, o Riocentro recebeu um festival de música em homenagem ao dia do trabalhador. Um ataque à bomba organizado e executado por militares representantes da “linha dura” tentaria culpar a esquerda pelo atentado. A tentativa era convencer setores mais moderados a realizar uma nova onda de repressão. Entretanto o artefato explodiu antes do previsto, vitimando um dos militares que participou da ação.

preparadores físicos, Valdir de Moraes, o preparador de goleiros e Neylor Lasmar o médico. (ROMAN; ZANATA, 2012, p.18) Em 1980, o Brasil fez oito amistosos, com seis vitórias, um empate e uma derrota (para os soviéticos no Maracanã). Um bom começo, mas a narrativa da imprensa deixava clara uma desconfiança na equipe.

Entendemos que o ano de 1981 foi importante para a recuperação desta confiança. Em janeiro a seleção disputou o Mundialito em Montevideo<sup>39</sup>. Após um empate com a Argentina em 1 a 1, o Brasil goleou a Alemanha por 4 a 1 e na decisão, depois de abrir o placar, a seleção perdeu para o Uruguai por 2 a 1. Depois dessa derrota, foram 19 jogos até a estreia na Copa do Mundo: quatro empates e quinze vitórias. Entre elas uma vitória contra a Inglaterra em Wembley por 1 a 0 (primeira vitória de uma seleção sul-americana no estádio). No final do ano, o Flamengo sagrou-se campeão da Taça Libertadores e do Mundo em dezembro de 1981, jogando um futebol, segundo as narrativas dos jornais, envolvente e “brasileiro”. Sugerimos que esta conquista ajudou a plantar uma convicção nas narrativas de que esta seleção poderia ser campeã do Mundo praticando o “nosso” estilo: “O Flamengo, depois da vitória garantida, deu um grande show de bola, mostrando aos milhões que viram o jogo através da televisão um futebol de arte pura, numa exibição de técnica e de classe no melhor estilo brasileiro.” (JORNAL DO BRASIL, 14/12/1981, p.20) As narrativas destacam até mesmo a comparação de Zico ao jogador Pelé: “Imprensa exalta Zico e o compara a Pelé.” (JORNAL DO BRASIL, 14/12/1981, p.20)

Todavia, faltava algo para a esquerda desatrelar o futebol como algo pertencente ao governo militar. E isso aconteceu em abril de 1982, às vésperas da Copa. O Sport Clube Corinthians Paulista foi presidido por longos anos pelo dirigente Vicente Matheus. Com a sua saída, implantou-se uma gestão diferente, onde os jogadores eram ouvidos antes das decisões da comissão. Tudo era votado dentro do clube. Os jogadores tinham liberdade para se concentrarem em suas casas e cada um zelava por si, sem nenhum treinador ou diretor os controlando. Era a negação da doutrina militar. Desta maneira, sugerimos que a equipe do Corinthians capitaneada pelos atletas Sócrates e Vladimir realizou uma união entre futebol e política que serviu para sinalizar o esporte não como alienação, como intensamente se abordou durante o período militar, mas como conscientização. Se o país pedia democracia e as eleições diretas, um dos times mais populares do Brasil fez a sua “revolução”. Além disso, a equipe colecionava bons resultados, “comprovando” que a democracia era a salvação para

---

<sup>39</sup> O torneio foi uma comemoração dos 50 anos da primeira Copa do Mundo, disputada no Uruguai em 1930. Participaram da competição Uruguai, Itália, Argentina, Brasil, Alemanha e a Holanda.

nossos males. Concomitantemente, naquele mesmo ano de 1982, 45 milhões de brasileiros elegeriam os governadores de seus Estados, algo que desde 1965 não era feito.

O resultado foi uma seleção embarcando para disputar uma Copa como favorita, com o apoio da população, que acreditava no título. Mais de duas mil pessoas foram se despedir da equipe no Aeroporto do Galeão. Novamente o futebol aparecia como o fio condutor do momento de reafirmação do brasileiro pelo seu país e pelas cores nacionais. As ruas foram pintadas de verde e amarelo, sem medo de se remeter ao regime militar. Até uma canção, composta pelo lateral Júnior embalava a população e se tornaria símbolo da nossa seleção. Não era uma marchinha que seria repudiada por alguns setores como “Pra frente Brasil” de 1970, mas um sambinha chamado “Voa canarinho, voa”, que acreditava no sucesso de nosso time, interpretada pelo lateral Júnior. (GUTERMAN, 2009)

A Copa teve pela primeira vez, no Brasil, uma emissora com os direitos exclusivos de transmissão: a Rede Globo. 14 milhões de dólares foram gastos e quem assistisse pela televisão ouviria as narrações de Luciano do Vale, Galvão Bueno e os comentários e reportagens de Márcio Guedes, Juarez Soares e Sérgio Noronha, com a direção de Armando Nogueira (BEDENDO, 2012, p.149). Também foi a primeira Copa com 24 times, uma promessa de campanha de Havelange. 17 estádios espanhóis receberiam os jogos, um recorde. A previsão da audiência chegava a cinco bilhões de pessoas. Os dois jornais tiveram cadernos especiais sobre a Copa e o assunto surgia também em outras editorias que não o esporte, como economia e cidade, ressaltando os impactos do evento no cenário urbano.

A preparação física da seleção também foi intensa. O calor era forte e alguns jogadores sofriam com pequenas lesões musculares. O caso mais grave foi do atleta Careca, atacante titular da seleção, na época com 21 anos. A distensão muscular na virilha foi grave e ele foi cortado, a quatro dias da estreia do Brasil. Telê teria que decidir se colocaria o atacante Serginho ou improvisaria outro jogador no ataque. Além disso, o meio-campo Cerezo, considerado titular, estava suspenso do primeiro jogo, por conta de uma expulsão em um amistoso.

Na coluna *Bola Dividida* de Sandro Moreyra, na página 9 da seção de Esportes do *Jornal do Brasil*, o destaque para a euforia provocada nas narrativas midiáticas:

Desta vez há motivos de sobra para essa euforia que domina o país que, segundo nos contam os que daí chegam, está todo em festa, embandeirado e pronto para explodir na alegria das vitórias. E há motivos porque desde 1970, quando ganhamos o terceiro título, a Seleção Brasileira não reúne uma equipe tão cheia de craques, nem se preparou de forma tão bem organizada. Os jogadores que logo mais entrarão em campo para enfrentar os soviéticos são os que nosso futebol possui de melhor no

momento. [...] Se há uma coisa que o brasileiro sabe fazer bem é jogar futebol. Aliás, o Brasil é conhecido aqui na Europa e em todo o mundo, sobretudo pelo seu futebol e a sua música popular. Aquarela do Brasil e Pelé há anos ouve-se em toda parte. Jornais, rádios e televisões, se não falam de um, falam de outro. Pelé aparece com seu sorriso comercial em grandes cartazes a anunciar vários produtos e tem até hoje seus gols reproduzidos nas televisões. E, se alguém ligar rádio no quarto do hotel, não demora a ouvir Chico Buarque, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Gal, Rita Lee, Roberto Carlos e a imortal Aquarela, de Ari Barroso. Essas coisas fazem bem a gente. Vão-nos envolvendo numa espécie de auto-afirmação, dando uma ideia de que afinal somos algo do que imaginamos e cria um clima contagiante tipo “já ganhou”. Mas, apesar de todo esse otimismo e da total confiança na atual Seleção Brasileira, convém lembrar que não se ganha facilmente uma Copa do Mundo. O Brasil terá de se bater contra fortes adversários. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 14/06/1982, p.9)

A coluna é bem emblemática e corrobora nossas argumentações, apresentando o futebol e Pelé como símbolos nacionais, além de comparar esta seleção com a de 1970, mesmo antes da estreia, confirmando nossa assertiva de que a seleção de 1982 é considerada pela imprensa e colunistas como a seleção que praticou o futebol-arte, consolidado pela seleção de 1970. Além disso, ao utilizar expressões “cheia de craques” e “se há uma coisa que o brasileiro sabe fazer bem é jogar futebol”, o jornalista imprime sentidos que resgatam a identidade construída nos anos 1930, como se jogar futebol fosse um dom natural de qualquer brasileiro.

Na coluna de João Saldanha também no *Jornal do Brasil*, encontramos elogios à seleção:

Pode ser considerado que nosso time está bem preparado para a competição. Espero que fisicamente esteja bem e que não tenha passado da conta. Normalmente devemos passar e até com facilidade por este grupo. Curioso que seria melhor ficar em segundo lugar porque na fase seguinte enfrentaremos, possivelmente, adversários bem mais fracos do que se ganharmos o primeiro lugar. Creio firmemente que seremos o primeiro deste grupo. Nosso time é bastante superior aos outros três e isto sem ufanismo nem qualquer patriotada. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 14/06/1982, p.10)

O colunista exaltou a longa preparação e criticou o calendário nacional ser voltado para a seleção e não para os clubes, que ficaram sem seus jogadores durante toda a preparação da equipe. Novamente, Saldanha se mostra um crítico à preparação física, mantendo a mesma posição que encontramos na narrativa sobre a Copa de 1970. Na mesma página, a reportagem *Brasil mostra que pontaria está excelente* enfatiza a preparação da seleção, principalmente nas cobranças de faltas, onde o aproveitamento chegou a 90 %.

Na página 7, encontramos uma reportagem sobre o retrospecto dos confrontos entre as equipes, ressaltando que os soviéticos foram um dos únicos times que conseguiram derrotar a seleção, desde que Telê assumiu, com um 2 a 1 na festa de 30 anos do Maracanã. Segundo o

jornal, o Brasil levava vantagem: “4 vitórias, contra um empate e uma derrota.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 14/06/1982, p.7) Essa busca frequente ao histórico dos confrontos entre as equipes feitas pelo jornalismo, surge como um resgate a memória do torcedor, construindo a ideia de um confronto tradicional e que estimula uma rivalidade, sugerindo possíveis revanches, manutenção do retrospecto favorável ou reversão de adversidade nos números do confronto. Estas três opções apetezem a expectativa do torcedor e contribuem para a ideia de “duelo” entre os times.

A capa do jornal *O Globo*, indicou que o Brasil iria para o ataque contra os soviéticos e mostrou como a cidade mudou sua rotina para acompanhar a competição:

Com Serginho no comando do ataque e Dirceu na ponta-direita, o Brasil estreia na Copa do Mundo contra a União Soviética, às 21 h de hoje (16h em Brasília), no Estádio Sanchez Pizjuan, em Sevilha. O juiz será o espanhol Lamo Castillo. O técnico Telê Santana promete um time criativo e audacioso. [...] O técnico Beskov disse que admira, mas não teme o futebol brasileiro. O Rio terá praticamente todas as suas atividades interrompidas hoje a partir das 14h30m, com o término do expediente bancário. O comércio funcionará das 8h às 15 h; os shopping centers fecharão apenas durante o jogo, reabrindo 15 minutos depois, e as feiras-livres se encerrarão às 11h30. O expediente nas repartições públicas terminará às 15 h. ( O GLOBO, 14/06/1982, p.1)

Enquanto o *Jornal do Brasil* afirmou que Telê estava nervoso na coletiva de imprensa que precedeu a estreia, *O Globo* entendeu que o técnico estava tranquilo e demonstra o objetivo da equipe em jogar o futebol ofensivo: “O Brasil estreará na Copa com o time completo e disposto a mostrar toda a sua arte, partindo para o ataque.” (ESPORTES IN O GLOBO, 14/06/1982, p.1) Nota-se, aqui, que “partir para o ataque” está relacionado a “arte tipicamente nacional”, tonificando o sentido de que a seleção de 1982 “representava nossa escola de futebol”.

Na página 10 do mesmo periódico encontramos a reportagem completa da entrevista coletiva de Telê, *Telê: partiremos para a vitória*: “Aparecendo o futebol, não há porque não confiar na seleção. O time é bom, está supertreinado e pronto para a competição. Não considero o Brasil favorito de nada. Mas acho que podemos impor o nosso jogo contra qualquer seleção.” A única queixa do treinador é quanto à ausência de treinos secretos da seleção. “Este time é muito criativo. As jogadas saem quase que naturalmente. Temos algumas combinações bem treinadas, tantos foram os coletivos, mas surpresas, realmente, não apresentaremos. Vamos jogar aquilo que todo mundo tem visto. Acho que é suficiente.” O jornal ainda ressalta: “Jogar o futebol brasileiro, “como ele é”, será o principal tema da palestra final que Telê fará aos jogadores, na concentração de Carmona, hoje pela manhã: -

Vamos falar sobre os soviéticos, é claro. Mas o mais importante é que cada um jogue seu verdadeiro futebol. Feito isso, não temos o que temer.” Esta reportagem, explora a ideia de que quando jogamos nosso futebol, somos invencíveis. Além disso, ela vai indicar os caminhos que as narrativas jornalísticas do jornal vão trazer sobre esta seleção.

Na mesma página a matéria *Uma defesa que pretende mostrar muita segurança*, exalta a qualidade de nossos atacantes e, principalmente, defensores, característica pouco encontrada na mística do futebol ofensivo do Brasil e que reforça a ideia de um time completo.

Jogadas deslumbrantes de Zico e Falcão, chutes mortíferos de Éder e toques sutis de Sócrates. Quando se trata de falar do ataque brasileiro, sobram expressos, surgem adjetivos dos mais diversos. E a defesa? Ah, a defesa, esta eterna preocupação dos brasileiros. Preocupação que cresce ainda mais quando, neste anos, seus jogadores são exaltados não por suas virtudes de zagueiros, mas, principalmente, pelas qualidades que demonstram no ataque. (ESPORTES IN O GLOBO, 14/06/1982, p.10)

Dia 14 de junho, Estádio Sanchez Pizjuan em Sevilha, nove da noite e um calor intenso. O Brasil tomou o primeiro gol em um lance considerado pela imprensa como falha do goleiro Waldir Peres. Entretanto, no segundo tempo, virou a partida com gols de Sócrates, o capitão da equipe e Éder, aos 42 do segundo tempo. A capa do *Jornal do Brasil* do dia seguinte estampou: *O carioca “explodiu” com o gol de Éder*. No interior da reportagem a descrição da festa no Rio de Janeiro:

A pé, de bicicleta, de moto, de carro ou em cima deles, o carioca vibrou comemorando a vitória da Seleção. As ruas de Copacabana se transformaram em passarelas de samba, onde todas as alegorias eram verde e amarelas. Cada um se sentia vencedor e o carnaval varou a madrugada. As ruas Miguel Lemos, Constante Ramos, Djalma Ulrich, Prado Júnior, Figueiredo Magalhães e a Praça da Lido foram interditadas. Grandes grupos se reuniram para assistir ao jogo na rua. Em frente das TVs, até os ônibus paravam. Quando o jogo acabou, as Avenidas Atlântica e Nossa Senhora de Copacabana ficaram engarrafadas, de ponta a ponta. (JORNAL do BRASIL, 15/06/1982, p. 1)

A capa do caderno de Esportes trouxe a manchete: *Vitória de classe, arte e coração*. A matéria exalta a entrada de Paulo Isidoro no lugar de Dirceu e relaciona a atuação brasileira à arte:

Foi sempre melhor o Brasil, ao menos no domínio territorial. As jogadas de penetração – a maior parte delas mal completadas por Serginho – acontecem, mas faltava o toque de gênio, o toque brasileiro para que se transformassem em gol. E parece que a inspiração só se uniu à transpiração quando o abusado Paulo Isidoro passou a testar o jogo de cintura dos soviéticos, ludibriando-os com dribles e quedas de corpo. Pararam os cruzamentos para os braços longos e sempre bem atentos de Dasaev. [...] Também por amor à arte surgiu o gol da vitória. O passe de Isidoro, a incrível deixada de Falcão, a canhota de Eder a pegar o goleiro no contrapé, estático,

paralisado. Começava a festa. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 15/06/1982, p.1)

Como a seleção virou o jogo no fim, supostamente exigindo maior vigor físico, a página 2 traz as declarações de Lídio Toledo sobre a preparação física da seleção:

O médico Lídio Toledo, durante muitos anos uma das figuras mais destacadas da Seleção Brasileira, campeão em 1970 e atualmente membro do corpo médico da FIFA, ficou mais do que satisfeito ao presenciar a vitória sobre a URSS. Ao lado do ex-dirigente Antonio do Passo, Lídio Toledo afirmou que o resultado refletiu principalmente o excelente preparo físico dos jogadores: - Ganhamos muito bem porque estamos muito bem preparados. Ninguém avalia o que é condicionar uma equipe fisicamente para jogar nesse calor de Sevilha. E ganhamos exatamente porque tivemos maior preparo físico do que os russos. Os brasileiros estão de parabéns porque ganhar como ganhamos não é fácil. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 15/06/1982, p.2)

Na mesma página, o preparador da seleção Tim, responde a declaração de Lídio, dizendo ter ficado orgulhoso e afirmando que na parte física o Brasil não perde a Copa para ninguém. Interessante notar que, conforme apontamos no capítulo 4, o jornalismo frequentemente traz a opinião de técnicos, pessoas especializadas (neste caso Lídio Toledo) para corroborar determinadas narrativas. É como se o aval da pessoa consultada implicasse mais autoridade ao discurso e ao sentido que se pretende construir.

Na página 10, João Saldanha mostra que, apesar dos elogios no dia anterior, será o maior crítico da seleção nos jornais pesquisados. Ele desaprova a atuação da seleção brasileira, chama o treinador de teimoso e afirma que o ataque era uma bagunça tática: “Sou obrigado a declarar que entrou em campo o pior ataque que uma Seleção Brasileira apresentou desde a primeira Copa do Mundo de 1930.” Ele completa que a entrada de Paulo melhorou o time e, apesar dos erros, a seleção conseguiu vencer. Para Saldanha, Telê deveria definir logo os 11 titulares.

O jornal *O Globo* trouxe na sua capa o seguinte título: *Dramática virada do Brasil*. No interior da reportagem um resumo da partida:

Uma vitória de raça e dois gols de gênio. Com um futebol brilhante e muita determinação, a seleção brasileira – que voltou no segundo tempo com Paulo Isidoro no lugar de Dirceu – impôs uma virada espetacular, marcada pelo talento de três jogadores – Falcão, Sócrates e Éder. Depois teve início a festa, em Sevilha, onde estão mais de cinco mil brasileiros, e em todas as cidades do Brasil. No Rio, um verdadeiro carnaval. Os torcedores cantavam e dançavam, gritando o nome de Éder, a quem chamavam de “Édercet”, comprando seus chutes aos mísseis “Exocet”, utilizados pela Argentina na Guerra das Malvinas. (O GLOBO, 15/06/1982, p.1)

A narrativa une brilho e determinação como fatores da vitória brasileira. Na mesma capa a manchete: *Argentinos se rendem na Guerra das Malvinas*, mostrando o clima tenso no cenário mundial. Da mesma maneira que a preparação e a festa nas ruas ocasionadas pela competição aparecem em 1970, o *Jornal do Brasil* e *O Globo* mantém a ideia de que a Copa do Mundo é um motivo para se fazer festas e durante toda a competição vai trazer reportagens sobre enfeites, comemorações e excessos cometidos durante os jogos do Brasil na Copa do Mundo. *O Globo* promoveu um concurso para eleger a rua mais enfeitada do Rio de Janeiro. Ambos o jornais vão ressaltar a Copa do Mundo como uma grande festa, durante todos os jogos, mostrando como o torneio transforma o cenário urbano, não só no Rio de Janeiro, mas também relatando a comemoração em outras capitais do Brasil:

País parou cedo e reviveu o carnaval. Todo o Brasil comemorou a dramática vitória sobre a União Soviética como se fosse o próprio “caneco”. O país parou cedo para ver a estreia da seleção e o gol de Éder, quase no final, liberou a alegria contida durante 88 minutos. No Rio, milhares de pessoas correram para as ruas. Na Zona Sul chovia papel picado e carros em curso buzonavam. Nos céus, barulho e claridade dos foguetes. Na Cinelândia começou um autêntico carnaval e na Zona Norte, além dos blocos improvisados, o Império Serrano reviveu seus grandes dias. (O GLOBO, 15/06/1982, p.1)

Na página 3 do caderno de Esportes, a coluna *Papo de Esquina* de Sérgio Cabral, destaca a partida como a melhor da Copa. “Foi, enfim, um jogo antológico. Se os deuses do futebol estão acompanhando de perto esta copa do mundo, posso afirmar com tranquilidade que jogaram ontem os dois classificados da chave de Sevilha.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 15/06/1982, p.3)

Na página 9, uma coluna interessante assinada por Vargas Llosa, nos chamou a atenção. O autor faz uma análise do futebol como fenômeno da sociedade partindo das ideias de Roberto Da Matta, demonstrando que a importância do antropólogo ao escolher o futebol como objeto de estudo acadêmico ganhou ecos no jornalismo

Há alguns anos, escutei o antropólogo brasileiro Roberto da Matta explicar, em brilhante conferência, que a popularidade do futebol (fenômeno maior do nosso tempo) expressa a vocação inata dos povos para a legalidade, a igualdade e a liberdade. Sua argumentação era astuciosa e divertida. No futebol, segundo ele, o público vê representada uma sociedade modelo, governada por leis claras e simples, que todos entendem e acatam, e cuja violação acarreta castigo imediato para o culpado. Além de justo, o campo de futebol é um espaço igualitário, que excluiu todo favoritismo e privilégio. Aqui, nesta grama marcada de cal, cada um vale pelo que é, por sua destreza, empenho, engenho e eficácia. Nem o sobrenome, nem o dinheiro, nem as influências contam o mínimo para marcar gols e merecer aplausos ou vaias das arquibancadas. O jogador de futebol, por outro lado, exerce a única forma de liberdade que qualquer sociedade pode oferecer a seus integrantes: a de fazer tudo o que se queira, que não esteja explicitamente proibido por regras que

todos aprovam. Isto é o que, no fundo, provocaria o fervor das multidões, que, nos quatro cantos do mundo, inundam os estádios, acompanham hipnoticamente as partidas pela televisão e discutem e trocam sopapos por seus ídolos futebolísticos.[...] Talvez a explicação deste prodigioso fenômeno contemporâneo, a paixão pelo futebol – esporte elevado à categoria da mais difundida e praticada religião leiga de nosso tempo - , seja na realidade, muito menos complicada do que supõem os sociólogos e psicólogos que tentam interpretá-la, e consista simplesmente em que o futebol ofereça às pessoas algo que quase não tem: uma ocasião de se divertir, de se entusiasmar, de se exaltar, de viver emoções intensas, que a vida cotidiana raras vezes lhe oferece. (ESPORTES IN: O GLOBO, 15/06/1982, p.9)

É interessante que a discussão ultrapasse os limites da academia e se transporte para uma coluna de jornal em plena Copa do Mundo.

Na página 12, o sentido da aura mítica da seleção nacional aparece de forma clara na reportagem principal sobre a estreia brasileira, que afirma que o Brasil é responsável pelos grandes momentos da Copa do Mundo, e destaca as exhibições de Éder e Sócrates, colocando-os como autênticos representantes do futebol brasileiro: “Mas é assim mesmo, o malicioso e brasileiríssimo futebol desse garotão mineiro.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 15/06/1982, p.12) A ideia de arte e magia aparece bem delineada no início da reportagem:

O Brasil esteve magnífico. Estreou na Copa do Mundo com uma vitória emocionante sobre a União Soviética, por 2 a 1, no Estádio Sanchez Pizjuan. Uma vitória sofrida, conquistada, porém, com muita arte, A seleção apresentou ontem o mais puro futebol brasileiro, cheio de magia e de força. Magia no gol de Sócrates, por exemplo: o drible em dois adversários e o chute no ângulo, indefensável. Magia no gol de Éder: a “deixada” maravilhosa de Falcão e a penetração rápida do ponta, para a conclusão no ângulo, indefensável. A Copa do Mundo viveu ontem, no Sanchez Pizjuan, de Sevilha, seu primeiro grande momento. (ESPORTES IN: O GLOBO, 15/06/1982, p.12)

Na edição do dia 16 de junho, o *Jornal do Brasil* destacou a volta de Cerezo para a equipe e especulava quem deveria sair. O mais cotado era Paulo Isidoro, que segundo o técnico, entrava melhor no segundo tempo. O jogador foi logo afirmando que gostava de entrar desde o começo e que não tinha gostado da declaração de Telê. Na página 2, temos a coluna de Pelé, com patrocínio da empresa *Sony*, escrita pelo jornalista Steve Richard, após o ex-jogador brasileiro dar seu depoimento e impressões ao americano. Aqui, é interessante notar, que dá-se voz ao nosso maior representante do futebol e mitificado após a seleção de 1970. No momento em que ele mesmo compara essa equipe ao time de 1970, fica notório a produção de sentidos de que a seleção de 1982 resgatou o futebol tricampeão do mundo, definido como tipicamente nacional. Com o título *Parecia até 1970*, a coluna começa com Pelé destacando a atuação dos pontas, que segundo ele estavam esquecidos no futebol moderno. E ainda citou a festa dos brasileiros, destacando sua nova postura frente à seleção: “

Mais tarde, os torcedores pintaram de verde e amarelo a velha cidade e não os recrimei. Eu estava tão emocionado quanto eles embora tivesse que me controlar mais como jornalista e comentarista de televisão, observando o jogo como um espetáculo profissional.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 16/06/1982, p.2) A seguir, Pelé declara abertamente: “ Não me lembro de ter ficado assim tão encantado com uma Seleção Brasileira desde 1970. Não quero dizer que os jogadores estiveram soberbos mas pelo menos conseguiram finalmente furar esquemas defensivos que os perseguiam na Alemanha Ocidental e na Argentina nas duas últimas Copas” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 16/06/1982, p.2).

Na página 5, a reportagem mostra que os italianos elogiaram a vitória do Brasil. Novamente, a narrativa jornalística explora a visão dos outros sobre o nosso futebol.

Sem discordâncias, os jogadores e os técnicos da Seleção Italiana (Bearzot e Maldini) consideraram o segundo tempo jogado pelo Brasil contra a União Soviética “um espetáculo de futebol excepcional. [...] Para o técnico Enzo Bearzot, o Brasil não apenas confirmou – com o segundo tempo que jogou contra os soviéticos – ser um dos grandes favoritos do Mundial de 82, como exibiu uma admirável preparação física, a mais moderna e europeia das concepções de jogo. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 16/06/1982, p.5)

As colunas de Sandro Moreyra e João Saldanha continuam analisando a partida de estreia. Enquanto Saldanha mantém suas críticas e reforça o nervosismo do time, Moreyra muda o tom e critica a postura de Telê em não colocar pontas na seleção. Sandro faz uma dura análise dos jogadores, indicando um primeiro tempo inseguro, com a suposta falha do goleiro Waldir Peres como grande símbolo do nervosismo brasileiro. Sugerimos que passado o calor do jogo, os colunistas tendem a analisar mais friamente as partidas, diminuindo as hipérboles e aumentando o rigor da avaliação.

Na página 8, uma matéria com Zico, alvo de críticas depois da estreia: *Zico acha que Brasil está esperando demais dele*. As narrativas trouxeram as definições de decepcionante, apática e ruim para a atuação do camisa 10 da seleção brasileira.

Insatisfeito e discordando das críticas recebidas por causa de uma atuação até certo ponto decepcionante contra a União Soviética, Zico reconheceu e confessou que todos os brasileiros depositam uma carga muito pesada em seus ombros – a de ser o super-astro e herói da Seleção do Brasil. O atacante não parece muito disposto a arcar com a responsabilidade de ser sempre e obrigatoriamente o melhor jogador da equipe e desabafou: - Estão fazendo muito estardalhaço e botando em cima de mim uma obrigação que eu não tenho. Futebol não é o circo da fórmula-1 nem o tênis, onde cada um depende das próprias atuações para ser o melhor do mundo. No futebol, há uma coisa chamada conjunto, em que uma equipe se baseia para chegar ao sucesso. Não pode depender de uma estrela apenas. Bom é o conjunto, o que

importa é ganhar e não ser o melhor da copa. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 16/06/1982, p.8)

Nota-se que o discurso de Zico vai contra o individualismo exacerbado presente nas narrativas do futebol nacional. Já o capitão Sócrates, em reportagem na mesma página, acredita que o time vai melhorar durante a Copa e continuar praticando o verdadeiro futebol nacional, mesmo no caso de adversidade no placar:

Mostramos que o futebol brasileiro tem que ter alegria e espontaneidade. Mas para isso, o equilíbrio emocional é importantíssimo e mostramos que estamos bem preparados também no aspecto emocional. Mesmo correndo o risco da derrota, o pensamento foi perdemos jogando o verdadeiro futebol brasileiro. Não nos desesperamos e sempre tivemos consciência da virada. Entramos para o segundo tempo certos de que iríamos mudar o marcador.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 16/06/1982, p.8)

Na página 3 do caderno de Esportes do jornal *O Globo*, o treinador Telê afirma que apesar da possibilidade de enfrentar adversários mais difíceis na segunda fase, caso o Brasil vença todos os jogos em seu grupo, que: “Não sei jogar para perder ou empatar de propósito. Meu time entrará em campo sempre preocupado em vencer. Depois a gente vê como fica.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 16/06/1982, p.3) Nota-se a clara ideia da visão de futebol-arte expressada pelo treinador. Na mesma página encontramos matérias e notas sobre o olhar estrangeiro da atuação do Brasil. Em uma delas, intitulada *Santamaria: “Uma reação magnífica”*, O técnico da seleção espanhola elogia a equipe brasileira: “- É fascinante que uma equipe consiga manter a mesma forma de atuar com diferentes resultados. Perdendo, empatando e ganhando, o Brasil jogou sempre da mesma maneira. E o resultado foi justo, pelo volume de jogo dos brasileiros.” Na matéria *Os elogios dos argentinos*, o jornal traz as manchetes dos principais jornais sobre a atuação brasileira: “O Brasil impôs seu futebol” (*La Nacion*) “Sobrou fé ao Brasil” (*Clarín*) “Brilhante jogo ao melhor estilo carioca” (*Diario Popular*) “Serenidade e qualidade” (*La Prensa*). Aqui é meritório recuperarmos a ideia de que o olhar estrangeiro mantém a ideia de nossa identidade edificada nos anos 1930.

O segundo jogo da seleção foi contra a Escócia, time considerado difícil para o técnico Telê. A entrada de Cerezo no meio campo, formou, segundo as narrativas midiáticas, o “quadrado mágico” com Zico, Sócrates e Falcão. Destacamos aqui o sentido de mágico produzido pela imprensa, que associa os feitos dos jogadores ao improvável, impossível e fora do comum. O Brasil venceu por 4 a 1. A imprensa internacional exaltou o talento de nossa equipe. Alfredo Di Stefano, craque argentino, escreveu uma crônica para o *El País* enaltecendo nosso jogo bonito e afirmando que nosso futebol era “uma coisa linda”. O

britânico *Daily* estampou na manchete: “Braziliant”. O último jogo da primeira fase foi contra a Nova Zelândia e a seleção venceu por 4 a 0. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 20/06/1982, p.5)

Os resultados dos outros grupos colocaram em confronto na segunda fase Itália, Argentina e Brasil. Os italianos venceram os argentinos por 2 a 1, em um jogo classificado com feio e pragmático pelas narrativas dos dois jornais pesquisados. Segundo os colunistas, o jogo simbolizou o futebol-força e indicava como seria difícil alguma dessas equipes superar o futebol-arte brasileiro. A expectativa e o favoritismo aumentaram após a vitória brasileira por 3 a 1 contra os argentinos. Este trecho da coluna Bola Dividida de Sandro Moreyra, do dia 3 de julho, logo após a vitória brasileira sobre nossos vizinhos, resume de forma apropriada o tom das narrativas midiáticas sobre a seleção àquela altura da Copa:

A seleção Brasileira demonstrou mais uma vez a sua imensa superioridade. Tecnicamente, é o time mais bem esquematizado e individualmente o que possui os craques de mais alta categoria. Esse time – repetimos a tese que vimos defendendo desde o início – tem tudo para ganhar a Copa, até sem dificuldades maiores. Só a perde por acidente, um absurdo igual, por exemplo, ao que aconteceu na Copa de 1950 com o Brasil. Fora daí, nem mesmo um complô de árbitros pode nos tirar o título. Afinal, uma Copa agora mostrada pela televisão para milhões de pessoas e não se pode, assim, anular gols legítimos, nem a avassalante superioridade de ninguém. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 03/07/1982, p.11)

A ideia de que apenas uma tragédia retiraria o título da seleção foi dominante nas narrativas jornalísticas. Não só as narrativas nacionais indicavam este pensamento, mas também as internacionais. O pensamento é de que ao praticar o jogo bonito a vitória seria mais certa, mais justa. Neste sentido é importante destacar a crescente cobertura dos meios de comunicação no evento, conforme aponta a reportagem *Cobertura Total* do dia 5 de julho de 1982 na página 8 do caderno de Esportes do *Jornal do Brasil*:

A partida entre o Brasil e a Argentina, sexta-feira, foi a que recebeu maior cobertura dos órgãos de comunicação: 1489 jornalistas credenciados da imprensa, radio e TV estiveram no Sarriá. Na tribuna, estavam 839 repórteres e locutores de rádio, 349 fotógrafos (dos quais 110 em campo), sendo o restante formado pelas equipes de televisão. Trata-se de um recorde mundial em matéria de cobertura jornalística, superando o número de credenciados no estádio olímpico de Munique, em 1972.

Com este contexto a seleção chegou ao jogo contra a Itália com um amplo favoritismo da mídia nacional. Os italianos vinham de três empates seguidos na primeira fase e a vitória definida como “sem muito brilho” sobre os argentinos. A narrativa tratou o encontro como um embate entre futebol-arte e futebol-força. Pelo saldo de gols, o Brasil tinha a vantagem do

empate para se classificar. O *Jornal do Brasil* do dia 5 de julho traz em sua capa a intenção dos jogadores em manter o estilo de jogo ofensivo: “Apesar de conscientes da vantagem do empate, os jogadores brasileiros acham que a Seleção não deve mudar o estilo de jogo ofensivo.” Na página 1 do caderno de *Esportes*, o técnico brasileiro reforça a intenção de que o Brasil demonstre um bom futebol: “Telê Santana exige uma exibição de gala da Seleção Brasileira hoje. Quer o time atuando bem nos dois tempos e não apenas no segundo, como vem acontecendo.” A notícia negativa sobre a seleção era a chance de Zico não se recuperar de um entrada violenta, que recebeu do zagueiro argentino Passarella, e não jogar. Na página 4, Oldemário Touguinhó, faz uma crônica intitulada *Arrancada do meio, a principal arma*, onde faz um retrospecto das qualidades das seleções brasileiras campeãs do mundo. O sentido da reportagem proporciona uma equiparação da seleção de 1982 às equipes vitoriosas:

Se as Seleções Brasileiras de outras Copas contaram com armas especiais para liquidar os adversários, o time de Telê também já tem a sua: arrancada que começa no meio de campo e só acaba dentro do gol. Em 1958, o Brasil se baseou nos dribles de Garrincha e na genialidade de Pelé. Em 62, o dono do espetáculo foi Garrincha, que devido à contusão de Pelé, assumiu o comando da equipe, atuando em diversas posições do ataque, fazendo até mesmo gol de cabeça. No México, em 1970, houve uma grande organização tática perfeita da equipe, um conjunto perfeito, unido e que contava ainda com Pelé para desequilibrar o jogo nos momentos mais difíceis. Mas o conjunto era a grande força do time. Agora, na Espanha, depois de algumas apresentações, já ficou claro que o Brasil é mais forte que seus adversários, pelo menos até a partida contra a Itália hoje, na saída de bola do meio campo para a área adversária. [...] O que se pode concluir é que o Brasil já tem a sua personalidade de jogo. E, se não pode contar mais com Garrincha e nem com Pelé para ser tão forte quanto nas outras seleções do tricampeonato, pelo menos encontrou uma arma que está sabendo aproveitar para buscar as vitórias. Só mesmo se faltar a seriedade que vem sendo executado esse trabalho é que a equipe pode ser vencida. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 05/07/1982, p.4)

Mantendo a narrativa de favoritismo exacerbado da seleção, a reportagem *Klein, o juiz, também acha Brasil o melhor*, na página 10 com o juiz da partida Klein, exalta nosso estilo de jogo. O texto traz as informações que o árbitro Klein apitou Brasil e Itália em 1978 e Brasil e Inglaterra em 1970 (em ambos os jogos o Brasil venceu): “- É uma tranquilidade apitar jogos do Brasil. Como sabem jogar um excelente futebol, só se preocupam com o espetáculo e não em prejudicar a atuação do árbitro.” Quem também aparece tecendo comentários elogiosos à seleção é o jogador argentino Maradona, indicado pelos jornais como postulante a melhor jogador do mundo, em uma disputa com Zico, antes da Copa. O camisa dez argentino, já eliminado da competição, afirmou: “o futebol do Brasil me encanta”. Entendemos que inserir um comentário positivo de um “rival” sobre nossa seleção ajuda a

intensificar a admiração pela equipe, ao mesmo tempo em que decretaria uma certeza: nosso time encanta a todos.

Na mesma página, uma matéria com o técnico italiano Enzo Bearzot reforça os elogios à seleção de Telê:

[...] Para o técnico italiano, o Brasil é tão bom tecnicamente que é necessário vigiar constantemente todo o seu time, e não especificamente um ou outro jogador. [...] - O Brasil é favorito. Pela sequência de vitórias, tem mais obrigação do que a Itália de vencer a partida. Nosso time está começando a crescer agora. Não existe a possibilidade de ninguém inventar nada de um dia para outro. Vamos jogar de uma forma tal que poderemos ganhar do Brasil. É um jogo difícil, mas as chances existem para as duas equipes. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 05/07/1982, p.10)

O jornalismo esportivo busca a ideia de definir o favorito para o jogo, como forma de instigar uma relação de rivalidade e proporcionar possíveis vitórias inesperadas, aumentando a expectativa dos torcedores para o jogo, conforme demonstramos no capítulo 3. Na página 11 encontramos as colunas de Sandro Moreyra e João Saldanha. Sandro indica um medo com a possível violência italiana:

Mais que a força técnica, uma possível violência da parte dos italianos pode ser o grande perigo para a Seleção Brasileira na partida desta tarde. [...] Tecnicamente não há muito o que temer. Os italianos possuem alguns bons jogadores e Antognoni é o melhor deles, mas seu futebol é antiquado. A velha marcação homem a homem, pela lógica, deve ser impotente para conter o rodízio do time brasileiro. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 05/07/1982, p.11)

Já que somos “melhores indiscutivelmente”, somente circunstâncias e atitudes ilegais do adversário podem nos atrapalhar. A narrativa do favoritismo de Moreyra fala que os jogadores italianos e o técnico já sabem que vão perder: “Sentia-se que todos na delegação esperavam se despedir hoje da Copa.” Já João Saldanha afirma que sempre fica nervoso em jogos iniciais de Copa do Mundo, pelo medo de perder e voltar para a casa mais cedo. Esta é a coluna em que o jornalista mais exalta o futebol-arte, demonstrando que até o maior crítico da seleção se rendeu à narrativa de recuperação do nosso estilo:

Agora já podemos provar a todos e principalmente aos nossos torcedores, isto é o mais importante, que nosso futebol, o futebol brasileiro é o maior espetáculo da terra. Damos alegria ao espectador que entra e sai do campo satisfeito. Claro que com uma derrota logo na cara a gente fica sem argumento. Com cara de besta. Mas, ninguém tira mais: o melhor time da que está disputando esta Copa. Com qualquer resultado, é o nosso. E é tão bom que se dá ao luxo de dar vantagem aos outros. Estamos jogando “torts” sem que ninguém avance pela direita. [...] De qualquer maneira estou satisfeito e feliz. O futebol-arte se impôs e creio que definitivamente. Lembram de 1978? Sabíamos que seríamos derrotados. Poderia ter sido no primeiro turno mas escapamos. Estávamos jogando o “futebol-força”, para mim o futebol

estúpido e pouco inteligente. Agora tudo é lucro. Já fizemos a festa mais bonita. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 05/07/1982, p.11)

Ao afirmar que o futebol-arte se impôs ao futebol-força e que isso já é lucro, o jornalista exalta sua preocupação com o estilo de jogo “tipicamente nacional”, colocando-o como um dos principais defensores do futebol-arte que encontramos no *corpus*. Na mesma página a reportagem com os confrontos entre os dois países mostra equilíbrio: oito encontros e quatro vitórias para cada um.

O jornal *O Globo* trouxe as seguintes manchetes sobre o jogo: *Mistério disfarça otimismo: Zico deve jogar, Receita de Telê para hoje: frieza e ousadia e Cidade volta a parar às 11 horas*. As dúvidas sobre a presença de Zico são exploradas na página 1 do caderno de Esportes, mas o jornal afirma que ele jogará. Na página 6, a coluna *Papo de Esquina* de Sérgio Cabral foi uma das poucas narrativas que se perturbaram com o excesso de otimismo em torno da seleção. O autor se mostra preocupado com o clima de “já ganhou” e lembra da Copa de 1950 em sua coluna

Toda vez, que num time de futebol, encontro um clima semelhante ao que vi ontem, na seleção brasileira, lembro-me das lições dos diretores teatrais: o segundo espetáculo é sempre o mais perigoso, pois, passada e tensão da estreia, os atores e o iluminador trabalham com total descontração que a apresentação corre o risco de não agradar o público. (ESPORTES IN: O GLOBO, 05/07/1982, p.6)

Na página 10, outras reportagens destacando a preocupação dos italianos com a marcação aos atletas brasileiros, principalmente Zico e Falcão, que, segundo o próprio Bearzot, possuem um talento extraordinário. Foca mais nos aspectos táticos do time italiano e na preparação deles para tentar vencer a equipe brasileira. Entretanto, demonstra que os adversários reconhecem a superioridade técnica brasileira:

A Itália pode não ter a técnica do futebol brasileiro, a genialidade dos seus grandes astros, mas será um time de garra e disposição, que promete lutar até o último minuto pela vitória. Este é o pensamento do técnico Enzo Bearzot e da maioria dos jogadores, para quem uma vitória esta noite vale tanto quanto a conquista do título. (ESPORTES IN: O GLOBO, 05/07/1982, p.6)

Em um jogo definido pelas narrativas jornalísticas como histórico e espetacular, a seleção perdeu por 3 a 2. No artigo *1982: lágrimas de uma geração de ouro* (2014), Leda Costa afirma que “a derrota para a Itália foi nossa segunda tragédia, a tragédia de Sarriá, como ficou conhecida.” (COSTA, 2014, p.165-166). Segundo a autora, os questionamentos

da derrota de 1982 foram bem próximos aos da derrota de 1950, que buscavam responder: “como isso pode acontecer?”:

Nas duas Copas, as tentativas de resposta dadas a essa pergunta encenam o embate entre forças humanas e as forças do destino, o que, em parte, está associado ao fato de que ambas as derrotas se deram em contextos parecidos e viabilizavam um tipo de representação cercada de uma atmosfera trágica. (COSTA, 2014, p.166)

A autora sugere que a imprensa esportiva nacional busca interpretar sentidos de uma derrota da seleção nacional por outros motivos e não o esportivo. Ela cita a busca por culpados em 1950 e em outras Copas do Mundo, entretanto Costa afirma que em 1982, “as respostas dadas à pergunta “por que perdemos?” não tiveram como prioridade a caça a culpados, nem a tentativa de desmerecer a seleção e seus jogadores.” (COSTA, 2014, p.176) O contexto apresentado creditava à seleção nacional, mais uma vez, a cristalização de um país que retomava suas “raízes” através da representação do futebol-arte. Segundo Costa:

Havia um aparato discursivo que colocava em circulação uma série de representações e significados que iam sendo anexados àquela seleção. Representações relacionadas ao futebol-arte, tão caro à imagem e à autoimagem do futebol brasileiro. A seleção de 1982 foi compreendida por muitos como aquela que traria de volta um futebol especial. (COSTA, 2014, p.180)

O *Jornal do Brasil* do dia 6 de julho teve a seguinte capa: *Itália vence bem e seleção volta hoje*. Na primeira página do caderno de Esportes, a dicotomia entre alegria e tristeza fica evidente com fotos do contraste dos brasileiros e italianos seguidas pelos títulos: *O amargo sabor da derrota* e *A doce alegria da vitória*. Apesar das argumentações de Leda Costa indicarem a ausência na procura de vilões, as narrativas do dia seguinte, tentavam explicar a derrota indicando culpados. Na página 2, a reportagem: *Isidoro, revoltado e chorando, critica Telê*, traz duras críticas ao treinador, feitas pelo jogador Paulo Isidoro, que desabafa dizendo não entender por que foi titular durante dois anos e na Copa foi tirado do time pelo treinador. Na mesma página outra matéria negativa sobre o treinador da seleção: *Até pintinho põe a culpa no treinador*, que dava voz ao meio campo Carlos Alberto Pintinho, jogador do Sevilla, que criticou e culpou Telê. Segundo o jogador, o técnico deveria ter recuado o time depois do empate, além de ressaltar que ele não conseguiu dar um padrão tático à equipe. Na mesma página, as declarações do jogador Edinho, disse que tentava orientar a defesa do time, mas era inibido pela comissão técnica. Na página 6, as matérias *Oscar não encontra desculpa para erros* e *Zico acha que faltou grito*, tentavam compreender o porquê da derrota, questionando os jogadores e tentando apontar culpados.

Na página 3, a coluna de Pelé, intitulada *Fantasia rasgadas*, começa dizendo que ele estava triste com a derrota e que as ruas de Barcelona, antes cheia de brasileiros, deram lugar aos italianos. O ex-jogador ressalta que apesar de colocar o Brasil entre os quatro favoritos não seguiu o otimismo exacerbado dos demais jornalistas:

Não compartilhei do selvagem otimismo daqueles que beijavam o chão pisado pelos jogadores brasileiros; daqueles que se tornavam poéticos toda a vez que um jogador brasileiro chutava a bola, qualquer que fosse o modo como ele a chutasse; ou daqueles que colocavam a equipe no topo do Olimpo e não apenas a apontavam como a inevitável campeã da Copa da Espanha, mas também asseguravam que se tratava de uma equipe superior às de 58, 62 e 70. Como poderia ser? Eu perguntava. Eles não jogaram juntos suficientes. [...] Taticamente, o Brasil errou com 2 a 2 no placar, quando, sabendo que um empate era suficiente e com apenas 20 minutos a mais de jogo, poderia ter sido perdoado por jogar mais conservadoramente. Não defensivamente, mas protegendo sua conquista, que era virtualmente um lugar nas semifinais, naquele momento. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 06/07/1982, p.6)

Pelé defende que o Brasil deveria ter se fechado e não jogado “frouxamente, sem disciplina, sem liderança”:

E finalmente, lamentemos a despedida dos brasileiros, porque eles representam muito para os românticos do futebol. Os românticos que tem de sofrer o tédio de alguns super-esquemáticos sistemas que eu também tive que aturar na Espanha. Se ao menos os românticos não se superestimassem e insistissem em esperar milagres de times que ainda não estão prontos para realizá-los... (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 06/07/1982, p.6)

Todavia essas vozes que tentavam cassar culpados apresentavam argumentos que iam contra a ideia do futebol-arte: jogar na defesa e segurar o empate. A construção da narrativa que mais se coadunava aos aspectos da representação do futebol-arte eram a da tragédia, a força do destino que fez com que, mesmo jogando o “verdadeiro” futebol brasileiro, não vencêssemos.

O telegrama enviado pelo presidente da república a Giulitte Coutinho ressalta este sentimento: “Sei que todos fizeram o que podiam em busca da vitória. O insucesso frente à Itália não lhes tira o mérito da boa campanha que realizaram. Ânimo forte. Outras Copas virão” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 06/07/1982, p.2)

Na página 4, todas as reportagens falavam da desolação da torcida brasileira. As narrativas enfatizavam a decepção, tristeza e o choro. A matéria *A decepção da torcida que animou a Espanha*, escolheu como personagem o brasileiro Mario Del Bianco, fazendeiro, que “permaneceu no estádio, chorando e olhando para o campo com se não acreditasse no que

tinha acontecido”. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 06/07/1982, p.4) Sua fala serve para exemplificar a narrativa do jornal sobre o sentimento da torcida:

Comprei minha passagem e os ingressos e vim sozinho. Tinha certeza de que o Brasil seria campeão. Tive nesses últimos 20 dias os momentos mais felizes de minha vida. Cada dia de jogo do Brasil era uma alegria indescritível. Cheguei a entrar em rodas de samba e dançar como se fosse um passista de escola de samba. Tudo por estar envolvido no ambiente da Copa. Para mim tudo seria igual até o dia da decisão. Sonhava chegar a Madri e ver o Brasil com o título e continuar festejando até chegar em casa. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 06/07/1982, p.4)

A escolha dos termos e do personagem pelo jornal é pertinente para a construção da ideia de tristeza e tragédia. Ao relatar que os dias mais felizes de sua vida foram durante a Copa, o jornal demonstra o contraste da euforia para a decepção com a eliminação brasileira. A página 6 dedicava grande parte de seu espaço à entrevista coletiva de Telê Santana. *Telê diz que Itália soube aproveitar chances* começa com a declaração do treinador explicando a derrota: “Perdemos porque os italianos souberam aproveitar as nossas falhas e fizeram mais gols. A Itália melhorou nesta segunda fase e mostrou que seus jogadores estão em excelente forma. Além disso, nunca considerei o Brasil imbatível.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 06/07/1982, p.6) A matéria relata que Telê estava abatido e ao ser questionado sobre a disciplina tática dos jogadores, ele respondeu:

Minhas determinações são sempre cumpridas. Só que o futebol brasileiro é muito criativo e, às vezes, os jogadores buscam uma jogada de efeito. Eles tem liberdade para isso. Nosso time tem uma dose de liberdade. Dentro de campo, podem mudar alguma coisa se perceberem uma maneira mais fácil de chegar ao gol adversário. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 06/07/1982, p.6)

A narrativa termina com a descrição de um fato incomum: um treinador derrotado ser aplaudido. “Pouco depois, a entrevista terminava, com Telê Santana deixando a sala sob aplausos e agradeceu a atenção de todos e o bom convívio que teve com os jornalistas, tanto brasileiros quanto estrangeiros. Afinal foi a única delegação que recebeu diariamente a imprensa.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 06/07/1982, p.6)

Neste contexto é importante ressaltar que em 1974 e em 1978 a concentração da seleção era descrita como fechada e muito rígida, ao passo que a de 1982 foi aberta aos jornalistas. Tal fato se encaixa a crença de que esta seleção rompia com o militarismo. Entretanto o clima dentro da CBF não era nada bom. As notícias eram que o diretor de futebol Medrado Dias, pediria demissão depois de se desentender com o presidente Guilitte Coutinho.

Já a coluna de Sandro Moreyra começa fortalecendo a narrativa de que a derrota foi uma surpresa e recupera a memória de outros resultados considerados surpreendentes em Copas do Mundo:

A seleção de melhor futebol da Copa, apontada por todos como franca favorita para a conquista do título, foi derrotada pela Itália de forma inapelável. O que aconteceu ontem, aqui em Barcelona, entrará para a história do futebol, como o 16 de julho de 50, no Maracanã, ou a derrota na Copa de 54, da famosa Seleção Húngara. São dessas surpresas que o futebol de vez em quando apresenta e que talvez por isso o torne o esporte fascinante que é. Nem sempre a melhor equipe fica com o título. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 06/07/1982, p.9)

Sandro Moreyra destaca os erros individuais e primários da seleção aliados a uma tarde não muito feliz de todo o grupo e critica a escalação de Serginho durante toda a Copa. Ele termina lembrando que com uma seleção melhor do que as duas copas anteriores, tivemos uma colocação pior e rechaça a escolha de culpados:

Incrível como pareça, foi a pior colocação que o Brasil obteve desde a Copa de 70. Fomos quarto em 1974, terceiro em 1978 e agora, com uma equipe superior, não chegamos nem às semifinais. Coisas do futebol – é só o que se ouve por aqui. Culpar a quem? Já que o velho hábito nosso é o de procurar culpados. Telê Santana? Seria tão injusto como foi a derrota de ontem. Telê armou, indiscutivelmente, o melhor time que já saiu do Brasil para uma Copa depois de 70. [...] Não vamos culpar ninguém. Foi, sim, uma partida ingrata, em que nada deu certo e, como era um jogo de vida ou morte, o time deixou fugir o título que, pelo menos até ontem, ninguém mais do que ele merecia conquistar. [...] Os deuses do futebol desta vez não quiseram premiar o melhor. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 06/07/1982, p.9)

Interessante notar que dentro de um mesmo jornal temos diferentes narrativas e discursos. Os embates entre ideologias também ocorrem dentro das redações. Enquanto Sandro não culpa ninguém, a matéria da página 10 *Brasil deixa a Copa com derrota melancólica*, aponta mais falhas do que Sandro:

Os erros forma tantos que colocaram por terra o sonho do Brasil de conquistar uma das mais fáceis Copas do Mundo da história: erros da defesa, onde a zaga permitiu que os adversários cabeceassem e chutassem dentro da pequena área e o goleiro só defendeu o absolutamente defensável; erros do meio-campo; e erros do ataque, onde não existiram pontas nem jogadas pelas pontas e o centroavante se transformou em mais um líbero em favor do adversário. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 06/07/1982, p.10)

Já a coluna de João Saldanha, intitulada *O limite da estupidez* na página 10, foi bem crítica, destacando o erro tático e a preparação física excessiva como um dos fatores para o time estar cansado no final do jogo:

Tantos crimes contra o bom senso, contra o senso comum, não poderiam passar impunemente. O fato de possuímos jogadores extra-série como Zico, Falcão, Sócrates, Júnior e Cerezo davam falsa impressão de que éramos superiores a tudo. Mas uma estupidez siderúrgica rondava nosso propósito de ganhar uma Copa, onde quem nos derrotou passou mal com o país de Camarões. Inventaram uma tática no Brasil abandonando preciosos espaços de campo. Ora, somente um primarismo infantil e teimoso poderia pensar que os adversários não iriam aproveitar o erro clamoroso. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 06/07/1982, p.10)

O jornal *O Globo* segue a mesma linha do *Jornal do Brasil* em sua capa. Com a manchete *Itália surpreende e elimina o Brasil*, o periódico faz um resumo da partida e destaca a tristeza da torcida brasileira em alguns bairros e a fúria em outros, como no Engenho de Dentro, onde foi feito um enterro simbólico de Telê Santana.

Logo na página 1 do caderno de *Esportes*, a primeira matéria, *Zico e Falcão acham que houve um erro coletivo: Tinhamos que segurar o empate*, tenta identificar erros que ocasionaram a derrota. Este trecho mostra o discurso de nosso principal jogador, Zico, bem delineado com a hipótese que levantamos neste trabalho: mesmo perdendo de forma inesperada, a derrota é menos sentida por conta do time ter apresentado o “verdadeiro” futebol nacional.

- Por que procurar erros ou culpados? Agora não adianta nada. Erramos todos nós, perdemos todos juntos. O sonho acabou. Pena, porque era um lindo sonho. [...] ...tenho certeza de que jogamos o melhor futebol da Copa do Mundo até as quartas de final. Daqui para frente, pode acontecer qualquer coisa, mas que até agora ninguém jogou futebol mais bonito e moderno do que nós, é indiscutível. Fomos vítimas de um torneio ingrato e uma exibição infeliz. Nada mais. [...] saio da Copa de 82 bem mais satisfeito do que saí da de 78, quando nos classificamos em terceiro lugar. Agora, apresentamos ao mundo um belo futebol, o verdadeiro futebol brasileiro, que todos consideravam o mais lindo da competição. É, de certa forma, recompensador. Diminui um pouco a tristeza. (ESPORTES IN: O GLOBO, 06/07/1982, p.1)

Na página 2, o jornal trouxe a reportagem da coletiva do técnico brasileiro, que descartou o excesso de confiança e afirmou que era a hora de todos se unirem: “se todos se unirem, imprensa, torcida, dirigentes e técnico, acho que dá para manter o padrão de nosso futebol, evoluir ainda mais e conquistar mais glórias, que, indiscutivelmente, merecemos” (ESPORTES IN: O GLOBO, 06/07/1982, p.2) A reportagem mostra um elogio de um jornalista italiano que reforça a narrativa de melhor futebol da Copa: “Aproveito para agradecer-lo pelo maravilhoso espetáculo que acabamos de assistir, inigualável e que só o Brasil sabe proporcionar.” Telê respondeu emocionado: “– Agradeço em nome do futebol brasileiro mas... E retirou-se emocionado, sem poder completar a frase, aplaudido durante mais de um minuto, embora derrotado”. (ESPORTES IN: O GLOBO, 06/07/1982, p.2) Em ambos os jornais o fato de Telê ser aplaudido e elogiado é emblemático. O técnico por muitas

vezes é considerado o grande culpado por derrotas e no contexto do futebol-arte por atrapalhar, através de táticas e esquemas de jogo, os jogadores a desenvolverem seu futebol espontâneo. Entretanto, ao ter praticado o “nosso verdadeiro futebol”, Telê é elogiado efusivamente.

Falcão deu entrevistas após a partida e segundo o jornal “as palavras tinham um tom dramático, como a justificar o vermelho dos olhos, sintoma evidente de muito choro.” Na reportagem *Falcão: triste é não saber se disputarei uma nova Copa*, o jogador descarta escolher algum culpado, e disse que apesar de reconhecer que o time poderia ter recuado para segurar o empate, os jogadores não pensaram nisso: “- Acho que isso é muito brasileiro. Nós não sabemos mesmo segurar resultado, porque estamos habituados a jogar para o ataque. Por que só agora a gente pensa que tudo poderia ser diferente?” (ESPORTES IN: O GLOBO, 06/07/1982, p.2) O destaque que estamos acostumado a jogar no ataque reforça o elemento ofensividade do futebol-arte. Porém Falcão o coloca em dúvida, talvez se não jogássemos neste estilo poderíamos vencer. O jogador é incisivo quanto ao futebol-arte:

Só não digo que o futebol arte não serve para o Mundial porque estaria cometendo injustiça com outras seleções brasileiras que conquistaram o título. Mas a verdade é que às vezes é importante partir para um futebol mais competitivo, rude, para se alcançar o objetivo. Neste jogo contra os italianos, por exemplo, precisávamos de um outro estilo de jogo.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 06/07/1982, p.2)

Na mesma página o técnico brasileiro Oto Glória, afirma que o Brasil pagou pelo futebol espetáculo: “Em uma competição curta como Copa do Mundo, uma seleção deve jogar competindo, o que significa jogar pelas pontas, e, não se preocupar em dar show.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 06/07/1982, p.2). Ao supor que nem sempre a ofensividade e o show são essenciais, e que elas podem ter sido a causa da derrota, indica-se possíveis mudanças futuras no estilo de jogo.

Por outro lado, o lateral Júnior desabafa ao afirmar que somos melhores e que o jogo foi um acidente: “Digam o que disserem, pensem o que pensarem, a verdade é que a seleção brasileira foi a melhor deste mundial. Está eliminada, sim, mas provou que o futebol brasileiro é o melhor do mundo. Fomos vítimas de um acidente, simplesmente.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 06/07/1982, p.2)

A coluna *Papo de esquina* de Sérgio Cabral, com o título *Aqui entre nós: foi uma derrota bem brasileira* fala da dificuldade de explicar a derrota da seleção. Apesar de exaltar a raça italiana, Cabral não escolhe culpados e aponta Telê como um grande treinador:

Perdemos porque gostamos do futebol espetáculo, da coisa bonita, da categoria. Prefiro Leandro a todos os jogadores que permanecerão jogando na Copa do Mundo. Somos assim. Subdesenvolvidos, mas refinados, procurando o artístico, o difícil, o impossível, enquanto os outros disputam o prático e o mais lucrativo. O que poderemos fazer? Perderemos todas as Copas em que a objetividade estiver mais forte do que as nuances. Ou onde o menor caminho entre dois pontos seja uma reta. Para nós não. O menor caminho não existe. O que há é o melhor caminho, onde nos divertiremos mais, onde as coisas serão mais belas. Estou triste, mas não estou arrependido. (ESPORTES IN: O GLOBO, 06/07/1982, p.2)

A capa do *Jornal do Brasil* do dia 7 de julho, trouxe informações sobre o boato de que a Itália seria eliminada da competição por conta de um possível doping de Paolo Rossi, autor dos três gols italianos na partida. Esta informação foi desmentida pelo jornal que afirmou: “No Rio, os telefones do JORNAL DO BRASIL não pararam o dia todo. Torcedores aflitos – agarrados à esperança de um novo jogo - tentavam confirmar o que seria a grande notícia. A todos, a mesma respostas: não é verdade; a Seleção voltou ao Rio, irremediavelmente eliminada.” (O GLOBO, 07/07/1982, p.1) Na mesma nota de capa, uma frase do treinador italiano Enzo Bearzot: “o Brasil continua sendo a equipe que ofereceu o melhor e mais espetacular futebol.” Tais narrativas e escolhas de capa, nos sugerem que a ideia de que somente algo fora do comum, como um jogador dopado, poderiam vencer nossa equipe, além de enfatizar o reconhecimento do nosso próprio algoz ao estilo de jogo nacional.

A primeira página do caderno de Esportes traz uma crônica de Carlos Drummond de Andrade com o título *Perder, ganhar, viver*. Ele começa com a descrição da tristeza e até desespero de torcedores com a derrota da seleção. Drummond enfatiza a derrota como um recomeço da vida:

Perder implica remoção de detritos: começar de novo. Certamente, fizemos tudo para ganhar esta caprichosa Copa do Mundo. Mas será suficiente fazer tudo, e exigir da sorte um resultado infalível? Não é mais sensato atribuir ao acaso, ao imponderável, ate mesmo ao absurdo, um poder de transformação das coisas, capaz de anular os cálculos mais científicos? (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 07/07/1982, p.1)

O autor reforça a ideia de tragédia e termina dizendo que mesmo com a derrota o país não acabou:

Paciência, não vamos transformar em desastre nacional o que foi apenas uma experiência, como tantas outras, da volubilidade das coisas.[...] A Copa do Mundo de 82 acabou para nós, mas o mundo não acabou. Nem o Brasil, com suas dores e bens. E há um lindo sol lá fora, o sol de todos nós. E agora, amigos torcedores, que tal a gente começar a trabalhar, que o ano já está na segunda metade? (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 07/07/1982, p.1)

O que mais nos interessa nesta coluna é como Carlos Drummond de Andrade desvencilha a vitória ou a derrota da seleção de um projeto de nação, que foi fortemente explorado em 1970. Nas páginas 3 e 10, encontramos a repercussão da derrota brasileira na Espanha. A narrativa segue o tom de que a melhor seleção deixa a Copa prematuramente na matéria *Seleção é aplaudida no embarque em Barcelona*. No hotel Mas Bado, que hospedou a seleção na segunda fase, os jogadores foram recebidos com um faixa confeccionada pelos moradores da região: “Brasil: nem sempre vence o melhor”. A reportagem relata uma reunião dos jogadores, onde “quem participou dele, disse que foi um encontro tocante, carregado de emoção, principalmente quando Sócrates, pedindo a palavra nem chegou a terminar sua exposição, uma vez que chorou de forma convulsiva, fazendo com que muitos outros jogadores também chorassem.” Júnior pediu a palavra e segundo o jornal repetiu o que já tinha dito no vestiário aos companheiros: “Deus quis assim e portanto não vamos nos abater. Temos a consciência de que representamos condignamente o futebol brasileiro e que somos os melhores.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 07/07/1982, p.3) Tais fatos encaminham o sentido de que perdemos, mas fomos os melhores por seguirmos nossas “raízes”.

A coluna de Sandro Moreyra afirma que: “Desde Pelé, passando por toda imprensa nacional e estrangeira e terminando no garçom que nos serve à mesa e que só assistiu futebol três vezes na vida, ninguém entendeu até agora porque a Seleção Brasileira, quando empatou de 2 a 2 com a Itália, não segurou o jogo, recuando para defender um resultado que significava sua classificação.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 07/07/1982, p.10) Sandro afirma que o Brasil achava inglório empatar com a Itália e tentou virar o jogo, abrindo espaços na defesa para os perigosos contra ataques italianos. Na página 10, Saldanha volta a criticar a intensa preparação física, que falhou no jogo decisivo, e ainda causou lesões musculares a nossos jogadores. Também fala da indefinição de quem eram os titulares, em alusão aos comentários de Telê que afirmava que todos eram efetivos e todos reservas. “Daria para se fazer uma enciclopédia sobre as barbaridades cometidas contra nossos jogadores. Uma preparação de intensa tortura e nervosismo.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 07/07/1982, p.10)

A capa do jornal *O Globo* traz a seguinte manchete: *Seleção é aplaudida na despedida – CBF quer renovar já o contrato de Telê*. É um fato curioso surgir a notícia de renovação com o treinador derrotado logo após a eliminação precoce. Este fato nos aponta que o estilo de jogo proposto por Telê e difundido pelas narrativas dos jornais pesquisados ajuda na

aceitação de seu trabalho, mesmo com a derrota. No caderno de Esportes, na página 1 a matéria *CBF quer manter Telê*, defende a seleção:

Está entre as mais melancólicas tradições brasileiras o hábito de apedrejar, por um resultado infeliz, aqueles que por longo tempo forma enaltecidos e glorificados por tudo de bom que realizaram. A seleção brasileira – dirigentes, técnico e jogadores - não escapou deste destino. Desde ontem, o oportunismo dos “comentaristas de resultado” desanca a nossa delegação, logo esquecidos do brilho e da dignidade com que ela se conduziu até mesmo diante de uma derrota que beirou o absurdo. (ESPORTES IN: O GLOBO, 07/07/1982, p.1)

Ao designar a derrota como absurda, a narrativa sequer menciona um possível mérito dos italianos na vitória, é como se apenas a sorte estivesse do lado adversário. Deste modo, edifica-se a ideia de que quando “jogamos nosso real estilo”, somente algo fora dos padrões normais consegue nos derrotar.

Na página 3, encontramos o olhar de outros países sobre a nossa derrota. As narrativas mantêm a mesma linha, corroborando as apresentadas pelos jornais nacionais. *Até a Espanha inconformada: Copa foi injusta e perversa*, estampou o jornal *Correo Catalan* que exaltava a “perplexidade da imprensa espanhola com a eliminação do Brasil e o pesar da ausência nas finais do futebol que consideravam o mais alegre, o mais requintado e o mais empolgante da Copa do Mundo.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 07/07/1982, p.3) O *L'Equipe* da França destacou: “Brasil era melhor, não podia perder o Mundial, mas hoje chora a derrota, como resultado de uma partida notável, que demonstrou outra vez que os italianos podem realizar um ótimo jogo quando assim o decidem.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 07/07/1982, p.3) O *Diário de Notícias* de Portugal falou: “Apesar da justiça da vitória italiana, nada destruirá uma verdade: foi uma injustiça ver-se descer o pano sobre o melhor futebol, o mais refinado espetáculo deste Mundial.” O peruano *Ojo* mostrou a disputa entre futebol força e futebol-arte: “Infelizmente, a Europa foi o eclipse do futebol-arte e temos que continuar a admitir a supremacia do futebol-força” O iugoslavo *Politika* une o futebol a outra identidade nacional: “Acabou-se o samba e os amantes do bom futebol já podem ir para casa”. Mais uma vez a visão dos outros ajuda a definir nosso estilo como arte. Entendemos que os jornais reproduzem e escolhem as manchetes apropriadas para corroborar suas narrativas.

Ainda sobre o olhar estrangeiro, o jornal traz a opinião do jogador holandês Cruyff:

Não importa o resultado da Copa, pois já existe um campeão: o Brasil. Foi o melhor conjunto, com os melhores jogadores e o mais bonito futebol. Em 74, quando vivi uma tristeza assim, aprendi que a escolha de um campeão, para o amante do futebol, nem sempre se dá pelo resultado. O que aconteceu contra a Itália não passou de um lamentável escorregão. (ESPORTES IN: O GLOBO, 07/07/1982, p.3)

A narrativa permanece dando voz a quem já foi reconhecido como melhor pela imprensa e perdeu uma Copa do Mundo, o técnico holandês em 1974, Rinus Michels: “Éramos favoritos absolutos, jogamos uma excelente partida final e, creio, não merecíamos ter perdido. Mas da maneira como entramos para a história do futebol, a seleção brasileira também terá seus méritos reconhecidos. As pessoas amaram mesmo o seu lindo futebol.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 07/07/1982, p.3). O húngaro Puskas, outro atleta que integrou um time (Hungria de 1954), segundo a imprensa, favorito a vencer a Copa por conta de seu bom futebol e foi derrotado, teve sua opinião reproduzida no jornal: “Como apreciador do futebol puro, técnico e criativo, eu sinto mesmo, de verdade, ter de admitir essa volta do Brasil antes da final. Sem dúvida, era o melhor time da Copa.” A ideia da narrativa era dar voz a outros que já passaram pela mesma situação que o Brasil passava naquele momento.

A coluna de Sérgio Cabral, *A luta que continua: beleza x eficiência* critica os comentaristas que agora pedem a eficiência ao contrário do jogo bonito.

É provável que a atual seleção tenha se preocupado mais com o espetáculo do que com a competição. Trata-se de uma constatação que pode ser interpretada, ao mesmo tempo, como crítica e autocrítica, pois, se revela uma tendência do treinador Telê, expressa o gosto deste papo de Esquina. [...] Agora, depois da derrota, é fácil dizer que o grande objetivo era a conquista da Copa do Mundo e, nesse caso, valeria a pena sacrificar a beleza e nome da eficiência. Alias, estou impressionado com o número de brasileiros que já “sabiam” que o time de Telê não chegaria às finais. Até a hora de Brasil x Itália, eles não tinha aparecido aqui na Espanha. (ESPORTES IN: O GLOBO, 07/07/1982, p.3)

A coluna de Carlos Swann na página 4 retoma a comparação dos times das Copas anteriores de forma mais bem humorada, contudo destacando a de 1982: “Alguns comentários de torcedores, à saída do estádio: - Em 1974, nosso time morreu de velho, com varizes e enfisema; em 1978, nosso time morreu de velho, com arteriosclerose e derrame cerebral; agora, pelo menos, nosso time morreu jovem, de desastre de automóvel.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 07/07/1982, p.4)

A Itália venceu a Alemanha na final da Copa e se sagrou campeã, igualando o Brasil em número de títulos: três. A hegemonia das conquistas da seleção ficou abalada. Após a conquista italiana, a narrativa do *Jornal do Brasil* exaltou a eficiência e o estilo marcador da Itália. Sandro Moreyra em sua coluna, no dia 12 de julho já aponta os discursos que levariam a mudança de estilo de jogo nas Copas de 1990 e 1994:

Nós jogamos um futebol diferente. Temos ótimos craques, artistas da bola e por isso não conseguimos evitar o individualismo, traduzido no drible de efeito, no chute de curva e num vasto repertório que todos conhecemos. Tudo isto é bonito de se ver, dá

um colorido e uma alegria ao espetáculo, mexe com as arquibancadas. Mas o futebol evoluiu muito. Evoluiu não sei se para melhor. Só sei que não comporta mais as exibições de estilo e classe, tão gosto ao gosto de nós, brasileiros. O futebol que vale agora é esse que acabamos de ver na festa final da Copa do Mundo de 82. Um futebol que não tem nada de grosso, que não usa retranca, e tem tanto de defensivo como de ofensivo, defendendo e atacando com oito, 10 jogadores. E usa as pontas, o meio-campo, as laterais onde quer que possa haver ou criar espaços. É isso que temos de compreender e assimilar se quisermos continuar num plano superior no futebol internacional. (ESPORTES IN: O GLOBO, 12/07/1982, p.11)

Percebemos que as discussões para tentar entender o “por que perdemos?” se mantém até hoje. Em uma publicação recente, *Sarriá 82 – o que faltou ao futebol-arte?* (2012) os autores Gustavo Roman e Renato Zanata analisam 25 partidas da Era Telê e 21 *tapes* da Era Coutinho. Os jogadores também foram ouvidos e a narrativa do livro elenca alguns aspectos fundamentais para a derrota: a mudança de tática dentro da Copa do Mundo e o jogo que pôs fim a trajetória de uma grande seleção como um acontecimento inesperado, um acidente. Outra obra é a do jogador Falcão: *Brasil 82 – o time que perdeu a copa e conquistou o mundo* (2012) que relata os acontecimentos daquela competição e faz e pergunta “Por que perdemos?” a todos seus companheiros de time. Falcão termina o livro respondendo a esta questão, com uma narrativa bem próxima a dos jornais pesquisados, mostrando que ela se edificou na memória coletiva do brasileiro e dos jogadores quando lembramos desta Copa do Mundo:

Waldir Peres disse que perdemos porque a Itália obrigou o Brasil a se abrir mais do que o normal; Leandro acha que perdemos por causa dos nossos erros; Oscar afirma que foi um erro de cálculo jogar ofensivamente, quando precisávamos apenas do empate; Luisinho reconhece que faltou humildade; e Júnior garante que não há uma única resposta, mas admite falhas individuais. Cerezo prefere dizer que, quando a bola rola, ninguém sabe o que pode acontecer; Zico garante que a Itália foi melhor e soube aproveitar os erros individuais e coletivos do Brasil; Sócrates escreveu no seu diário que a Itália foi mais determinada; Serginho acredita que faltou inteligência ao Brasil para, ao menos daquela vez, jogar um pouco mais feio; Éder prefere dizer que foi um vacilo diante de um adversário melhor; e Paulo Isidoro, que entrou no final, garante que foi um jogo atípico. Pois, respeitando a opinião de todos os meus companheiros, prefiro dizer que não perdemos. Ganhamos. Ganhamos muito, tendo o privilegio de participar daquela Seleção mágica, com um craque em cada posição, com entendimento perfeito de que o futebol deve ser jogado para frente, com alegria, com talento e com prazer. [...] Ganhamos um prêmio mais importante do que o título, que é o reconhecimento do mundo para o nosso jogo bonito, para a nossa arte, para o nosso futebol coletivo, para a nossa disposição de encantar o público e tornar aquele time inesquecível. Aquele Brasil de 82 foi um campeão de encantamento. (FALCÃO, 2012, p. 118)

Entendemos que ambos periódicos seguiram a mesma linha: algumas tentativas de se indicar e achar culpados e críticas, mas em geral a narrativa se baseou em explicar a eliminação como uma catástrofe, sem procurar culpados. O teor das matérias indicam uma

aceitação da derrota, por conta do imponderável e do estilo de jogo apresentado pela seleção ser entendido como “brasileiro autêntico”. Desse modo, nossa hipótese foi confirmada durante a pesquisa dos jornais no *corpus* delimitado.

Ao longo dos anos, a seleção de 1982 alcançou um status no imaginário coletivo esportivo nacional que serviu para delimitar uma nova etapa nas narrativas jornalísticas e nos discursos sobre esquemas táticos no futebol. A polarização entre vencer jogando feio ou perder jogando bonito começa a se estabelecer alguns anos mais tarde e acentua a ideia de futebol-arte x futebol-força. Entretanto, o que seria a negação do nosso estilo diferenciado de praticar futebol teve que aguardar a Copa de 1990 para se concretizar na narrativa midiática, já que em 1986, Telê foi novamente treinador da seleção, mantendo a filosofia do futebol-arte na equipe. Entendemos que a eliminação brasileira nos pênaltis contra a França, na Copa do México de 1986, além de marcar a despedida de jogadores que simbolizavam a seleção de 1982 como Zico e Sócrates, proporcionou argumentos favoráveis a mudança de estilo de nossa seleção como veremos no próximo capítulo.

## 6 A MUDANÇA DE ESTILO

O Brasil chegou ao ano de 1990 com o primeiro presidente eleito pelo voto popular desde 1960. Porém, as lutas pelas eleições diretas tiveram um marco com a derrota da emenda constitucional *Diretas Já* em 1984. A não aprovação foi encarada como uma decepção pela população que foi às ruas pedir para escolher o presidente da república. Assim, a disputa ocorreu dentro do Colégio eleitoral e no dia 15 de janeiro de 1985, Tancredo Neves venceu Paulo Maluf. Em seu discurso após a vitória, o político mineiro afirmou que vinha em nome da conciliação (GUTERMAN, 2009). Entretanto, com dores decorrentes de uma infecção intestinal, foi internado na véspera de tomar posse como presidente. No dia 15 de março, seu vice, ex-membro da ARENA, José Sarney, assumiu como presidente interino sem receber a faixa de Figueiredo, que acusava Sarney de traidor, e saiu pela porta lateral do Planalto pedindo ao país que o esquecesse. No dia 21 de abril de 1985, após diversas cirurgias, foi anunciada a morte de Tancredo. (Fausto, 2010)

No mês seguinte foram aprovadas as eleições diretas para presidente e a Assembleia Nacional Constituinte foi convocada, sendo formada pelos parlamentares eleitos em 1986. O país enfrentava dificuldades no controle da inflação: somente no mês de janeiro de 1986 ela atingiu 17,6%. A tentativa de conter este vilão da economia surgiu em fevereiro de 1986 com o Plano Cruzado. Entretanto, a crise nas contas externas levou o país a pedir moratória em 1987. O controle momentâneo da inflação não suportou a crise e ao final do governo Sarney os preços subiam uma média de 2% ao dia. No dia 5 de outubro de 1988 os trabalhos da Constituinte se encerraram formalmente e a Constituição foi promulgada. Tentando abarcar anseios de diferentes grupos da sociedade, a Constituição foi “uma marco que pôs fim aos últimos vestígios formais do regime autoritário. A abertura, iniciada pelo general Geisel em 1974, levava mais de treze anos para desembocar em um regime democrático” (FAUSTO, 2010, p.289). Após quase 30 anos, os brasileiros voltariam a eleger o presidente da república de forma direta.

Em 1989, ano da eleição, o mundo acompanhava a queda do Muro de Berlim, um dos grandes símbolos da Guerra Fria. A polarização entre URSS e EUA se declinava de maneira intensa e a abertura de novos mercados no leste europeu indicava que a economia ia sobrepor o poderio bélico como indicativo de potência. Neste contexto, o candidato do recém-criado PRN, Fernando Collor de Mello, apresentou um discurso de limpeza da máquina pública, das

caças aos “marajás” (funcionários do governo que recebiam altos salários) e de uma modernidade que se apresentava ao mundo: abertura do mercado ao capital externo. A visão da cartilha neoliberal de Collor teve como grandes adversários os partidos PDT, com a candidatura de Leonel Brizola e do PT, partido que se fortaleceu como oposição ao regime militar nos anos 80 e tinha como candidato o líder sindical Lula. Collor foi eleito no segundo turno com 36 milhões de votos, vencendo Lula com uma margem de aproximadamente cinco milhões de votos (FAUSTO, 2010).

Em 1989, a CBF também teve eleições: Ricardo Teixeira, genro de Havelange, foi eleito presidente. Com a ameaça de rebelião dos clubes, que em 1987 organizaram a Copa União através do Clube dos 13<sup>40</sup>, Teixeira prometeu modernizar a entidade de acordo com o mercado mundial. Um dos primeiros reflexos foi que dos 22 jogadores que defenderiam a seleção na Copa da Itália em 1990, 12 jogavam no exterior. Aos poucos, essa abertura do mercado esportivo foi fazendo com que o êxodo dos jogadores se intensificasse de maneira intensa.

Outro quesito que, segundo Teixeira, precisava ser modernizado era o estilo de jogo nacional. Para isso, escolheu Sebastião Lazaroni como técnico. O treinador deixou claro que seu objetivo era ganhar torneios e não jogar bonito. Uma das marcas da modernidade de seus esquemas foi a adoção da figura do líbero, uma tática europeia de jogo. Barreto (2004, p.236) ressalta<sup>41</sup> que também nas Copas de 1974, 1978 e na de 1990, existem tentativas dos treinadores de “substituir o (agora) “arcaico” futebol-arte pelo (sempre) “moderno” futebol-força (ou, o que significa o mesmo, o futebol-de-resultados).”

O primeiro desafio do treinador foi a Copa América disputada no Brasil. Depois de 40 anos a seleção conquistou novamente o torneio, o que sustentou sua permanência no comando da equipe. A classificação para a Copa do Mundo veio depois de um polêmico jogo no Maracanã, onde o goleiro chileno, Rojas, simulou ter sido atingido por um sinalizador atirado por uma torcedora. O chileno, que tinha uma lâmina de barbear escondido na luva se cortou com o objetivo de cancelar o jogo e promover uma nova partida em campo neutro. A farsa foi

---

<sup>40</sup> Em julho de 1987 os clubes São Paulo, Flamengo, Corinthians, Vasco, Palmeiras, Fluminense, Santos, Botafogo, Cruzeiro, Atlético, Grêmio, Internacional e Bahia, fundaram o que ficou conhecido popularmente como Clube dos Treze. Segundo Helal (1997), após a CBF afirmar que não tinha condições para organizar o campeonato Brasileiro, os clubes se reuniram no sentido de “modernizar” a estrutura “arcaica” que geria o futebol nacional. O embate entre CBF e Clube dos Treze foi um exemplo da tensão entre o moderno e o tradicional na organização do futebol no Brasil.

<sup>41</sup> O autor cita o trabalho de Gilson Gil intitulado “O Drama do Futebol-arte” (1994) como base para este pensamento.

descoberta, o goleiro foi banido do futebol e a seleção chilena ficou sem disputar competições internacionais por quatro anos. (RIBAS, 2010)

A ideia de mercantilização do futebol ganhou um capítulo interessante durante a preparação da seleção brasileira para a Copa do Mundo. Ainda na Granja Comary, em Teresópolis, os jogadores se envolveram em uma grande polêmica. A CBF tinha como nova patrocinadora a empresa PEPSI. Alguns jogadores não concordaram com o valor que receberiam durante a Copa do Mundo e na foto oficial, muitos esconderam com a mão o logotipo da multinacional.

Com as inevitáveis narrativas que apontavam os jogadores como “mercenários” e “interesseiros”, a seleção embarcou para a Itália com desconfiança da torcida. O Brasil ficou no grupo C, ao lado de Suécia, Costa Rica e Escócia.

A Copa do Mundo de 1990 foi a segunda sediada pelos italianos, a primeira foi em 1934. Nos jornais pesquisados encontramos um número acentuado de críticas à organização do evento, apesar de nove estádios (do total de 12) receberem reformas e melhorias para a competição. Após a conquista da Copa de 1982, os times italianos contrataram os jogadores que mais se destacaram no futebol mundial: Platini, Maradona, Zico e Sócrates, por exemplo. O Campeonato italiano se tornou uma competição que conseguia contar com os denominados “grandes craques do futebol mundial”. Este contexto proporcionou que jogadores de seleções diversas se enfrentassem durante todo o ano nos jogos entre os clubes, e não apenas durante amistosos e torneio entre seleções como a Copa do Mundo. Sugerimos que tal intercâmbio exerceria significativas mudanças nas concepções de estilo de jogo de algumas seleções. O jogador teria “contato” com outras táticas e esquemas de jogo durante todo o ano, o que supostamente ocasionaria um “esquecimento do real estilo brasileiro”. Tal fato poderia explicar a mudança em nosso estilo nesta Copa do Mundo, além do embate entre futebol-arte e força, como veremos a seguir.

A estreia brasileira foi no dia 10 de junho contra os suecos. A capa do *Jornal do Brasil* traz o seguinte título: *Careca e Dunga, os trunfos de Lazaroni*. A reportagem elenca os dois atletas como os mais importantes no esquema do treinador:

Se o técnico conta com Dunga para fazer valer seu esquema tático, e com Careca para decidir as partidas, o atacante tem também outros objetivos. Aos 29 anos, campeão italiano pelo Napoli, Careca acha que só falta um título mundial para completar seu currículo, que já mereceu elogios, entre outros, de seu companheiro de time e maior estrela da competição, Diego Maradona, e do treinador do Milan, Arrigo Sacchi. (JORNAL DO BRASIL, 10/06/1990, p.1)

A narrativa aposta em Careca, colocando-o como o principal representante do talento brasileiro na equipe, além de destacar que Maradona é seu companheiro de clube, demonstrando o tal intercâmbio que descrevemos acima. Careca afirma que esta é sua última chance de ganhar uma Copa. A reportagem diz que o atleta é o principal interlocutor do técnico com os jogadores e expõe que esta relação se estreitou após ele dizer que doará o prêmio (o discutido com a PEPSI) para instituições de caridade. O treinador resgata estereótipos de craques que já abordamos neste trabalho para identificar Careca como nosso principal jogador: “Não quero compará-lo a Pelé e a Garrincha nas Copas passadas, mas ele representa isso para mim. Se o Careca fizer o que espero e o que ele promete, vai nos dar muitas alegrias.” (JORNAL DO BRASIL, 10/06/1990, p.1) Percebemos a intenção de, mais uma vez, produzir o sentido de que se o jogador brasileiro jogar o que sabe, venceremos com facilidade. Entretanto, no final da matéria, encontramos uma preocupação dos atletas com possíveis representações no caso de derrota: “Na concentração brasileira, além do óbvio clima de otimismo, a preocupação dos jogadores é banir o estigma da geração Zico, Falcão e Sócrates, consagrados em seus clubes, mas que jamais conquistaram um título mundial.” (JORNAL DO BRASIL, 10/06/1990, p.1). Tal preocupação surgirá novamente na narrativa.

Na página 3 a reportagem *Seleção quer atrair torcida*, aborda que será necessário jogar bonito para conquistar a torcida italiana:

“Eles gostam do futebol brasileiro e vão nos apoiar”, garante Muller, enquanto acaricia o filho Luis, cercado pelos *tifosi*. O apoio dos italianos é considerado um fator importante, principalmente num jogo de estreia de Copa do Mundo. “se estivermos jogando bonito, eles vão ficar do nosso lado”, acredita também o meio-campo Dunga, acostumado ao contato com tais torcedores. “Os italianos gostam de bom futebol, de espetáculo, e nós podemos mostrar isso. Com isso, certamente eles se juntarão aos torcedores brasileiros e vão nos incentivar”, acredita Alemão, que está na Itália há dois anos, jogando pelo Napoli. (ESPORTE IN: JORNAL DO BRASIL, 10/06/1990, p.3)

Ao designar que os italianos gostam de espetáculo e que o time brasileiro pode oferecer isso a eles, e conseqüentemente, conquistar sua torcida, reforça-se a ideia do futebol-arte como algo típico do brasileiro e encantador. Na mesma página, a reportagem *À espera da realização do título*, retoma a notícia da capa com o subtítulo: “Jogadores lutam por algo que a geração de Zico não conquistou”. A matéria pode ser resumida por este trecho:

[...] O que se observa na delegação é que os jogadores esperam a Copa para conquistar uma realização pessoal. A alegria de serem campeões do mundo. De mostrarem que representam uma geração vitoriosa, como a de 1970. Os jogadores não querem – e demonstram essa preocupação – é se consagrar em seus clubes e não chegar ao título mundial. Todos lamentam que a geração de Zico, Falcão, Leandro, Sócrates,

Reinaldo, Cerezo e Júnior tenha atravessado três copas sem chegar ao título, por infelicidade, porque em futebol tiveram técnica incontestável. (ESPORTE IN: JORNAL DO BRASIL, 10/06/1990, p.3)

Nota-se que a derrota de uma geração reconhecida como talentosa ainda permanece viva nas narrativas sobre Copas do Mundo, demonstrando, porém, que a ideia de “não perder como eles” é mais presente do que “jogar como eles”. Este foco no resultado será apresentado com mais evidência ao longo das narrativas desta Copa. Levantamos uma hipótese, passível de ser trabalhada em outra ocasião, que não seria leviano creditar esta importância unicamente no resultado ao contexto neoliberal e pragmático encontrado no país e no mundo.

Na página 7 a narrativa se torna mais clara sobre o estilo de jogo apresentado pela seleção. Em *Brasil recomeça caminhada para o tetra*, o periódico traz um histórico da seleção em Copas do Mundo, reforçando que somos a única seleção que participou de todas as competições anteriores. Este trecho é bem elucidativo ao definir como será o estilo de jogo de nossa seleção:

Dirigida pela terceira vez seguida por um mineiro - Sebastião Lazaroni, antecedido por Telê Santana e Carlos Alberto Silva -, a seleção brasileira promete outro estilo. Aqueles que sempre se maravilharam com a arte de grandes craques, com o toque de bola e o futebol ofensivo, deverão se acostumar à filosofia mais pragmática instituída por seu treinador. É a chamada *Era Dunga*. Duas palavrinhas que sintetizam toda a visão desprovida do delírio que caracterizava um time do *país do futebol*. Agora, de acordo com as palavras do próprio Lazaroni, chegou a vez da aplicação, da garra, da movimentação constante. Se a isso puder acrescentar o talento, melhor. Foi com essa nova filosofia, cuja principal característica visual é a escalação com líbero, que a seleção venceu a Copa América, ano passado, e se classificou nas eliminatórias. E ainda venceu importantes amistosos na Europa, contra Itália e Holanda. É verdade que os resultados mais recentes não foram nada animadores, principalmente a derrota de 1 a 0 para o pífio combinado da Úmbria. Mas Lazaroni e os jogadores garantem que o time está pronto para fazer sucesso na Copa. (ESPORTE IN: JORNAL DO BRASIL, 10/06/1990, p.7)

O treinador ainda fala que o time está definido e confiante para ganhar a Copa: ”Estamos com excelente preparo físico. O time tem resistência para correr até o fim da Copa. O esquema tático está definido. Não existem dúvidas. Agora, é só entrar em campo e executar o trabalho. Tudo em dia. Felizmente” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 10/06/1990, p.7). Entendemos o foco na preparação e tática é algo que vai contra a definição do futebol-arte, distanciando o time deste estilo.

Na página 9, a coluna *Na Grande Área* de Armando Nogueira também segue a narrativa de fuga do nosso estilo:

O Brasil, que há muito tempo não tem um supertime, estreia, hoje, com uma seleção consistente, mas exageradamente cautelosa. Nos treinos, nas entrevistas, à boca pequena, tanto os jogadores como o técnico demonstram, claramente, que estão a fim de impor uma nova doutrina ao futebol brasileiro. Estão todos convencidos de que mais vale jogar feio com chance de ganhar do que jogar bonito com o risco de perder. O técnico Lazaroni não esconde que foi buscar sua receita na amarga lição do Mundial de 82, na Espanha, quando o Brasil tinha uma equipe fulgurante, mas acabou despachada pela Itália no meio do caminho. E é com um figurino de corte nitidamente europeu que a nova seleção brasileira começa a jogar seu destino no Mundial de 90. [...] Seja qual o plano do jogo, não é hora de pessimismo. O futebol do Brasil é tão rico de intuições que, de repente, alguém rasga a camisa de força e inventa um gol que não está nos livros. (ESPORTE IN: JORNAL DO BRASIL, 10/06/1990, p.9)

Observamos neste momento, o embrião da narrativa de vencer a qualquer custo, não importando se a seleção jogará bonito ou não. Este discurso provocará um embate entre as gerações de Zico e Dunga anos mais tarde, quando o próprio Dunga a reforçará e usará este pensamento na conquista da Copa de 1994, como veremos no próximo capítulo.

O jornal *O Globo* traz em sua capa o título *Brasil retoma hoje o sonho do tetra*. Na página 1 da seção de Esportes, a reportagem *É a hora da verdade*, destaca a mudança de estilo da seleção:

Há 20 anos sem conquistar a Copa do Mundo, o time brasileiro enfrenta a Suécia sem o mesmo espírito alegre das duas últimas competições, fazendo da marcação forte e dos contra-ataques a sua principal arma. Tanto os jogadores quanto o técnico Lazaroni acreditam que é desta maneira que jogará o campeão. (ESPORTES IN: O GLOBO, 10/06/1990, p.1)

A coluna de Nelson Motta na página 12 afirma que a Copa será:

...a definitiva afirmação dos sistemas defensivos, do antijogo, da competitividade boçal e militarizada, com as partidas se embolando no meio-campo, sob o domínio da força e da violência, com raros gols e escassas emoções. O fim do futebol que sempre nos encantou e do qual o Brasil foi a máxima expressão durante tanto tempo. (ESPORTES IN: O GLOBO, 10/06/1990, p.12)

Além de demarcar o Brasil como o maior expoente do futebol-arte, as colocações do jornalista retomam o confronto entre os dois estilos, destacando que a Copa vai consolidar o futebol-força. Apesar da crítica aos esquemas de jogo, o colunista se mostra confiante na vitória e em Lazaroni, principalmente depois de assistir ao treino em dois toques da seleção na véspera do jogo. Ele destaca a habilidade do jogador brasileiro:

É incrível como naquele pequeno espaço, atulhado de jogadores e dano no máximo dois toques antes de passar a bola, eles fizeram tantos gols bonitos e tantas belas jogadas em ritmo vertiginoso, com a técnica individual se exibindo em plenitude. Hoje tive uma excelente impressão, senti leve o astral dos jogadores, esplendida a forma

física e técnica, confio na liderança de Lazaroni, mas o futebol, vocês sabem, é uma caixinha de surpresas. (ESPORTES IN: O GLOBO, 10/06/1990, p.12)

Motta retoma a ideia de que o jogador brasileiro realiza jogadas inesperadas e belas com facilidade. Na página 16, *Fernando Calazans* em sua coluna com o título *O sol se abre para a estreia da seleção*, resgata a memória sobre a Copa de 1958 e o futebol-arte, aproveitando que o adversário do dia eram os suecos. O autor também destaca a mudança de estilo: “...temos pela frente a mesma Suécia, da Copa de 58. Éramos, então, uma equipe que amava o futebol-arte: vencemos por 5 a 2 e fomos campeões mundiais pela primeira vez. Somos, agora, uma seleção adepta do futebol-força: vamos ver logo mais como daremos partida à nossa campanha.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 10/06/1990, p.16)

Na página 20 uma reportagem com o treinador Lazaroni destaca sua confiança e se encerra da seguinte forma: “Numa comparação com as seleções de 1982 e 1986, Lazaroni fez questão de homenagear as duas anteriores: - Gostaria que esta seleção tivesse um comportamento tão bom quanto aquelas. Quero ter uma participação boa no Mundial, para preservar o prestígio e as características do futebol brasileiro.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 10/06/1990, p.20). Percebemos aqui uma intensão do treinador em preservar as características do “nosso” futebol, contudo, as demais escolhas e enquadramentos sobre suas declarações que farão parte da narrativa jornalística, serão contrárias a esta declaração, principalmente no decorrer da competição. A coluna de Raphael de Almeida Magalhães, na página 22: *Chegou, enfim, a hora de a onça beber água* fala da tensão e expectativa da estreia. Destaque para a evocação de Nelson Rodrigues no final da coluna, demonstrando que os próprios colunistas resgatam pensamentos de seus colegas de trabalho para recuperar a memória esportiva. Neste caso a máxima retomada por Raphael vai de encontro ao tema central deste trabalho: para sermos brasileiros temos que jogar o nosso estilo.

Pois, como sabemos, um time brasileiro que jogue bem na primeira partida vai longe em qualquer Copa. E jogar bem, para nós, é ganhar jogando bonito. Mesmo porque, estou convencido, só vamos ganhar se conseguirmos jogar bonito. Sei que o importante é ganhar. Mas sei, também, que para o modo de ser do jogador brasileiro, como para a alma do torcedor brasileiro, é necessário jogar bem. E queremos, como sempre, que o mundo reconheça a beleza do nosso futebol e a aprimorada técnica dos nossos jogadores. Ou ganhamos na bola ou perdemos na força. Aplicação tática, tudo bem. Mas com um espaço ao talento individual do nosso jogador. Como dizia sempre, o Nelson Rodrigues, somos brasileiros, não somos europeus. Se os copiarmos, servilmente, não ganharemos. (ESPORTES IN: O GLOBO, 10/06/1990, p.22)

O Brasil venceu por 2 a 1, com dois gols de Careca. A capa de *Jornal do Brasil* do dia 11 de junho, destaca: *Arte de Careca leva o Brasil à primeira vitória*. O técnico Lazaroni declarou que vence quem tem um craque como Careca no time. O jornal retoma a narrativa de que o atacante é o grande jogador do Brasil na Copa, destacando que ele estava cumprindo sua promessa de fazer uma boa competição. Nas outras páginas o jornal exalta a aplicação tática dos jogadores e a marcação. Na página 3, João Saldanha deixa claro no título o que achou da estreia: *Não gostei muito*. O jornalista faz críticas à falta de ofensividade do time: “Nossos defensores sempre foram bons atacantes, principalmente os do meio campo. E nossos esquemas mais agressivos. Nunca fomos tão defensivos e isto não é que me desagrada, mas incomoda e muito.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 11/06/1990, p.3)

Armando Nogueira em sua coluna na página 6, é mais incisivo nas críticas ao nosso estilo de jogo e afirma que o momento mais empolgante no estádio foi a transmissão no telão das últimas voltas do Grande Prêmio de Fórmula 1 do Canadá, com o piloto Ayrton Senna chegando em primeiro e Néelson Piquet em segundo:

Gente, a doutrina realista da nova seleção brasileira estreou com uma vitória, mas só Deus sabe com é sofrido o caminho para chegar às traves adversárias. Torcer para o Brasil, com uma equipe assim tão conservadora, é um pouco “desdobrar fibra por fibra do coração”. Ainda bem que o nosso Careca, com a lucidez dos grandes goleadores salvou a pátria, aqui e aí reunida sob o manto da bandeira nacional.[...] Pois a dura realidade é que, no jogo de hoje, houve mais vaias que aplausos. Brasileiros e suecos não alcançaram um nível de futebol à altura da expectativa do público e muito menos da crítica. As duas equipes fizeram um espetáculo de uma pobreza técnica inadmissível. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 11/06/1990, p.6)

Mais uma vez, ao falar da comemoração da torcida brasileira o jornal associa a festa a um carnaval: *Rio comemora com carnaval*.

O jornal *O Globo*, trouxe na capa do caderno de esportes: *Vitória com sofrimento*. A reportagem destaca que o jogo foi tenso, os jogadores sentiram o peso da estreia e o time não convenceu. A página 9 mantém a narrativa e destaca: *Estreia castiga os nervos*. A reportagem afirma que se o ataque não perdesse tantas oportunidades e a defesa não falhasse no gol sueco, “essa vitória teria um sabor bem diferente – um gostinho mais aproximado daquele delicioso prato que começou a ser saboreado com a vitória de 4 a 1 sobre a Tchecoslováquia, 20 anos atrás, nos campos mexicanos, quando o Brasil estreava na Copa de 1970.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 11/06/1990, p.9) Destacamos aqui a recuperação da memória da seleção de 1970 como modelo de equipe na narrativa midiática.

Ao contrário do *Jornal do Brasil*, o *O Globo* não criticou o esquema de jogo e preferiu outros enquadramentos sobre a estreia. Como na página 10, onde coloca em destaque a frase do técnico Lazaroni: “Não foi um sufoco como estão querendo colocar”. Na mesma página, destaca através de estatísticas sobre a partida, como posse de bola e passes certos, que o Brasil foi superior nestes quesitos. Na página 12, uma reportagem com o técnico sueco reconhecendo a superioridade do Brasil e afirmando que a seleção venceu por conta do “nosso toque de bola”, revela a intenção narrativa de demonstrar que o adversário reconhece nosso talento. Na página 13 a reportagem *O que ninguém viu: uma reunião dentro de campo*, fala de uma conversa entre Mauro Galvão, Ricardo Gomes, Dunga, Alemão e Careca, enquanto Mozer era atendido pelo departamento médico e o jogo estava paralisado. Segundo a reportagem esta reunião foi fundamental para que o Brasil fizesse o primeiro gol, reforçando o sentido de união da equipe. Identificamos outro tipo de narrativa do jornal, menos crítica, relativizando a questão do estilo de jogo, com as reportagens preferindo exaltar bons números da seleção e creditando as falhas ao nervosismo de estreia.

A coluna de Fernando Calazans, *Em dois lances, o renascimento do futebol-arte*, reforça esta ideia de distinção entre as duas narrativas. Ao falar de Careca e o primeiro gol, Calazans descreve o lance da seguinte forma: “Aquele drible no primeiro gol, tirando Ravelli da jogada, é coisa do tempo do futebol-arte que, no fundo, ainda é o que decide na era do futebol força.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 11/06/1990, p.13) Ele conclui que os dois lances dos gols brasileiros foram de futebol-arte enquanto o resto da partida foi de futebol força. Tal argumento nos remete ao pensamento de Gumbrecht sobre a intensidade de algumas jogadas, explicado anteriormente.

Nas páginas 14 e 15, o jornal fala da festa da torcida em Turim e no Brasil, associando novamente ao carnaval: “Carnaval em Junho”. Na página 18 o periódico se desprende da linha narrativa que seguia até ali e afirma, na reportagem *Juntos, drama e festa*, que o jogo foi espetacular: “Foi um espetáculo o que se viu ontem em Turim, na estreia da seleção brasileira na Copa do Mundo. Dentro de campo, uma boa exibição dos brasileiros num jogo nervoso e disputado palmo a palmo até o seu final. Fora de campo um show de cores no duelo bem – humorado das duas torcidas.” Foi a única vez que uma reportagem dos jornais pesquisados mencionou a expressão espetáculo para definir uma partida da seleção durante a Copa de 1990.

Um fato curioso é que em ambas as edições encontramos uma reportagem na qual o presidente Collor demonstrava a intenção do Brasil em ser sede da Copa de 1998 e de sediar os Jogos Olímpicos de 2000, na cidade de Brasília. Nos dois megaeventos o Brasil não obteve

sucesso, sendo a Copa realizada na França e as Olimpíadas em Sydney, Austrália. Também nas notícias de bastidores, Havelange, reeleito presidente da FIFA, propunha a participação de 32 países na fase final da Copa ao invés de 24.

No dia 12 de junho, a capa de seção de Esportes traz uma reportagem de Claudio Arreguy, *Não poderia ser melhor este começo*, lembrando de Copas onde o Brasil começou bem e perdeu. Destaque para a lembrança, mais uma vez, da Copa de 1982:

A atuação menos convincente, entre os favoritos que estrearam na Copa do Mundo com vitória, foi a da seleção brasileira. Mas isso pouco importa para um torcedor que já viu seu time começar o torneio com um triunfo sobre a aparente segunda força do Grupo C (Suécia), [...] Se Itália e Alemanha também justificaram seu favoritismo, jogando melhor que os brasileiros, não custa lembrar que, em 1982, por exemplo, quem começou brilhando foi o Brasil, enquanto os alemães perdiam para a Argélia e a Itália empatava com polônia, Peru e Camarões. E quem decidiu aquela Copa da Espanha?" [...] O Brasil não empolgou ninguém. Mas é até bom que isso aconteça. Nas Copas de 1982 e 1986, todo mundo festejava o time. Agora não. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 12/06/1990, p.1)

Já Armando Nogueira retoma estereótipos de estilo de jogo de países, estranhando mudanças em outras seleções:

Quem, italiano ou estrangeiro, esperava a noite de luxo em que a *azzurra* converteu sua estreia no Mundial? Há séculos não se via a Itália jogar com tamanho desassombro, acuando o rival – ela que sempre se deixou acuar – renunciando ao jogo franco e ofensivo. Ela, logo ela, que inventou o *catenaccio*, versão italiana do *ferrolho* suíço, velha maldição do futebol defensivo que, por sinal, anda nos tentando, ultimamente. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 12/06/1990, p.6)

Conforme sugerimos anteriormente, tais mudanças podem ter ocorrido em função do maior número de jogadores estrangeiros atuando no país, que influenciariam e reajustariam as “identidades futebolísticas” da seleção italiana. Nogueira fala de um amigo que lhe ligou do Brasil dizendo que ele teria sido muito duro com a seleção em sua crítica na coluna do dia anterior. Ele respondeu:

Entendo o surto de patriotismo do meu amigo, mas tenho de contrariar a ideia de que vale a pena jogar feio só pelo consolo de vencer. Que diabo: os três títulos mundiais do Brasil foram conquistados com um futebol de rara bravura e de grande beleza técnica. Bravura e beleza não são virtudes inconciliáveis, nem na vida, nem no futebol. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 12/06/1990, p.6)

Destacamos aqui a maneira com que os colunistas alimentam essas ideias e discursos, ressaltando as conquistas antigas e fortalecendo a ideia do futebol brasileiro como algo belo. Também encontramos nesta coluna a edificação da representação do jogador Dunga como

símbolo de uma “Era”: “Estimo que o meu amigo torne a telefonar mas, sem o amargor da última chamada. Afinal, nos queremos muito e não há de ser a filosofia do guerreiro Dunga que vai arruinar a amizade de muitas Copas.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 12/06/1990, p.6)

Assim como Nogueira, Calazans vai retomar estereótipos em sua coluna do jornal *O Globo*, na página 11:

Sente-se no ar uma forte expectativa em relação ao esquema que a seleção brasileira vai adotar contra adversários aparentemente tão inexpressivos. A questão é se o time vai se desprender um pouco da rigidez de sua defesa, armada à europeia, para libertar-se um pouco mais no ataque, à moda brasileira.

Calazans fala que Lazaroni conseguiu colocar na cabeça do jogador que o importante é não deixar o outro time jogar. Ele ressalta, assim como Armando Nogueira, que os times europeus estão mais ofensivos e jogando mais no estilo brasileiro do que nós. “Meu temor, no momento, é que acabe ganhando esta Copa uma seleção europeia, jogando à brasileira” (ESPORTES IN: O GLOBO, 12/06/1990, p.11). Neste sentido, sugerimos novamente que a globalização e o êxodo dos jogadores brasileiros provocou um intercâmbio esportivo intenso, de modo que os times europeus passaram a contratar muitos atletas sul-americanos, o que poderia ter influenciado esta possível mudança. Além disso, a ideia da fragmentação das identidades proposta por Hall (2011) também pode nos indicar os motivos dessas vicissitudes.

A seleção venceu a Costa Rica e a Escócia por 1 a 0 e se classificou em primeiro lugar do grupo. A diferença mínima no placar alimentou as narrativas do “futebol de resultado” da equipe. O adversário na segunda fase foi a Argentina, atual campeã do mundo, que depois de tropeçar na sua estreia e perder para Camarões por 1 a 0 se classificou em segundo no Grupo B. A capa do *Jornal do Brasil* do dia 24 de junho teve o seguinte texto:

A Seleção brasileira enfrenta sua primeira decisão na XIV Copa do Mundo. Joga contra a Argentina, pelas oitavas-de-final, no Estádio Delle Alpi, de Turim, às 12h (horário de Brasília). O técnico Sebastião Lazaroni não escalou ninguém, em princípio, para marcar Maradona individualmente. Houve até reunião dos jogadores para decidir o que fazer. A ordem é cercá-lo, impedindo que a bola chegue aos seus pés. (JORNAL DO BRASIL, 24/06/1990, p.1)

Nota-se uma total mudança da narrativa em relação às Copas de 1970 e 1982. Enquanto nas duas copas analisadas as notícias eram de outras seleções que tentavam parar nossos craques, agora nosso time se preocupava em marcar o talento adversário. A capa do caderno de Esportes deixará essa narrativa mais evidente: *A bola não pode chegar até ele. -A*

*ordem é cercar Maradona, imprimir o time inteiro da Argentina e vencer nos 90 minutos.* No interior na reportagem um trecho que demonstra que o importante para o treinador é o resultado, não importando como vai conseguiu-lo:

O técnico chega a dizer que o time pode ganhar de 1 a 0 com gol de mão aos 91 minutos, que o resultado lhe agrada. “Não interessa como será a vitória, o importante é que ela venha. Brasil não vai jogar bonito, o time vai competir, terá que eliminar o adversário. Se der para fazer isso e jogar bonito, melhor ainda.” (JORNAL DO BRASIL, 24/06/1990, p.1)

Mantendo a crítica ao estilo de jogo da equipe, o *Jornal do Brasil* traz uma entrevista na página 2 com dois bicampeões do mundo, Nilton Santos e Bellini, que criticam o esquema europeu da seleção: “Estão brincando com o nosso prestígio. Com os europeus, a gente só tem que aprender a disciplina.” Disse Nilton Santos. A argumentação corrobora nossa ideia de que na Copa de 1990, a seleção jogou um futebol diferente do que se espera do Brasil, ou seja, não praticou o futebol-arte. Na página 5 uma reportagem afirmando que Careca está muito sozinho na frente, por conta do esquema defensivo de Lazaroni. Percebemos que a falta de ênfase na ofensividade, característica do futebol-arte, aparece com frequência na narrativa do *Jornal do Brasil*.

Na página 6 encontramos um perfil do jogador Dunga, que atribui ao atleta características totalmente contrárias ao “nosso” futebol. Tal definição ajuda na sua representação como símbolo de uma “Era” onde teria se negado a prática do futebol-arte.

...à quem melhor resume o espírito gladiador. Joga forrado de caneleiras, tornozeleiras e proteções para os joelhos. Ao primeiro apito do juiz, passa a distribuir carrinhos e faltas em quem aparece à sua frente. Decidido, tem a mania de peitar árbitros e, sempre que a ocasião recomenda, mete o dedo na cara dos adversários. É o jogador que mais fala na seleção de Lazaroni. Aponta as jogadas, reclama dos companheiros e compra qualquer briga. Costuma dizer que futebol bonito é coisa do passado e que mais valem hoje garra e disposição. Levou um cartão amarelo na Copa, na estreia contra a Suécia. Motivo: falta violenta.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 24/06/1990, p.6)

Armando Nogueira aborda mais uma vez a suposta mudança de estilos entre países. Ele reproduz uma fala do lateral italiano nos anos 1970, Fachetti: “O futebol é um jogo curioso. Hoje, são os sulamericanos, brasileiros e argentinos, que adotam sistemas defensivos, enquanto nós, os europeus, estamos tentando, cada vez mais, soltar o nosso jogo, buscando um modelo mais ofensivo” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 24/06/1990, p.8) A coluna é bem crítica, demonstrando um pessimismo por conta do estilo de jogo apresentado pela seleção. Entretanto, os argentinos também são acusados de negar seu estilo.

A narrativa do jornal *O Globo* no dia da partida mantém a linha menos crítica ao estilo de jogo que foi construída ao longo da Copa. Na reportagem sobre o confronto, intitulada *Agora é vencer ou voltar*, na página 1 do caderno de Esportes, ressalta-se que o Brasil terá que enfrentar a *milonga* argentina. Na página 10 o título da matéria indica outro cuidado que a seleção brasileira deve tomar: *Brasil que se cuide: Argentina é a quinta mais violenta da Copa*. Na página 11 o jornal continua a representação do adversário como alguém que dispõe de métodos escusos para tentar vencer o Brasil. O título é direto: *Brasil contra a catimba*. No interior da matéria se admite a mudança de estilo: “O Brasil apresenta um novo estilo, à europeia, forte na defesa e veloz nos contra-ataques. Nada de vistoso, mas prático.” (ESPORTES IN O GLOBO, 24/06/1990, p.11) Entretanto, não se condena com veemência como foi feito na narrativa do *Jornal do Brasil*, e sim destacando-se que o estilo é prático e competitivo, como podemos observar na declaração do treinador:

Mais do que nunca exibiremos o futebol competição. Não me importo com as críticas. Quando tomo conhecimento delas, lembro-me de que, em 82 e 86, a seleção tinha um futebol espetáculo e dela se exigia um futebol de competição. Agora que a seleção tem o futebol de competição, querem o futebol de exibição. (ESPORTES IN O GLOBO, 24/06/1990, p.11)

Este pensamento indica que nas derrotas de 1982 e 1986 encontramos uma motivação para a mudança de estilo, além de explicitar a mudança na narrativa sobre suas declarações como sinalizamos nas páginas anteriores. A reportagem ainda fala da preocupação do treinador em tentar neutralizar Maradona, contudo, a ênfase na atenção com o camisa dez da argentina foi muito mais presente na narrativa do *Jornal do Brasil*. Na página 19 a reportagem *Brasil x Maradona*, confirma o tom mais ameno em relação ao *Jornal do Brasil* ao falar de Maradona. O pensamento é que a Argentina só tem Maradona e mais nada, ou seja, basta marcá-lo que vamos vencer. O *Jornal do Brasil* questiona: como parar Maradona, ao passo que *O Globo* responde: é só marcar o Maradona. Este argumento fica mais claro na reportagem *Eis o mapa da mina*, na página 15. A matéria afirma que o Brasil é superior e que os próprios argentinos assumem isso, indicando os pontos fracos do adversário e reafirmando que o principal é marcar Maradona. Nos bastidores da seleção, a reportagem ressalta que os atletas de cristo rezam e “só largam a Bíblia para o almoço”. As reportagens do jornal não criticam esquemas de jogo como o *Jornal do Brasil*. Apenas os colunistas assumem este papel, entretanto de forma mais branda.

Na página 8, Nelson Motta escreve que está com um profundo mal-estar: *Calor e mal-estar na véspera das últimas esperanças*. A justificativa é a seguinte:

Sei lá, talvez seja a tensão pré-pugna, talvez seja um certo desencanto com o que se viu até aqui, uma certa desesperança no que se verá daqui a pouco no Delle Alpi. Há menos de quatro anos, o Brasil e a Argentina, os países, e o futebol que jogavam eram dignos de um certo respeito, de alguma admiração. Hoje não. (ESPORTES IN O GLOBO, 24/06/1990, p.8)

O autor comenta a lista de melhores do mundo da FIFA que não coloca nenhum atleta desses dois países nas primeiras colocações. Maradona, por exemplo, era o sexto. “Em campo, os times tentam jogar, preferem não perder a tentar ganhar, triste para quem já viu tanta coisa tão bonita feita por argentinos e brasileiros com uma bola, quanta alegria já deram a seus povos.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 24/06/1990, p.8) É notória a crítica que não só o Brasil mudou seu estilo, mas também os argentinos. Motta ainda faz um retrospecto das últimas Copas lembrando que o Brasil foi mal em 1974 e 1978 e mesmo assim chegou entre os quatro. Ele acredita que os jogadores se soltam dos esquemas ao longo da competição e “jogam o futebol que sabem, instintivo, jogando para o alto os esquemas rígidos e as estratégias que lhes são impostas pelos técnicos. Em compensação, em 82, na Espanha, quando fomos avassaladores nas eliminatórias e nas oitavas...” (ESPORTES IN: O GLOBO, 24/06/1990, p.8). Já o colunista Raphael de Almeida Magalhães não critica nenhum estilo de jogo, preferindo focar seu texto na ideia de que a partida é um clássico e que tudo pode acontecer.

A Argentina venceu com um gol de Caniggia aos 35 minutos do segundo tempo. As narrativas dos jornais pesquisados mantêm uma diferença ao relatar a derrota brasileira, como veremos a seguir.

A capa do *Jornal do Brasil* do dia 25 de junho reafirma que a arte estava do lado argentino, representada por Maradona e assume a representação da seleção de 1990 como a Era Dunga, construção que o próprio jornal propôs. A manchete deixa isso bem cristalizado: *Seleção da Era Dunga não supera arte de Maradona*. No texto da reportagem, o jornal reconhece a boa atuação brasileira, porém ressalta os erros na escolha do estilo de jogo, que fugia de nossa identidade:

em sua melhor atuação na Copa do Mundo, a seleção brasileira perdeu da Argentina, por 1 a 0, ontem, no Estádio Delle Alpi, de Turim, e foi eliminada da competição. O time passou a semana se preparando para evitar lançamentos de Maradona a Caniggia e, num único descuido, foi derrotado exatamente na jogada para a qual tanto se previniu. Se o resultado foi injusto, pelo que aconteceu em campo – o Brasil mandou três bolas na trave – , a eliminação brasileira é um castigo para a filosofia defensiva adotada pelo técnico Sebastião Lazaroni. Este só abriu mão de sua excessiva cautela, trocando o libero por um atacante, quando o time já estava em desvantagem no marcador. O talento sepultou a Era Dunga, decretada 35 dias antes pelo treinador, Maradona passou por três adversários e achou Caniggia livre, já na área. O atacante

não desperdiçou sua única oportunidade, driblou Taffarel e marcou. Muller, ao contrário, teve a chance do empate, aos 43 minutos, mas deu uma canelada para fora. Dunga, o símbolo da filosofia pregada por Lazaroni, repetiu conhecida frase do ex-presidente Figueiredo, dita ao deixar o governo brasileiro. Pediu para ser esquecido. Entre choros e lágrimas, no vestiário, o técnico lamentou a eliminação no dia em que o time teve sua melhor atuação. (JORNAL DO BRASIL, 25/06/1990, p.1)

-Na capa do caderno de Esportes a manchete coloca: *E a bola chegou até ele*. A reportagem afirma que o Brasil cercou Maradona quanto pode, mas bastou um minuto para ele acabar com tudo, enfatizando a genialidade do jogador. Também falou da demora do técnico em fazer as alterações.

Na mesma página uma reportagem de Claudio Arreguy reafirma a linha narrativa do *Jornal do Brasil: Talento sepulta Era Dunga com 35 dias de vida*.

Trinta e cinco dias. Foi o tempo de duração da mais curta época do futebol brasileiro: a Era Dunga, que traduz – mais que a elegia a um jogador esforçado – uma filosofia medrosa e covarde de jogo, morreu e foi sepultada ontem, no campo do Estádio Delle Alpi, de Turim. [...] Ele (Dunga) não tem culpa em ver-se transformado em símbolo de algo que sequer existiu direito, que não passou de um embrião, de um equívoco que trai a tradição do futebol brasileiro. Cinco semanas. Foi o alcance dessa Era Dunga. Nascido sob a alegação de que mais vale jogar feio e ganhar, que atuar bonito e perder, esse monstro decretado por Lazaroni acabou castigado ao sair mais cedo de uma Copa que a seleção de 1982, cujo exemplo o treinador sempre invocou, em defesa de sua tese defensivista. Para Lazaroni, o futebol-arte cedia seu espaço à competitividade, à ocupação de espaços, à velocidade nos contra-ataques. [...] A Era Dunga foi um pesadelo que adiou por mais quatro anos o sonho do tetra. E que vai embora sem deixar saudades. Ao contrário da seleção de 82, que jogava bonito, para frente. Só futebol feio também não ganha Copa. O talento sim. Ontem, no Delle Alpi, ele estava em campo com a camisa 10. Mas do outro lado. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 25/06/1990, p.1)

O jornalista ainda cita que a vitória na Copa América em 1989 deu respaldo ao treinador. O texto de Lédio Carmona, intitulado *Jogador pede: “Esqueçam-me”*, destaca a coletiva de Dunga que pede à população para esquecê-lo. Neste momento, cria-se a ideia de que a Era Dunga seria a antítese do “nosso” futebol, algo que foge de nossa identidade e, portanto, deve ser rechaçado. Ser a pior classificação do Brasil desde 1966, também ajudou a traçar a representação do futebol de Lazaroni e da Era Dunga como o oposto ao “nosso estilo verdadeiro”.

Ao longo da edição, o *Jornal do Brasil* trouxe também matérias falando do abatimento dos jogadores com a eliminação e o pedido de alguns para não culparem o técnico pela derrota. Também encontramos manchetes e reportagens que tentavam explicar a eliminação, expondo diferentes discursos dos atletas, como estes títulos na página 5: *Galvão não vê futuro*

*no líbero, Renato lembra que pediu 3 no ataque, Alemão lamenta: Diego é gênio, Bismarck diz que futebol é ingrato.*

João Saldanha, em sua coluna, não ataca o estilo de jogo. Ele direciona suas críticas para a transformação do futebol em negócio. “E agora vamos escutar que o dever foi cumprido e que um trabalho, um trabalho...está sendo começado para a Copa de noventa e quatro. Quantas mentiras, que nojo. Mas quem iria fazer nosso gol? Mas, UM TRABALHO!!! UM TRABALHO!!! Está sendo realizado para vender mais coisas. O futebol que se dane.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 25/06/1990, p. 5) Outra vertente que aparece nesta explicação para a derrota é que a globalização e a maior entrada de recursos no futebol o transformou apenas em negócio. Nesta linha de pensamento, que apontamos como romântica, os jogadores não se importariam mais com a seleção e sim com seus contratos milionários. Não existiria mais o chamado “amor à camisa”, o mercado regularia os interesses sobre a seleção e os jogadores não teriam identificação com as identidades nacionais apresentadas neste trabalho. Esta ótica encontra um contexto favorável tanto no Brasil, com a política econômica de Collor, quanto no mundo com a abertura dos mercados do bloco soviético, após o fim da Guerra Fria.

Na página 9, Armando Nogueira comprova a ideia deste trabalho de que a seleção teria obrigação de praticar o futebol-arte durante a Copa do Mundo. O título é autoexplicativo: *O medroso perde mil vezes:*

Espero que o técnico Lazaroni tenha observado que Maradona pegou na bola exatamente seis vezes. Dunga certamente pegou nela vinte ou trinta vezes. [...] Felizmente, foi sepultado ontem, no Delle Alpi a era Dunga que encerra a negação de uma escola, a negação de um passado e de um futuro porque, com graças dos céus, o Brasil nunca mais voltará a jogar futebol do medo que o arruinou nesta Copa. [...] A Copa inteira foi esse drama: o time do Brasil jogando retrancado, covardemente, e saindo de campo com a lição de moral na ponta da língua: jogamos mal, mas ganhamos, e isso é o que importa. Importa para quem, cara pálida? Pra nós que amamos o futebol, nunca. O futebol brasileiro não fez renome por jogar com líberos e ferrolhos. O futebol brasileiro fez sua legenda, inventando, com bravura, vitórias antológicas. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 25/06/1990, p.9)

Ao usar a expressão “felizmente” para uma derrota brasileira, o autor expõe a negação total do time e do estilo de jogo. Ele ainda demonstra uma ideia de que a “Era” foi sepultada. E ainda reafirma a narrativa que encontramos no dia anterior no *Jornal do Brasil*: o craque já não é nosso e sim do outro, e de um rival. “Maradona. Eis um nome que eu hei de pronunciar, sempre, com a alma lavada de gratidão pelo que ele nos deu de invenção, de fantasia, de malícia e genialidade.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 25/06/1990, p.9) Interessante que ele coloca todas as qualidades do futebol-arte em nosso adversário,

quebrando assim a ideia construída pela própria imprensa ao longo dos anos que apenas o jogador brasileiro possui tais características. Segundo Nogueira o Brasil vinha perdendo a cada jogo que vencia. Este pensamento resume bem a questão que colocamos neste trabalho, da obrigação quase que cívica colocada pela imprensa da seleção jogar o futebol idealizado nos anos 1930 e consolidado em 1970.

A distância entre as narrativas do *O Globo* e *Jornal do Brasil* se tornam maiores após a derrota da seleção. Entendemos que através de enquadramentos, angulações e escolhas, o jornalismo produz um determinado sentido ao fato. Se o *Jornal do Brasil* preferiu enfatizar o nosso estilo de jogo como o maior culpado pela derrota, o *Globo* preferiu retomar a ideia de que o destino agiu contra a seleção. A capa do jornal já nos indica esta tendência: *Brasil domina o jogo, mas sai da Copa: Argentina 1 a 0*: “A seleção brasileira fez ontem sua melhor apresentação na Copa. Mas, por ironia do destino, justamente no jogo em que dominou inteiramente o adversário – no plano técnico e tático -, dando show de bola, principalmente no primeiro tempo, foi castigada com a desclassificação.” (O GLOBO, 25/06/1990, p.1) A expressão: “dando show de bola” já excluiu a ideia de que o Brasil jogou feio. Desse modo, ao se confirmar que jogamos bem, apenas uma explicação surge: a força do destino.

A página 1 do caderno de Esportes tem o título *Maradona 1 x Brasil 0*. Se no dia anterior o jornal utilizou a narrativa de que seria Maradona x Brasil, manteve-a com este título. Interessante notar que para concretizar a ideia de “força do destino”, a reportagem traz a declaração do treinador de que faltou sorte ao Brasil e este trecho declarando que a derrota aconteceu em uma situação estranha:

O sonho de conquistar o quarto título mundial está adiado por mais quatro anos. A seleção brasileira foi eliminada da Copa da Itália ontem, ao ser derrotada nas circunstâncias mais estranhas possíveis. Dominou o jogo, deixou os argentinos tontos criando inúmeras situações de perigo nas proximidades da área, mas acabou castigada por um erro imperdoável – relaxou por um momento na marcação a Maradona e permitiu que o craque argentino fizesse uma jogada. (ESPORTES IN: O GLOBO, 25/05/1990, p.1)

Na página 10, o jornal coloca uma frase do técnico argentino Bilardo, reafirmando a narrativa que faltou sorte ao Brasil: “O Brasil podia decidir o jogo no início, mas foi surpreendido por sua própria má sorte” (ESPORTES IN: O GLOBO, 25/06/1990, p.10).

Na mesma página, a reportagem *Um descuido fatal* relata que até os 35 minutos do segundo tempo, lance do gol de Caniggia, o Brasil massacrou o adversário, e por um descuido perdeu a vaga nas quartas de final. A escolha das palavras fatalidade e acidente ao explicar a

derrota, constroem uma narrativa semelhante à de 1982, quando uma “tragédia” nos fez perder a partida contra a Itália:

Uma fatalidade? Um acidente? A mistura das duas coisas e mais do que isso. Naquele momento, no estádio Delle Alpi, se registrava mais uma grande injustiça na história do futebol mundial. [...] Uma grande injustiça, porque a seleção brasileira foi capaz de contrariar todas as previsões pessimistas – fundamentadas, com lógica, nas apresentações anteriores – para exibir um futebol de primeira linha e dar um show durante a maior parte do jogo. E deu um show de bola porque, enfim, conseguiu reunir, no conjunto, qualidades como uma marcação perfeita, que não dava aos argentinos a menor possibilidade de desenvolver um jogada; triangulações precisas; jogadas de rara técnica e habilidade. E, além disso, criar empolgantes situações de gol – e aí, só aí, deixou a desejar, porque mais uma vez a pontaria foi uma tragédia. (ESPORTES IN: O GLOBO, 25/06/1990, p.10).

Tal narrativa justifica nossa escolha por investigar dois jornais. Neste momento fica bem clara a diferença entre *Jornal do Brasil* e *O Globo* ao elaborar as justificativas para a derrota da seleção. Entendemos que, de acordo com a linha editorial dos veículos, a produção de sentido não será a mesma. É interessante que ambas falam do mesmo jogo, disputado com os mesmos atletas e com o mesmo placar final, entretanto elaboram narrativas diferentes. A do *Jornal do Brasil* credita nossa derrota a uma fuga do nosso “real estilo”, já a do jornal *O Globo* prefere produzir o sentido de que como jogamos bem, “demos um show de bola”, apenas uma tragédia nos fez perder a partida. A estrutura e escolhas entre o que será dito e o que não será dito nos dois jornais vai proporcionar esta construção distinta.

Para corroborar este argumento, indicamos a narrativa sobre o jogador Dunga, que no *Jornal do Brasil* foi delineado como o símbolo de uma geração que fugiu de nossas características. Na página 11, o *O Globo*, tem o seguinte título para a matéria sobre Dunga: *Para Dunga, o time jogou bem, mas teve um destino ingrato*. As frases do jogador usadas na reportagem procuram reforçar a ideia de injustiça: “Jogamos melhor, mas não adiantou nada. O nosso sonho acabou”. Na mesma página, uma reportagem com as estatísticas de jogo com o título: *Os números mentem*, enaltece a superioridade do Brasil na posse de bola, maior número de passes certos, maior número de chutes a gol. Na página 12, a frase de Maradona reconhecendo a qualidade do time brasileiro é colocada em destaque: “Estou nas nuvens. Ganhamos de um timaço, só para usar um termo carioca.”

Na página 13, a coluna de Calazans, apesar de criticar o estilo de jogo deixa claro que o Brasil não merecia perder. Mesmo assim, sua narrativa está mais próxima ao do *Jornal do Brasil* do que as reportagens do *O Globo*:

No jogo que não merecia perder, a seleção brasileira recebeu o castigo pelos jogos que venceu sem merecer. Foram alguns jogos e algumas vitórias, desde o ano passado, que nos iludiram e que propiciaram a continuação de um trabalho que desde o início afrontava o espírito do futebol brasileiro. E contrariava esse espírito não por incluir na equipe uma séria de precauções defensivas, ou a necessidade de reforçar a zaga e o meio de campo, nem tampouco pela adoção do líbero, que deu mais segurança e equilíbrio ao time. Até aí tudo bem. Eram exigências do futebol jogado hoje em todo o Mundo. Mas feria, sim esse espírito, quando coibia o nosso gosto pelo ataque, a nossa vocação para o drible, a nossa queda pela improvisação, quando tolhia enfim a nossa alegria de jogar. (ESPORTES IN: O GLOBO, 25/06/1990, p.13)

Neste caso, entendemos que, como guardiões da memória, os colunistas necessitam evocar constantemente a ideia central do que seria o verdadeiro futebol brasileiro para que a representação não fuja de seu cerne. É exatamente isso que Calzans faz, mesmo seguindo uma linha diferente do jornal em que escreve. Elementos como improvisação, drible e alegria são os mais utilizados quando se procura definir ou resgatar a memória do que seria o “verdadeiro estilo nacional”.

Nas outras páginas o jornal mostra o descontentamento de outros jogadores, como Romário que afirmou: “Não jogo outra Copa. Estou decepcionado. O Brasil devia ter sido ofensivo desde o início.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 25/06/1990, p.14). Quem também promete não voltar mais a uma Copa do Mundo e principalmente à seleção é o treinador Lazaroni: “Seleção, nunca mais” (ESPORTES IN: O GLOBO, 25/06/1990, p.14).

No dia 26 de junho, o *Jornal do Brasil* mantém sua narrativa ao colocar na capa a seguinte manchete *Derrota dispersa a seleção até no voo*:

A seleção brasileira está voltando literalmente aos pedaços, depois de eliminada da Copa do Mundo. Hoje cedo, cinco jogadores são aguardados no Rio, em voo vindo de Zurique ( Suíça). Amanhã, devem chegar mais sete, com o técnico Sebastião Lazaroni. [...] Com a desclassificação, começam a vir à tona problemas internos da delegação. Ontem, Romário acusou o médico Lídio Toledo de tentar prejudicá-lo. E o fisioterapeuta Nilton Petroni, responsável pela recuperação do centroavante, denunciará o médico ao conselho Regional de Fisioterapia, alegando agravos a sua profissão. (JORNAL DO BRASIL, 26/06,1990, p.1)

Ao contrário da narrativa de 1982 que pedia a permanência de Telê na seleção, já se escolhia nomes de futuros treinadores, sendo que o mais cotado era um jogador símbolo da seleção de 1982. “Primeiro nome a surgir nas especulações da imprensa para substituir Lazaroni na seleção, o ex-jogador, hoje comentarista de TV, Paulo Roberto Falcão disse que aceita, desde que tenha bom entendimento com a direção da CBF.” (JORNAL DO BRASIL, 26/06,1990, p.1).

Na primeira página do Caderno de Esportes a matéria completa sobre a volta da seleção procura desfazer a ideia de seleção unida, como Lazaroni expunha: “bastou perder um jogo e sair da Copa do Mundo para que a *fechada e unida* seleção brasileira se desmanchasse como pó.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 26/06/1990, p.1). As críticas à seleção se intensificam na página 3 com a reportagem: *Romário critica tudo e todos na seleção*. Destacamos a declaração de Romário que vai de encontro à narrativa do jornal:

Derrota nunca é boa. É sempre derrota. Mas esta, ao menos, serviu para mostrar que esquema europeu é para se jogar na Europa. Até por uma questão de cultura, não podemos abandonar nosso estilo. O Brasil sempre venceu porque ousou. Essa seleção não ousava. Faltavam atacantes, sobravam defensores. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 26/06/1990, p.3).

O jogador sequer ficou no banco na partida contra a Argentina. Romário sofreu uma fratura no perônio 112 dias antes da Copa, o que não lhe permitiu chegar em forma à competição. A declaração de Romário reforça que as narrativas tratam o estilo de jogo como uma questão cultural e, por isso, não poderíamos ter o abandonado.

Na página 6, Armando Nogueira escreve sua coluna como se fosse uma carta a um amigo italiano pedindo desculpas pelo futebol brasileiro e ressaltando que sempre criticou o time: “Desde o primeiro treino, já na Itália, que pus a boca no mundo, achando que estavam desfigurando o nosso futebol.” Nogueira fala que o tentar copiar um estilo de jogo europeu, mais pragmático, o futebol brasileiro se perdeu. E ainda lembra que o próprio futebol europeu não joga mais assim. Nogueira diz que saía do estádio após as vitórias do Brasil na competição engasgado: “ - Gente, isso aí não é futebol brasileiro. Não foi essa a herança que esses rapazes receberam de Pelé, de Nilton Santos, de Garrincha, Gerson, Rivelino e Tostão. – é, ponderavam os colegas, mas os caras estão ganhando. E eles não cansam de lembrar que em 82 o Brasil jogou o fino na Espanha e não ganhou a Copa...” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 26/06/1990, p.6). Mais uma vez o colunista destaca que a justificativa para o jogo feio era a derrota de 1982. Para Armando Nogueira, se o Brasil vencesse atuando desta forma, ele ficaria envergonhado. “Cometeram um atentado à cultura esportiva do meu país. Em nome de um pragmatismo impiedoso, atentaram contra as raízes da escola sulamericana de futebol. [...] Em 82 o Brasil perdeu mais saiu respeitado porque jogou bem, Em 90, o Brasil perdeu de novo e saiu desprezado porque jogou mal.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 26/06/1990, p.1). O autor termina a carta para seu amigo italiano lembrando as três conquistas brasileiras e como elas solidificaram a imagem do futebol brasileiro no mundo: “Caro Gianni, o Brasil tem três títulos mundiais que de tão memoráveis já não

pertencem só a ele, mas a própria história das Copas. Foram três epopeias, três páginas épicas que fizeram do futebol brasileiro o mito mais festejado do mundo.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 26/06/1990, p.6).

João Saldanha<sup>42</sup> retoma mais uma vez a questão financeira no futebol. Em sua coluna, na página 7, fala do excesso de gastos da CBF durante a Copa, a falta de seriedade da seleção e da comissão que só se preocupou com patrocinadores e em esbanjar dinheiro.

No *O Globo* a capa fala que o Brasil já procura um novo treinador. No caderno de esportes notamos uma diminuição no número de páginas, da média de 18 a 20, a edição do dia 26 de junho teve apenas oito. Atribuímos tal fato à eliminação do Brasil e a consequente redução do número de reportagens sobre a Copa. Na página 1, uma entrevista com Lazaroni, onde o técnico afirma que não foi o esquema com líbero que fez o Brasil perder e sim os gols perdidos pelos atacantes, fato que segundo ele, não é sua culpa. Na página 2, o jornal permanece utilizando a expressão tragédia para descrever a derrota brasileira: *Depois da tragédia, a triste volta ao Brasil*. A reportagem descreve a volta em pedaços da seleção, mas sem aproveitar o fato para dizer que a dita união do grupo se desfez rapidamente, como fez o *Jornal do Brasil*. Interessante notar que na página 8, a reportagem *No dia seguinte, lágrimas, acusações e revolta* é mais contundente ao falar da falta de união dos jogadores e das acusações sobre culpados entre eles, mostrando que em um mesmo veículo, notamos angulações diferentes sobre um mesmo tema.

Na página 5, Nelson Motta não culpa o esquema pela derrota, mas segue o pensamento de João Saldanha ao culpar a organização e o êxodo dos jogadores pelo mau resultado: “Por tudo que todos sabem, vivem e sentem, todos os jogadores de talento que aparecem no Brasil se destinam a abrilhantar os melhores campeonatos do Mundo, e o Brasil tem fome de arte e espetáculo, mas não pode pagar por eles, por seus artistas populares.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 26/06/1990, p.5) Aqui fica explícita a ideia do êxodo dos jogadores e o poder financeiro dos clubes estrangeiros que “levam nosso talento” para seus países.

A Copa do Mundo de 1990 foi emblemática na questão estilo de jogo. A derrota em 1982 proporcionou um embate entre o futebol-arte e futebol-força. A escolha do técnico Lazaroni e de um esquema tático entendido pela imprensa como tipicamente europeu construíram uma imagem de negação do nosso estilo. Esta quebra de identidade e uma absorção do que seria europeu pode ser entendida pelo aumento das transferências de jogadores nacionais para a Europa e uma certa “adaptação” dos nosso atletas ao estilo

---

<sup>42</sup> O jornalista faleceu no dia 12 de julho de 1990, dias depois da final entre Argentina e Alemanha (8 de julho) em Roma.

européu. O contexto mundial instigava essa “troca” de identidades, o que pode ter fragmentado os aspectos do “nosso real estilo” de jogo na identidade nacional (Hall, 2011).

A chamada Era Dunga foi duramente criticada pela narrativa do *Jornal do Brasil*. Ela teria negado a “essência” do futebol nacional. A escolha do jogador símbolo desta geração foi um atleta cujas características principais em nada se assemelham a ideia do drible, improviso, alegria e habilidade. Os colunistas deste periódico buscavam resgatar a todo momento qual seria o modo “certo” de se praticar o futebol nacional. A busca por resultados, independente da estética do jogo, fez as críticas serem mais contundentes a esta equipe. Para o *Jornal do Brasil*, perder a Copa jogando desta forma, foi mais vergonhoso do que 1982. A ideia de que perdemos na Espanha porque jogamos bonito e não fomos eficiente, e que o futebol moderno é o de resultados, e queremos ganhar de qualquer forma, encontrou na atuação de Maradona seu grande obstáculo e contradição. Mesmo jogando um futebol de resultados, o talento adversário, ou seja, a mesma arte que estava ao nosso lado na Copa de 1982, foi o que causou a “nossa” derrota. Ao rejeitar “nossa” escola de futebol, o técnico teria perdido a Copa e manchado o nome do “verdadeiro futebol brasileiro”, que não foi “reconhecido” nesta competição se comparado às representações já enraizadas na imprensa nacional. O *Jornal do Brasil* condenou a fuga do nosso estilo e ajudou a edificar o sentido da Era Dunga como pragmática, feia e que nada se parece com o “futebol glorioso” que o Brasil apresentou ao mundo na conquista dos três títulos mundiais.

Todavia, o jornal *O Globo*, apresentou uma narrativa bem diferente. Para o jornal, a equipe brasileira se modernizava com o esquema (apesar de reconhecer que fugia das supostas características nacionais) e não venceu por circunstâncias do destino. Alguns colunistas do periódico criticaram o estilo de jogo de Lazaroni e acusaram a equipe de não praticar o “nosso” futebol. Porém, foram vozes dissonantes à temática geral do jornal. O jornal foi mais condescendente com o futebol-força, que visava em primeiro lugar o resultado, “esquecendo” de “nossas” características. Ressaltamos que e a expressão Era Dunga não foi encontrada no jornal *O Globo*. Deste modo, encontramos duas narrativas para a derrota brasileira quando reconhecidamente não jogamos nosso estilo. Uma não se queixou da mudança de estilo, creditando a derrota, mais uma vez, ao destino e a uma tragédia, ao passo que a outra culpou a negação de nosso estilo ofensivo pela derrota.

Foram necessários apenas quatro anos para que o embate entre futebol-arte e futebol-força emergisse novamente nas narrativas midiáticas. Mesmo com a derrota e a proliferação da Era Dunga como algo negativo, a seleção chegou à Copa do Mundo dos EUA com o próprio Dunga como capitão. Já tendo investigado como a narrativa tratou o futebol-resultado

derrotado em uma Copa do Mundo, investigaremos no próximo capítulo quais as narrativas dos dois jornais no momento em que o futebol-resultado vence.

## 7 QUANDO A VITÓRIA É CONTESTADA

Collor tinha menos de quatro meses de mandato quando o Brasil foi eliminado pela Argentina na Copa de 1990. A euforia inicial dos apoiadores de seu governo se enfraqueceu com o plano econômico que bloqueou “todos os depósitos bancários existentes, por dezoito meses, permitindo apenas saques até um limite de 50 mil cruzeiros” (FAUSTO, 2010, p.291). A modernidade que seu governo supostamente traria iniciou um processo de privatizações de empresas estatais, uma abertura ao comércio exterior e a redução do número de funcionários públicos, dentro de sua política em “enxugar” o Estado. A inflação se manteve alta e denúncias de corrupção apresentadas pelo próprio irmão do presidente enfraqueceram o seu já frágil apoio no Congresso.

Segundo Fausto (2010), as investigações sobre a corrupção governamental, amplamente divulgada pela TV e a mobilização de jovens da classe média que foram às ruas pedir o *impeachment* do presidente, fizeram os deputados votarem a favor do afastamento de Collor em setembro de 1992. A elite econômica, após apoiá-lo nas eleições, se afastou do presidente que renunciou ao cargo em dezembro de 1992, o que não impediu seu julgamento como culpado pelo Senado e a perda dos direitos políticos por oito anos.

Em seu lugar assumiu o vice Itamar Franco. O ex-senador da República por Minas Gerais enfrentou o retorno acentuado da inflação, que em janeiro de 1993, chegava a 29 % ao mês. Em 1994, foi lançado o Plano Real, que criou uma nova moeda. O plano surgia com a missão de controlar a inflação e serviu de base para a campanha do ex-ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. Seus principais concorrentes foram Lula, Brizola, Esperidião Amin, Orestes Quécia e Enéas Carneiro.

Enquanto a campanha eleitoral estava em curso, a seleção brasileira se preparava para disputar a Copa do Mundo de 1994, nos EUA. Após a derrota na Copa de 1990, a primeira atitude da CBF foi contratar o ex-jogador Falcão como técnico da equipe. A primeira vitória sob o comando de Falcão veio somente na sua oitava partida, contra a Romênia, por 1 a 0. A Copa América de 1991, disputada no Chile, definiria a permanência do treinador no comando da seleção. Com o segundo lugar na competição, perdendo para a Argentina por 3 a 2, a CBF demitiu o técnico. A entidade contratou Carlos Alberto Parreira como treinador (que já era o preferido de alguns setores da CBF em 1990) e Zagalo como coordenador técnico. Os resultados iniciais amenizaram as cobranças nas narrativas jornalísticas e proporcionaram uma maior estabilidade ao trabalho de Parreira.

Todavia, a derrota no torneio *US Cup* em 1992, disputado nos EUA, sinalizaram as primeiras críticas à seleção sob o comando de Parreira e Zagalo. Após estar vencendo a Alemanha, então campeã do mundo, por 3 a 0, a equipe sofreu o empate. Um ano depois, a eliminação prematura nas quartas de final para a Argentina na Copa América de 1993, disputada no Equador, intensificaram a narrativa de uma seleção pragmática e sem criatividade<sup>43</sup>. A eclosão do antagonismo entre os defensores do futebol-resultado x futebol-arte emergiu durante a campanha brasileira nas eliminatórias. No grupo B ao lado de Equador, Bolívia, Venezuela e Uruguai, a seleção, jogando na altitude, empatou com o Equador em 0 a 0 e perdeu para a Bolívia por 2 a 0 (primeira derrota da seleção em Eliminatórias), em La Paz. Mesmo com as vitórias sobre Venezuela, Bolívia, Equador nos jogos realizados no Brasil, a equipe de Parreira chegou à última rodada precisando, no mínimo, empatar com o Uruguai no Maracanã para se classificar para a Copa do Mundo.

Além da recuperação da memória sobre a Copa 1950 e o medo de um novo Maracanazzo, Parreira sofria intensa pressão popular e das narrativas jornalísticas para a convocação de Romário para o jogo final. O atacante não era convocado desde o amistoso contra a Alemanha em 1992. Segundo Ribas (2010), depois de viajar da Holanda para Porto Alegre e jogar por apenas 20 minutos, Romário discutiu asperamente com Zagalo, exigindo um maior tempo dentro de campo. Zagalo não aceitou as reivindicações e bancou a ausência do atacante na seleção até o jogo final.

Porém, com todo o contexto desfavorável ao treinador em caso de uma não classificação para a Copa do Mundo, Parreira cedeu às pressões, inclusive do presidente da CBF, e convocou Romário. O atacante fez os dois gols da vitória brasileira, garantiu a sua vaga e a da seleção na Copa do Mundo de 1994. Para os críticos do treinador e de seu estilo de jogo a entrada de Romário foi entendida como um suspiro de alento em uma equipe que se distanciava dos ideais do “verdadeiro” futebol nacional. A partir deste momento, as narrativas indicaram Romário como representante do “real” jogador nacional, enquanto Parreira manteve a ideia de reforçar a defesa e manter a posse de bola, edificando a ideia de um estilo de jogo diferente do “autenticamente nacional”. Deste modo, os jogadores Mauro Silva e Dunga surgiram como símbolos de seu esquema de jogo. No artigo *Copa do Mundo de 1994: os múltiplos discursos autorizados sobre a seleção campeã menos amada da história*, Fausto Amaro (2014) ressalta que, segundo a imprensa, a seleção tinha um estilo defensivo, em

---

<sup>43</sup> A equipe brasileira fez uma primeira fase irregular ao empatar com o Peru, perder para o Chile e vencer o Paraguai na última partida, conseguindo a vaga. Nas oitavas, após um empate em 1 a 1, a seleção perdeu nos pênaltis para a Argentina por 6 x 5. O torneio foi disputado no Equador.

contraponto ao estilo ofensivo e baseado na habilidade individual dos jogadores. “Fala-se em uma seleção pragmática, com poucos recursos técnicos, mas com um ataque muito talentoso, formado por Bebeto e Romário.” (AMARO, 2014, p. 208). Observaremos ao longo deste capítulo como a dicotomia entre talento e força física foi amplamente abordada nos jornais pesquisados durante esta competição, representadas ora por Romário *versus* Dunga, ora Romário-Bebeto *versus* Parreira-Zagaló.

Partimos da hipótese inicial de que ao não se praticar o futebol-arte e vencer o torneio, as narrativas da imprensa indicarão uma contestação de nossa vitória, como se fosse ilegítimo conquistar o tetra fugindo de nossas supostas raízes. É o que aponta Everardo Rocha (1996), ao afirmar que a imprensa especializada e o público preferiam “ganhar a Copa de outra maneira ou, mais radicalmente, que ganhar com futebol feio, esquemático, fechado, sem arte, baile ou categoria não valia a pena ou ainda que não havia sido uma vitória do verdadeiro futebol brasileiro”. (ROCHA, 1996, p.11)

A Copa do Mundo de 1994 teve um objetivo claro estipulado pela FIFA: conquistar o mercado norte-americano. A ideia de tratar o futebol como negócio aparece de forma intensa nesta edição. A começar pelos horários das partidas disputadas nas cidades-sede situadas no Oeste do país. Los Angeles e São Francisco tiveram jogos disputados ao meio dia, sob um forte calor, mas com o objetivo de atender a programação televisiva, que transmitia os jogos para a Europa. Foi a primeira Copa a ter o nome dos atletas estampados na parte de trás de suas camisas e uma série de regras publicitárias para manter os interesses dos patrocinadores da FIFA. Outra novidade foi que, pela primeira vez, as vitórias valeriam três pontos e também pela primeira vez o goleiro não poderia pegar com as mãos uma bola intencionalmente atrasada com os pés pelo seu companheiro de time. Tais medidas tinham como objetivo aumentar o tempo de bola em jogo, evitando o retardamento da partida, enquanto os três pontos concedidos ao time vencedor visavam evitar empates e aumentar a ofensividade das equipes, já que a Copa de 1990 foi criticada pela baixa média de gols.

Os técnicos poderiam ir até a recém-criada área técnica e passar informações a seus jogadores. O fim da Guerra Fria também impactou de forma direta o número de países participantes. Com a desintegração de alguns países do leste europeu as eliminatórias aumentaram seu número de inscritos de 111 para 138.

O Brasil ficou no Grupo B com Rússia, Camarões e Suécia. A estreia foi no dia 20 de junho contra os russos em São Francisco. No *Jornal do Brasil* a manchete reforçava a ideia ofensiva da equipe: *Seleção parte para o ataque*. No interior do texto o periódico tonifica a presença de Bebeto e Romário como a “esperança brasileira”: “A Seleção Brasileira será um

time ofensivo, explorando a velocidade de Bebeto e Romário, na partida de hoje contra a Rússia, [...] O técnico Carlos Alberto Parreira quer a equipe determinada na marcação e aproveitando sempre sua força ofensiva.” (JORNAL DO BRASIL, 20/06/1994, p.1). Já no Caderno de Esportes, a matéria *Chegou a hora* segue um tom otimista para a estreia brasileira, sem críticas e dando voz a Zagalo, que compara a união do time de 1970 com a seleção de 1994:

Determinação, confiança e seriedade. É sob o signo destas três palavras que a seleção brasileira entra em campo hoje, às 17 horas. [...] Ficam para trás as dúvidas, os momentos de incerteza quanto á boa fase deste ou daquele jogador. O técnico Carlos Alberto Parreira, certo de que suas convicções serão premiadas com uma boa apresentação do Brasil, deu a faixa de capitão para Raí. Mas a voz da experiência vem de Zagalo, um tricampeão de fato e direito: “Os jogadores se uniram para chegar ao título, com amor à camisa, sem vaidades”. É o que o coordenador chama de “otimismo responsável”, o mesmo que existia na Copa de 70, México. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 20/06/1994)

Novamente a narrativa busca, na memória sobre a Copa de 1970, aspectos que julga pertinentes a equipe de 1994, neste caso a união. Por considerarmos a união um elemento que não se enquadra no que viria a ser o futebol-arte, a associação se aproxima das qualidades da equipe que forma “esquecidas” ao longo dos anos e forma “lembradas” por Zagalo, técnico em 1970.

Na página 8, Armando Nogueira, em sua coluna *Na Grande Área*, destaca que o time não é o “tipicamente” nacional: “Soa o gongo em São Francisco. Agora, sim, vai-se ver a seleção do Brasil, no primeiro desafio de verdade, depois daquela angustiante eliminatória do ano passado. A equipe não é ainda a nossa, mas, também, já não é, inteiramente, a do técnico Parreira.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 20/06/1994, p.8) No final do texto, após elogiar a defesa brasileira, Nogueira resume o estilo de jogo da equipe comandada por Parreira. Destaque para a indicação de que apenas Romário e Bebeto poderiam fazer algo inesperado o que, conseqüentemente, os aproxima da ideia de futebol-arte:

No mais, é aquilo de sempre: uma bola morosa que rola, pela meia-cancha, nos pés honrados de Dunga e Mauro Silva; uma ciranda de Zinho e Raí que às vezes irrita, às vezes, resulta; a subida alternada de Jorginho (excelente) e de Leonardo (ainda imprecisa), buscando, sempre, a centelha de Romário e Bebeto de cujos pés sábios e ligeiros costumam sair maravilhas. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 20/06/1994, p.8)

Nas outras páginas as reportagens exaltam a defesa brasileira, falam das opções de Parreira para mudar o estilo de jogo da equipe e da dependência que o time tem dos jogadores

Romário e Bebeto. Na página 12, a matéria *Experientes e motivados* enfatiza a presença dos atacantes como a principal arma da seleção que:

depois de um retumbante fracasso na Copa do Mundo de 90, na Itália, são a maior esperança de gols de uma seleção carente de criatividade e caracterizada pela vibração de seus jogadores. Motivados, otimistas e, acima de tudo, mais experientes, os dois maiores artilheiros nas duas últimas temporadas do Campeonato Espanhol carregam na ponta de suas chuteiras toda a esperança de gol de uma nação três vezes campeã do mundo. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 20/06/1994, p.12)

Destacamos que o jornal oscila entre uma narrativa baseada em elementos que não identificamos como pertencentes ao futebol-arte: como determinação, seriedade; e na exaustiva anúncio dos jogadores Romário e Bebeto como os representantes mais próximos ao futebol-arte. De maneira mais ostensiva, o periódico narra o perfil de Romário colocando seu futebol como “moleque”, ou seja, que foge de rígidos esquemas, como o de Parreira, para fazer algo diferente do esperado.

No jornal *O Globo*, notamos um otimismo mais evidente sobre a estreia da seleção. Assim como o *Jornal do Brasil*, sua capa vai destacar a possível ofensividade do time: *Parreira promete seleção no ataque hoje contra a Rússia*. Na capa do caderno de Esportes o título aviva o discurso: *Brasil ataca para o tetra*. A própria narrativa destaca que o treinador brasileiro acredita na dupla de ataque como o ponto forte do time:

O técnico Carlos Alberto Parreira também não esconde o otimismo. Superado o problema que poderia deflamar a seleção – Romário sentia dores na virilha -, o treinador vai mandar a campo a equipe que acha a ideal e com a orientação da partir para o ataque (a vitória nesta fase inicial vale três pontos). Os laterais Jorginho e Leonardo, principalmente Jorginho, vão sempre que possível ajudar o ataque, formado por Bebeto e Romário e considerado por Parreira o ponto alto da equipe. Além de buscarem o gol, Bebeto e Romário têm a incumbência de procurar cavar faltas perto da área russa, cujas cobranças foram exaustivamente ensaiadas durante os treinos. Os cobradores são Dunga ou Leonardo para as de mais longe; e Raí e Bebeto para as mais próximas à área. Na Copa de 82, na Espanha, o Brasil também fez sua estreia contra a Rússia (então URSS). O time dirigido por Telê Santana venceu por 2 a 1, de virada. (ESPORTES IN: O GLOBO, 20/06/1994, p.1)

Destaque para a preocupação com as bolas paradas e na ênfase ao treinamento dos jogadores para este tipo de jogada. Ao longo do caderno de Esportes o jornal destacou frases de efeito dos jogadores em entrevistas que resumiam o sentimento de alguns dos atletas mais em evidência. O capitão Dunga, criticado antes da competição, recupera a ideia de “pátria de chuteiras” de Nelson Rodrigues: “Agora está em jogo toda uma nação. Acabou a brincadeira.” Já Romário, demonstra seu estilo falastrão e convicto ao prometer o título: “Os russos que se

cuidem. Vai ser a minha Copa, a Copa do tetra.” Já Parreira prefere exaltar o treinamento: “Vamos repetir o que fizemos nos treinos e venceremos bem os russos.”

Na página 3, a reportagem *O dia D* começa com uma retrospectiva sobre as cinco tentativas frustradas da seleção em conseguir o tetra e evidenciando a pressão com que a seleção chegou à Copa:

O técnico Carlos Alberto Parreira pediu que o grupo deixe de lado as polêmicas em torno da seleção e que a partir de agora pense numa grande vitória sobre a Rússia. O treinador prometeu uma equipe ofensiva, voltada para o gol durante os 90 minutos. – Agora não adianta falar de erros e acertos em quase três anos de preparação. Fiz o que achei melhor para a seleção e estou convencido de que temos condições de vencer a Rússia e todos os adversários até chegar ao título. E nada como uma grande arrancada a partir do jogo de estreia – disse o técnico. (ESPORTES IN: O GLOBO, 20/06/1994, p.3)

Na mesma página a reportagem *Moracy: time já tem 75% de sua condição* exalta a preparação física da seleção. Para reforçar a narrativa de preparação para a competição, o jornal coloca na mesma página a matéria: *Computador dará armas a Parreira:*

Um programa de computador capaz de mudar o destino do jogo no intervalo é a novidade que a comissão técnica da seleção brasileira pretende usar hoje, contra a Rússia. O preparador físico Moracy Santana incluiu na bagagem seu computador Toshiba 1900 C (o mesmo que usa do São Paulo). E Moracy estreará, do banco de reservas, um novo programa que analisará a tática dos russos no primeiro tempo através de um campo imaginário, em que 11 bonecos terão os nomes dos jogadores russos. Segundo Moracy, no intervalo – ou até durante o primeiro tempo - Parreira consultará o computador. E poderá, assim, orientar seus jogadores para jogadas perigosas dos adversários. O programa do computador também mostra os passes errados e certos dos dois times, chutes a gol, cruzamentos...Moracy Santana recebeu sábado à noite o novo programa desenvolvido nos EUA e garante que não perderá um lance sequer do jogo. (ESPORTES IN: O GLOBO, 20/06/1994)

É interessante notarmos que a mesma ideia de um computador para analisar a tática adversária já foi usado nas narrativas que exaltam o futebol-arte. No terceiro jogo da fase de classificação da Copa de 1958, também contra os russos, onde o Brasil teria que vencer, encontramos nas narrativas jornalísticas que os soviéticos tinham um computador capaz de decifrar as jogadas brasileiras. No contexto da Guerra Fria, a notícia era encarada como a prova de que o Brasil não venceria a tecnologia e a preparação russa. A mesma narrativa jornalística, no dia seguinte à vitória brasileira enalteceu a atuação de Garrincha dizendo que a arte teria vencido a lógica e que o improvisado do nosso atleta não conseguiu ser captado pelo computador russo. (CASTRO:1995) A mudança na concepção de estilo da seleção pode ser observada nesta passagem, onde em 1994, a seleção tentará desvendar as jogadas dos russos e

não ao contrário. É como se o duelo futebol-arte x futebol-força desse lugar ao futebol-força x futebol-força.

Na página 16 a narrativa mantém a ideia de preparação total da seleção para a competição: *As precauções contra o calor*. A reportagem ressalta as precauções da seleção, como: a hidratação constante dos jogadores, o grupo dormir dez horas por dia, o aumento de carboidratos nas refeições, frutas e sucos e o corte de cabelo dos jogadores para que eles sintam menos calor na cabeça:

A previsão é de que o calor no começo do jogo de hoje contra a Rússia chegue a 40 graus. O calor da Califórnia preocupa e nos últimos dias o médico Lídio Toledo tomou medidas para que o time não sofra tanto. As partidas do Brasil nesta primeira fase estão marcadas para as 13 horas (hora local) mesmo horário dos coletivos. (ESPORTES IN: O GLOBO, 20/06/1994, p. 16)

Mantendo a ideia da diferença do estilo de jogo desta seleção, encontramos na coluna de Fernando Calazans, na página 10, um comentário sobre a retranca brasileira: “Se a Rússia tem sua retranca, saiba que o Brasil também tem: são oito homens na defesa, quando o adversário ataca, como no último coletivo. Somente Romário e Bebeto estão isentos de tarefas defensivas.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 20/06/1994, p.10) Destacamos que o termo “retranca” se refere ao excesso de defesa de uma equipe, o que vai contra a ideia de ofensividade do futebol-arte.

Na página 7, uma entrevista com Zagalo começa lembrando o confronto contra a URSS na Copa de 1958, destacando a experiência de 40 anos de futebol do coordenador técnico. Zagalo afirma que: “esta seleção, mesmo sem os talentos de outras conquistas, é madura, equilibrada em todos os setores, joga bonito e tem muito espírito de luta”. Respondendo uma das perguntas da entrevista: “Este time joga bonito ou é de pegada?” Zagalo afirmou: “Como já disse, esta seleção é equilibrada. Mas o que me interessa é o título. Se pudermos jogar bonito e com pegada, melhor. Mas se tivermos que ganhar jogando feio, tudo bem. Temos é que ganhar.” (ESPORTE IN: O GLOBO, 20/06/1994, p.7)

Salientamos a máxima defendida por Zagalo, que será bastante explorada durante a narrativa da Copa de 1994: o importante é ganhar. Jogar seguindo o “verdadeiro” estilo nacional é um adorno e não a função principal. Sublinhamos aqui, o que defendemos na parte teórica deste trabalho: as ideologias estão em constante disputa para tentarem ser hegemônicas, e neste caso, o resultado final da seleção pode ajudar a amalgamar a teoria de Zagalo ou reforçar o discurso de seus críticos que entendem o jogar bonito como o mais importante para a seleção nacional, mantendo nossas supostas raízes.

A página 8 divide o espaço entre Dunga e Romário. É interessante tal fato, para notarmos, de forma mais cristalina, este embate entre ideologias sendo representados pelos dois atletas. Ao falar sobre Dunga a narrativa do jornal mostra o capitão da seleção diferente do jogador que representou a derrota em 1990: *Uma nova era Dunga na seleção*

Quem diria...Dunga não é mais visto apenas como o apoiador violento com cara de mau e pernas curtas que marcou negativamente a gestão de Sebastião Lazaroni na seleção brasileira. Agora, ele marca, mas também responde pela função de jogador mais disposto a criar no meio-campo da equipe de Carlos Alberto Parreira. Enquanto Mauro Silva, Raí e Zinho pouco arriscam e se limitam a lances burocráticos, esse gaúcho de 30 anos a cada dia tira mais coelhos de sua cartola. [...] Contra a Rússia, hoje, o torcedor brasileiro poderá comprovar se a boa fase de Dunga não foi coisa passageira. Ele avisa que vai arriscar, chutar a gol. Quer apagar de uma vez por todas o rótulo de perna-de-pau. (ESPORTES IN: O GLOBO, 20/06/1994, p.8)

Ainda como símbolo da seleção, a ideia da narrativa ao longo de todo o caderno de Esportes é demonstrar tanto o jogador Dunga quanto a equipe, diferentes da época de Lazaroni. Já a reportagem sobre Romário fala de sua preparação para a Copa. O jogador sentiu a virilha direita dez dias antes da estreia e era dúvida para o jogo. A narrativa deixa claro que Romário não gosta de treinar e que a preparação física do time foi feita de forma exagerada:

Reconhecido pela própria comissão técnica como um jogador que não gosta de treinar, foi afastado das atividades por quatro dias. Somente sexta-feira tocou em bola, assim mesmo à parte e para despreziosos chutes. [...] A comissão técnica considerou questão de honra deixá-lo em condições. Os músculos do zagueiro Ricardo Gomes não resistiram à carga de treinos e ele acabou cortado. Romário é o principal jogador da seleção e perdê-lo seria desastroso em todos os sentidos. (ESPORTES IN: O GLOBO, 20/06/1970)

No dia da estreia constatamos um otimismo do jornal. Em nenhum momento o periódico criticou a equipe por jogar um futebol diferente do designado como arte. Ao contrário, o *O Globo* elogia Parreira e dá voz aos jogadores e comissão técnica para se defenderem das críticas sofridas exatamente por “negar” o nosso estilo.

Em ambos os jornais, encontramos, mais uma vez, as narrativas de como a cidade se prepara para acompanhar a Copa do Mundo, comparando a competição a uma festa da nação, similar ao carnaval. Isso vai ocorrer durante todo o *corpus* pesquisado. Tal fato é interessante para nossa pesquisa, principalmente por confirmar nosso pensamento explicitado na parte

teórica. No momento em que o discurso jornalístico produz sentidos e entende o torneio como uma festa, a Copa se torna um momento de reforço das identidades coletivas.<sup>44</sup>

A seleção venceu por 2 a 0, com gols de Romário e Raí. A capa do *Jornal do Brasil* do dia 21 de junho destacou: *Brasil vence com futebol de favorito*. No caderno de Esportes a capa destaca o talento de Romário como algo fora do normal:

Foi como ele mesmo esperava. Um gol, boas jogadas e a ótima vitória da seleção brasileira rumo ao tetracampeonato.[...] Quem melhor definiu o que significou para a seleção brasileira a presença de Romário na partida de ontem à tarde foi o goleiro Kharin, capitão da seleção russo, que lamentou não ter defendido o chute que originou no primeiro gol da seleção brasileira. “Pensei que ele chutaria no outro canto, porque, normalmente, os atacantes fazem isso. Mas Romário não é normal, e este foi o problema”. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 21/06/1994, P.1)

A narrativa enaltece o futebol da seleção, como neste título da página 3: *Seleção brasileira estreia como campeã - Na vitória de 2 a 0 sobre os russos, o Brasil mostra futebol objetivo e justifica favoritismo, ao contrário de outras equipes*. A reportagem fala que melhor do que a vitória e a liderança do grupo foi a “constatação de que o time de Parreira é mesmo um dos favoritos da Copa dos EUA. Desde o Mundial de 70, no México, o Brasil não fazia uma estreia tão convincente como a de ontem.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 21/06/1994, p.3) Até a vitória de 1982, sobre a URSS, já mostrada neste trabalho, agora é tratada assim: “Espanha-82 (vitória de 2 a 1 sobre a URSS, com colaboração do juiz)”. O jornal indica que o futebol-força de Mauro Silva é imprescindível e elogia os jogadores, afirmando que Jorginho, Dunga e Romário são os melhores do mundo em suas posições. Apesar disso, o jornal destaca que o estilo de jogo não é o que o torcedor está acostumado: “Os minutos iniciais da partida podem até ter assustado o torcedor desacostumado ao novo estilo da seleção. Os jogadores tocavam a bola em demasia, com o objetivo de irritar e cansar os russos.” Entretanto, o único momento crítico ao estilo de jogo foi este.

---

<sup>44</sup> Na festa se estabelece um vínculo social, sendo importante e fundamental o estar-junto, o sentimento de partilhar, principalmente os elementos representativos do rito festivo. Durante um jogo do Brasil, as pessoas partilham não só emoções e sentimentos semelhantes, mas também elementos que representam a seleção, como o verde e amarelo, que podem estar presentes tanto na vestimenta como em pinturas no corpo exposto. Dessa forma, se criam imagens e símbolos para a festa. “Os símbolos nascem no grupo, eles permitem igualmente o sentimento que o grupo nutre por si mesmo. O símbolo é a causa e o efeito de toda a vida societal.” (MAFFESOLI, 2005, p. 14). Para Perez, a festa pode ser entendida como “forma lúdica de sociação e como um fenômeno gerador de imagens multiformes da vida coletiva, buscando mostrar como o vínculo social pode ser gerado a partir da poetização e da estetização da experiência humana em sociedade” (2002, p. 17). Durkheim (1985) indica que a efervescência é uma forma de estabelecimento do vínculo coletivo. Maffesoli aponta que essa vontade de estar junto, da re-aliança nada mais é do que “a espantosa pulsão que incita a buscar-se, a reunir-se, a render-se ao outro.” Mais do que isso, “a festividade é, portanto, a recordação do primitivo, que é a base do estar-junto.” (MAFFESOLI, 2012, p. 236).

Armando Nogueira, crítico de Parreira, fala em sua coluna na página 8 que se surpreendeu com a estreia: “O Brasil me saiu melhor do que eu esperava. Estreia, a gente sabe, é sempre tensa. Seja na solidão de um palco, seja no doce recesso de uma alcova, seja na imensidão de um campo de futebol – qualquer estreia é sempre tensa. É angustiante. Feliz a equipe que tem um Romário, arma letal na grande área.” O colunista elogia de forma efusiva Romário, destacando-o como grande jogador do Brasil e ainda enaltece o toque de bola da seleção, associando-o às supostas características nacionais.

Como equipe, a seleção do Brasil exibiu um toque de bola que é a marca brasileira. Tomara que tenha sido essa a tarde do renascimento de Raí. Meus louvores também a Jorginho e Leonardo, é a dupla de cabeças-de-área, Dunga e Mauro Silva, que, sem ter que ir além da meia-sola, policiaram satisfatoriamente o campo defensivo do Brasil. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 21/06/1994, p.8)

Na página 10, Villas-Bôas Corrêa exalta o “talento moleque e endiabrado” de Romário e afirma que “a seleção firmou-se como a menina dos olhos da Copa de início opaco. E que exibiu fabulosa dupla de área, a melhor do mundo. Romário dispara como o craque da Copa com exibição impecável, de espantosa eficiência, e Bebeto engasgou os que duvidaram da sua bravura nas divididas.”(ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 21/06/1994).

O jornal *O Globo* também elogia a estreia brasileira: *Brasil brilha na estreia*

A seleção brasileira teve uma estreia brilhante. Com uma forte marcação no meio-campo, mas jogando ofensivamente, com o apoio dos laterais, derrotou a forte equipe da Rússia por 2 a 0, ontem, e assumiu a liderança isolada do Grupo B das eliminatórias. Romário foi fundamental: além de marcar o primeiro gol, concluindo cobrança de corner de Bebeto, sofreu o pênalti que Raí – que voltou a jogar bem – bateu com perfeição, aos 7m do segundo tempo. Antes, o juiz, com péssima atuação, deixara de marcar um pênalti claro em Romário. O placar poderia ter sido maior se Bebeto – que teve ótima atuação na armação de jogadas – não tivesse perdido três gols. (ESPORTES IN: O GLOBO, 21/06/1994, p.1)

A exaltação a Romário foi um dos pontos mais observados na narrativa do jornal. O título da página 3 indica a personificação do atleta à seleção brasileira: *Vila da Penha 2 x 0 Kremlin*. Vila da Penha é o bairro onde o jogador cresceu no Rio de Janeiro e com o qual possui uma identificação acentuada:

O Kremlin se rendeu à Vila da Penha do baixinho invocado: a estreia da seleção, uma maiúscula vitória por 2 a 0 sobre a Rússia, foi o jogo d Romário. [...] O show começou aos 9 minutos do primeiro tempo com um passe de Bebeto. Romário deixou dois russos para trás e cruzou para o meio da área, onde não havia ninguém. Aos 26, num corner cobrado por Bebeto, livrou-se de Ternavski e do goleiro Kharin com uma ginga e tocou suavemente para o gol. (ESPORTES IN: O GLOBO, 21/06/1994, p.3)

Expressões que definem o futebol-arte, como ginga, foram utilizadas pela narrativa quando a reportagem falava de Romário, aproximando-o da representação do jogador símbolo do “nosso” futebol<sup>45</sup>. A reportagem *Sadyrin se rende e diz que Romário é imarcável* entrevista o técnico russo e reforça a ideia de Romário como o novo estereótipo do jogador nacional. Outra matéria sobre o jogador na página 9 frisa que para Romário o jogo foi como uma pelada. Tal sentido já tinha sido associado ao jogador Garrincha, como o atleta que quer entrar em campo e se divertir, fazer sua arte, independente de táticas e esquemas rígidos. Este pensamento é inteiramente ligado à ideia de futebol-arte. “Pensou em fazer o de sempre, jogar como se estivesse numa pelada, descontraído, arriscando jogadas[...] – Sei que é uma estreia de Copa, essas coisas todas...Mas encaro todos os jogos da mesma forma, como se fossem uma pelada lá na Vila da Penha.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 21/06/1994, p.9)

Na página 9 a tática é elogiada na reportagem *Brasil mostra força dos laterais*: “A tática deu certo. A atuação dos laterais na vitória de ontem sobre a Rússia foi considerada impecável pelo técnico Carlos Alberto Parreira e pelo coordenador Zagalo.” A narrativa de que o time jogou de forma convincente está clara em todo o caderno de Esportes. Para Zagalo a seleção foi perfeita. O coordenador técnico elogia Dunga e defende a tática com dois atacantes: “Acho que daqui para a frente vão parar de insistir com essa besteira. A seleção joga em blocos, ataca e defende com a mesma determinação. Por isso, demos esse show de bola na Rússia. [...] O time esteve perfeito. Defendemos sempre com nove jogadores e não demos nenhuma chance à seleção russa, o mais forte adversário do grupo.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 21/06/1994, p.4) As tradicionais notas para as atuações deram 10 para Romário e Raí. Dunga também foi elogiado recebendo a nota 9.

A narrativa do jornal *O Globo* não fala de estilo de jogo de maneira direta, e em linhas gerais define a estreia como excelente. Não encontramos queixas quanto ao estilo de jogo nacional. Entretanto, a coluna de Fernando Calazans na página 10, destaca a dicotomia que encontramos em ambos os jornais ao exaltar o futebol-força de jogadores como Mauro Silva e Dunga e o futebol-arte de Romário: “Esses dois jogadores, de características diametralmente opostas, podem resumir o que foi a seleção brasileira em sua estreia no Mundial-94: força nas muitas divididas de que participou Mauro Silva, dominando o meio campo; técnica nos toques decisivos de Romário, que sempre levaram perigo ao gol russo.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 21/06/1994, p.10)

---

<sup>45</sup> Para outras informações e análises acerca do jogador Romário e como a narrativa construiu sua representação ver: *Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário.* (HELAL, 2003)

No dia 22 de junho, a capa do Jornal do Brasil revela que *Parreira alerta contra perigos do favoritismo*. Após tantos elogios à seleção, o discurso da comissão técnica se volta para não assumir este posto, visto que, em outras competições nas quais o Brasil era favorito, 1950 e 1982, foi derrotado. Tal fato é interessante ao observamos a força da memória coletiva em não “repetir erros do passado” já que, principalmente em 1950, creditou-se à derrota da seleção a um favoritismo exacerbado.

A estreia da Argentina também foi destacada na página 5 do caderno de Esportes: *Argentina reabilita seu futebol - Sob comando de Maradona e Batistuta, time dá espetáculo, goleia a Grécia e prova que também é favorita ao título*. A narrativa afirma que Dieguito está de volta: “Uma goleada capaz de mostrar que o técnico Alfio Basile deixou um pouco de lado o chamado futebol de resultados que a Argentina apresentara em 90, para jogar um futebol de verdade.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 22/06/1994, p.5). É notório como a ideia de futebol-resultado e o chamado “futebol de verdade” dos argentinos segue a mesma linha de raciocínio brasileira. Ao dar espetáculo, o time reencontra seu “verdadeiro” futebol, já que em 1990, mesmo sendo vice-campeã, a equipe não praticou o seu futebol por jogar baseado no resultado.

Sérgio Noronha, em sua coluna na página 9, minimiza os elogios aos argentinos e mantém o Brasil como favorito, apesar de reconhecer que a equipe não joga de forma maravilhosa: “Nada assustador. Agora, que acabamos de ver a Argentina vencer facilmente a Grécia, podemos afirmar que nenhum dos outros favoritos assusta a seleção brasileira. Não é que a seleção brasileira esteja em fase maravilhosa, o nível é que não passa de médio e nós temos como ultrapassá-lo.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 22/06/1994, p.9) Já Armando Nogueira destaca o individualismo das seleções romena e brasileira, dependentes de Hagi e Romário. O título da coluna *A vez do craque* critica o pragmatismo das outras equipes, e não inclui o Brasil nesta categoria, justamente por termos um atleta mais próximo das características do futebol-arte: “Foi-se mais cintilantes do mundial: o romeno Hagi e o nosso Romário. E a primeira rodada da Copa. Supertime, até agora, nenhum. Brasil e Romênia foram os únicos, dos 24, a jogar uma bola razoável. Justamente, as seleções que nos deram, até aqui, as duas estrelas.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 22/06/1994, p.6)

Na página 5, os elogios dos jornais americanos à seleção brasileira robustecem a narrativa: “Na maneira como os brasileiros jogam futebol, a bola se comporta como animal domesticado, dado a acrobacias e treinado para realizar truques incríveis a um comando dos pés.” Disse o *Chronicle*. “Agora é oficial: cuidado com o Brasil, diz a manchete do *Times*, que depois de afirmar que a seleção poderia ter ganho de oito, qualifica o futebol brasileiro de

“bonito, fluido e brilhante” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 22/06/1994, p.5) Em outra reportagem o jornal afirma que a imprensa local se rendeu “ao desempenho do time brasileiro e comparam o atacante Romário ao ex-astro do basquete Michael Jordan.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 22/06/1994, p.1)

Nesta edição, as únicas notícias negativas foram as queixas quanto a preparação física exagerada da comissão técnica, afirmando que, somando os 22 jogadores, foram 40 Kgs perdidos desde a fase de preparação. O médico Lídio Toledo, ao falar da lesão no músculo adutor da coxa direita do zagueiro Ricardo Rocha (que o tirou da Copa) se mostra preocupado com as seguidas lesões musculares dos atletas, indicando um excesso na preparação.

O jornal *O Globo* segue apontando mais elementos do futebol-força em sua narrativa, destinando apenas a Romário os elementos do futebol-arte. Na página 3 do caderno de Esportes, o jornal explica as mudanças táticas da seleção para enfrentar Camarões e afirma que o calor na hora da partida afetará mais a seleção brasileira.

Na página 4, o jornal também traz a visão dos jornais americanos sobre a estreia brasileira: *Seleção emociona imprensa americana*. No interior da reportagem alguns títulos enaltecendo a seleção:

“Brasil deu emoção ao Mundial”, “Brasil dançou seu samba”, “Russos não foram adversários à altura do Brasil”. Estes foram alguns títulos que os jornais americanos deram a suas reportagens sobre o jogo de ontem. Para “The New York Times”, a seleção brasileira “não prendeu nem um segundo seu jogo brilhante e fluido” E acrescentou: “Não existem palavras para contar como foi o domínio exercido pelo Brasil, com seus passes intrincados, sua implacável maneira de fazer gols e as defesa destruidora. (ESPORTES IN: O GLOBO, 22/06/1994, p.4)

O jornal argentino *Clarín*, afirmou: “a seleção de Parreira foi sóbria, segura, firme, convincente e em alguns momentos exibiu um futebol luxuoso.[...] Não foi um baile, mas andou perto disso. O Brasil, eterno candidato a ganhador da Copa, acabou apagando seu adversário em campo.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 22/06/1994, p.4). O italiano *Gazzetta dello Sport* destacou que o Brasil “jogou como grande que é e dominou o adversário de forma convincente. Jogou bonito e foi impiedoso, divertiu com Romário e Raí e dominou completamente a Rússia” (ESPORTES IN: O GLOBO, 22/06/1994, p.4). Destacamos aqui a importância creditada a “voz dos outros” sobre nossa equipe. Entendemos que esta visão externa auxilia de maneira importante a formação da identidade da seleção que a narrativa se propõem a construir.

A página 6 foi inteiramente dedicada a Romário, delineando a narrativa sobre o jogador durante a competição: *O gênio da área – Romário diz que apenas começou a jogar*.

A reportagem traz frases de personalidades do esporte como Cruyff, Nilton Santos, Sadyrin (técnico da Rússia), Roberto Dinamite, Didi, Clodoaldo e Nelinho, valorizando o talento do jogador. Todos destacam seu talento para fazer gols, e que um pequeno espaço é o suficiente para ele decidir a partida. Clodoaldo define: “Romário está para o Brasil como Maradona está para a Argentina.” Didi: “Romário é o único atacante que se aproxima de Pelé”. Reportagem ressalta que ele não vai se empenhar na marcação como os outros companheiros e sim fazer gols. Esta narrativa deixa claro sua proximidade ao futebol-arte. Ou seja, o jogador está ali para fazer gols, belas jogadas que vão definir o jogo e não marcar, já que isso é associado ao futebol-força. Entretanto, deixa claro que todo o time vai cumprir esta função. A partir deste momento a narrativa fica bem clara ao definir Romário como o futebol-arte e os outros jogadores como os representantes do futebol-força. Esta construção vai proporcionar diferentes angulações sobre esta seleção. Sua representação dicotômica, com elementos do futebol-arte e do futebol-resultado inerentes ao time não trará uma narrativa homogênea sobre estilo de jogo, já que ela oscilou bastante durante a competição. O interessante é que os dois estilos foram exaltados em todos os momentos em que surgiram nas narrativas, e não se condenou o futebol-resultado como suspeitávamos no início do trabalho.

O Brasil venceu Camarões por 3 a 0 e se classificou no grupo B com gols de Romário, Márcio Santos e Bebeto. A decisão de quem seria o primeiro do grupo foi contra a Suécia, em Detroit. O gol de Kennet Andersson aos 24 minutos do primeiro tempo fez a seleção ir para o intervalo perdendo. Não bastou o gol de empate de Romário aos 2 minutos do segundo tempo, e a classificação em primeiro lugar do grupo, mesmo com o 1 a 1. As críticas retornaram com intensidade. A manchete do caderno de Esportes do *Jornal do Brasil* indica: *Brasil cai na real. Empate contra a Suécia revela as deficiências de um time preso às limitações do meio-campo* (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 29/06/1994, p.1). É interessante observar como o resultado do jogo interfere diretamente nos rumos da narrativa. Enquanto a seleção vence seus adversários, os supostos erros não surgem, ao passo que quando a vitória não acontece, chama-se a atenção para as deficiências. Sugerimos que a narrativa pretende produzir o sentido de: “eu avisei”, no caso de uma futura derrota.

A tensão de jogar contra os donos da casa, no dia 4 de julho, dia da Independência americana, fizeram das oitavas de final um jogo com um nível pressão enorme para a seleção. A expulsão de Leonardo, lateral brasileiro, aos 43 minutos de jogo, depois de dar uma cotovelada em um adversário, aumentou a dramaticidade da partida. Após uma jogada individual de Romário, Bebeto ficou marcou o gol da classificação aos 28 minutos do segundo tempo.

A partida das quartas de final entre Brasil e Holanda foi considerada por muitos especialistas como a melhor da Copa. Em 29 minutos cinco gols foram marcados. A capa do jornal do Brasil do dia 10 de julho estampou: *Seleção brilha e chega às semifinais - A Seleção Brasileira conquistou de forma brilhante, com muita garra, a vaga nas semifinais da copa do Mundo, ao derrotar a Holanda por 3 a 2, em Dallas, num jogo dramático*. Armando Nogueira definiu desta maneira a atuação brasileira em sua coluna na página 9:

Tudo excelente. Tarde sem sol, sem muito calor e uma partida realmente estupenda. Dessas que emocionam. Brasil e Holanda fizeram, sem sombra de dúvida, o melhor espetáculo da Copa, até agora. O estádio de Cotton Bowl pode se orgulhar: suas tribunas viram cinco gols como ainda não tinham visto nos cinco jogos aqui realizados. Chave de ouro na participação de Dallas na Copa do Mundo. Pela primeira vez, a equipe brasileira teve espaço. Jogou, deixou jogar. Abriu-se com destemor. Jogou de peito aberto. Por isso, tomou dois gols. Mas fez três. A Holanda, também, rendeu sua homenagem ao futebol. Jogou, deixou jogar. Fez dois gols. O Brasil passa às semifinais. Vai encontrar o vencedor de Romênia e Suécia, que jogam, hoje, seu destino no Mundial, no estádio de Stanford, na Califórnia. Não há como destacar, individualmente, ninguém na equipe do Brasil. Toda a equipe teve uma atuação portentosa. Exceção ao zagueiro Branco, que ainda não está senhor das próprias pernas. Sacrificou Dunga, Mauro Silva e Márcio Santos que tiveram que socorrê-lo. O gol de falta de Branco, a meu ver, não absolve sua escalação. Foi uma temeridade. Enfim, o Brasil, como sonhava a sua torcida, jogou um futebol com claras tintas de fantasia. Que foi a tônica das duas equipes. A marca indelével do jogo.

Com este clima de otimismo o Brasil enfrentou novamente a Suécia nas semifinais e venceu por 1 a 0, gol de Romário. Após 24 anos a seleção voltava a uma decisão da Copa e de novo contra os italianos, que venceram os búlgaros por 2 a 1 nas semifinais. A capa do dia 17 de julho do *Jornal do Brasil* previa que cerca de dois bilhões de pessoas assistiriam, pela televisão, ao jogo que definiria o primeiro tetracampeão do mundo. Na capa do caderno de Esportes a matéria *Esperança e glória* enfatiza o novo momento do futebol brasileiro e depois de definir o estilo de jogo mais próximo ao futebol-força, afirma que essa seleção rompe com os laços do passado do nosso futebol:

O técnico Carlos Alberto Parreira enfrentou todas as dificuldades com a certeza inabalável de que suas convicções eram as mais adequadas: um time que jogasse compacto sem dar espaço aos adversários. Podem-se discutir táticas e estratégias, mas é inegável que Parreira soube transmitir à seleção brasileira um espírito de união que só os campeões possuem. [...] Vinte e quatro anos depois da epopeia de 70, lá vai a seleção brasileira mais uma vez rumo ao título, herdeira das alegrias e tristezas de todas as outras que a antecederam. Mas não tem laços com o passado, seu compromisso é com o presente e com o futebol guerreiro com que tem derrotado até aqui todos os adversários. Hoje, certamente, é dia de tetra. E o Brasil inteiro reconhece que a sua seleção o merece por cada gota de suor ou lágrima derramada. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 17/07/1994, p.1)

Neste contexto, reforçamos que o “lembrar” e “esquecer” do passado é sempre pertinente para se defender uma ideologia. À medida que a narrativa sobre o nosso futebol tende a sofrer mudanças, se prega um esquecimento e um rompimento com o passado que não é mais apropriado, encaminhando para uma possível mudança de identidade.

Na página 3 os elementos do futebol-força permanecem claros. O título da matéria: *Marcação é a tática para ganhar tetra - Brasil quer bloquear o meio de campo para explorar os contra-ataques rápidos*, condensa o foco da equipe de Parreira na final. Este trecho da reportagem é mais enfático, principalmente a negar as comparações às seleções de 82 e 70:

O Brasil enfrenta hoje a Itália com a certeza de que terá que mostrar muita raça e coração para chegar ao tetra. O treinador Parreira vai manter o esquema que levou o time a ser finalista: um grupo compacto no meio-campo para conter o adversário explorando a velocidade no contra-ataque. O técnico evita comparações entre 94 e 70 e muito menos 82, quando o Brasil foi eliminado pela Itália na Copa da Espanha. Parreira lembra que o time atual nada tem a ver com aqueles de outras Copas. Afirma que o Brasil dos EUA é um time sério, de muita luta, sem fantasia. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 17/07/1994, p.3)

As demais narrativas presentes no caderno de Esportes falam dos métodos utilizados para o time ficar unido, destacando os problemas de união em 1990. O discurso é de que o Brasil não poderia perder para ele mesmo e indica Dunga e Ricardo Rocha como líderes da equipe e assessores de Parreira dentro do grupo.

Todavia, surgem vozes que comparam este time com o de 70, ressaltando a superioridade do time tricampeão. Tal fato destaca nossa argumentação de que esta seleção se tornou referência na imprensa quando se pretende definir o que seria o verdadeiro futebol nacional. O zagueiro Brito, integrante do time de 1970, critica o baixo nível dos jogos da Copa e sente falta de mais atacantes no time. A introdução de sua entrevista traz a seguinte afirmação: “A constatação sai rápida sem qualquer ponta de mágoa: a atual seleção brasileira, marcada pelo futebol-força de Mauro Silva, Dunga e Cia não chega aos pés da equipe tricampeã mundial em 70.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 17/07/1994, p.5)

Continuando as comparações, na página 10 a reportagem *Entre água mineral e vinho* destaca as principais diferenças entre as duas decisões:

para explicar melhor a diferença que estabeleço entre a final do Mundial de 1970 e a de hoje, não vejo como evitar um castigado e universal lugar-comum: o da diferença entre água e vinho. Válido tanto para o Brasil como para a Itália – ambos, vinhos e boa fermentação (o Brasil mais para o generoso, de maior graduação alcoólica: a Itália, do tipo encorpado-adstringente) em 70; mais água mineral em 94 (o Brasil mais frisante, a Itália mais lisa, menos gasosa). Na final do Azteca, o Brasil tinha Pelé, mas não era dependente de Pelé. Poderia ganhar até sem ele – que, ao lado de

Garrincha, representou o máximo e melhor do futebol brasileiro. Porque no Brasil de 70 o problema dos técnicos (primeiro João Saldanha, depois Mário Jorge Lobo Zagallo) foi criado pela exuberância de valores individuais, de craques que faziam a diferença. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 17/07/1994, p.10)

J

á na página 11, o jornal traz uma resposta de Parreira aos seus críticos. Perguntado sobre como iria proceder se vencesse a competição ele respondeu: “*Não vou me igualar aos medíocres*” sua réplica foi a manchete da reportagem que contou com o seguinte subtítulo: *Nem mesmo uma possível conquista fará Parreira reagir contra as injustas críticas recebidas desde as Eliminatórias do Mundial*. Ao usar o termo “injustas” o jornal direciona seu discurso para a defesa do treinador.

O jornal *O Globo* trouxe em sua manchete: *A Hora do tetra - Brasil e Itália fazem hoje o jogo do século*. Salientamos as hipérboles jornalísticas presentes no título. Na página 4 do caderno de Esportes, uma entrevista com o técnico. As angulações demonstram, assim como no *Jornal do Brasil*, um tom menos crítico ao treinador:

O técnico Carlos Alberto Parreira manda um recado para os torcedores brasileiros: sua seleção chega à decisão com a Itália no seu melhor momento, sem problemas físicos ou de relacionamento no grupo. Além disso, afirma que a união não foi quebrada e, emocionado, dia que os seus jogadores entrarão hoje em campo pensando nos 150 milhões de brasileiros. (ESPORTES IN: O GLOBO, 17/07/1994, p.4)

Neste trecho, ao ser questionado sobre o futebol-arte, Parreira resumiu sua filosofia de trabalho:

Quando lhe perguntaram se o futebol da seleção brasileira o encanta, Parreira diz que os tempos mudaram. Para ele, a magia não existe mais. A condição física evoluiu tanto que os espaços deixaram de existir, o campo se tornou pequeno para 22 jogadores. Entretanto, considera ainda o jogador brasileiro mais lúcido no momento de chegar ao gol adversário e que nesta Copa não existe uma dupla tão perigosa quanto Bebeto-Romário. [...] Futebol mágico é coisa do passado. O futebol mudou muito e não existe mais nenhum gênio disponível. Posso dizer que o Brasil apresenta um futebol competitivo e que em determinados momentos consegue brilhar. Hoje não há mais espaço para nada. O aperfeiçoamento físico tornou o campo muito pequeno. Não temos mais Garrincha ou Pelé. Temos jogadores muito bons tecnicamente e aplicados. (ESPORTES IN: O GLOBO, 17/07/1994, p.4)

Sinalizamos como importante a ênfase sobre Garrincha e Pelé como símbolos do futebol mágico, confirmando o que abordamos ao longo do trabalho. O treinador ainda reforça que nos 60 dias de preparação a seleção se manteve unida, forte, humilde e sem vaidade pessoal, além de afirmar que a seleção não é só Romário. Na entrevista coletiva, Parreira respondeu da seguinte forma as demasiadas críticas sobre a seleção:

Ouvi coisas absurdas, de quem não entende nada de futebol. Cansaram de dizer que jogamos defensivamente, mas em todos os jogos atuamos no campo adversário. Disseram que só atacamos com dois jogadores. E na verdade Jorginho e Leonardo, depois Branco, também são atacantes, para não falar nos avanços de Dunga, Zinho, Mauro Silva, Aldair e Márcio Santos, que também tiveram chance de marcar. (ESPORTES IN: O GLOBO, 17/07/1994, p.4)

Ao ser indagado se o torcedor foi muito crítico com a seleção, citando o exemplo de que toda vez que o nome do treinador era anunciado nos alto-falantes, ele era vaiado, Parreira respondeu: “O torcedor é uma caixa de ressonância, reage de acordo com a análise da mídia. Repito: o torcedor é uma caixa de ressonância...” O treinador completou dizendo que as críticas vindas de colunistas, humoristas e colunistas sociais, socialites não lhe atingem, já que, segundo ele, possui 30 anos de futebol e não é burro como os críticos dizem. O técnico ainda afirma que seu ciclo na seleção terminava no dia da final.

No *corpus* investigado não encontramos as críticas tão pesadas ao treinador as quais ele respondeu na coletiva na véspera da decisão. Acreditamos que o treinador confrontava as opiniões vindas do rádio e da televisão e de outros veículos impressos, já que no *Jornal do Brasil* e no *O Globo*, conforme apresentamos, seu trabalho foi muito mais elogiado do que criticado.

A construção de Romário como novo elemento que simbolizaria o futebol-arte se torna mais forte no dia da final. Na reportagem da página 6: *A “internacional” Vila da Penha*, a narrativa descreve a infância pobre de Romário, entrevista seus amigos de infância, a merendeira da escola, sempre enfatizando seu dom e sua habilidade natural para o futebol. “A Vila da Penha está prestes a entrar para a história. Tal como Pau Grande, no Município de Magé, que ficou famosa como terra de Mané Garrincha, o subúrbio do Rio já virou atração internacional.”

Nas outras páginas o jornal fala sobre a dúvida do técnico Arrigo Sacchi ao escalar Baresi e Baggio, lesionados, além da preocupação do treinador em marcar Bebeto e Romário. O periódico aborda também as estatísticas do confronto e indica o ponto forte do Brasil: “A segurança da defesa e a habilidade e velocidade de Bebeto e Romário.” E o ponto fraco: “A falta de criatividade do meio-de-campo.” Notamos que os apontamentos sobre o que é forte na seleção se assemelham ao futebol-força, com exceção aos jogadores Bebeto-Romário, como já ressaltamos, mais próximas do futebol-arte. E o ponto fraco é exatamente uma característica básica do “verdadeiro” estilo nacional: criatividade.

A crônica de Evandro Carlos de Andrade, intitulada *A seleção de Romário e do Parreira*, consegue agrupar as diferentes narrativas produzidas pelos jornais sobre a seleção

de 1994. O autor começa indicando como Parreira se transformou na própria representação da equipe. Logo após, Andrade critica Parreira por não ouvir a voz da população e faz um retrospecto dos outros treinadores que não aderiram a apelos populares na seleção. Ele ressalta que:

até o tricampeonato, a seleção nunca recebera o nome do treinador. Mas quando perdemos para a Holanda, na etapa semifinal, ela passou a ser “a seleção do Zagalo”, e a partir daí virou moda, sempre com espírito desmoralizador: a do Coutinho, a do Telê (“sem ponta não dá” – lembram-se?), a do Lazaroni. Essas recordações, talvez impertinentes, vêm a propósito de como a chamada mídia tratou até agora, na maior parte do tempo, a atuação da seleção. Excetuado Romário, que recebe com merecimento as homenagens, o resto dos jogadores é quase como se não existisse, a não ser para falar mal, como veio acontecendo com Zinho e Raí. Não é a seleção do Dunga, nem do Márcio Santos, nem do Aldair, nem do Bebeto, nem do Mauro Silva. É a seleção do Parreira. Feita uma pesquisa, vai-se verificar que essa expressão dominou, por larga margem noticiário comentários de muitos meses, e mais intensamente desde o início da Copa. Usada para depreciar, para diminuir, para tentar ridicularizar. Será que vão mantê-la, se hoje alcançarmos o tetra? Certamente, não. Hão de batizá-la de seleção de Romário, e ele fará jus ao título. Mas haverá sempre o crédito irrestrito para o técnico de cabeça fria que persistiu com tanta obstinação, com tanta firmeza de caráter, na defesa das suas ideias e contra o caos das mil ideias, divergentes uma das outras. Só assim pode exhibir o mais bem estruturado time de futebol jamais representado pelo Brasil em Copas do Mundo. (ESPORTES IN: O GLOBO, 17/07/1994, p.9)

O autor deixa clara a percepção de que a seleção se dividia em Parreira, Zagalo e Dunga representando o futebol-força e Romário, representante do futebol-arte. Na página 15, Fernando Calazans reforça esta ideia em sua coluna com o título: *As duplas da seleção*. Calazans critica a realidade das duas seleções e pede aos leitores que estejam preparados para assistir ao jogo que definirá o primeiro tetracampeão mundial:

Tentem esquecer que o Brasil não tem a sua melhor seleção de todos os tempos. Esta seleção brasileira que aqui está é inferior a pelo menos três seleções brasileiras que conquistaram títulos mundiais – as de 58, 62 e 70 – e as duas que não conquistaram absolutamente nada: as de 50 e 82. (Sim, porque estas duas últimas, que os jogadores de hoje tratam com o desrespeito mais gratuito do mundo, foram muito melhores do que a de agora, queira ou não o Romário). Mas muito bem – esqueçamos. Esqueçamos também que se a seleção brasileira não é a melhor de todos os tempos, a da Itália muito menos. E esqueçamos ainda que, nesta Copa, o futebol esteve longe de ser o dos nossos melhores sonhos (ESPORTES IN: O GLOBO, 17/07/1994, p.15).

Ele enfatiza as duas duplas da seleção: Parreira-Zagalo, que cuidou da defesa e Bebeto-Romário, que cuidou do ataque. Entretanto, o autor reconhece, frisando que é um amante e defensor do futebol ofensivo, que Parreira “armou um dos mais perfeitos esquemas defensivos de que tenho notícia.” No final, Calazans destaca a harmonia entre os dois setores.

Em uma entrevista com o ex-jogador Tostão, ao ser questionado se o Brasil joga feio, ele responde: “Não. Mudou a maneira de jogar. Hoje, há menos trocas de passes. O Brasil joga muito pelas laterais. Também por isso o meio-campo aparece pouco. Parreira partiu do princípio de que o time tem de jogar pelas laterais.” Tostão termina afirmando que acredita na vitória do Brasil. A narrativa do jornal não manteve a ideia de espetáculo do primeiro jogo, porém, não critica a seleção, escolhe angulações e discursos que justificam e defendem Parreira.

Sob um calor escaldante de meio dia na cidade de Los Angeles, Brasil e Itália não marcaram gols nos 90 minutos regulares, nem nos 30 da prorrogação. Assim, o estádio Rose Bowl foi palco da primeira decisão por pênaltis da história das Copas do Mundo em uma final. Com um 3 a 2 nas penalidades máximas o Brasil conquistou o tetracampeonato.

A capa do dia 18 de julho do Jornal do Brasil estampou: *Brasil é tetra*. No interior da reportagem o seguinte texto:

O Brasil tornou-se ontem tetracampeão mundial de futebol, no estádio Rose Bowl, em Los Angeles, EUA, espantando o fantasma nos últimos anos: o pênalti. Depois de dominar a Itália no tempo regulamentar e na prorrogação, desperdiçando excelentes chances de gol, acabou vitorioso por 3 a 2 justamente quando o astro Roberto Baggio, que salvou a Itália várias vezes durante a Copa, mandou para as nuvens o pênalti que manteria as esperanças de sua seleção. [...] A vitória desencadeou um carnaval de Norte a Sul do país, levando multidões para as ruas e praças de todas as capitais. Vinte e quatro anos depois da última conquista, na Copa do México, em 1970, a seleção Brasileira recuperou a liderança do futebol mundial, construída a partir do bicampeonato de 1958 e 1962. (JORNAL DO BRASIL, 18/07/1994, p.1)

A capa do caderno de Esportes destaca a hegemonia da seleção brasileira com o quarto título mundial: *O dono do Mundo*. O subtítulo traz elementos do futebol-força: *Suor, lágrimas e dedicação deram ao Brasil o privilégio de ser o primeiro tetracampeão mundial*. O texto sugere que as críticas sobre a seleção e Parreira fiquem para trás.

A bola não quis adormecer serena nas redes italianas durante 120 minutos. Não faz mal, pois a seleção brasileira – um time combatido e condenado por muita gente durante toda a campanha – conquistou o primeiro tetra da história do futebol oferecendo a ela, a deusa dos sábios, o suor e as lágrimas de atletas e homens determinados, unidos e dispostos a qualquer sacrifício em busca da vitória. E devolveu-lhes em glória o sacrifícios de tantos dias. Hoje, o Brasil é dono da bola. E do mundo. Quis o destino que fosse o tão criticado Taffarel o responsável por uma defesa que deixou o Brasil com o pé no tetra. Outro alvo de injúrias e demonstrações de desprezo, Dunga, bateu seu pênalti de forma magnífica, sem chance alguma para Pagliuca. A bola, ali, aninhou-se para sempre, e em nossa retinas ficará a curva que ela fez antes de se tornar o gol do título. Parreira, o homem que varou todas as tempestades com a certeza inabalável de que estava no caminho certo, merece o respeito de todos, até daqueles que tanto o odiaram. Agora, tudo virou história.

Ficam para traz os dias de sofrimento, dúvida ou incerteza. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 18/07/1994, p. 1)

Já na página 4 a narrativa cita o suor e talento como fatores do título, demonstrando a dicotomia que já abordamos anteriormente: *Uma festa inesquecível - Depois de 120 minutos de sofrimento, o Brasil chega ao tetra nos pênaltis coroando uma bela campanha feita de suor e talento*. Na mesma reportagem o destaque para a homenagem ao piloto Ayrton Senna, que morreu em 1º de maio de 1994. “Em algum lugar do céu. Ayrton deve ter pulado e derramado lágrimas de alegria e felicidade, com a demonstração de garra e determinação dos jogadores brasileiros.” Os jogadores mostraram uma faixa durante a comemoração do título que dizia: “Senna, aceleramos juntos, o tetra é nosso!”.

Na página 5, Parreira diz ignorar as críticas e Zagalo exaltou Dunga: “Sempre procurei passar isso aos jogadores. Mostrar que sem determinação não chegaríamos a lugar nenhum. E assim se fez. Para mim, aliás, Dunga é um símbolo da valentia que levou a equipe ao tetra. Ela agora representa a Era da Vitória” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 18/07/1994, p.5). Os elogios a Dunga permanecem na página 6 com uma reportagem especial: *O bravo capitão do tetra - Além de levantar a taça, Dunga foi o autor do último gol de pênalti e diz que o título pertence ao povo e aos jogadores*. O antigo vilão em 1990 agora muda, segundo o jornal, seu lugar na história do futebol nacional: “Belini 1958, Mauro Ramos 1962. Carlos Alberto, 1970. Dunga, 1994. Carlos Bledorn Verri, gaúcho de Ijuí, já faz parte da história do futebol brasileiro. Não como sinônimo de uma era fracassada. Mas como o capitão do sonhado tetracampeonato mundial.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 18/07/1994, p.6)

O colunista Armando Nogueira destaca o desempenho de Taffarel nos pênaltis, afirmando que a decisão por pênaltis é sorte. Ele indica que a partida seguiu o nível técnico e tático da Copa: muita luta e pouco brilho. Nogueira não critica mais o estilo de jogo. O presidente Itamar Franco decretou ponto facultativo até meio dia e comemorou a vitória da seleção com a seguinte afirmação: “O Brasil precisa ter essa auto-estima” (JORNAL DO BRASIL, 18/07/1994, p.12)

Nas 30 páginas do caderno especial sobre o tetra, o jornal coloca Taffarel também como grande herói do título, após defender a cobrança de Massaro. Matérias que reforçam o que o jornal já havia falado durante toda a competição voltam com um tom mais ufanista, como o entrosamento da defesa: *A dupla de zaga mais que perfeita* e uma retrospectiva sobre a campanha nas eliminatórias e no torneio: *A seleção brasileira escreveu nos EUA mais bela página da história do futebol brasileiro: a conquista do tetracampeonato*.

Uma retrospectiva de todas as conquistas brasileiras aparece tanto no *Jornal do Brasil* quanto no *O Globo*. Em ambos os jornais as narrativas reforçam as representações que apresentamos neste trabalho: 1958, o Brasil enfim ganhava o título que há tempos merecia; 1962 a Copa de Garrincha e 1970, como a consagração do futebol nacional, exaltando Pelé.

As retrospectivas sobre as trajetórias de cada uma das personagens aparecem no *Jornal do Brasil* nas páginas 23 a 25. A de Zagalo reforça o fato dele ser o único tetracampeão do mundo e lembra de sua representação mais tradicional nas narrativas midiáticas até 1994: *Zagalo, o único tetracampeão - Coordenador-técnico da seleção ganha título inédito no planeta, para desespero dos que insistem em chamá-lo de retranqueiro*. A de Parreira nos ajuda a compreender de maneira mais clara as conclusões que esboçamos ao longo deste capítulo: *E Parreira riu por último - Nos três anos que passou à frente da seleção, treinador sofreu muitas críticas, mas acabou fazendo valer sua fórmula de sucesso*:

Quando dirigiu a seleção brasileira pela primeira vez, em 30 de outubro de 1991, Carlos Alberto Parreira recebeu muitos elogios. Os críticos enxergaram inúmeras virtudes no time que derrotou a Iugoslávia por 3 a 1, em Varginha, interior de Minas – principalmente no fato da equipe ter manifestado o desejo de mostrar novamente aquele futebol alegre e ofensivo com o qual o Brasil conquistara, entre 58 e 70, o tricampeonato. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 18/07/1994, p. 25)

Notamos que as críticas vieram depois do suposto abandono do futebol ofensivo e a não convocação de Romário, novo símbolo de futebol-arte. A reportagem destaca que após a convocação de Romário (a presença do “real” futebol brasileiro) o time conquistou a vaga e até se tornou ofensivo: “Nove meses depois da vitória sobre o Uruguai, a seleção fez sua estreia na Copa, contra a Rússia, mostrando um jogo ofensivo.” E indica que após a vitória no segundo jogo e os elogios iniciais, que evidenciamos neste trabalho, a dupla Parreira-Zagalo decidiu “negar” nosso estilo: “Mas depois da vitória sobre Camarões, Parreira – e seu braço-direito Zagalo – optaram pelo chamado futebol de resultados. “O Brasil sempre joga bonito e acaba perdendo. Agora vamos jogar de acordo com as circunstâncias.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 18/07/1994, p.25)

Na página 27 a coluna de Veríssimo com o título *Fanfarra é interessante*, principalmente ao resumir os 24 anos que a seleção ficou sem vencer uma Copa e descrever de maneira pontual as representações construídas sobre cada seleção que sucedeu a de 1970:

Em 24 anos cabem pelo menos três gerações de jogadores. As gerações pós-70 no futebol brasileiro seguiram a sequência que alguém já identificou como um ciclo recorrente na história: da idade dos deuses para a idade dos heróis para a idade dos homens comuns. A seleção de 1970 não era só de deuses, é verdade. Fomos

campeões no México com Félix no gol e Brito à sua frente. Mas o tempo e a indulgência se encarregaram de transformá-los em titãs também, junto com Tostão, Gérson, Jairzinho e o resto da corte de Pelé. A seleção de 74 tinha alguns deuses decaídos e jogadores que não aguentavam a comparação com o time de 70. A de 78 foi um esboço de 82, esta sim a melhor representação de uma geração que substituiu os deuses e inaugurava a idade dos heróis. O herói, como se sabe, é o deus democrático, porque ele é eleito pelos seus semelhantes, ao contrário do deus clássico que já nasceu deus, mas sempre será um deus menor. Nunca houve qualquer dúvida de que Pelé desceu do céu dentro de uma bola iluminada e já saiu chutando enquanto que Zico, por exemplo, teve que conquistar seus poderes, e nunca convenceu todo o eleitorado. Mas a geração de Zico – ele Sócrates, Júnior, Falcão, etc – foi uma geração de jogadores excepcionais que não chegaram aos deuses, ou ao menos aos semi-deuses, porque nasceram na parte errada do ciclo. A dele foi uma geração sem apoteose. [...] 86 foi apenas uma elegia por 82, a triste despedida de uma geração que teve tudo, menos o que queria. E veio a idade do homem comum. Ela começou na Itália, na Copa de 90. Você pensou que estivesse vendo um medíocre time de transição, uma depressão passageira antes que viessem os novos titãs, e estava vendo uma geração a caminho da sua apoteose, quatro anos depois. Aaron Copland, um compositor americano, escreveu há anos uma *Fanfarra para um homem comum*. Ela deveria ter acompanhado a subida de Dunga e seus companheiros para receber a taça, ontem, em Pasadena. Seria o tema apropriado para o fim de uma epopeia improvável.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 18/07/1994, p. 27)

Na mesma página o jornal indica a transição de Dunga para Romário como a representação da seleção de 1994: *O início da “Era Romário”*. A transição atende ao desejo de que, já que vencemos, a associação será feita ao atleta que mais resume e chega perto das características do que seria o futebol-arte. Além disso, repetir a Era Dunga seria contradizer o próprio discurso iniciado em 90 de associar o nome do jogador a um futebol feio, sem brilho e derrotado. Entendemos que mesmo atuando de maneira diferente ao suposto estilo nacional, é necessário realizar alguma ponte entre as outras três conquistas, algo que se aproxime das representações já amalgamadas do que seria o futebol-arte. Neste caso Romário surge como o único representante.

O jornal *O Globo* tem uma capa com um título simples e objetivo: *Tetra*. O periódico reforça a persistência de Parreira e designa um status de heroísmo para a conquista brasileira, principalmente por ter que vencer as críticas e os adversários em campo:

Numa Copa do Mundo em que foi sempre superior aos seus adversários, o Brasil teve de arrancar na garra o tetracampeonato mundial de futebol, numa inédita decisão por pênaltis. Um tetra para Ayrton Senna, lembrado pelos jogadores na comemoração. Um tetra para Zagalo – que participou da disputa dos quatro títulos – atirado para o alto pelos jogadores exatamente como fizeram os tricampeões de 70. Podia ter sido no tempo normal – o time perdeu várias chances – mas a seleção estava destinada a conquistar cada vitória com muito sofrimento e com uma fibra nunca vista em times brasileiros. O Brasil é o único país com o título de tetracampeão mundial de futebol, ao vencer a Itália que foi derrotada pelo Brasil em 70 e a mesma Itália que eliminou o Brasil em 82. O Brasil estava fadado a gestos de heroísmos: se impor diante dos adversários dentro de campo e superar os críticos fora dele. Nada dobrou a persistência de Parreira. Venceu a todos, comandando nos

EUA a seleção brasileira mais unida de todos os tempos. O Brasil superou um trauma: venceu uma decisão por pênaltis, depois de ter sido eliminado em 86 neste tipo de cobrança. Desta vez, os outros erraram. Dois dos maiores craques do mundo, Baresi e Roberto Baggio, desperdiçaram suas cobranças. E coube ao desacreditado Taffarel uma defesa consagrada e decisiva. Na festa que tomou conta do país, os torcedores já gritavam ontem, nas ruas: rumo ao penta.” (O GLOBO, 18/07/1994, p.1)

A narrativa enaltece os jogadores, a união entre eles e coloca Taffarel como santo: *O Brasil tem São Taffarel*. Entretanto os mais abordados nas narrativas são Parreira, Dunga, Zagalo e Romário. A narrativa sobre Parreira credita seu sucesso à obstinação de manter suas convicções mesmo com as críticas, segundo o jornal pesadas e exageradas:

Técnico de seleção brasileira em época de Copa do Mundo é tão importante quanto presidente da república – já dizia Telê Santana. Tem o nome gritado na boca do povo, sempre em tom de cobrança. Mas com o carioca Carlos Alberto Parreira, a massa exagerou. Nas eliminatórias, no ano passado, foi vaiado mesmo quando o Brasil vence. [...] Parreira conseguiu. Mas, num país de 150 milhões de treinadores, natural que todos deem palpites, tenham seus preferidos. Só o técnico não tem esse direito - não pode errar, vive sob intensa cobrança. Até o presidente Itamar Franco deu uma de palpiteiro ao engrossar o coro da multidão que pedia a entrada do garoto Ronaldo no time.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 18/07/1994, p.6)

As páginas seguintes seguem falando sobre o treinador, mostrando que ele foge da pressão e das cobranças pintando quadros. A reportagem da página 7 exalta o treinamento que Parreira desempenhou durante o tempo que permaneceu frente à seleção.

Há 1.021 dias, Carlos Alberto Parreira é o técnico da seleção brasileira. Acompanhado desde o início pelo coordenador técnico Mário Jorge Lobo Zagalo, ele assumiu o cargo numa reunião com a diretoria da CBF, realizada no dia 30 de setembro de 1991. [...] Estima-se que em todo este período, os jogadores brasileiros tenham sido submetidos a aproximadamente três mil horas de treinamentos. [...] O balanço lhe foi favorável: 29 vitórias, 13 empates e cinco derrotas. Ontem, o técnico saiu vencedor na final do século - não há dúvidas de que o jogo entrou para a história, porque nele, de qualquer maneira, seria decidida a conquista de um tetracampeonato - e tudo indica que ele será endeusada e terá seus erros esquecidos. Isso é natural. (ESPORTES IN: O GLOBO, 18/07/1994, p.7)

O jornal repete a ideia de que com o título os erros do treinador serão esquecidos. No entanto, o jornal recupera o momento inicial do treinador na seleção e o define desta forma: *No início, exaltação ao futebol-arte*: “Parreira, assumiu o cargo – depois da demissão de Falcão – exaltando o futebol-arte: - Não podemos ficar restritos aos esquemas. O essencial é a características individual do jogador – dizia ele que, jogava com apenas um cabeça-de-área: Mauro Silva.” Como já acentuamos anteriormente, depois deste momento, o treinador teria abandonado este estilo e, conseqüentemente, passou a ser criticado.

As narrativas sobre Romário se iniciam na página 9 com uma declaração que resume bem seu estilo:

- Aconteceu do jeito que eu previ. A Copa foi mesmo do Romário. Eu fui mesmo o melhor jogador da Copa. Quem foi melhor do que eu? Vivemos agora a Era Romário. Só quero falar aos ex-jogadores que jogaram conversa fora, que a minha geração sim, é vitoriosa. Sou tetracampeão, o resto que se dane. (ESPORTES IN: O GLOBO, 18/07/1994, p.9)

Sua trajetória é abordada na página 10, definindo-a como “a cara do futebol do país.”

Dos campinhos de terra batida de um subúrbio do Rio até o Maracanã, a Europa, os EUA...o mundo. Ver Romário campeão é acreditar que o Brasil, do jeito que a gente conhece, pode ser mais. Pode ser campeão mundial. Romário, o herói dos Office-boys, o herói dos brasileiros de vida difícil que, pelo menos uma vez, tem motivos de sobra para sorrir.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 18/07/1994, p.10)

Interessante notar que se Romário é a cara do nosso futebol e o maior representante de nosso esporte mais popular, não fabricamos tantos craques como o mito do “país do futebol” sugere. Se dos onze titulares, apenas Romário corresponde às nossas supostas raízes, ele não é a regra e sim a exceção. Tal reflexão já foi desenvolvida por Helal (2011) e nos ajuda a compreender o que já ressaltamos ao longo deste trabalho: ao se homogeneizar e estabelecer uma única identidade, estendemos uma característica a todos pertencentes ao grupo. Entretanto, nas análises sobre a Copa de 1994, percebemos que a ideia da fragmentação de uma identidade única em várias outras identidades se torna mais clara. A seleção não é apenas o suposto talento de Romário e sim as qualidades, antes rejeitadas, de Dunga, por exemplo. No *corpus* pesquisado, futebol-arte e futebol-força vão caminhar juntos moldando uma “nova identidade” do futebol nacional, mais híbrida e menos homogênea, como a que foi desenvolvida nos anos 1930.

A matéria fala da decepção do jogador na Copa de 1990, das críticas a Lazaroni e sua convocação como o salvador da pátria. Encontramos vários elementos presentes na construção da narrativa do herói clássico, abordada por Helal (2001). A narrativa ainda cita seus casos de indisciplina, porém, de modo folclórico e pouco sério, indicando que quando entra em campo ele decide e tudo está perdoado.

As narrativas sobre Zagalo o colocam como acusado de ser contra o futebol-arte, justamente o técnico de 1970. Também surgem as especulações que ele vai suceder Parreira no cargo (que se confirmaram meses depois). A reportagem destaca a trajetória vitoriosa do coordenador técnico:

Chamado pelos adversários de retranqueiro e inimigo do futebol-arte, Zagalo é o único que pode ser considerado realmente tetracampeão mundial. “Fiquei marcado por ser um vitorioso e no Brasil as pessoas vitoriosas sofrem. Se tivermos que jogar feio para ganhar, tudo bem. O que importa é o título”. (ESPORTES IN: O GLOBO, 18/07/1994, p.14)

A narrativa sobre Dunga é marcante por defini-lo como unanimidade:

Dunga sempre esteve perto da unanimidade. Em 1990, quase todo mundo queria o apoiador especializado em carrinhos e chutões, que deu seu nome a uma era de muita defesa e nenhum talento, fora da seleção. Mas nada como uma Copa depois da outras. Em 94, a “Era Dunga” é coisa do passado, o apoiador acrescentou passes de trivela e chutes de fora da área a seu repertório e, além de titular do time de Parreira, está até na seleção da Copa, ganhou a braçadeira de capitão e repetiu o gesto de Bellini (1958), Mauro (1962) e Carlos Alberto Torres (1970), levantando a taça de campeão mundial. (ESPORTES IN: O GLOBO, 18/07/1994, p.19)

Dunga declarou: “Sou o típico brasileiro, que tem que provar 500 mil vezes que é capaz de algo positivo. O Cara prova que sabe fazer as coisas, mas todo mundo sempre acha um defeito no brasileiro.” O capitão do tetra invoca o complexo de vira-latas de Nelson Rodrigues. Fora da equipe durante um período, o jornal afirma que a volta de Dunga ao time foi exigida pelo presidente da CBF Ricardo Teixeira, após a derrota para a Bolívia em La Paz, pelas eliminatórias. Alguns trechos da matéria chamam a atenção para a construção da ideia de um líder, de uma pessoa pronta para o duelo, e que usa de qualquer método para vencer. Quando foi campeão Mundial de juniores em 1983, a narrativa fala que Dunga era um líder destacado do time e “usou os berros pelos quais era conhecido também para lembrar aos argentinos da Guerra das Malvinas, uma estratégia que os deixou nervosos e ajudou na difícil vitória (1 a 0) que lhe valeu seu primeiro título mundial”. Ao resgatar a memória da jogada de Maradona que eliminou o Brasil em 1990, Dunga, que estava próximo a Maradona quando o argentino começou a arrancada, se recorda do que fez para parar o jogador adversário: “Eu ainda dei um carrinho no pé de apoio dele, mas não consegui desequilibrá-lo.” As passagens descritas pela narrativas não possuem nenhuma relação com a ideia de futebol-arte.

Na página 21, Dunga assume um pensamento que será retomado futuramente na Copa de 1998 e na sua experiência como treinador: a imprensa está sempre contra ele.

Somente nós sabemos o quanto sofremos nestes últimos anos. Só que as pessoas precisam entender que a minha geração é vencedora. Perdemos a Copa de 90? Tudo bem, mas ganhamos a Copa América de 89, um título que a CBF não conquistava há 40 anos, além do tetracampeonato mundial. [...] Trabalhamos muito, mas valeu a pena. Apesar das críticas, chegamos lá! (ESPORTES IN: O GLOBO, 18/07/1994, p.21)

Na página 11 Calazans exalta o título sem criticar o time, apesar de afirmar que não foi o time de seus sonhos: “Comemorem, pois, esse tetra, de alma lavada. O futebol desta Copa pode não ter sido o futebol dos nossos sonhos, mas até que outra Copa se realize, nós voltamos a ser o país do futebol.” (ESPORTES IN: O GLOBO, 18/07/1994, p.11)

Na página 31, o reconhecimento do treinador adversário: *Sacchi*: “*Perdemos para o melhor time da Copa*”. Romário foi eleito o melhor jogador da competição, seguido de Roberto Baggio e o búlgaro Stoichkov. Na mesma página a coluna de Nelson Motta critica a forma com que a seleção venceu a Copa:

Quando Baggio, logo Baggio, chutou para fora o pênalti e derrotou a Itália, como num flash vertiginoso vieram-me à cabeça a nossa derrota injusta em 82 e nossa derrota nos pênaltis em 86, quando também merecíamos vencer. Olhei para o céu, parei de chorar um pouco e ri muito. Mais de alívio que de glória. Em campo, o jogo não foi bonito nem alegre nem emocionante; foi duro e dramático, quase chato. Mas no astral deve ter sido divertidíssimo. (ESPORTES IN: O GLOBO, 18/07/1994, p.31)

No dia 19 de julho a capa do *Jornal do Brasil* dá voz a Dunga, que rebate novamente as críticas de que o time não jogou o futebol-arte: “Dunga, capitão do time, afirmou que “A conquista da Copa fará com que as pessoas passem a valorizar o futebol competitivo, que ganha títulos”. Ele estranhou que “ainda houvesse no Brasil gente falando em futebol-espetáculo.” (JORNAL DO BRASIL, 19/07/1994, p.1) Na página 5 do caderno de Esportes a reportagem continua:

Uma nova era está surgindo no futebol brasileiro. Quem aposta nisso é um jogador que involuntariamente deu nome a uma era do passado em nosso futebol que significava fracasso. Dunga, capitão do tetra, não quer saber de denominações, mas aposta que, após a conquista de sua quarta Copa do Mundo, o futebol brasileiro não será o mesmo. “Tenho certeza que a conquista da Copa fará com que as pessoas passem a valorizar o futebol competitivo, que ganha, que conquista títulos. Os times devem se espelhar na nossa equipe para unir talento com total competitividade”, afirma, orgulhoso, o melhor representante desse emergente estilo de jogo no Brasil. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 19/07/1994, p.5)

Do mesmo modo que as conquistas e os jogadores excepcionais que o Brasil teve nas décadas de 50 e 60 edificaram e cristalizaram a ideia de futebol-arte, a conquista de 1994 reforça a ideologia de que o futebol moderno deve ser jogado de maneira diferente. Sobre o jogador Dunga, Leda Costa traz observações pertinentes e que contribuem para nosso trabalho:

Poucos vilões como Dunga, em 1990, conseguiram ser considerados a quase total negação do futebol brasileiro. Entretanto, esse mesmo Dunga em 1994, será considerado um dos heróis do tetracampeonato mundial, jogador cujas virtudes

foram evocadas em 2006 logo após a saída da seleção da Copa do Mundo daquele ano (COSTA, 2011, p.7)

Aproveitando a chegada da seleção ao Brasil, a capa do caderno de Esportes traz o seguinte título: *Dia de festa - A seleção do tetra chega hoje ao Brasil, trazendo na mala a taça e o carinho dos brasileiros*. No interior da reportagem encontramos a seguinte definição da seleção de 1994, novamente com a tentativa de romper com o passado:

Cada seleção tem a sua marca, seu estilo. Em 1958, nascia uma geração incomparável. Em 1962, a confirmação de nossa supremacia no futebol. Em 1970, a epopeia do tri. E este ano de 1994 marca a conquista de um título que fecha a cortina do passado e rasga a trilha do futuro. Valeu, Brasil. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 19/07/1994, p.1)

Sérgio Noronha destaca em sua coluna as dificuldades enfrentadas por Parreira e como esta seleção rebateu as críticas que sofreu:

Desta vez houve um detalhe que poucos perceberam: a crítica foi criticada como em nenhuma outra Copa. Houve reação dos jogadores, alguns fugindo das entrevistas, e muita gente ficou ressentida com alguns comentários. Os jornalistas estrangeiros, principalmente, não entendiam por que os brasileiros criticavam tanto a sua seleção. A maioria dizia que gostaria de ter uma seleção como a brasileira, para ele a melhor da Copa desde o início. Havia uma realidade, e nós queríamos a seleção de nossos sonhos. (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 19/07/1994, p.9)

Em entrevista na página 10, Parreira declara por que a seleção não agradou a todos:

“Porque os saudosistas estão fora da realidade. Pensam em 70, mas vivem em 94. Quanta coisa mudou nesses 24 anos? Eu também gostaria de ter uma seleção com Gérson, Pelé, Rivelino, Tostão e tantos outros, Só que hoje o futebol é outro. Os jogadores tem que se adaptar a essa realidade. O Brasil jogava bonito em 82 e voltou para casa bem cedo.” Segundo técnico surgia naquele momento um novo futebol brasileiro: “Um futebol de marcação, forte baseado no combate e usando a base do 4-4-2 para começar, com um ou dois no meio campo se aproximando do ataque.” (ESPORTES IN: JORNAL DO BRASIL, 19/07/1994, p.10)

A ideia de que a seleção jogou um futebol moderno e que o futebol-arte é impossível de ser praticado no contexto esportivo da época fica evidente.

Zagalo também segue este discurso em entrevista no jornal *O Globo*, justificando a mudança de estilo:

Acho que o importante é que as pessoas estão começando a entender que, se nós não mudássemos nossa maneira de jogar, não ganharíamos a Copa. Nos últimos mundiais, jogamos de maneira ofensiva muito bonita, mas não nos defendemos com perfeição. O resultado é que perdemos algumas boas chances de chegar ao título mundial somente porque nossos times não tinham equilíbrio, necessário entre defesa e ataque. Repito: a busca desse equilíbrio é fundamental no futebol.”(O GLOBO, 19/07/1994, p.33)

A coluna de Calazans elogia de forma aberta o treinador Parreira, mesmo deixando claro suas divergências com o técnico:

As divergências na maneira de encarar e sentir o futebol não me impedem de ver, com absoluta clareza, e admirar, com sincera alegria, o extraordinário trabalho de Parreira no comando da seleção. A coerência; a capacidade de incutir na cabeça dos jogadores seu esquema de jogo preferido; a eficácia dos treinamentos; seu profundo conhecimento tático do jogo; seu estoicismo diante da adversidade; seu espírito de liderança para conduzir o grupo brasileiro mais unido que eu já vi disputar um Mundial. Parreira é um grande campeão, um grande tetracampeão. E, revendo toda a sua trajetória desde o dia em que assumiu o cargo até hoje, quando volta ao Brasil consagrado pelo memorável triunfo, eu não tenho mais dúvidas em concordar com Pelé: Carlos Alberto Parreira foi o maior craque da campanha do tetracampeonato mundial. (O GLOBO, 19/07/1994, p.35)

O jornal *O Globo* enaltece Romário lembrando que ele cumpriu a promessa de vencer a Copa e ser eleito melhor jogador: “- Depois de Pelé e Maradona, chegou a Era Romário.” A frase é do próprio Romário. Na página 30, encontramos o olhar estrangeiro sobre o tetra. O *New York Times* destaca: “Agora o Mundo pertence ao Brasil.” *USA Today*: “A final da Copa teve em drama aquilo que faltou em beleza artística”. O britânico *Daily Telegraph* estampa: “O Brasil se transforma no melhor de todos os tempos.” *The Guardian*: “A magia brasileira obtém sua recompensa.” O argentino *La Nacion*: “O Brasil se propôs a jogar no ataque e foi o justo vencedor frente a um rival medroso que se limitou a jogar sua sorte nos contra-ataques.” *Diario Popular*, também da Argentina, já tem outro enfoque: “O Brasil demonstrou que, apesar de ter sido a melhor equipe da Copa, lhe faltou uma indispensável dose de criatividade para superar uma zaga sólida como a italiana.” O *La Prensa*, também argentino, destaca a falta de brilho: “Brasil voltou a ser campeão depois de 24 anos sem o brilhantismo e a técnica de outros tempos.” Já o *Clarín*: “elogiou Carlos Alberto Parreira pela eficiência e disciplina tática que deu ao time brasileiro”. O colombiano *El Tiempo* seguiu a mesma linha de outros jornais estrangeiros e preferiu questionar os críticos de Parreira: “Onde devem estar enfiando a cara os detratores do treinador?”

A disputa entre os críticos e a comissão técnica foi intensa. O jornal *O Globo* divulga uma briga envolvendo dirigentes e jornalistas na festa do tetra no hotel da seleção. Segundo a reportagem, Ricardo Teixeira começou a xingar os jornalistas: “-Vocês todos torceram contra! Não quero fotos!” A briga se tornou generalizada quando Marco Antonio Teixeira, secretário-geral da CBF e tio de Ricardo Teixeira, tomou a máquina de um fotógrafo. A matéria diz que os jogadores da seleção brasileira escolheram os jornalistas como inimigos durante a Copa e, em uma reunião interna, decidiram que o DC-10 da Varig não levaria ninguém da imprensa no voo de volta ao Brasil. A reportagem ainda cita que Ricardo Rocha chegou a ser vaiado

pelos companheiros ao entrar no ônibus depois de ter dado entrevista no treino de quarta-feira, antes da decisão, na Universidade da Califórnia. Ricardo Rocha teria discutido de forma áspera com outros jogadores.

Esta passagem mostra que realmente existiu uma tensão entre a comissão técnica, que defendia o futebol-resultado, e alguns setores da imprensa, que defendiam o futebol-arte. A disputa ideológica fica bem clara: seria legítimo ganhar sem exercer nossa brasilidade? Ao confirmar a superioridade numérica em títulos, a narrativa dos jornais pesquisados não despreza a conquista, afinal, depois de 24 anos o Brasil voltou a ser campeão do mundo. Entretanto, ela seguiu dois caminhos: procurou enaltecer os elementos que aproximavam do que seria a nossa brasilidade, através do jogador Romário, e, em outros momentos, enalteceu o futebol-força como algo necessário, moderno e bem executado pela seleção.

Nossa hipótese foi refutada, o que nos sugere que a vitória da seleção proporciona reajustes no discurso de brasilidade ao longo das Copas do Mundo. Ao mesmo tempo que a seleção não foi reconhecida como praticante do futebol-arte, o jogador fundamental na conquista foi. A narrativa equilibrou estes dois polos. Ela não nega os elementos da conquista brasileira de 1994 e justifica as mudanças a uma modernidade necessária para a vitória, sem esquecer que jogadores como Romário vão decidir as partidas. É uma simbiose entre o talento e a preparação que encontramos nas narrativas de 1970, mas que foi esquecida na memória sobre aquela seleção. Também é importante ressaltar que os discursos jornalísticos aguardam os resultados para se posicionar de forma clara. A derrota pode evidenciar os erros, ao passo que a vitória os coloca à sombra. Notamos isso nas citações transcritas para o trabalho que afirmavam que as críticas e os erros seriam esquecidos com o tetracampeonato. A vitória não foi contestada nos jornais pesquisados e sim exaltada, mesmo que não sendo considerada como uma vitória do “nosso verdadeiro futebol”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente é importante destacarmos que a ideia de futebol-arte se consolidou como uma característica nacional e apareceu de forma intensa no *corpus* pesquisado. O embate entre ideologias que pretendiam definir o que viria a ser “o nacional”, iniciada de forma mais robusta nos anos 1930, partiu da ideia hegemônica da miscigenação como algo positivo, tendo o futebol como o exemplo mais fulgurante deste pensamento. Entretanto, as intensas disputas presentes nas narrativas ao longo de todo o período pesquisado, nos apontam que esta identidade nacional está em constante mudança e redefinição. As representações sociais, usadas para tornar familiar uma ideia não familiar, construíram estereótipos do que viria a ser o futebol-arte, proporcionando um conhecimento mais simples, direto e imediato do sentido que esta expressão representa. Tais definições foram realizadas por buscas em elos do passado, conjugadas com aspectos determinantes do presente. Assim, da mesma forma que as identidades e as representações podem ser reajustadas, a definição do nosso estilo de jogo também passa por este processo. De acordo com a época, contexto histórico, político, ideológico e, ainda, com o jogador que será apresentado como modelo do estilo, pode-se esquecer alguns atributos, ampliar outros e até incorporar novos, mas mantendo o fio condutor do que veio a ser chamado de estilo nacional. Este fio pode ser definido como: improviso, intensidade, ofensividade, dribles, floreios com a bola e jogadas inesperadas.

Destacamos o papel decisivo dos meios de comunicação em realizar essa busca ao passado o qual a narrativa entende como apropriado para corroborar seus argumentos, sendo a dialética “lembrar e esquecer” decisiva no sentido do que será produzido pela notícia. Os jornais impressos e, principalmente seus colunistas, atuam na disseminação, perpetuação e transformação das representações, tradições inventadas e identidades em senso-comum à sociedade. Ao mediar estes embates ideológicos para definir quem domina, as angulações, escolhas e enquadramentos jornalísticos serão decisivos no processo de reconhecimento identitário. Também ressaltamos que o contexto no qual a narrativa é produzida ajuda a compreender quais disputas estão em jogo, assim como algumas situações do contexto interferem no discurso.

Neste sentido a questão que norteou esta pesquisa: como foi tratado o futebol-arte pela imprensa na vitória e na derrota e como o futebol-resultado foi abordado nos mesmos momentos, passa por todas as questões descritas acima. O contexto da Copa de 1970 foi

emblemático no sentido de concretizar o futebol como um elemento marcante da identidade nacional, consolidando a construção iniciada nos anos 1930. A vitória que simbolizou uma hegemonia mundial e a posse definitiva da Jules Rimet, com a conquista dos três títulos, colocou em disputa a questão da preparação física x talento do jogador brasileiro. Foi notório em nossa investigação como essas diferentes visões caminharam juntas durante a competição. Segundo as narrativas dos jornais pesquisados, o Brasil teria vencido a Copa do Mundo pela união do talento com a disciplina. Todavia, ao se construir a memória sobre aquela seleção, os elementos clássicos que definem o futebol-arte se sobrepuseram aos demais. Destacamos que buscou-se características comuns aos três primeiros títulos (1958, 1962 e 1970) para se estabelecer o que seria o “verdadeiro” futebol nacional, esquecendo a preparação física e lembrando o talento, habilidade, ofensividade, dribles e jogadas marcantes de nossos jogadores. Também é peremptório salientarmos que a conquista em 1970 pode ser entendida como uma vitória de um projeto de nação, num cenário onde as identidades eram mais rígidas e menos fluidas. Após esta conquista a “obrigação” da seleção praticar o futebol-arte se torna mais visível e uma forma de manter nossa identidade.

A Copa de 1982 foi emblemática no sentido de reconhecer a derrota como um acaso do destino, sem, de maneira geral, procurar culpados pela eliminação. O resgate do estilo, que teria sido abafado por esquemas rígidos e a doutrina militar nas Copas de 1974 e 1978, foi amplamente exaltado pelos jornais pesquisados. A ideia de que o time encantou o mundo e proporcionou um espetáculo, reafirmando nosso talento, viu na derrota para a Itália uma “nova tragédia”. Como perdemos, mesmo jogando o autêntico futebol brasileiro? A narrativa aceitou a derrota, confirmando nossa hipótese, inclusive deixando claro que o treinador foi aplaudido por jornalistas do mundo inteiro, que lamentaram a saída do “melhor time da Copa”. A tristeza por uma derrota inesperada teve no orgulho de ter praticado “nosso verdadeiro estilo” seu maior consolo.

Todavia, este orgulho que foi enfatizado pelos que defendiam o futebol-arte, foi entendido pelos defensores do chamado futebol-força, como uma não adequação do futebol nacional à modernidade. O futebol-arte era algo arcaico, ao passo que o futebol de resultados era moderno e, naquele contexto, vencedor. Iniciou-se, então, uma disputa que questionava: é melhor jogar feio e vencer ou jogar bonito e perder? Como qualquer discussão maniqueísta, não abordava os reais problemas do futebol brasileiro a fundo, mas servia para polarizar disputas ideológicas no campo esportivo.

A Copa de 1990 foi o primeiro palco deste embate. Os adeptos do futebol-força viam no dito esquema tático moderno do treinador Lazaroni uma adequação do futebol nacional ao

que a competitividade do esporte exigia. Do outro lado, os defensores do futebol-arte entendiam que o time não representava o “verdadeiro” futebol nacional. A ideia de que era melhor “não perder como eles” do que “jogar como eles” foi a propaganda pelo treinador. Esta dicotomia também foi visível nos jornais pesquisados. Enquanto o *Jornal do Brasil* condenou o estilo e designou a Era Dunga como pragmática, sem brilho, com um futebol feio e que fugia de nossas supostas raízes, o jornal *O Globo*, apesar de reconhecer a mudança de estilo, creditou nossa derrota não a negação do futebol-arte e sim, mais uma vez, a um acaso do destino. O jornal entendeu que a equipe se modernizava com o esquema e teve o tom mais condescendente com o futebol-força.

Neste contexto, é decisivo em nossa análise reconhecer que o mundo iniciava um processo de transição da Guerra Fria para uma abertura de mercado e fronteiras. A ideia de estado-nação moderno dava lugar às nações globalizadas, abertas para o mundo. A criação de blocos econômicos que pretendiam unificar a moeda e estreitar relações, indicavam um momento em que as identidades antes rígidas, se tornariam mais flexíveis e fragmentadas. As identidades estariam em constante negociação e remodeladas com o contexto para que fizessem sentido. Não poderíamos analisar uma identidade por uma única via e sim por várias vias que constroem a identidade.

Foi exatamente este processo de mudança que encontramos durante a Copa de 1994. Apesar de partirmos da hipótese de que a narrativa midiática contestaria a vitória por conta do estilo da seleção não ser o “verdadeiro”, os jornais pesquisados comemoraram a conquista e exaltaram dois aspectos identitários importantes: o futebol-arte, simbolizado por Romário e o futebol-força, simbolizado por Dunga, Parreira e Zagalo. Nas narrativas sobre o futebol-força manteve-se a ideia de que o futebol moderno exigia adaptações. Já sobre o futebol-arte, a presença de Romário mantinha a ponte com a ideia de que o talento, improviso, habilidade e individualismo brasileiro ainda decidia as partidas. A conquista do tetracampeonato foi emblemática em reafirmar a superioridade brasileira frente às outras seleções por conta do número de títulos e demonstrou uma identidade sobre estilo de jogo mais fragmentada e reconstruída de acordo com o contexto histórico apropriado. Deste modo, características antes engessadas sobre o que seria nosso futebol, incorporaram outros aspectos, tornando a identidade sobre nosso estilo de jogo mais diversificada. A ideia principal sobre o jogador “acima da média” se mantém, entretanto se constrói o sentido de que são necessários jogadores com outras características, que antes não estariam adequadas nem reconhecidas como o nosso estilo.

A mercantilização do futebol trouxe mais investimentos ao esporte. Com mais investimentos os patrocinadores passaram a exigir resultados mais condizentes com as cifras destinadas às equipes. Para se chegar ao resultado, elementos como preparação, dedicação e garra se aproximam mais do ideal mercadológico do que a simples presença de um jogador que decidirá a partida a qualquer instante em um lance genial. Sua presença é julgada como necessária, mas não é “o” único fator. Deste modo, a narrativa ainda dá importância ao futebol-arte, porém, coloca em nível mais determinante os aspectos do futebol-força.

Os colunistas, principalmente os que contribuíram para a consolidação do futebol-arte, como Armando Nogueira e João Saldanha, se mantiveram mais ligados à ideia de identidade moderna (HALL, 2011), mais rígida e que não deveria ser modificada. O aspecto saudosista das colunas e a crítica ao futebol como negócio, principalmente por Saldanha, proporcionam o sentido de que a época do tricampeonato era melhor e quando se joga como naquele período, se recuperaria algo bom que o mundo pós-moderno teria retirado do futebol. É a ideia do desencantamento do mundo, já abordado por Maffesoli (2012). Entretanto, a linha editorial dos veículos pesquisada irá se readaptar com maior dinamismo ao contexto. A vitória é o objetivo principal, se jogarmos bonito, ótimo, se não, o título também será exaltado. Este pensamento colocaria como principal identidade do “nosso futebol” a ideia dele ser vencedor, deixando a do “futebol-arte” para segundo plano. Esta construção sobre o que ficará à luz e o que será destinado à sombra, atende a momentos históricos diferentes que vão influenciar a identidade sobre o nosso futebol.

Assim, consideramos que as identidades sobre o futebol brasileiro e estilo de jogo são renegociadas e que a Copa do Mundo surge como o momento determinante para isto. No contexto pós-moderno (HALL, 2011) a ideia de identidade moderna se enfraquece. Atualmente a identidade se divide em várias. Desse modo, o futebol brasileiro pode ser tanto arte como força, tanto drible como preparação física, tanto improvisado como tático. Para finalizarmos, é importante exemplificar esta ideia de identidades fragmentadas. Na última Copa do Mundo, por exemplo, tivemos jogadores brasileiros defendendo outras nações. A ideia de identidade não está mais nas supostas características intrínsecas ao jogador e ao local de seu nascimento. Viver por alguns anos em outro país e ter seu pedido de nacionalidade aceito em um passaporte é o bastante para “defender” a bandeira de outra nação. O atleta pode “ser” brasileiro e ao mesmo tempo “ser” espanhol, por exemplo.

Acreditamos que as narrativas sobre futebol-arte permanecerão durante as próximas Copas do Mundo, mas não com a força que se observou nas Copas de 1970 e de 1982. A simbiose entre o talento de Neymar, por exemplo, e a dedicação de David Luiz serão as

construções identitárias sobre a seleção nacional. A ideia de futebol-arte se encontra, atualmente, muito mais latente nas campanhas publicitárias, como forma de vender o sentido de que “ser brasileiro” é “jogar com arte”. A expressão “país do futebol” se manterá, entretanto com significativas fragmentações na estrutura rígida construída ao longo dos anos 1930 a 1970, adaptando-se aos “novos tempos”.

## REFERÊNCIAS

*A Noite*, Rio de Janeiro, 20 mai-16 jul 1950.

\_\_\_\_\_, 1 mai-30jun, 1934.

\_\_\_\_\_, 1 jun-30 jun, 1938.

ALABARCES, Pablo. *Fútbol y pátria: el fútbol y las narrativas de la nacion em la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.

ALIANÇA Liberal. In: NAVEGANDO na história: Era Vargas: anos 20 a 1945 [on-line]. Rio de Janeiro: CPDOC, 2004. Disponível em: <[http://www.cpdoc.fgv.br/nav\\_historia/htm/anos20/ev\\_crisepol\\_liberal.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos20/ev_crisepol_liberal.htm)>. Acesso em: 25 nov. 2004.

ALTHUSSER, Luis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

AMARO, Fausto. Copa de 1994; os múltiplos discursos autorizados sobre a seleção campeã menos amada da história. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro (Orgs.). *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

ARCHETTI, E. *Masculinidades: fútbol, tango y pólo em la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

BARRETO, Tulio Velho. Gilberto Freyre e o futebol-arte. *Revista USP*, São Paulo, n.62, p.233-238, junho/agosto 2004.

BARROS, Antonio Teixeira de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A elaboração do projeto de pesquisa. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). *Métodos e Técnicas de pesquisa em Comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BARTHOLO, T. e SOARES, Antonio J. Mané Garrincha como síntese da identidade do futebol brasileiro. In: HELAL, R.; LOVISOLO, H.; SOARES, Antonio J. (Orgs.). *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. 1. ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011. p. 53-76.

BECKER, Beatriz. Repensando o jornalismo na atualidade com imagens e palavras. *Brazilian Journalism Research (BJR)*, vol.7, n.1, 2011.

BEDENDO, Ricardo. O desafio de uma nova reinvenção: vitórias e histórias do rádio esportivo na Copa do Mundo de 1982. In: GUERRA, Márcio; RANGEL, Patrícia. *O Rádio e as Copas do Mundo*. Juiz de Fora: Juizforana, 2012.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1978.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Chuvas de Verão. “Antagonismo em equilíbrio” em Casa-grande e Senzala de Gilberto Freyre. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia (Orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOYLE R., RAYNES R. *Power Play: sport, the media and popular culture*. Edinburgh: Pearson Education Limited, 2000.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)*. Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1990. v. 18.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad. Angela S. M. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

COSTA, Leda. Alteridades imaginadas. As narrativas da derrota e os vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo. Mídia e identidade nacional. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPOCS, 35., 2011, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPOCS, 2011.

\_\_\_\_\_. Hermenêutica da derrota. Imprensa esportiva e seleção brasileira nas Copas do Mundo. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPOCS, 36., 2012, Águas de Lindóia. **Anais...** Águas de Lindóia: ANPOCS, 2012.

CASTRO, Ruy. *Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DA MATTA. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

\_\_\_\_\_. Brasil: futebol tetracampeão do mundo. *Pesquisa de campo*, Rio de Janeiro, n. 1, 1995, p.7.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. As regras do método sociológico São Paulo: Abril Cultural, 1978.

\_\_\_\_\_. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: PUF, 1985.

FALCÃO, Paulo Roberto. *Brasil 82: o time que perdeu a copa e conquistou o mundo*. Porto Alegre: AGE, 2012.

FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

FIGARO, Roseli (Org.). *Comunicação e Análise de Discurso*. São Paulo: Contexto, 2013.

FRANCO, Hilário Jr. *A Dança dos Deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. No campo das idéias: Gilberto Freyre e a invenção da brasilidade futebolística. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 26., 2002, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPOCS, 2002.

\_\_\_\_\_. *Futebol, identidade e cidadania no Brasil dos anos 30*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 19., 20-25 jul. 2007, Belo Horizonte (MG). *Anais...* Belo Horizonte, 2007.

FREITAS, Ricardo Ferreira; FORTUNA, Vânia Oliveira. Rio de Janeiro: a comunicação e a construção da cidade-espetáculo. *Revista Latinoamericana de Ciências de la Comunicación*, v. 9, p. 1-16, 2013.

FREITAS, Ricardo Ferreira; AZEVEDO, Douglas; VIEIRA, C. P. C. . Os megaeventos, a imprensa e a reformulação da imagem da cidade do Rio de Janeiro. In: VI ABRAPCORP 2012, São Luís. **Anais do VI ABRAPCORP 2012**. Fortaleza e São Paulo: Abrapcorp, 2012. v. 1. p. 1-16.

FREITAS, Ricardo. Rio de Janeiro, lugar de eventos: das exposições do início do século XX aos megaeventos contemporâneos. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 2011, Porto Alegre. *Anais do Encontro Anual da Compos*. Porto Alegre:UFRGS, 2011. V.1p.1-15.

FREYRE, Gilberto. *Foot-ball mulato*. Diário de Pernambuco, Recife, 17 jun. 1938, p.4.

\_\_\_\_\_. *Casa Grande & Senzala*. Formação da família brasileira sob o regime patriarcal. Recife: Global Editora, 2003.

GASTALDO, Édison Luis. *Um Tempo Para Jogar: O 'Ser Brasileiro' na Publicidade da Copa do Mundo de 1998*. Campos 1:123-146, 2001.

\_\_\_\_\_. Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo. ano 1, n. 10, 2003 - 1679-0316 *Cadernos IHU Idéias UNISINOS* Ano 1 . Nº 10 . 2003.

GEHRINGER, Max. *Almanaque dos Mundiais por Max Gehringer: os mais curiosos casos e histórias de 1930 a 2006*. São Paulo: Globo, 2010.

GIL, Gílson, “O Drama do ‘Futebol-arte’: o Debate sobre a Seleção nos Anos 70”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 9(25), São Paulo, Anpocs, 1994, pp. 100-9.

GORDON JÚNIOR, Cesar. “Eu fui preto e sei o que é isso” – História social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. *Pesquisa de Campo*, Rio de Janeiro, n.3-4, p.65-78, 1996.

GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. (Orgs.) *História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GUERRA, Marcio de Oliveira. *Rádio x TV: o jogo da narração. A Imaginação entra em campo e seduz o torcedor*. Juiz de Fora: Juizforana Gráfica e Editora, 2012.

GUERRA, Marcio; MOSTARO, Filipe. Copa de 1962: a consolidação da pátria de chuteiras. HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro (Orgs.). *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

GUMBRECTH, Hans Ulrich. *Elogio da Beleza Atlética*. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP& A Editora, 2011.

HELAL, Ronaldo; GORDON JR., Cesar. *Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol* (com César Gordon Júnior) Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999. (Estudos Históricos)

HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo. Jornalismo e Futebol: argentinos e brasileiros ou do “odiar amar” e do “amar odiar. In: MARQUES, José Carlos (org.). *Comunicação e esporte: diálogos possíveis*. São Paulo: Artcolor, 2007.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro. Copas do Mundo e identidade nacional: um panorama teórico. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro (Orgs.). *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge. *Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: interações*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2011.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo. *Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Mídia, Construção da Derrota e O Mito do Herói. *Motus Corporis* (UGF), Universidade Gama Filho, Rio d, v. 5, n.2, p. 141-155, 1998.

\_\_\_\_\_. Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário. *INTERCOM* (São Paulo), São Paulo, v. 26, n.2, p. 24-39, 2003.

\_\_\_\_\_. Mitos e Verdades do Futebol (que nos ajudam a entender quem somos). *Insight Inteligência*, Rio de Janeiro, v. 52, p. 68-81, 2011.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de Conteúdo em Jornalismo. In: LAGO, Claudia e BENETTI, Márcia. *Metodologia de pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

HOBBSAWN, Eric.; RANGER, Terence . *Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

HOBBSAWN, Eric. "Nações e nacionalismo desde 1780." *Rio de Janeiro: Paz e Terra* (1990).

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004. v.1.

IANNI, Octavio. A idéia de Brasil Moderno. *Revista Interdisciplinas de Cultura*, UNICAMP, n. 1, 1990.

*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 jun – 23 jun, 1970.

\_\_\_\_\_. 01 jun – 30 jul, 1982.

\_\_\_\_\_. 01 jun – 30 jul, 1990.

\_\_\_\_\_. 01 jun – 30 jul, 1994.

LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia. *Metodologia de pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

LE GOFF, J. “Memória”. *Enciclopedia Einaldi Memória – História*, v.1. Lisboa: Imprensa nacional/Casa da Moeda, 1984.

MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. *A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. 2. ed. São Paulo: Zouk, 2005.

\_\_\_\_\_. *Homo eroticus: des communions émotionnelles*. Paris: CNRS, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique; CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário da Análise do Discurso*. 2. ed. 2. reimp. São Paulo, Contexto, 2008.

MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 14, n. 41, Oct. 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091999000300009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091999000300009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 11 Jan. 2014.

MARANHÃO, Thiago. O Mulatismo Flamboyant - Apropriações do futebol como expressão da formação social brasileira. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26., jul. 2011, São Paulo., *Anais do... São Paulo, 2011*.

MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e bandeiras – a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Claudia e BENETTI, Márcia. *Metodologia de pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

NEGREIROS, Plínio Jose Labriola de Campos. *A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*. São Paulo: s 1998.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Trad. Enid Abreu Dobranszky. Campinas: Papirus, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 26. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

*O Globo*, Rio de Janeiro, 03 jun – 23 jun, 1970.

\_\_\_\_\_. 01 jun – 30 jul, 1982.

\_\_\_\_\_. 01 jun – 30 jul, 1990.

\_\_\_\_\_. 01 jun – 30 jul, 1994.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 14. reimp. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. São Paulo: LPM, 1986.

PEREIRA, Camila; LOVISOLO, Hugo. 1938: o nascimento mítico do futebol-arte brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro (Orgs.). *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Nova Fronteira, 2000.

PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (Org.). *A festa na vida: significado e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3- 15, 1989.

RIBAS, Lycio Velloso. *O Mundo das Copas*. Editora Lua de Papel, 2010.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A mídia e o lugar da história. In: HERSCHMANN, Micael, Carlos Alberto Messeder (orgs.). *Mídia, memória e celebridades*: Rio de Janeiro: Ed. E-papers, 2003.

RIBEIRO, Luiz Carlos. *Brasil: futebol e identidade nacional*. EFDeportes, Buenos Aires, 2003. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm>> Acesso em 14/10/2014.

ROCHA, Everardo. As Invenções do Cotidiano: O Descobrimento do Brasil e a Conquista do Tetra (parte 1). *Pesquisa de Campo*, v. 2, p. 41-58, 1995.

\_\_\_\_\_. As invenções do cotidiano: o descobrimento do Brasil e a conquista do tetra (parte 2). *Pesquisa de Campo*, Rio de Janeiro, v. 3/4, p. 11-20, 1996.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SALVADOR, Marco Antônio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *A memória da Copa de 1970 - esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*. Campinas: Autores Associados, 2009.

SANTOS, Joel Rufino. Na CBD até o papagaio bate continência. *Encontros com a Civilização Brasileira*, número 5, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. *A construção da nação canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

SEVCENKO, Nicolau (1994) *Futebol, Metrôpoles e Desatinos*, Dossiê Futebol, *Revista USP* num. 22, jun/ago de 1994.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mario Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SOARES, Antonio Jorge G.; BARTHOLLO, Tiago L.; SALVADOR, Marco S.. A imprensa e a memória do futebol brasileiro. *Rev. Port. Cien. Desp.*, Porto, v. 7, n. 3, dez. 2007.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.25, n.1, Campinas, Autores Associados, p.129-143 set. de 2003.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUTO, Sérgio. Colunistas em campo pela tradição: as memórias da seleção brasileira na Copa de 2002. In: *Mídia e Memória* (org) Ana Paula Goulart Ribeiro e Lucia Ferreira. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

SOUTO, Sérgio. *Imprensa e memória da Copa de 50: a glória e a tragédia de Barbosa*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense. 2002.

SOUZA, Denaldo Alchorne. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Anablume, 2008.

SOUZA, Jair de; LEITÃO, Sérgio Sá; RITO, Lúcia. *Futebol-arte*. São Paulo: Empresa das Artes, 1998.

SOUZA-e-SILVA, Maria Cecília. *Discursividade e Espaço Discursivo*. In: FIGARO, Roseli (Org.). *Comunicação e Análise de Discurso*. São Paulo, Contexto, 2013.

TUDOR, Andrew. "World Cup Worlds: media coverage of The Soccer World Cup 1974 to 2002." In: RANEY, A.; BRYANT, J. (orgs.). *Handbook of sports and media*. Nova York: Routledge, 2006.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VIANA, Francisco José Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil: populações rurais do centro-sul*. 7. ed. Belo Horizonte/Niterói, Itatiaia/Eduff, 1987, 2 vols.

\_\_\_\_\_. *Raça e assimilação*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

WISNIK, José Miguel. O futebol como veneno e remédio. In: SCHÜLER, Fernando; GUNTER, Axt (Orgs.). *Brasil contemporâneo*. Crônicas de um país incógnito. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2006, pp. 221-244.

ZANATA, Renato e Roman, Gustavo. *Sarriá 82: o que faltou ao futebol-arte?* Rio de Janeiro: Maquinária, 2012.